

EDIÇÃO CRÍTICA DAS OBRAS DE EÇA DE QUEIRÓS



O CRIME DO PADRE AMARO

ÇA DE QUEIROZ

O CRIME

10

PADRE AMARO

SCENAS DA VIDA DEVOTA



PORTO

LIVRARIA INTERNACIONAL DE ERNESTO CHARDRON

Casa editora

LUGAN & GENELIOUX, Successores

1887

1-40-20-2 - 100-20-1

Frontispício d'O *Crime do Padre Amaro*

O CRIME DO PADRE AMARO

Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós

Plano de edição

FICÇÃO

Não-póstumos

- O Mistério da Estrada de Sintra
- O Crime do Padre Amaro (1.ª versão)
- * O Crime do Padre Amaro (2.ª e 3.ª versões)
- O Primo Bazílio
- * O Mandarin
- A Relíquia
- Os Maias
- Contos I

Semi-póstumos e póstumos

- A Correspondência de Fradique Mendes
- A Ilustre Casa de Ramires
- A Cidade e as Serras
- Contos II
- Lendas de Santos
- * A Capital
- O Conde de Abranhos
- * Alves & C.ª
- A Tragédia da Rua das Flores

TEXTOS DE IMPRENSA

- Uma Campanha Alegre. De «As Farpas»
- Textos de Imprensa I
- Textos de Imprensa II
- Textos de Imprensa III
- Textos de Imprensa IV
- Textos de Imprensa V
- * Textos de Imprensa VI

EPISTOLOGRAFIA

- Cartas públicas
- Cartas privadas

NARRATIVAS DE VIAGENS

- O Egípto e outros relatos

VÁRIA

- Almanaques e outros dispersos

TRADUÇÕES

- Philidor
- As Minas de Salomão

* Volumes publicados

Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós

Coordenador: Carlos Reis
Apoio: Ministério da Cultura

EDIÇÃO CRÍTICA DAS OBRAS DE EÇA DE QUEIRÓS
Ficção, Não-póstumos

O CRIME DO PADRE AMARO
(2.^a e 3.^a versões)

Edição de
Carlos Reis
Maria do Rosário Cunha

Imprensa Nacional-Casa da Moeda
2000

Nota prefacial

O romance *O Crime do Padre Amaro* é certamente, no conjunto das obras de Eça de Queirós, um dos seus títulos mais problemáticos e controversos. Romance que logo no seu tempo suscitou leituras críticas muito desiguais, *O Crime do Padre Amaro* não podia deixar de ser uma obra incómoda, antes de mais pelo desassombro com que abordava as deformações e os abusos do clero, num cenário de resto fértil em intervenções de índole anticlerical.

E contudo, já antes de suscitar essa incomodidade, *O Crime do Padre Amaro* foi motivo de divergência entre Eça e os seus amigos Antero de Quental e Jaime Batalha Reis, provocada pela apressada publicação da versão de 1875, que veio a lume na *Revista Ocidental*. Começou aí, de facto, o destino atribulado deste romance que Eça escreveu por três vezes e em que colocou muito do seu entusiasmo de jovem romancista, num tempo que, a mais de um título, pode considerar-se ainda de aprendizagem. Como se isso não bastasse, *O Crime do Padre Amaro* teve que enfrentar acusações de plágio, pela proximidade que parece apresentar (desde o seu título) em relação ao romance de Zola *La Faute de l'Abbé Mouret*.

De tudo isso e de muito mais trata a longa introdução que foi preparada para esta edição crítica. Por aquilo que nela se expõe, será possível entender as razões que levaram a que o texto da primeira versão — que é, sob vários pontos de vista, uma versão *não autorizada* por Eça — não tenha sido considerado uma peça relevante na economia interna da presente edição crítica; trata-se de uma atitude que diverge da que, há mais de trinta anos, foi perfilhada numa outra edição crítica (da responsabilidade de Helena Cidade Moura), que aqui é também objecto de comentário circunstanciado.

Como se verá, não foi fácil encontrar uma solução que, do ponto de vista gráfico, desse a imagem expressiva da quantidade e da qualidade das alterações que Eça introduziu no seu romance, sobretudo na passagem da

segunda para a terceira versão. Julgamos, porém, que os procedimentos que adoptámos acabam por ser os mais harmoniosos, até por permitirem uma leitura em continuidade da segunda versão, o que até agora só era viável na edição de 1876. A primeira versão fica reservada para uma edição autónoma, na qual será tratada como documento de época, atestando um acidente de percurso rapidamente superado por Eça de Queirós.

Este é o quinto título da Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós a ser publicado. A regularidade que tem sido possível incutir à concretização deste projecto — que é, como se compreende, árduo e forçosamente moroso — deve-se não só ao empenhamento dos estudiosos que fazem parte da equipa de trabalho que coordenamos, mas também aos apoios do Ministério da Cultura, do Instituto Português do Livro e das Bibliotecas e da Imprensa Nacional-Casa da Moeda. São esses apoios que mais uma vez cumpre registar e agradecer.

CARLOS REIS

Sumário

<i>Nota prefacial</i>	11
INTRODUÇÃO	15
1. Considerações preliminares	15
2. Publicação e destino d' <i>O Crime do Padre Amaro</i>	19
3. A génese d' <i>O Crime do Padre Amaro</i>	30
4. História do texto	67
5. Critérios desta edição	85
TEXTO CRÍTICO	93
<i>Segunda versão</i>	96
<i>Terceira versão</i>	97
<i>Notas biobibliográficas</i>	1037

INTRODUÇÃO

I. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

1.1. Poucas afirmações, das que são conhecidas e consabidas, a propósito de romances de Eça de Queirós, se ajustam tão bem ao que procuram traduzir, como a que (de acordo com um testemunho de Fialho de Almeida) Oliveira Martins teria proferido a propósito d'*O Crime do Padre Amaro*: segundo o autor do *Portugal Contemporâneo*, aquele fora «o único romance que Eça trouxera no ventre»¹. A esta afirmação facilmente se associa a máxima antiga e de alcance muito mais geral, com inteira justeza enunciada também acerca da presente obra de Eça: *habent sua fata libelli*.

O romance *O Crime do Padre Amaro* tem, de facto, um destino singular e, antes disso, um trajecto de longa incubação. Destino tão singular que dele pode dizer-se que corresponde não só a parte importante de um certo percurso estético-ideológico, como simultaneamente traduz uma ética da criação artística com aspectos e implicações de natureza diversa: a essa ética da criação artística interessa a questão da originalidade, a concepção do romance como instrumento crítico, a sua relação com modelos literários, a elaboração do estilo, etc., etc. Muito disso encontra-se directamente relacionado com aquilo de que trata esta introdução: a história do texto.

Vale a pena, entretanto, lembrar rapidamente o que é já sabido. Primeiro que tudo, que Eça chega ao romance *O Crime do Padre Amaro* (seria talvez mais adequado falarmos desde já em *romances*, porque disso em grande parte se trata) num tempo cultural ao mesmo tempo agitado e fascinante. Agitado, porque a evolução do Romantismo português,

¹ Cf. Fialho de Almeida, *Figuras de destaque*, Lisboa, Liv. Clássica Editora, 1923, p. 138. A isto teria acrescentado Oliveira Martins — e, a ser verdadeiro o testemunho de Fialho, a afirmação não abona em favor de quem a proferiu — que «tudo o mais eram trabalhos de humorista».

da segunda para a terceira geração romântica, processou-se sob o signo dessa que foi decerto a polémica mais proeminente da nossa história literária: a Questão Coimbrã. É certo que Eça declarou, muito tempo depois e num tom um tanto *blasé*, que «rondava em torno destas revoluções, destas campanhas, destas filosofias, destas heroicidades ou pseudo-heroicidades, como aquele lendário moço de confeitiro que assistiu à tomada da Bastilha com o seu cesto de pastéis debaixo do braço, e quando a derradeira porta da fortaleza feudal cedeu, e a velha França findou, deu um jeito ao cesto leve, e seguiu, assobiando a 'Royale', a distribuir os seus pastéis»²; mas também parece certo que o que há de sugestivo nesta descrição não deve ser seguido à risca. Com efeito, o jovem Eça não pode ter sido indiferente a uma querela envolvendo valores e atitudes que, mesmo aos 20 anos, certamente ocupavam já a sua atenção, até por força do que havia de fascinante nesse tempo cultural em que, conforme pode ler-se no mesmo testemunho, «cada manhã trazia a sua revelação, como um Sol que fosse novo»³.

Participando na agitação intelectual de uma época e de um espaço cultural que desabrochavam para comportamentos ideológicos de ruptura, o jovem Eça de Queirós (tão expressivamente lembrado por Jaime Batalha Reis⁴) projecta, nos seus primeiros escritos, os avanços e recuos de um comportamento artístico de certa forma dividido entre duas postulações: por um lado, a que cede ao chamamento da imaginação e do idealismo de raiz romântica (e associadamente: aos fascínios da rebelião, da provocação antiburguesa, da criatividade estilística, etc.); por outro lado, a que se orienta no sentido de dar uma atenção cada vez mais concentrada ao cenário envolvente: o cenário da vida social, dos costumes e das instituições em crise. Os textos que, de 1866 a 1875, integram a actividade literária, jornalística e genericamente cultural de Eça dão testemunho cabal (e conhecido) dessa espécie de atitude dividida: os folhetins das *Prosas Bárbaras*, a elaboração e publicação d'*O Distrito de Évora*⁵, a participação no «episódio-Fradique», a co-autoria d'*O Mistério da Estrada de Sintra* e d'*As Farpas* são os marcos decisivos desse trajecto cultural que parece convertido a uma certa disciplina ideológica e literá-

² Eça de Queirós, «Um Génio que era um Santo», in *Notas Contemporâneas*, Lisboa, Livros do Brasil, s/d., p. 260.

³ *Loc. cit.*, p. 254.

⁴ Referimo-nos evidentemente aos textos «Anos de Lisboa (algumas lembranças)» (em *Antero de Quental. In Memoriam*, Porto, Mathieu Lugan, 1896) e ao prólogo das *Prosas Bárbaras*, «Na primeira fase da vida literária de Eça de Queirós».

⁵ Nama dissertação recentemente apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Annabela de Carvalho V. Rita analisou a cronística de Eça, desde os seus inícios no jornal eborense e até às *Farpas* (*Da «Chronica» do Distrito de Évora às Farpas: a conformação da crónica queiroisiana*, Lisboa, 1994).

ria, quando Eça, sempre sob a influência de Antero⁶, se envolve num acontecimento a vários títulos decisivo: as Conferências do Casino.

1.2. É neste momento e neste evento que parece operar-se a translação fundamental (de ideias, de balizas culturais, de estratégias literárias) que há-de conduzir a *O Crime do Padre Amaro*. Dizemos *parece*, antes de tudo por força desse *deficit* de informação que corresponde ao desconhecimento exacto daquilo que Eça terá afirmado, na sua conferência; isto apesar de os relatos de jornais da época terem sido, nalguns casos, minuciosos e permitirem uma reconstituição que, embora em parte fiável, não tem obviamente o vigor documental da conferência propriamente dita. Uma conferência que, aliás, Eça poderá nem sequer ter escrito⁷. Por outro lado, se evolução se regista, ela não significa necessariamente o corte radical com o passado próximo: é difícil aceitar um salto abrupto na produção de qualquer escritor, ainda que, neste caso, se reconheça que as circunstâncias políticas que rodearam as Conferências e a sua proibição podem ter levado os intervenientes a uma radicalização de posições ideológicas que, de outra forma, talvez se não tivessem extremado. Uma radicalização que, descontado embora o entusiasmo da juventude de quase todos os envolvidos, transparece, sem margem para dúvidas, nos textos da época: pensamos sobretudo no «Programa das Conferências Democráticas», nas «farpas» que Eça lhes consagrou e obviamente nas intervenções de Antero⁸.

Seja como for, há referências ideológico-literárias que estão agora no caminho de Eça e que, como adiante veremos, se transformam em marcos incontornáveis: Flaubert e a análise crítica do adultério (de novo

⁶ A relação de amizade de Eça com Antero não é tão linear como à primeira vista pode parecer: sobre a complexidade de uma tal relação veja-se o nosso estudo «Um bardo dos tempos novos: a imagem queiroziana de Antero», in *Congresso Anteriano Internacional*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1993, pp. 561-572; cf. também, no mesmo volume, Luiz Fagundes Duarte, «Antero por Eça: o Príncipe visto e revisto por um 'Actor do Teatro Académico'», pp. 209-217, e Isabel Pires de Lima, «Os dois Anteros — o olhar de Eça», pp. 327-339.

⁷ A participação de Eça nas Conferências e os vários aspectos (políticos, ideológicos, etc.) que elas encerram, podem ser aprofundados nas obras que a esta iniciativa têm sido consagradas, designadamente no estudo fundador de António Salgado Júnior, *História das Conferências do Casino*, Lisboa, s.l., 1930 e ainda em António Quadros, «As Conferências do Casino e o seu significado no contexto português», in *As Grandes Polémicas Parigouras*, Lisboa, Ed. Verbo, 1967, vol. II; José-Augusto França, *As Conferências do Casino e o Parlamento*, Lisboa, Livros Horizonte, 1973; J. Medina, *As Conferências do Casino e o Socialismo em Portugal*, Lisboa, Pub. Dom Quixote, 1984; C. Reis, *As Conferências do Casino*, Lisboa, Alfa, 1990.

⁸ São estas últimas, de facto, as mais significativas: o requerimento ao Procurador-Geral da Coroa (subscrito também por Batalha Reis), a «Carta ao Ex.^{mo} Sr. António José d'Ávila», a «Resposta aos jornais católicos» e a representação à Câmara dos Deputados (de novo na companhia de Batalha), todos em Antero de Quental, *Proseus Sociopolíticos*; publicadas e apresentadas por Joel Serrão; Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982. As «farpas» de Eça são de Maio e de Julho de 1871 (esta última sobre o encerramento das Conferências) e encontram-se, com alterações, em *Uma Companhia Alegre*: o «Programa das Conferências Democráticas» está transcrito em C. Reis, *As Conferências do Casino*, ed. cit., pp. 91-92.

Flaubert, como nas *Prosas Bárbaras*, mas agora, muito significativamente o de *Madame Bovary* e já não o de *Salammbô*, provisoriamente metido entre parênteses — mas não anulado); Taine e a explicação determinista dos fenómenos culturais, pelo imperativo de factores rácicos, climatéricos e históricos; Proudhon e a orientação reformista e moralizadora que a arte deve adoptar. E a par de tudo isto, naturalmente, uma atitude genérica de rejeição de componentes culturais a superar; porque, não o esqueçamos, a evolução literária (sobretudo quando, como é o caso, decorre de rupturas geracionais) processa-se também *pela negativa*. O que aqui é contestado é o legado romântico, sentimentalista e esteticamente conservador, provindo de Chateaubriand e Lamartine, legado assim expressivamente estigmatizado por Eça: «A poesia contemporânea é uma pequenina colecção de pequeninas sensibilidades, pequeninamente individuais»⁹.

Para Eça de Queirós e no contexto da aquisição de uma nova estética (o título suposto da conferência permite falar nestes termos: «A Literatura nova: o Realismo como nova expressão da arte»), estes são veios de aprofundamento possível, a breve prazo. Estaríamos, contudo, a omitir aspectos importantes da questão (e a questão é a génese d'*O Crime do Padre Amaro*) se nos alheássemos de elementos biográficos que são susceptíveis de nos levarem a falar, como já tem sido feito (mas não a propósito de Eça), numa *equação vida-obra*¹⁰. A ida de Eça para Leiria, onde foi algum tempo administrador do concelho, deu-lhe por certo o cabedal de experiência de que carecia um romancista crente na relevância da *observação*; isso levou-o a escrever *O Crime do Padre Amaro* e não outro romance. Mas (até onde é possível conjecturar) outro romance que Eça tivesse escrito, a partir desses mesmos anos cruciais, não seria forçosamente diferente, no que diz respeito às fundamentais estratégias literárias perfilhadas, que é aquilo que realmente interessa, aquém dos conteúdos contingentes de um determinado universo diegético; o que significa que

⁹ E. de Queirós e Ramalho Ortigão, *As Farpas*, Maio de 1871, p. 26. Na reedição dos seus textos em *Uma Campanha Alegre*, Eça modificou este passo do texto, fixando-o numa fórmula que fez história, como insuperável imagem paradigmática que é: «A poesia contemporânea compõe-se assim de pequeninas sensibilidades, pequeninamente contadas por pequeninas vozes» (op. cit., Porto, Lello & Irmão, 1969, 1.º vol., p. 26).

¹⁰ A expressão foi utilizada por Jacinto do Prado Coelho, a propósito de Camilo, escritor consabidamente propício a especulações de ordem biográfica; serve tal expressão para colocar nos devidos termos e proporções (que *mutatis mutandis* podem transferir-se para o espaço literário queiroziano) a intervenção da biografia na explicação da génese da obra literária: «Convém, decerto», escreve Prado Coelho, «evitar o biografismo, que considero na acepção de uso não pertinente da biografia; o crítico literário cede o lugar ao biógrafo quando subordina o estudo da obra à 'reconstituição' (...) da pessoa e da existência 'reais' dum escritor; e o biógrafo deixa de merecer crédito quando, levado por semelhanças, toma à letra textos de ficção como se documentos biográficos fossem (...). A leitura fica enriquecida por um modo de intertextualidade que nos situa entre (com) o 'texto' da vida vivida e o texto da obra em que ela se transpõe ou configura» (*Introdução ao estudo de novela camiliana*, 2.ª ed., refundida e aumentada, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982, 1.º vol., pp. 27-28).

Leiria (e a ida para Leiria) é aqui um aspecto incidental da génese do romance, quanto à demarcação do espaço de observação, mas um aspecto realmente acessório, se considerarmos as motivações histórico-literárias e ideológicas subjacentes a *O Crime do Padre Amaro*. Por isso, esta introdução procederá a indagações que predominantemente interessam a uma edição crítica como a presente:

- a) Uma dessas indagações incidirá sobre a relação estabelecida pelo romance com o movente e mais amplo espaço textual em que ele se inscreve (isso a que Barthes chamou *logosfera*¹¹), relação que não impede, como é evidente, que observemos em Eça a existência de caminhos de leitura precisos, de que se terá nutrido, na sua génese, *O Crime do Padre Amaro*;
- b) A partir desta primeira indagação de fundo, teremos condições para operar uma outra pesquisa: a que se debruçará sobre a história do texto, não apenas (e não tanto) no aspecto micro-estilístico, mas antes quanto à sua evolução, de uma primeira até uma terceira versão.

2. PUBLICAÇÃO E DESTINO D'O CRIME DO PADRE AMARO

2.1 Antes de chegarmos a esses que consideramos os dois tempos fortes de uma introdução desta natureza, importa recordar os incidentes que rodearam a publicação d'*O Crime do Padre Amaro* — ou melhor, do primeiro *Crime do Padre Amaro* —, uma vez que já aí encontraremos elementos elucidativos relativamente à necessidade, sentida por Eça, de superar, através de duas versões sucessivas, a sua primeira e muito incipiente tentativa. Mas avance-se, desde já, o seguinte: que os depoimentos, sobretudo epistolares, que para o efeito se recolhem, hão-de ser relativizados em função de factores de distorção a que convém estar atento; o epistolário queirosiano (ainda não estudado de forma sistemática¹²), é certamente um *corpus* altamente sugestivo, pelas informações que encerra,

¹¹ O termo *logosfera*, proposto por Roland Barthes (cf. R. Barthes *et alii*, *Escrever... Para quê? Para quem?*, Lisboa, Edições 70, 1975, p. 11.), expressa, de forma muito sugestiva, o sentido em que pode pensar-se nesse mundo *das língagens*, em que o texto literário é activado, num vasto universo textual entendido como espaço de diálogo, troca e interpenetração constantes de uns textos noutros textos. Em função desta concepção dinâmica, o conceito de *inter textualidade* permitiu que fosse acentuadamente esbatido e relativizado o melindroso problema das influências e das fontes, muitas vezes postulado como motivo de indagação destinado a pôr em causa a originalidade de certos textos.

¹² Um contributo significativo nesse sentido é a dissertação de mestrado de Maria João Simões, *Correspondências: Eça e Fradique. Análise de estratégias epistolográficas*, Coimbra, Faculdade de Letras, 1987.

mas não deve, por isso, levar-nos a esquecer o que, afinal, não se passa só com Eça: que, nas suas cartas, o escritor tende, não raro, a encenar explicações ou a ocultar motivações. E muitas vezes não é só o destinatário imediato que é visado: é também um destinatário mediato, inscrito na posteridade, *destinatário outro* não menos importante do que o primeiro, em quem o escritor provavelmente também pensa, ainda que obviamente o não diga de forma expressa. A esse *destinatário outro* endereçam-se, por vezes, de forma enviesada, explicações que podem não convencer o primeiro, mas que, a prazo, ilustrarão aspectos importantes da vida literária do escritor¹³.

Dito isto, recordemos aqui os passos essenciais de uma querela epistolar sustentada por Eça com Jaime Batalha Reis e Antero de Quental, quando do aparecimento da primeira versão d'*O Crime do Padre Amaro*. Destinava-se este a ser publicado na *Revista Ocidental*, como contributo do jovem romancista para um projecto cultural de recorte iberista, dinamizado em Portugal por Jaime Batalha Reis e por Antero de Quental: conforme recentemente demonstrou Maria José Marinho, nos mais remotos projectos da revista (datados de 1872) constava desde logo um espaço destinado ao romance, que seria preenchido por Eça de Queirós¹⁴.

Essa colaboração foi, contudo, acidentada, praticamente desde a primeira hora. Encontrando-se ainda em Lisboa, depois de regressar de Cuba, Eça escreve, em Dezembro de 1874, a Jaime Batalha Reis¹⁵ (que foi, juntamente

¹³ Não esqueçamos o seguinte: o século XIX é um tempo em que o escritor assume uma consciência nítida da sua dimensão de homem de cultura projectado (ou possivelmente projectado) para além do seu tempo, pelo que não são raros os gestos em que calculadamente ele procura assegurar uma posteridade efectiva; o cuidado colocado na escrita epistolar (o escritor sabe ou suspeita que as suas cartas poderão ser publicadas) é um desses gestos. Citem-se, a este propósito, os seguintes testemunhos: aquele em que, a propósito da publicação das cartas de Fradique, declara a Oliveira Martins: «E eu, que o apreciei e tranei em vida e que pude julgar da pitoresca originalidade daquele espírito, tive a ideia de recolher a sua correspondência — como se fez para Balzac, Madame de Sévigné, Proudhon, Abélard, Voltaire e outros imortais — e publico-a ou desejo publicá-la na *Província*»; escrevendo ao Conde de Arnoso, declara: «Se se trata de escrever seis linhas a um velho Bernardo, eu espero até ter o vagar de escrever uma epístola muito cheia, muito completa, muito divertida, muito amiga (...);» e em carta a Domicio da Gama, declara: «A irregularidade da minha vida epistolar provém de que eu penso sempre as minhas cartas antes de as escrever» (*Correspondência*; recolha, coordenação, prefácio e notas de Guilherme de Castilho; Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983, respectivamente: I vol., pp. 262-263, II vol., pp. 385-386 e 519).

¹⁴ Cf. Maria José Marinho, «Geração de 70. Subsídios para a história da *Revista Ocidental*», in *Congresso Anteriano Internacional*, ed. cit., pp. 381-421 (uma versão revista e ampliada deste texto foi publicada na *Revista da Biblioteca Nacional*, s. 2, vol. 7, 1, Jan.-Jun. de 1992, com o título «A *Revista Ocidental*, 1875 — um projecto da Geração de 70»). Entre outras informações importantes aqui reveladas, conta-se a que se refere à autoria do projecto da revista, da responsabilidade de Batalha Reis e não de Antero, como se supunha (cf. pp. 384 e 401-407).

¹⁵ Cf. *Correspondência*, ed. cit., I, pp. 85-87; esta carta responde à de Batalha Reis, de 1 de Dezembro, publicada por Beatriz Berrini (apêndice a *Cartas inéditas de Eça de Queirós, Raulinho Orriçós, Batalha Reis e outros*, Lisboa, *O Jornal*, 1987, pp. 50-51) em que veementemente se pede a Eça que honre os seus compromissos com a *Revista Ocidental*; no comentário a essa carta de Batalha, Beatriz Berrini declara que Eça se encontra já em Inglaterra quando escreve a Batalha, o que pela própria carta se verifica não ser correcto. Outras cartas que interessam

com Antero, participante directo no *imbroglio* da publicação d'*O Crime do Padre Amaro*) e comunica-lhe ter sido obrigado a interromper um primeiro projecto de colaboração para a *Revista Ocidental*: um romance intitulado *Uma Conspiração em Havana*, de que hoje se não conhece rasto¹⁶.

Colocado no posto consular de Newcastle-on-Tyne (de onde será transferido para Bristol, em meados de 1878), o escritor escreve então, de novo, a Batalha, agora já sobre *O Crime do Padre Amaro*. É uma carta pouco extensa, com data de 6 de Janeiro de 1875, mas que trataremos de comentar, pela relevância das informações que encerra:

Meu querido Batalha

Meu caro Batalha, que faz o Padre Amaro?

Tenho esperado vê-lo chegar, espalmado num envelope, vestido de imprensa, com o seu crime às costas — mas tenho esperado de balde.

Tens outros planos a respeito do romance para a Revista? Sofreu a mesma revista alguma alteração na sua laboriosa nascença? Tem sido impossível passar a letra de imprensa os gatafunhos românticos em que está escrita aquela história realista?

Se nada disto — então remete-me as provas.

Se — ou por alteração do plano literário da Revista ou por dificuldades de composição — o Padre Amaro não pode ir matar o filho para a rua, à luz pública — então peço-te que me avises — e que mo remetas empacotado.

Se ele não puder cometer a sua patifaria em letra de imprensa — então quero que ele esteja aqui ao meu lado, na gaveta, matando sossegadamente — seu filho — e portanto meu neto. [...]¹⁷

Do que aqui se diz (e também do que *apenas se sugere*), podemos concluir algumas coisas interessantes. Primeiro: estaria, de facto, acordado, desde início, que Eça receberia provas e nessa expectativa investia uma certa ansiedade. Segundo: Eça admitia, aparentemente *sem grande contrariedade*, a possibilidade de o seu texto *não ser publicado* (por ser incipiente, por não aparecer a revista, etc.). Terceiro: a não ser publicado, o romance iria simplesmente para a gaveta.

à história da publicação do primeiro *Crime* encontram-se também no volume *Eça de Queirós e Jaime Batalha Reis. Cartas e recordações do seu convívio*; escritos coligidos e apresentados por Beatriz Cinatti Batalha Reis; Porto, Lello & Irmão, 1966.

¹⁶ O Prof. Guerra da Cal supõe ter, de facto, existido o manuscrito deste romance (cf. E. Guerra da Cal, *Lengua y estilo de Eça de Queirós. Apêndice: Bibliografía queiroziana sistemática y anotada e iconografía artística del hombre y la obra*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1975, tomo 1.º, p. 422). Entretanto, o testemunho de Eça a propósito desse desconhecido relato não tem que ser tomado à letra: diversas vezes (por exemplo: a propósito da escrita d'*Os Maias*) o escritor deu imagens deformadas, por excesso, do estado dos textos em que se encontrava a trabalhar.

¹⁷ E. de Queirós, *Correspondência*, ed. cit., pp. 88-89.

O que parece poder inferir-se é, desde já, o seguinte: Eça estava preocupado com um trabalho a propósito do qual revelava alguma insegurança — a ponto de, como se disse, admitir que ele, sendo-lhe devolvido, tomasse o caminho do esquecimento.

A carta seguinte a Batalha Reis desenvolve a ideia que quisemos insinuar: a de que Eça facultara um texto antigo, produzido sob o signo do impulso e da improvisação¹⁸ (é sintomática, mas por certo não inocente, a expressão antitética «gatafunhos românticos»/«história realista», utilizada na carta anterior), texto que lhe suscitava agora viva preocupação. Daí a ansiosa exigência de segundas provas, formulada na carta de 8 de Fevereiro de 1875:

Meu querido Batalha

Remeto-te as provas.

É indispensável, é absolutamente necessário — que eu reveja umas segundas provas — ou as provas de página. As emendas que fiz são consideráveis e complicadas: e se a um trabalho onde o estilo já de si é afectado e amaneirado, todo cheio de pequenas intenções e todo dependente da pontuação — juntamos os erros tipográficos — temos um fiasco deplorável. É portanto indispensável que me remetas imediatamente as provas de página — ou segundas provas. E vai mandando provas — sem descanso.

Agora uma importante observação: se os compositores tiverem achado uma dificuldade insuperável em compor os capítulos que estão em borrão — os capítulos suplementares que eu introduzi posteriormente — põe corajosamente de parte todos esses capítulos: e faz compor só o que era primitivamente o romance: os capítulos suplementares são fáceis de conhecer porque estão numa letra confusa, não têm numeração e estão — pelo seu aspecto, evidentemente, intercalados no original que está todo escrito numa letra mais regular e com tiras numeradas. [...]¹⁹

A premência com que Eça solicita segundas provas trai, em nosso entender, mais do que a exigência normal num qualquer escritor, em idênticas circunstâncias. De facto, *O Crime do Padre Amaro* parecia desde logo marcado por um destino que foi, de resto, o de diversos outros textos ou borrões queirosianos (por exemplo: *O Conde d'Abranhos*, *A Capital!*, etc.), condenados a esperarem, às vezes eternamente, que o seu autor pudesse voltar sobre eles e terminá-los. A fazermos fé no que diz Guerra da Cal (e que

¹⁸ Em 1876, na nota prefacial à segunda versão, escreverá Eça que a versão da *Revista Oriental* conservava «toda a sua feição de esboço, e de um improvisado».

¹⁹ E. de Queirós, *Correspondência*, ed. cit., pp. 95-96.

não temos razões de peso para pôr em causa), «esta primera redacción debió de comenzarse en Leiria, en 1870. Continuada en Lisboa, fue probablemente terminada en Cuba [...]. A su partida de Lisboa para Newcastle, el novel escritor dejó en manos de su amigo, Jaime Batalha Reis, el original de la novela corta para su publicación serializada en la *Revista Occidental*»²⁰. Isto bate certo, acrescente-se, com o que já sabemos: que Eça não pôde terminar a tempo o tal romance *Uma Conspiração em Havana*, tendo-o então substituído por essa «primeira redacção» do *Crime* (em 1880, Eça fez algo parecido com *O Mandarim*, publicado para satisfazer um compromisso com o *Diário de Portugal*, que por assim dizer tomou o lugar d'*Os Maias*, cuja elaboração demorou muito mais do que o previsto).

O que talvez Eça não esperasse era o choque que receberia, ao ver a efectiva precariedade literária do que deixara em Lisboa e que agora lhe pareceria ainda mais flagrantemente deficiente, *na letra de forma* em que lhe chegava esse texto lido e emendado em Newcastle, conforme a carta já citada de 8 de Fevereiro. Mais do que simplesmente emendado até: o escritor praticamente inaugura aqui o que viria a tornar-se o seu modo de trabalho usual, que agora conhecemos com uma minúcia que até há pouco era substituída por conjecturas sem grande base material. Assim, a partir do manuscrito enviado para a tipografia, manuscrito em estado muito imperfeito, em diversos aspectos, o escritor procedia quase sempre a uma autêntica reescrita, de alcance frequentemente considerável; essa reescrita, muitas vezes necessária até para incutir ao texto a coesão morfossintáctica que não raro faltava ao borrão inicial, exercia-se sobre provas tipográficas sujeitas a modificações substanciais, se é que não, por vezes, substituídas por todo um novo texto, com as demoras e custos que um tal comportamento naturalmente ocasionava²¹.

De certa forma, Eça toma agora consciência nítida de que é assim mesmo que a sua escrita se há-de processar e começa a pagar um preço

²⁰ E. Guerra da Cal, *Bibliografia queiroziana*, ed. cit., 1.º vol., p. 17. Divergimos, portanto, do que afirma Beatriz Berrini, provavelmente com base conjectural, mais do que por verificação documental: «Ao partir para a Inglaterra em princípios de Dezembro, Eça nada lhes [a Antero e Batalha] entregou. Será de Newcastle que remeterá os capítulos iniciais do *Crime do Padre Anário*» («Antero de Quental e Eça de Queiroz: sempre amigos», in *Congresso Anteriano Internacional*, ed. cit., p. 56; cf. também *id.*, «Antero de Quental — nostálgico e profético», in *Antero de Quental et l'Europe*, Paris, F. C. Gulbenkian/C. C. Portugal, 1993, p. 118); não se percebe bem como Eça, tendo chegado a Newcastle a 30 de Dezembro, logo na carta de 6 de Janeiro de 1875 podia esperar provas de um texto que tivesse mandado de Inglaterra; cf. Archer de Lima, *Eça de Queiroz: diplomata*, Lisboa, Portugália Editora, s/d., pp. 83 e segs., e Luiz Viana Filho, *A vida de Eça de Queiroz*, Porto, Lello & Irmão Editores, 1983, pp. 73 e segs.

²¹ O estudo introdutório da edição crítica d'*A Capital!*, por Luiz Fagundes Duarte (Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1992), analisa esta problemática, no que àquele romance diz respeito. Uma demorada análise dos materiais de trabalho da «oficina do escritor» encontra-se em C. Reis e M. do Rosário Milheiro, *A construção da narrativa queiroziana. O espelho de Eça de Queiroz* (Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989).

(elevado, diga-se de passagem) por isso mesmo²². Noutros termos: ao deixar o manuscrito a Batalha, talvez Eça não estivesse bem consciente do estado de incipiência em que se encontrava o seu texto. Essa consciência agudiza-se agora, em função de uma dupla distância: sobretudo a que o separa já do tempo de redacção do texto, mas também a que agora o separa também de Lisboa. Daí aquela «importante observação» que autorizava Batalha Reis a fazer algo que, vindo de Eça, parece incrível: a eventual supressão dos «capítulos suplementares» (mandados já de Inglaterra? Não é provável²³), hipótese que deixa transparecer, com alguma nitidez, um certo desnorde, *no próprio Eça*, quanto ao modo de remediar o que, afinal, era já irremediável.

2.2. O ponto onde queremos chegar é o seguinte: este episódio teve a sua origem *também* numa certa leviandade de Eça. O jovem escritor não só não cumpriu um compromisso antigo (o de escrever e publicar *Uma Conspiração em Havana*²⁴), como não avaliou, com a lucidez dos anos que se seguiriam, os estádios de amadurecimento por que tinha que passar a complexa escrita de um romance. Por isso, a exaltação que emerge da carta (de novo a Batalha), de 26 de Fevereiro, pode ser interpretada também como desabafo de má-consciência e (quase) autoflagelação:

Meu caro Batalha

Acabo de receber a tua carta e estou verdadeiramente indignado. Pois quê! Eu dou-vos um *borrão* de romance — e vocês em lugar de publicar o romance publicam o *borrão*!

Nós ficamos em que eu corrigiria as provas — sem o que eu vos dei [sic] não era mais que um trabalho informe e absurdo. E vocês não esperam pelas provas — e

²² É certo que Eça publicara já o romance *O Mistério da Estrada de Sintra*. Contudo, as peculiares circunstâncias da sua publicação (primeiro no *Diário de Notícias*, logo depois em livro), também o facto de ele decorrer de uma escrita compartida (com Ramalho Ortigão) e até a sua condição (para Eça, na época) de *divertissement*, colocam-no numa situação totalmente diversa, no que à questão em apreço diz respeito.

²³ Embora Guerra da Cal o não diga, o que parece certo é que Eça tenha deixado logo *isto* o texto do *Crime em Lisboa*, quando partiu para Inglaterra. De facto, não só a dificuldade das comunicações, na época, aconselharia a que assim se fizesse (note-se: Eça parte em Dezembro, o primeiro número da revista é de 15 de Fevereiro, publicando-se com periodicidade quinzenal), como ainda as alusões feitas aos tais «capítulos suplementares» permitem pensar que eles já fariam parte de um conjunto deixado em Lisboa; caso contrário, Eça certamente aludiria a capítulos enviados *posteriormente* e não se ficaria pelas referências ao seu «aspecto», como forma (altds imprecisa) de os distinguir dos restantes.

²⁴ Essa leviandade vinha de trás, desde a quebra do compromisso relativamente ao romance *Uma Conspiração em Havana*, leviandade asperamente criticada por Batalha Reis em carta de 1 de Dezembro de 1874: «Há muito e muito tempo que te comprometeste a escrever o romance. Sinto em primeiro lugar que a tua seriedade não estivesse à altura de compreender que o devias ter feito tirando durante esse tempo todo, um bocadinho, aos teus

publicam o informe e absurdo. É verdadeiramente insensato! Vocês sacrificaram o meu trabalho ao desejo de encher a revista de matéria — sem atenção a que a matéria fosse boa ou má: há decerto algumas desculpas do vosso lado, reconheço-o, mas é incontestável que eu tenho montes de razão. Se vocês publicaram a primeira parte — tal qual eu a li nas provas que me mandaram — podem-se gabar de que publicaram a maior borracheira de que a estupidez lusitana se pode gloriar. É indispensável que V.V. façam uma declaração — dizendo — que estando eu em Newcastle — e não tendo podido corrigir as provas, o romance sai tal qual está no *borrão*. [...]»²⁵

Em suma: foi o tal «*borrão*», certamente um tanto caótico, saído do que parece ter sido uma primeira redacção e sem as emendas «consideráveis e complicadas» (segundo o próprio escritor, confirmado por Teófilo Braga²⁶), foi esse «*borrão*», dizíamos, que apareceu publicado no primeiro fascículo da *Revista Ocidental*. E foi isso que continuou a acontecer nos fascículos seguintes, como se deduz destas palavras, escritas em 21 de Abril, quando quase metade do romance estava já publicado: «Cada fascículo que me chega da revista — é uma nova facada! Cambaleio, sucumbo, envio-te nos ventos que vão para o sul, as pragas mais escolhidas — e penso em suplícios a dar-te, o empalamento e o esfolamento, o esquartejamento —, lambendo os beiços de gula.»²⁷

Falta, entretanto, esclarecer o seguinte: por que não foi *de facto* interrompida a publicação? O telegrama que Eça mandou a Batalha, também em 26 de Fevereiro, era taxativo: «Suspende imediatamente publicação romance manda provas o publicado absurdo não autorizo publicação resto sem rever provas²⁸.» E no entanto, a publicação continuou, nem sequer sendo inserida de imediato a declaração de ressalva de responsabilidade, exigida por Eça; essa declaração acabou por surgir apenas no final do último folhetim, em 15 de Maio, tendo sido aparentemente negociada

passões, às tuas toilettes, às tuas ceias, ou às tuas amantes»; e a seguir Batalha pressiona ainda Eça: «É-nos absolutamente necessário que escrevas 30 páginas como as da *Rev. dos 2 Mundos* dum conto passado na Havana de costumes urbanos que comece e acabe nessas 30 páginas — isto até ao próximo sábado. O não o fizeres seria para nós e para a empresa um comprometimento mesmo mais grave do que eu te posso dizer nesta carta pelos compromissos que já temos» (*Cartas inéditas de Eça de Queirós, Romão Ortigão, Batalha Reis e outros*; ed. cit., pp. 50-51).

²⁵ E. de Queirós, *Correspondência*, I, pp. 98-99. Esta carta responde à que Batalha Reis escrevera, a 17 de Fevereiro, explicando por que razão não haviam sido consideradas, para correcção e impressão, as emendas feitas por Eça nas primeiras provas: «(...) Quando chegaram as tuas provas corrigidas — ou melhor pelo que eu vi, *re-feitas* — já a 1.ª parte do *Crime do teu filho* estava no 1.º número da Revista que saiu no dia 15 e que hoje te envio. Já nós víamos que era impossível estar a mandar-te com antecedência necessária provas para Newcastle que em idas e vindas levam 16 dias» (carta do espólio de Batalha Reis, cit. por Maria José Marinho, «Geração de 70. Subsídios para a história da *Revista Ocidental*», *loc. cit.*, p. 393).

²⁶ Cf. T. Braga, *Eça de Queirós visto pelos seus contemporâneos*, Porto, Lello & Irmão, 1945, p. 30.

²⁷ *Correspondência*, I, p. 108.

²⁸ E. de Queirós, *Correspondência*, I, p. 97.

pelo pai de Eça com Jaime Batalha Reis. Numa carta do juiz Teixeira de Queirós ao filho, de que se conhece apenas um fragmento, ficamos a saber alguma coisa acerca desta negociação e também algo mais; escreve o pai de Eça:

Publicou-se o 3.º número da Revista, e nele continua o Romance, e continuará nos seguintes até se concluir.

No número seguinte sairá uma declaração em que se diga que o teu Romance vai publicado como o escreveste fugitivamente há anos; que tencionavas corrigi-lo e alterá-lo, mas que o não podes fazer por estares em Inglaterra, e não se poder suspender agora a publicação. Assim fica tudo remediado, e salvos os teus escrúpulos.

Convém não te indisporeres com a Revista [...].²⁹

Esta carta sugere desde logo que, nesta época, o pai do romancista tinha alguma influência na gestão dos seus negócios literários; ao mesmo tempo, ela reforça a ideia de que este primeiro *Crime* era, de facto, um texto relativamente antigo e certamente exigindo reformulação (a expressão «escreveste fugitivamente» tem até um certo sabor queirosiano...); por último, note-se o muito significativo conselho, segundo o qual era importante manter boas relações com a *Revista Ocidental*, nem que isso obrigasse a uma concessão: continuar a publicar o «borrão», coisa que de resto o pai de Eça anuncia no início do trecho transcrito, aparentemente fazendo uso de uma autoridade que para o efeito possuiria³⁰. E a verdade é que, quando escreve de Newcastle a Ramalho Ortigão, em Março de 1875, Eça parece já resignado a aceitar o «desastre literário»³¹.

Faltam, contudo, algumas peças importantes, neste longo incidente: a confirmação de que Eça terá deixado em Lisboa *todo* o manuscrito, o que confirmaria também, por extensão, que ele não podia, só por si (designadamente não mandando mais original), suspender a publicação; e obviamente faltam-nos ainda as provas emendadas pelo escritor, que talvez esclarecessem por que razão elas não foram consideradas pelos editores da revista: por efectiva premência de tempo (como explicou Batalha), por estarem substancialmente emendadas (facto também aduzido pelo mesmo Batalha), por desleixo ou simplesmente por censura moral.

²⁹ «Algumas notas» a *O Crime do Padre Amaro, Obras de Eça de Queirós*, I (Edição do Centenário), Porto, Lello & Irmão, 1946, pp. 582-583.

³⁰ Essa autoridade, reiteração da mencionada influência que nesta época o pai de Eça exercia nos negócios do filho, é depois reforçada, quando o juiz Teixeira de Queirós se empenha (e se responsabiliza economicamente), junto do editor Chardon, pelas primeiras edições em livro d'*O Crime do Padre Amaro* (cf. «Algumas notas» a *O Crime do Padre Amaro*, *loc. cit.*, pp. 584-585).

³¹ «A propósito deste indivíduo [o padre Amaro], dir-lhe-ei que a sua carta convenceu-me, um pouco à contra-coer, de que a melhor maneira de aceitar o desastre literário executado por B... [Batalha] — era calar-me, emendar, refazer tranquilamente o romance, e publicá-lo num volume — que se pertença e responde por si» (*Correspondência*, I, p. 102).

A questão da possível censura moral é, neste contexto, relevante, primeiro que tudo por remeter para as relações literárias e ideológicas entre Eça e os seus amigos mais próximos: Batalha Reis, Ramalho Ortigão e sobretudo Antero. Entre os dois primeiros parece ter havido um entendimento quanto à correcção de provas, trabalho que deveria caber a Ramalho: este tratou, entretanto, com Batalha — e *sem autorização de Eça* —, o que se deveria ou não cortar, tendo em atenção, por um lado, a articulação interna do texto e, por outro lado, a ousadia de certos episódios, eventualmente chocantes e prejudiciais para a causa do Realismo³².

No caso de Antero, a questão é de certa forma mais complexa, até por se tratar de um vulto talhado para assumir um grande destaque ético e moral, relativamente aos seus companheiros de geração. Parece inegável que entre ele e Eça cavava-se já uma distância considerável, no que toca à questão das relações entre Arte e Moral: Antero, como se sabe, formulara reservas sérias ao entusiasmo de Batalha Reis a propósito d'*O Crime do Padre Amaro*³³. O que permite vislumbrar divergências que, desde data relativamente antiga, eram efectivas entre Antero e Eça: se ambos tinham participado (com Batalha Reis, recorde-se) no episódio-Fradique, em 1869, tinham-no feito de pontos de vista estético-ideológicos não necessariamente coincidentes, o que, por outro lado, bate certo com a dinâmica pluridiscursiva e dialógica que medularmente informa esse importante episódio. Ora, já então Antero contestava, em Fradique (e porque não também num Eça em quem insistentemente afluíam seduções satânicas?), o satanismo «que é o *realismo* no mundo da poesia», interrogando-se ainda:

Ora, francamente, será esta a missão da Poesia?

O seu ideal, isto é, a sua lei suprema, não será, pelo contrário, consolar, moralizar, apontar o belo espiritual, a esperança e a crença? Que quer dizer a fria contracção da ironia, nos lábios da virgem feita para sorrir e cantar? A poesia não pode ser o grito da agonia: é a voz mais pura e mais íntima do coração: é mesmo nas vascas da morte, é sobretudo nas horas da provação, um hino, *carmen*³⁴.

³² Cf. duas cartas de Ramalho Ortigão em *Cartas inéditas de Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão, Batalha Reis e outros*, ed. cit., pp. 53-55.

³³ Referimo-nos aqui à conhecida carta (a Oliveira Martins) em que Antero de Quental chama ao *Crime* «Pigault-Lebrun farrado de Flaubert» (cf. *Cartas*, I; organização, introdução e notas de Ana Maria Almeida Martins; Lisboa, Universidade dos Açores/Ed. Comunicação, 1989, p. 270).

³⁴ Carlos Fradique Mendes, *Versos*; recolha, prefácio e notas de Pedro da Silveira; Lisboa, Edições 70, 1973, pp. 55-56. Lembremos que nos últimos anos tem sido revalorizado pela crítica o significado constitucional, sobretudo para Antero e para Eça, desta breve aventura literária que, nem por o ser, é menos relevante no que toca à afirmação, pela via do fingimento literário, de valores e atitudes estéticas que nos anos seguintes seriam devidamente clarificadas; o trabalho fundamental sobre esta questão é o de Joel Serrão, *O Primeiro Fradique Mendes*, Lisboa, Livros Horizonte, 1985.

E, no entanto, é a Antero que de início (quer dizer: antes ainda da intervenção de Ramalho) é confiada a tarefa de orientar directamente a publicação d'*O Crime do Padre Amaro*, conforme revela Batalha em carta que já citámos: «Fizemos o que podíamos para suprir a tua falta: o teu romance é lido, ditado pelo Antero a um copista e assim vai para a imprensa. As provas são todas revistas, não pelo nosso corrector mas pelo Antero ou por mim com o maior cuidado³⁵». Conhecendo-se, por um lado, o que era a caótica escrita de Eça (para mais num «*borrão*!») e, por outro lado, os pruridos moralistas de Antero, não é difícil adivinhar o resultado deste trabalho editorial.

Compreende-se assim o tom furibundo da carta de Eça, em 26 de Fevereiro: «Eu não sou um moralista: sou um artista»; e logo depois confirma diferenças de posicionamento ético-cultural em relação a Antero, numa afirmação conhecida: «O Antero é o maior crítico da península mas entende tanto de arte — como eu de mecânica. O Antero dirigindo a publicação do *Padre Amaro* é simplesmente horrído³⁶».

Mas esta ríspida reacção poderá ter-se transformado, logo que acalmados os ânimos, em serena ponderação acerca do tom justo para uma representação crítica de costumes e mentalidades, até porque, apesar das diferenças notadas, o juízo de Antero não podia ser inteiramente indiferente a Eça. O que significa que estava já em causa o destino próximo d'*O Crime do Padre Amaro* e a necessidade da sua reformulação. Deste modo, a mais que provável censura de Antero poderia facultar ao romanista (de forma conflituosa e pouco ortodoxa, diga-se de passagem) uma certa recepção ao seu «*borrão*»; essa censura evidenciava as divergências que ficaram sugeridas, mas provavelmente vinha reforçar em Eça o propósito de refazer o romance de alto a baixo.

Não foi esta, como veremos, a primeira vez que, bem no fundo da consciência artística de Eça, ecoou o sinal de uma recepção crítica negativa. Nesta época estava em causa, afinal, a concretização de um projecto sério de militância cultural e ideológica: o projecto de «pintar a Sociedade portuguesa, tal qual a fez o Constitucionalismo desde 1830», para o que se exigia «a nota justa: um traço justo e sóbrio», reconheceria Eça, «cria mais que a acumulação de tons e de valores — como se diz em pintura»³⁷.

³⁵ Cit. por Maria José Marinho, *loc. cit.*, p. 393.

³⁶ *Loc. cit.*, p. 99.

³⁷ Os passos citados são da importante carta a Teófilo Braga, de 12 de Março de 1878, carta longa, ponderada e madura, sobre *O Primo Bazílio* e *O Crime do Padre Amaro* (cf. *Correspondência*, ed. cit., I, pp. 133-137).

2.3. O que vimos explanando remete também para um problema que interessa à história d'*O Crime do Padre Amaro*: a sua fortuna cultural, que não se confunde (embora se relacione) com a história do texto, aspecto a que haverá que dar aqui uma atenção especial.

Aquilo que, por agora, importa notar é que, desde a sua primeira e acidentada publicação, *O Crime do Padre Amaro* foi uma obra talhada para a controvérsia, não apenas no plano artístico, mas também (ou até sobretudo) no plano moral³⁸. E porque este último é, não raro, mola impulsionadora da celebridade das obras artísticas (uma celebridade algo perversa, diga-se de passagem), muito bem se compreende que *O Crime do Padre Amaro* tenha sido, de entre as obras de Eça, uma das que contou com mais edições, traduções e adaptações: a *Bibliografia queirociana* do Prof. Guerra da Cal fornece dessa abundância o testemunho rigoroso que lhe é habitual³⁹, sendo muito significativo o registo de iniciativas editoriais indisfarçavelmente motivadas por propósitos ideológicos, muitas vezes de inspiração anticlerical ou simplesmente fazendo apelo aos aspectos mais chocantes do(s) texto(s). Assim se explica que, logo em 1876, tenha sido publicada em São Paulo uma edição clandestina da primeira versão; que a segunda tradução em espanhol (dois volumes, em 1882 e 1884, também em edição pirata) seja acompanhada por textos de propaganda anticlerical, motivação presente também na tradução (condensada) para o alemão, de 1932; que, no princípio dos anos 60, tenha aparecido em São Paulo uma edição adulterada, com ilustrações pornográficas. As adaptações são também, a este propósito, muito significativas: logo em 1884, a adaptação teatral feita por Augusto Fábregas foi proibida pelo Conservatório Dramático do Rio de Janeiro, tendo a peça, contudo, sido representada em 1890, com grande êxito de público e não menor polémica; significativa também é uma representação teatral levada a cabo em 1938, na Madrid republicana e sitiada, em plena Guerra Civil espanhola; e em Portugal, em 1978, a Cooperativa de Teatro «Repertório» levava à cena uma adaptação por Mafalda Mendes de Almeida e Artur Portela⁴⁰ em que não faltava uma cena de nu integral entre Amaro e Amélia, consequência certamente da (então recente) abolição da censura.

³⁸ Não se limitaram ao tempo da sua publicação as reacções críticas de índole moral, suscitadas pelo romance. Depois desse tempo, durante muitos anos, *O Crime do Padre Amaro* permaneceu, na nossa história literária, como obra asperamente estigmatizada pela insensidade da sua crítica anticlerical: cite-se, como exemplo paradigmático que vale por muitos outros, o estudo do Padre Allyrio de Mello, *Eça de Queiroz, o Exílio da Resfulude*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1945, trabalho publicado (decente não por acaso) precisamente no ano do centenário do nascimento de Eça e em pleno tempo ideológico-cultural do salazarismo.

³⁹ E. Guerra da Cal, *Bibliografia Queirociana*, ed. cit., tomo 1.º, pp. 16-36; tomo 3.º, pp. 15-18 e 31-32; tomo 4.º («Addenda et Corrígenda»), pp. 18-21 e 413-414.

⁴⁰ Mafalda Mendes de Almeida e Artur Portela, *O Crime do Padre Amaro*: adaptação teatral do romance de Eça de Queiroz. Lisboa, Moraes Editores, 1978.

3. A GÉNESE D'O CRIME DO PADRE AMARO

3.1. Ficou já sugerido que a génese d'O *Crime do Padre Amaro* não deve ser indagada em termos exclusivamente biográficos. O que os elementos biográficos podem facultar é uma (e parcelar) via de abordagem do enraizamento factual do romance, articulada com, pelo menos, dois outros trajectos, em nosso entender mais importantes: o que relaciona o romance com um lastro ideológico provindo da actividade cultural da chamada Geração de 70 e da (algo difusa) doutrinação que a informa; outro trajecto, tão necessário como melindroso, é o que diz respeito à recepção queirosiana do Realismo e do Naturalismo, designadamente tendo em atenção a sua relação com escritores incontornáveis como Flaubert, Zola e Dickens. Começemos pelo mais simples, isto é, pela componente biográfica.

Por razões profissionais, Eça é colocado, de meados de 1870 a meados de 1871, num cenário peculiar, capaz de accionar a mola da observação⁴¹. Por esse eixo — o da observação, postulada pela estética naturalista como fundamental instrumento de análise —, a vida de Eça em Leiria, como administrador do concelho, constitui um momento privilegiado para colher informações que vão naturalmente projectar-se em vários planos da estruturação do romance e da sua escrita. A vida de uma pequena cidade provinciana, a forte influência que nela exercia o clero, as pequenas intrigas locais, as figuras observadas num quotidiano decerto monótono, quotidiano testemunhado por um jovem e ambicioso escritor que conhecera a boémia do Cenáculo, viajara pelo Oriente e se preparava para participar na agitação das Conferências do Casino, tudo por junto serviria para conceber um romance que decisivamente marcou a vida literária de Eça de Queirós⁴². Assim, não se pode ignorar que os espaços

⁴¹ Os biógrafos de Eça trataram de apurar, com zelo e minúcia, os passos do escritor em Leiria: Cf. Viana Moog, *Eça de Queirós e o Século XIX*, 5.ª ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966, pp. 115-127; J. Gaspar Simões, *Vida e Obra de Eça de Queirós*, 3.ª ed., Amadora, Bertrand, 1980, pp. 266-274; Luís Viana Filho, *A Vida de Eça de Queirós*, Porto, Lello & Irmão, 1983, pp. 53 e segs. O salto arriscado que pode dar-se (mas que não tem necessariamente legitimidade, de um ponto de vista metodológico), a partir do conhecimento de incidentes vividos por Eça em Leiria é, por exemplo, o que relaciona a génese d'O *Crime do Padre Amaro* com um episódio de adultério protagonizado pelo escritor, arrastando sobre ele as iras do clero; Viana Moog estabelece esta relação directa e o P. Allyrio de Mello, na sua tendenciosa obra, aproveita-se do tal episódio e suas sequelas, para desautorizar o anticlericalismo queirosiano (cf. *Eça de Queirós, o exílio da realidade*, ed. cit., pp. 106-107).

⁴² Como se vê, não estamos, por agora, preocupados em distinguir o que distingue as três versões, mas tão-só em rastrear, em termos genéricos, os fundamentos de uma determinada criação romanesca que, aliás, só amadureceria em definitivo (quer dizer: no que aos sucessivos aperfeiçoamentos do romance diz respeito) quando Eça há muito saía já de Leiria.

romanesco privilegiados, a atmosfera social envolvente, o esboço de mentalidades e tiques culturais, talvez até a configuração de personagens — mas este é um assunto que nos não interessa devassar — são indissociáveis dessa experiência leiriense de Eça de Queirós. Experiência importante, repete-se, mas não absolutamente decisiva; insista-se no que ficou já dito: noutra cidade de província, Eça teria decerto escrito *outro* romance de costumes, que, contudo, seria provavelmente homólogo deste, no que toca a processos de trabalho e a motivações ideológico-literárias.

Esta é a época, entretanto, em que Eça participa na aventura literária «a quatro mãos», que é *O Mistério da Estrada de Sintra*; e este é também o tempo em que inicia, de novo com Ramalho Ortigão, a colaboração n'*As Farpas*⁴³. Se a isto juntarmos a já mencionada participação nas Conferências do Casino, teremos elementos suficientes para explicarem o que aqui é crucial: que o jovem Eça dispunha de condições de índole ideológico-literária que o habilitavam a transformar o episódio da sua passagem por Leiria num fecundo pólo de motivação para o desenvolvimento da estética realista e naturalista; um desenvolvimento que, entretanto, só se consuma com plenitude na segunda e em especial na terceira versão do romance.

Rapidamente as circunstâncias mudam e Eça parte de Portugal, no início de uma carreira diplomática que, com excepção de esporádicas (e nem sempre longas) estadias na sua pátria, o fará viver no estrangeiro até ao fim dos seus dias⁴⁴. Está, pois, desde agora, por assim dizer, cancelada (ou, pelo menos, muito prejudicada) a observação do cenário português, o que constitui uma limitação de que Eça várias vezes e em diversos tons se queixou. Relembremos aquele que é certamente o mais

⁴³ A referência a *O Mistério da Estrada de Sintra* justifica-se aqui não só pelo tom provocatório e de certa forma anti-burguês que a obra adopta (o que tem que ver ainda com remanescentes ardores românticos), mas sobretudo pela incursão, ainda algo hesitante mas já significativa, na temática do adultério e na condição da mulher: a longa carta intitulada «A confissão dela» é já, embora em tom um tanto ambíguo, o esboço de uma espécie de *fisiologia do adultério*, que lembra textos publicados n'*As Farpas*. E nestas, desde o primeiro número, fica claro, como se sabe, o propósito de proceder, num registo sarcástico, a um vasto inquérito social, moral, cultural, etc., que virá a ser o substrato crítico-reformista d'*O Crime do Padre Amaro* e também, naturalmente, d'*O Primo Basílio*.

⁴⁴ Não por acaso, Eça associa o fim da sua intervenção n'*As Farpas* à sua partida para o estrangeiro. É num texto sobre Ramalho Ortigão: «*As Farpas*», segundo as declarações do editor, tinham dois mil assinantes; isto representava de cinco a seis mil leitores: se, propunha ele [Ramalho], aproveitando um tal audinário, nós lhe ensinássemos alguns princípios? Fiquei aterrado: ensinar! Eu era, sou ainda, em filosofia, um turista facilmente cansado, em ciência um dilettante de coxia. Converter a alegre cotapultuzinha numa austera cadeira de professor!... Fui prudentemente para a Havana» (*Notas Contemporâneas*, ed. cit., p. 29). Convém notar que Eça inverte aqui a causa e o efeito: a ida para a Havana não se dá por temor da responsabilidade de ensinar, como, em tom de (falsa?) modéstia, o escritor sugere; é a partida, por razões profissionais, que inviabiliza a sua presença numa empresa cujo ritmo de publicação e motivação fundamental exigiam, mais até do que a escrita de um romance, uma presença *in loco*, em atitude de observação quase jornalística.

conhecido desses lamentos, formulado numa carta de Newcastle, datada de 8 de Abril de 1878 e endereçada a Ramalho Ortigão, um dos seus confidentes predilectos, em matéria literária:

Longe do grande solo de observação, em lugar de passar para os livros, pelos meios experimentais, um perfeito resumo social, vou descrevendo, por processos puramente literários e *a priori*, uma sociedade de convenção, talhada de memória⁴⁵.

Se estas palavras reflectissem com total exactidão o que se passava com Eça, então teria sido praticamente impossível a escrita d'*O Crime do Padre Amaro* — cujas segunda e terceira versões, recorde-se, foram compostas no «exílio consular» britânico —, bem como a de vários outros romances e proto-romances, d'*O Primo Bazílio* a *A Ilustre Casa de Ramires*, passando pel'*Os Maias*, pel'*A Capital!*, pel'*O Conde d'Abranhos* e pel'*A Relíquia*, tudo obras em que a vida social portuguesa, no espaço urbano de Lisboa ou no espaço rural da província, se encontra sugestivamente representada.

É verdade que a instância da observação estava prejudicada. Mas a instância da memória, referida na carta, nutria os «processos puramente literários» — expressão curiosa, esta, em que aflora a lúcida consciência de que a representação literária é fundamentalmente ficcional e modelizante em segundo grau. Ora o que hoje conhecemos do espólio do escritor (ainda que não directamente no que toca a *O Crime do Padre Amaro*) revela-nos como breves anotações colhidas *in loco* e também (ou sobretudo) o suporte de uma memória quase fotográfica, permitiam depois um trabalho de escrita extremamente elaborado⁴⁶.

3.2. A memória queirosiana (memória de lugares ausentes, de pessoas distantes, etc.) é, pois, a partir de agora, um instrumento de trabalho cada vez mais frequente. Essa memória e também uma outra, que com ela se cruza e a completa: a memória de escritores lidos e em graus diversos projectados sobre o trabalho literário de Eça. Para se explicar a génese d'*O Crime do Padre Amaro*, essa segunda memória constitui tam-

⁴⁵ *Correspondência*, ed. cit., 1.º vol., p. 144.

⁴⁶ O manuscrito do espólio de Eça de Queirós que tem o número 254 é a este propósito muito significativo: constituindo o registo sintético e impressionista de um passeio em Lisboa, ele foi depois desenvolvido no que é o longo episódio final d'*Os Maias*, baseando-se esse desenvolvimento aparentemente apenas nessas breves e sincopadas anotações (cf. C. Reis e M. do Rosário Milheiro, *A Construção da Narrativa Queirosiana*, ed. cit., pp. 139 e segs.).

bém um elemento relevante, no limiar de uma questão tão melindrosa e de tão problemática verificação, como é a questão do *plágio*⁴⁷.

Se escritor existe, na nossa Literatura, perseguido pela traumática acusação de plágio — uma acusação que, noutras Literaturas, atingiu também outros nomes de grande destaque —, esse escritor é, sem dúvida, Eça de Queirós. Pode mesmo dizer-se que, poucos anos passados sobre a sua morte, este problema inspirou, na totalidade ou parcialmente, os primeiros estudos de certo fôlego consagrados ao escritor. Sirva como exemplo a biografia elaborada por António Cabral, publicada pela primeira vez em 1916 e integrando um capítulo sobre «os plágios de Eça de Queirós»⁴⁸; sintomaticamente, nesse estudo em certos aspectos fundador, essa espécie de *síndrome do plágio* aparece referida, como algo que teria afectado o escritor desde os seus primeiros escritos, isto é, os das *Prosas Bárbaras* e os d'*O Distrito de Évora*: episódio desde logo significativo é o da breve polémica entre *O Distrito de Évora* e a *Folha do Sul*, a propósito de uma expressão utilizada pelo jovem Eça, em que ecoa um passo de *Les Misérables* de Victor Hugo, facto que de imediato motiva veementes acusações de plágio⁴⁹. Acusações que, diga-se de passagem, não se comparam com aquilo que *O Crime do Padre Amaro* viria a desencadear.

Antes de aí chegarmos, é necessário recordar que a actividade literária queirosiana desenrolou-se numa época em que o conceito de *autoria* (e com ele o de originalidade e o de propriedade literária) aparece directamente associado à reivindicação, pelo escritor, de prerrogativas

⁴⁷ Ao melindre da questão não é estranha a natureza histórica e, ao mesmo tempo, axiológica e ideologicamente condicionada do conceito de *plágio* e dos que com ele se relacionam (originalidade, criatividade, propriedade intelectual, etc.). Esses condicionamentos foram ponderados por Alvin Kernan, que observou que, a partir do amadurecimento de um sistema económico de raiz capitalista, «it has always seemed something less than entirely natural and inevitable that anyone could appropriate the common language and common ideas as property, just as there is now real doubt about the copyrighting of basic computer software systems and of organisms and animals produced by genetic research» (*The Death of Literature*, New Haven/London, Yale Univ. Press, 1990, p. 123).

⁴⁸ Cf. A. Cabral, *Eça de Queirós: A sua Vida e a sua Obra — Cartas e Documentos Inéditos*, 2.ª ed., Lisboa/Rio de Janeiro, Portugal-Brasil, Lda., Soc. Editora, 1920, pp. 333-368; *id.*, *Camilo e Eça de Queirós*, Coimbra, Coimbra Ed., 1924, pp. 211-252; um passo desta segunda obra sintetiza bem (até pelo seu tom enfático) a abordagem de propensão moralista que Cabral leva a cabo: «Ah! Tenham paciência os defensores de Eça de Queirós. A seu pesar, como a pesar meu, o escritor brilhantíssimo foi um plagiário obstinado e contumaz. É, infelizmente, na literatura portuguesa, um dos mais flagrantes exemplos no plágio. Talvez o mais flagrante. Plagiário conscientíssimo, porque, no confronto das frases, na comparação das ideias, que ele ia buscar a outros autores, a evidência dos delitos é tanta que só pode negá-los quem quiser cometer o imperdoável e repugnante pecado de negar a verdade reconhecida por tal» (*op. cit.*, pp. 248-249). Um dos defensores de Eça, contra a acusação de plágio, foi Cláudio Basso, em obra contemporânea das de A. Cabral (cf. *Foi Eça de Queirós um plagiador?*, Porto, Marlinus, 1924).

⁴⁹ Alberto Machado da Rosa fez a revisão crítica deste episódio em *Prosas Esquecidas I*, Lisboa, Presença, 1965, pp. 397-413.

económicas facultadas pela publicação da sua obra; esta surgia cada vez mais, a partir de finais do século XVIII, não apenas como uma realização estritamente artística, mas também como uma fonte de rendimento, um verdadeiro *bem simbólico*, na expressão consagrada por Pierre Bourdieu⁵⁰, capaz de propiciar aquilo que cem anos antes seria dificilmente concebível: a profissionalização do escritor, só possível porque o considerável crescimento do público e a industrialização da produção do livro concorriam também nesse sentido. Eça de Queirós não se encontra exactamente nessa situação, mas não anda longe dela, de tal modo eram importantes, para a sua sobrevivência económica, os proventos advindos da sua actividade como escritor⁵¹.

De um modo geral, pode dizer-se que a questão do plágio envolve três planos de apreciação, cuja delimitação e interacção se tornaram visíveis sobretudo desde meados do século XVIII. De facto, é essa a época em que a individualização da criação literária se postula já em termos diversos dos que até então tinham vigorado: por um lado, porque se ia afirmando uma vida social e cultural progressivamente marcada pelos valores da burguesia em ascensão; por outro lado, porque entrava em crise o prestígio dos clássicos como matriz de emulação⁵².

Se bem que muitas vezes interligados, esses três planos aparecem representados de forma desigual na relação d'*O Crime do Padre Amaro* com *La Faute de l'Abbé Mouret* de Zola, obra de referência inevitável no presente contexto: um plano *jurídico* (que é aquele em que, em parte, se inserem os problemas acima esboçados), relativo ao direito de propriedade do escritor sobre a sua obra, à sua capacidade para os negociar e

⁵⁰ Pierre Bourdieu nota que, no contexto de um *mercado de bens simbólicos*, «a ruptura dos vínculos de dependência em relação a um patrão ou a um mecenas e, de um modo geral, em relação às encomendas directas [...], propicia ao escritor e ao artista uma liberdade que logo se lhes revela formal»; de facto, essa liberdade é «apenas a condição da sua submissão às leis do mercado de bens simbólicos, vale dizer, a uma demanda que, feita sempre com atraso em relação à oferta, surge através dos índices de venda e das pressões, explícitas ou difusas, dos detentores dos instrumentos de difusão, editoras, directores de teatro, *marchands de quadros*» (P. Bourdieu, *A Economia das Trocas Simbólicas*, 2.ª ed., São Paulo, Perspectiva, 1982, pp. 103-104).

⁵¹ Trata-se de uma questão longamente atestada, como se sabe, em cartas de Eça aos amigos e sobretudo aos seus editores e a directores de jornais. Cite-se, como significativo por todos, o delicado episódio da escrita e (não) publicação d'*A Batalha do Cosí*, episódio que gerou um desagradável incidente com Ramalho Ortigo, pela «mercantilização» da criação literária que Eça deixa transparecer, de mistura com alguma propensão chantagista (cf. *Correspondência*, ed. cit., 1.º vol., pp. 160-175); sobre a situação económica dos escritores em Portugal, no século XIX, cf. Fernando Guedes, *O Livro e a Leitura em Portugal*, Lisboa, Ed. Verbo, 1987; Maria de Lourdes Lima dos Santos, *Intelectuais Portugueses na Primeira Metade de Oitocentos*, Lisboa, Presença, 1988, pp. 143 e segs.

⁵² Numa obra capital sobre esta matéria, Thomas Mallon cita a intervenção de Samuel Johnson, no processo de condenação do plágio. Em 1753, «Johnson once again took up the subject, this time in *Adventurer* 95. He places plagiarism near the middle of iniquity's spectrum: «one of the most reproachful, though, perhaps, not the most atrocious of literary crimes»» (Th. Mallon, *Stolen Words. Forays into the Origins and Ravages of Plagiarism*, New York, Tickner & Fields, 1989, pp. 10-11). Cf. também N. Fruman, «Originality, Plagiarism, Forgery and Romanticism», in *Centrum*, 4, 1, 1976, pp. 44-49.

aos proventos económicos daí eventualmente decorrentes; um *plano ético-moral*, atinente à relação do escritor com os seus confrades e com o público a que se dirige: se o escritor tem, em princípio, a obrigação de facultar ao seu público uma criação literária que é supostamente um trabalho da sua estrita autoria (e portanto algo novo, relativamente ao que esse público pode já ter lido, o que significa que a questão da originalidade interfere neste âmbito), ele tem também a obrigação de respeitar o trabalho alheio, não o apresentando como seu⁵³; um *plano estético-literário*, que é aquele em que o conceito de originalidade revela um peso específico mais notório: fortemente valorizado desde os primórdios do Romantismo (mas intimamente articulado também com a dimensão económica da produção literária, já aludida), o conceito de originalidade diz respeito à maior ou menor capacidade que o escritor possui para afirmar a sua individualidade artística, superando a herança literária que lhe foi legada⁵⁴.

Destes três planos de apreciação e tendo já em conta o que se deduz de uma confrontação entre as duas obras que agora estão em questão, pode dizer-se que o primeiro é praticamente irrelevante: Zola não reclamou judicialmente os seus direitos de propriedade, já que nem a segunda nem a terceira versão de *O Crime do Padre Amaro* (as que foram publicadas depois do aparecimento de *La Faute de l'Abbé Mouret*) contêm base material de confrontação que seja suficientemente impressiva para dela poder deduzir-se uma acusação incontestável; para além disso, convém ainda lembrar que a Convenção de Berna sobre a internacionalização dos direitos de autor foi assinada apenas em 1886. É, pois, de um ponto de vista simultaneamente ético-moral e estético-literário que a questão deve

⁵³ De certa forma, a questão da *intertextualidade* coloca-se à margem destas implicações de ordem ético-moral. Aceitar o princípio de um incessante *diálogo intertextual*, corresponde a anular o problema da *má-fé* plágária ou da *simplex emulação*; o escritor é, assim, o sujeito de uma enunciação irremediavelmente tributária de ecos literários outros e não o responsável por uma mistificação deliberada. Com alguma razão, Jack Stillinger postula um sentido *transindividual e múltiplo* do conceito de autoria, aludindo mesmo à mudança de paradigma que a noção de *intertextualidade* arrasta: «Recent theoretical discussions where 'intertextuality' substitutes for 'source and influence' make this inevitably joint aspect of literary production even clearer»; relaciona-se directamente com esta concepção a actividade da «*imaginação secundária*», assim descrita por Coleridge: «It dissolves, diffuses, dissipates, in order to re-create; or where this process is rendered impossible, yet still at all events it struggles to idealize and to unify. It is essentially vital, even as all objects (as objects) are essentially fixed and dead» (cf. J. Stillinger, *Multiple Authorship and the Myth of Solitary Genius*, New York/Oxford, Oxford Univ. Press, 1991, pp. 96-97).

⁵⁴ De acordo com Thomas Mallon, «originality — not just innocence of plagiarism but the making of something really and truly new — set itself down as a cardinal literary virtue sometime in the middle of the eighteenth century and has never since gotten up [...] When the demand for novelty meets the sensitive writer's normal worship of the great literary past, how does he feel? Nervous and depressed. And in order to overcome what Harold Bloom calls 'the anxiety of influence', the poet performs the neat trick of deliberately misreading his precursors in order to 'clear imaginative space' for himself» (T. Mallon, *Soliloquy*, ed. cit., p. 24). Sobre esta matéria cf. também M. Augusta Babo, *A escrita do livro*, Lisboa, Vega, 1993, pp. 103 e segs.

aqui ser equacionada; e desse ponto de vista, adiante-se, muito difícil se torna chegar a conclusões irrefutáveis.

3.3. É necessário, desde já, que se proceda a uma rápida revisão crítica do que se escreveu, desde o tempo de Eça, sobre este assunto, até porque a sua análise deve ser completada em função de outro romance de Zola: *La Conquête de Plassans*. É o que então se escreveu (bem como, por outro lado, o que *não* se escreveu) mostra, antes de mais, que, do ponto de vista das reacções críticas, a primeira versão d'*O Crime do Padre Amaro* não suscitou o «desastre literário» que Eça temia; mas isso é, neste momento, de pouca importância — embora seja relevante, mais tarde, considerarmos o que foi a recepção crítica do romance. No que toca à eventual presença, no romance de Eça, do influxo de outros textos, a questão começa verdadeiramente a levantar-se quando da publicação da segunda versão d'*O Crime do Padre Amaro*.

Ramalho Ortigão, num texto d'*As Farpas* de 1877 — texto que configurava a reacção crítica que Eça veementemente pedira ao amigo em carta de 7 de Novembro de 1876 — comenta longamente o romance a que chama «pintura de caracteres», para, de seguida, rejeitar a hipótese de influências: *O Crime do Padre Amaro* «é uma pintura de caracteres, mas não uma pintura à Balzac ou à Flaubert, porque este livro não é exclusivamente de nenhuma escola senão da escola de si mesmo»⁵⁵. O que não deixa de ser curioso (e algo contraditório), se tivermos em conta que, logo na página seguinte, Ramalho procede à sistemática descrição do romance de caracteres, concebido quase como subgénero em directa decorrência de um determinismo de nítida proveniência tainiana:

É por isso que o romance de caracteres tem de ser uma exposição concêntrica de todas as influências que determinam um pensamento ou um acto; influências naturais: o solo, o clima, os aspectos da paisagem, o sexo, a idade, o temperamento, a idiossincrasia, a hereditariedade; influências sociais: as instituições, os costumes, a família, a educação, a profissão⁵⁶.

De Zola e de *La Faute* não se fala. E no entanto, alguns parágrafos depois, pode ler-se um resumo do romance de Eça que indirectamente (e talvez veladamente), por assim dizer, constitui uma discreta prevenção contra a hipótese de comparação entre ambas as obras. Por outras palavras: no entender de Ramalho, a intriga d'*O Crime do Padre Amaro*

⁵⁵ R. Ortigão, *As Farpas*, Lisboa, Comp. Nacional Editora, 1889, tomo ix, p. 226.

⁵⁶ R. Ortigão, *op. cit.*, p. 127.

centra-se num conjunto de factos prosaicos, domésticos e mesquinhos, bem diversos do tom e do ambiente que caracterizam a acção da *La Faute de l'Abbé Mouret* no seu livro II, quando a relação de Serge com Albine se faz alegoria do pecado original, alegoria de recorte quase mágico e de evidente coloração bíblica.

Obviamente que estamos, só com isto, muito longe de resolver o problema. E nem uma intervenção de Silva Pinto (praticamente simultânea a esta) o fazia, intervenção interessante até por revelar que já então se insinuava, no meio literário de Lisboa, «a assimilação do 'abade Mouret', de Zola, e do 'padre Amaro', de Eça de Queirós»; o que pode explicar, no texto de Ramalho, a tal discreta prevenção de que acima falámos (o propósito crítico do autor d'*As Farpas* não podia ser denegrir o seu grande amigo e ex-colaborador, mas antes protegê-lo dessa acusação). Contra essa assimilação pronuncia-se, entretanto, o citado Silva Pinto, afirmando que «não existe nos dois livros ponto de contacto, afora o extraordinário mérito de ambos». E acrescenta: «Os protagonistas, os dois padres *pecadores*, Amaro e Mouret, pertencem à formidável galeria do desolado período contemporâneo; acresce, porém, que o vulto do sacerdote português afirma-se poderosamente sem a base de situações fantásticas, enquanto que o padre de Emílio Zola só vive apoiando-se nestas últimas»⁵⁷.

Faltava chegar a palavra autorizada de Machado de Assis. Sem ser ainda, no ano de 1878, quando criticou *O Crime do Padre Amaro* (e também *O Primo Bazílio*), o autor dos grandes romances que o celebrizaram como um dos grandes escritores da Língua Portuguesa, Machado de Assis era, contudo, já então, um crítico influente, respeitado e exigente. É mais: muito atento ao que literariamente se passava na Europa e em Portugal, conforme as datas evidenciam; de facto, escassas semanas após a publicação d'*O Primo Bazílio*, já o autor de *Quincas Borba* se lhe referia, com conhecimento minucioso e formulando críticas que, discutíveis em certos aspectos, noutros se revelavam extremamente certeiras (por exemplo: no que respeita à condenação de excessos descritivos do Naturalismo)⁵⁸.

⁵⁷ Apud J. Pereira Tavares, *O Crime do Padre Amaro. Análise das duas primeiras realizações. A elaboração e a publicação do romance. A crítica coeva*, Aveiro, Gráfica Aveirense, 1943, p. 45. Acresce a isto que Silva Pinto veio a aceitar, sem o questionar, o argumento apresentado por Eça no prólogo à terceira versão, quando demonstrava (ou melhor: pretendia demonstrar) que o seu romance fora escrito antes do de Zola.

⁵⁸ Sobre os aspectos discutíveis da crítica machadiana, cf. C. Reis, «A temática do adultério n'*O Primo Bazílio*», in *Construção da Literatura*, Coimbra, INIC/CLP, 1982, pp. 121 e segs. Entretanto, Renato Cordeiro Gomes mostrou que a intervenção de Machado de Assis assentava num ideal estético e numa concepção da crítica literária que tornavam inevitáveis as reservas formuladas a romances de Eça (cf. Renato C. Gomes, «Machado de Assis», in *Boletim do SEPEP*, 3, s/d., pp. 93-98).

No que toca a *O Crime do Padre Amaro* e à sua relação com *La Faute de l'Abbé Mouret*, as palavras de Machado eram incisivas e explícitas:

Que o Sr. Eça de Queirós é discípulo do autor do *Assommoir*, ninguém há que o não conheça. O próprio *Crime do Padre Amaro* é imitação do romance de Zola, *La Faute de l'Abbé Mouret*. Situação análoga, iguais tendências; diferença do meio; diferença do desenlace; idêntico estilo; algumas reminiscências, como no capítulo da missa, e outras; enfim, o mesmo título. Quem os leu a ambos, não contestou decerto a originalidade do Sr. Eça de Queirós, porque ele tinha, e tem, e a manifesta de modo afirmativo; creio até que essa originalidade deu motivo ao maior defeito na concepção do *Crime do Padre Amaro*. O Sr. Eça de Queirós alterou naturalmente as circunstâncias que rodeavam o padre Mouret, administrador espiritual de uma paróquia rústica, flanqueado de um padre austero e ríspido; o padre Amaro vive numa cidade de província, no meio de mulheres, ao lado de outros que do sacerdócio só têm a batina e as propinas; vê-os concupiscentes e maritalmente estabelecidos sem perderem um só átomo de influência e consideração⁵⁹.

A citação é longa, mas justifica-se pela importância de que se veste, por várias razões. Primeiro: Machado não se refere a plágio, mas tão só ao conceito mais cauteloso (e eticamente menos comprometedor) de imitação; segundo: apontando semelhanças e identidades, Machado aponta também diferenças e atenua, com isso, a dimensão da imitação (valendo a pena, neste ponto, notar o seguinte: que aquilo que parecia igual — «o mesmo título» — não decorria necessariamente de imitação, *por vir já da primeira versão*, efectivamente anterior a *La Faute*⁶⁰; e certas supostas modificações operadas por Eça — ao contrário de Serge Mouret, «o padre Amaro vive numa cidade de província, no meio de mulheres» — também o não eram, porque mantinham *grosso modo* elementos igualmente da primeira versão (nesta o padre Amaro vivia já em Leiria); terceiro: em certos passos («no capítulo da missa», que é o xxv da segunda versão) Machado reconhecia «reminiscências», mas, de novo, não falava em plágio, dando lugar a outro tipo de explicação para as semelhanças

⁵⁹ Apud A. Machado da Rosa, *Eça, Discípulo de Machado?*, ed. rev. e actualizada, Lisboa, Presença, s.d., p. 210. A crítica machadiana foi originalmente publicada na revista *O Cruzeiro*, no número de 16 de Abril de 1878 e transcrita n'A Actualidade do Porto.

⁶⁰ Note-se também a curiosa observação de Sampaio Bruno a este propósito: para além de apontar a coloração romântica de *La Faute de l'Abbé Mouret*, Bruno sublinha que «uma crassa ignorância do idioma francês não distinguiu a nuance diferencial, pois que uma coisa é *La faute* e outra *O crime*» (cf. *Eça de Queirós Visto pelos seus Contemporâneos*, Porto, Liv. Lello & Irmão, 1945, p. 112). Curiosamente, como mostrou Machado da Rosa, a coloração romântica também se encontra n'*O Crime do Padre Amaro* — mas precisamente na 1.ª versão, isto é, a que objectivamente não poderia ter sido influenciada por *La Faute de l'Abbé Mouret* (cf. A. Machado da Rosa, *Eça, Discípulo de Machado*, ed. cit., pp. 101 e segs.).

(*semelhanças textuais*, neste caso), explicação que aqui perfilharemos e que atenua em grande parte a hipótese do plágio; quarto: o crítico brasileiro não negava, finalmente, «originalidade» ao jovem romancista português, o que de alguma forma vinha contradizer o argumento da «imitação» anteriormente aduzido.

O que fica, então, da crítica machadiana, no que respeita à questão aqui em análise? Em nosso entender, sobrevive dela sobretudo a questão das «reminiscências», referida em função do capítulo da missa, alegadamente provindo de *La Faute de l'Abbé Mouret*; Machado não vai, contudo, muito longe neste aspecto, até porque não cabia à sua crítica fazê-lo. Não há dúvida, no entanto, de que a alusão era pertinente, conforme depois expressivamente se viu — e o próprio Eça indirectamente veio a confirmar⁶¹.

3.4. O definitivo esclarecimento do problema seria consideravelmente facilitado se dispuséssemos de elementos certamente perdidos: os materiais de trabalho do escritor, em particular os que serviram para levar a cabo a profunda remodelação — implicando, como se verá, substanciais alterações estruturais —, que permitiu passar do texto de 1875 ao de 1876. Manuscritos, eventualmente a primeira versão anotada ou emendada pelo escritor e provas tipográficas são alguns desses materiais da oficina do escritor, que permitiriam rastrear o processo da escrita (ou reescrita), os seus acidentes, hesitações e avanços; e juntamente com eles a biblioteca do escritor: os livros que na época lia⁶², as anotações que lhes fazia, etc.

Na falta destes elementos de trabalho, resta lembrar e ajuizar o que foi já feito: a confrontação dos textos. A isso procedeu (e provavelmente foi, neste aspecto, pioneiro) José Pereira Tavares que às versões até então praticamente esquecidas d'*O Crime do Padre Amaro* consagrou alguns estudos em que a intuição compensa a imprecisão metodológica. Se o primeiro (cronologicamente) desses estudos era quase só a exumação das duas primeiras versões, então pouco acessíveis, acompanhada pelo registo de diversas reac-

⁶¹ Numa carta algo cerimoniosa a Machado de Assis (de 29 de Junho de 1878), Eça agradece a crítica publicada n'*O Cruzeiro* de 16 de Abril desse ano e revela o seu interesse em relação ao que julga serem outros dois folhetins (e não apenas um). Curiosamente, nessa carta — que propunha a Machado um debate epistolar que não teve sequência — Eça refere-se a *O Primo Basílio* e ao Realismo, mas não a *O Crime do Padre Amaro* (2.ª versão), objecto também da crítica machadiana.

⁶² Curiosamente, na sua correspondência de incidência literária (por exemplo na que regularmente mantinha com Ramalho Ortigão) Eça refere-se muito mais a Balzac e Flaubert do que a Zola e nunca a *La Faute de l'Abbé Mouret*. O que, sendo de registar, não deve ser excessivamente valorizado: primeiro, porque não são conhecidas cartas de Eça no importantíssimo período de Maio de 1875 a Novembro de 1876; segundo, porque (se fosse o caso) dificilmente o escritor revelaria, com transparência total, a base textual de apoio do seu labor de reescrita.

ções críticas (incluindo a de Machado de Assis), o segundo estudo desenvolvia uma pista de reflexão importante: considerando embora precipitadas as observações machadianas que citámos e comentámos, Pereira Tavares notava: «Todavia, a verdade é que pelo menos os finais dos capítulos xxv (*missa*) e xxvii (*enterro de Amélia*) de *O Crime do Padre Amaro* (edição de 1876) [...] mostram que Eça de Queirós, ao redigi-los, se inspirou, respectivamente, nos capítulos II do livro I e XVI do livro III de *La Faute de l'Abbé Mouret*, obra que certamente leu antes de refundir o primitivo esboço do seu romance. Mais tarde, ao preparar a edição de 1880, abandonou a descrição da missa; quanto à do enterro, modificou-a para melhor, mas sem deixar de seguir o seu modelo⁶³».

A supressão por Eça de um dos episódios «suspeitos» (a missa do capítulo xxv), bem como a modificação do enterro, constituem alterações importantes, por poderem ser entendidas como o reconhecimento tácito de culpas que era preciso ocultar. E a comparação desses episódios «suspeitos» com os que alegadamente foram as suas matrizes confirma o que Machado de Assis supunha: que Eça, de facto, se apoiou (digamos assim, por agora) em passos correspondentes do romance de Zola. Pereira Tavares vai um pouco mais longe e resume a situação do seguinte modo: «A exaustiva descrição da missa do capítulo II do livro I de *La Faute* determinou a modificação da descrição da missa do capítulo VI da primeira versão de *O Crime*, como determinou o aparecimento de outra descrição de missa — aquela que se lê no final do capítulo xxv da edição de 1876, também influenciada por outro passo, do capítulo VI do livro III do romance de Zola. Além disso, deve Eça também ao escritor francês a sugestão da descrição do enterro de Amélia (capítulo xxvii da edição de 1876), inspirada do capítulo XVI do livro III de *La Faute*⁶⁴».

Citamos nestes exactos termos o que escreveu Pereira Tavares, também para podermos sublinhar o seguinte: que o que ficou dito por aquele estudioso é importante, mas não é tudo — ou até, em nossa opinião, não é talvez o mais significativo. Torna-se necessário, para além do que foi notado, colocar duas questões relevantes: o que foi *substancialmente* tomado de Zola? E porquê estes episódios (missa e enterro) e não outros?

Na primeira versão d'*O Crime do Padre Amaro* existia já, no capítulo VI, uma missa, coisa absolutamente natural num romance prota-

⁶³ J. Pereira Tavares, *O Crime do Padre Amaro. Análise das duas primeiras redacções. A elaboração e a publicação do romance. A crítica coeva*, ed. cit., p. 42, nota.

⁶⁴ J. Pereira Tavares, «O Crime do Padre Amaro. Influência de Zola», in *Ocidente*, vol. xxv, 83, 1945, p. 171. Nas páginas seguintes deste breve estudo procede-se ao confronto da missa de 1875 com a de 1876 (capítulo VI em ambas as versões), da missa do capítulo xxv da segunda versão do *Crime* com a do capítulo II, livro I de *La Faute* e ainda à comparação dos dois enterros.

gonizado por um padre; ao alargar o texto, na segunda versão, Eça alarga também, como se compreende, esse episódio da missa, que contudo não vai colher, *enquanto episódio* (porque, repete-se, ele já existia na primeira versão), a Zola. Mais: numa versão que perfilha agora princípios de filiação naturalista⁶⁵, essa missa há-de ser relatada com o rigor canónico exigido a um romancista que age como observador documentado. Mas, cabe perguntar, observador de quê? Encontra-se Eça em Newcastle, não o esqueçamos, trabalhando arduamente no seu romance, «longe do meio em que está a sua matéria artística»⁶⁶, ou seja, aquele meio em que as missas católicas em latim eram prática corrente; tendo decerto à mão o romance de Zola, aparecido, de facto, depois do primeiro *Crime*, mas com um título «tentador» pela sua semelhança⁶⁷, Eça colhe dele o que, repete-se, dificilmente poderia observar lá onde se encontrava. Até porque, acrescente-se, mesmo arriscando uma conjectura, sempre seria mais fácil e interessante «observar» a celebração da missa e do enterro num romance de Zola do que num missal...

O resultado está à vista, mas não foi ainda, segundo pensamos, suficientemente explicado. Pode dizer-se que Eça aproveita realmente o desenvolvimento da missa e do enterro, tal como os encontra em Zola — mas poderia também argumentar-se que os ritos de uma missa e de um funeral católicos, em França e em Portugal, eram idênticos, pelo que muita coisa teria que ser inevitavelmente semelhante nos relatos de ambos os escritores⁶⁸.

Acontece, porém, que, olhando com cuidado as semelhanças — e deve dizer-se, em abono da justiça, que a confrontação dos textos levada a cabo por Pereira Tavares, mesmo sendo relativamente pobre de comentários foi aqui preciosa —, regista-se uma coisa curiosa que aquele estudioso não notou: é que aquilo que Eça aproveitou *literalmente* de Zola foram as expressões latinas utilizadas na missa e no enterro. Mais: não utilizou *nenhuma outra* dessas expressões, para além das que se

⁶⁵ Não nos alargaremos agora sobre este aspecto do romance, desde logo notado por Machado de Assis e já suficientemente analisado por Machado da Rosa (cf. *op. cit.*, pp. 111 e segs.).

⁶⁶ Isso mesmo desabafa o romancista com Ramalho Ortigão, em carta de 8 de Abril de 1878 (cf. *Correspondência*, ed. cit., p. 143).

⁶⁷ J. Pereira Tavares (cf. «O Crime do Padre Amaro». *Influência de Zola*, *loc. cit.*, pp. 170-171) e Machado da Rosa (cf. *Eça, discípulo de Machado?*, ed. cit., pp. 34-35) sublinham que Eça teve decerto notícia da publicação de *La Faute de l'Abbé Mouret*. E de facto, vivendo, como confessa, só para a arte, Eça não podia deixar de estar informado sobre a publicação do romance de Zola e, naturalmente, não podia também evitar a natural curiosidade de o conhecer.

⁶⁸ Só a essas vagas semelhanças pode referir-se a suposta influência da missa sucintamente descrita (cerca de uma página) no capítulo vi do livro II de *La Faute de l'Abbé Mouret*, sobre as que se encontram n' *O Crime do Padre Amaro*. Por isso, é devido que possa reconhecer-se razão a Pereira Tavares, no que a este episódio do romance de Zola diz respeito.

encontram em Zola, cometeu, ainda assim, dois erros (de transcrição, digamos assim⁶⁹) e produziu episódios mais curtos e «tecnicamente» menos pormenorizados do que os que se encontram em *La Faute de l'Abbé Mouret*.

Isto não prova apenas o que já se sabia. Em nosso entender, deste modo sustenta-se alguma coisa mais: que isso a que Machado chamou «imitação» (e outros plágio) foi, antes de tudo, uma necessidade (quase diríamos uma emergência) por assim dizer *técnica*, vivida em solo estranho por alguém que devia relatar uma missa e um enterro — mas que não conhecia (ou não recordava, para o caso pouco importa) exactamente os termos canónicos em que uma e outro se enunciavam⁷⁰. Mais tarde, ao escrever a terceira versão, Eça, de facto, emenda a mão, mas só até onde pode fazê-lo: suprime, como já foi dito, a missa do capítulo xxv, mas mantém a do capítulo vi (que já vinha da primeira versão e era, por isso e de certo modo, insuspeita), conserva também o enterro, mas repete, em ambos os episódios, as expressões latinas que já utilizara e que decerto *não estava em condições de substituir por outras*.

Não se entenda o que fica escrito como uma defesa de Eça (até porque não é tanto isso que há que fazer aqui), mas antes como uma tentativa de explicação da génese de um romance de escrita muito complexa e dos acidentes de percurso que essa génese conheceu. O que tem que ver com procedimentos peculiares num escritor que, de facto, resolveu a necessidade de observar actos religiosos (missa e enterro), servindo-se de um texto alheio e recorrendo a expressões que, contudo, não pertencem a Zola, mas aos ritos desses actos religiosos⁷¹.

Para que tudo fique dito, toma-se necessário reconhecer que o contacto de Eça com *La Faute de l'Abbé Mouret*, durante a escrita da segunda versão

⁶⁹ Trata-se do *Sanctus* («*Sanctus, sanctus, sanctus, Dominus Deus, sabaoth*» em vez de «*Dominus, Deus*») e da expressão que inicia a missa, «*Introibo ad altare Dei*», que Eça escreveu «*Introibo al altarem Dei*». Neste último caso não é certamente uma gralha, porque o erro ocorre tanto no capítulo vi, como no xxv da segunda versão. Os passos em questão foram confrontados com a primeira edição de *La Faute de l'Abbé Mouret* (Paris, Charpentier et C.^o, Libraires-Éditeurs, 1875), o que permite dizer que Eça terá errado nas transcrições de textos originalmente correctos. Entretanto, só na edição de 1889 (capítulo vi) o erro «*altarem*» foi corrigido; o *Sanctus* foi suprimido, porque o episódio foi consideravelmente comprimido. Curiosamente, no conto «*José Matias*» reaparece «*altarem*» («*Introibo al altarem Deus*»; a Deusa é Elisa), quando da primitiva publicação, ainda em vida de Eça (cf. *Revista Moderna*, I, n.º 2, Paris, 1897, p. 48).

⁷⁰ Pormenor ironicamente interessante: o P. Allyrio de Mello vem aqui em abono desta tese. Conforme aquele pertinaz crítico de Eça demonstra, com larga cópia de exemplos, o escritor desconhecia múltiplos aspectos e práticas da vida religiosa (cf. *Eça de Queiroz, o Exilado da Realidade*, ed. cit., pp. 57-62).

⁷¹ Algo de semelhante pode dizer-se a propósito das afinidades de pormenor existentes entre *Madame Bovary* e *O Crime do Padre Amaro*: isso mesmo observou Jean Girodon, confrontando episódios dos dois romances (a extrema-unção ministrada a Emma e à irmã da São Joaneira, o enterro de Emma e o de Amélia) e notando que «*toutes les descriptions d'un même rite doivent nécessairement, si elles sont fidèles, présenter entre elles quelque ressemblance*» («*Eça de Queiroz et Madame Bovary*», in *Biblio*, vol. xxv, 1949, p. 213).

d'*O Crime do Padre Amaro*, suscitou passos em que, com efeito, o texto de Zola ecoa de forma muito nítida. Três exemplos incontestáveis:

Et le prêtre, élargissant les mains, puis les rejoignant, dit avec une componction attendrie:

— *Oremus...*

— *Oremus*, disse Amaro, separando as mãos, e tornando-as a juntar.

— *Sanctus, Sanctus, Sanctus, Dominus, Deus, Sabaoth*, dit le prêtre à demi-voix, les épaules légèrement penchées.

Vincent donna les trois coups de clochette.

— *Sanctus, sanctus, sanctus, Dominum Deus, sabaoth.*

E o sacristão deu os três toques de campainha.

Et lui, les coudes appuyés au bord de la table, tenant l'hostie entre le pouce et l'index de chaque main, prononça sur elle les paroles de la consécration: *Hoc est enim corpus meum*.

Amaro com os cotovelos sobre a toalha, todo prostrado contra o altar, segurando delicadamente a hóstia, pronunciou a consagração:

— *Hoc est enim corpus meum*⁷².

Note-se: as semelhanças textuais são óbvias. Mas elas têm que ver provavelmente com dois fenómenos, um exterior outro intrínseco ao escritor. Exterior a ele é, como já ficou sugerido, a necessidade de referir gestos rituais (por exemplo, os três toques de campainha) idênticos numa missa francesa e numa missa portuguesa; intrínseco ao seu comportamento estilístico era certamente a dificuldade de abandonar um texto lido e seguido de muito perto, ainda assim transformado, em função da especificidade da acção do *Crime*, mas significativamente espelhado no eco daquelas expressões muito próximas. E, não por acaso, essas expressões encontram-se no envolvimento textual das que era preciso respeitar à letra (as fórmulas latinas), como se fosse muito difícil ao escritor libertar-se do texto primeiro e continuar a escrita por sua conta.

Pode, aliás, já aqui observar-se o que, sendo provavelmente uma atitude escritural típica de Eça de Queirós, foi depois conscientemente assumido e, num plano ficcional, representado nos termos auto-reflexivos

⁷² Respectivamente: E. Zola, *La Faute de l'Abbé Mouret*, Paris, Garnier-Flammarion, 1972, pp. 46-50; E. de Queirós, *O Crime do Padre Amaro*, Lisboa, Tip. Castro Irmão, 1876, pp. 339-341. Na transcrição feita por Pereira Tavares verificam-se alguns lapsos, no que ao texto de Eça diz respeito.

de uma *mise en abyme*. Referimo-nos (e não mais do que como menção episódica) ao que se passa n'*A Ilustre Casa de Ramires*: um aspecto essencial do trajecto de Gonçalo Mendes Ramires como protagonista é constituído, como se sabe, pela escrita de uma novela histórica. Ora essa escrita desenvolve-se quase sempre em processo de transformação transtextual, como resultado de um diálogo activo com fontes históricas e literárias, levando o escritor de circunstância que é Gonçalo a interrogar-se sobre a legitimidade ético-artística da utilização dessas fontes⁷³.

Por outro lado — e voltando a atentar na importância da dupla memória queirosiana: a das experiências vividas e a das leituras assimiladas —, deve ter-se em conta também o seguinte: que mais tarde, trabalhando noutras obras, Eça volta a fazer interagir a dfade memória/cultura livresca. O exemplo mais flagrante dessa interacção é a composição d'*A Relíquia*; ainda que em termos naturalmente diversos, também neste caso a representação de ambientes e episódios bíblicos é tributária de uma observação já remota (Eça visitara o Médio Oriente em fins de 1869), observação que vem a ser completada com a consulta, que se imagina muito aturada, de materiais bibliográficos, em articulação com muitas outras leituras, propriamente literárias⁷⁴.

3.5. Voltando a *O Crime do Padre Amaro* e à sua génese: a apreciação, em muitos aspectos definitiva, das conexões do *Crime* com *La Faute de l'Abbé Mouret*, encontra-se no trabalho de Alberto Machado da Rosa, trabalho ainda hoje de capital importância, que curiosamente toma como eixo de reflexão as relações de Eça não com Zola, mas com Machado de Assis. No que a essas relações diz respeito, a explanação levada a cabo por Machado da Rosa, em sucessivas etapas, é a seguinte: Eça tem razão

⁷³ Analisámos já esta questão em «Escrita literária e posteridade cultural. Sobre a Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós», in *Actas do 4.º Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*, Lisboa/Porto/Coimbra, Lidel, 1995, especialmente pp. 797-800; cf. também C. Reis e M. do Rosário Milheiro, *A Construção da Narrativa Queirosiana*, ed. cit., pp. 287 e segs. Provavelmente foi Cláudio Basto quem pela primeira vez (embora de forma muito fugaz) notou os aspectos parodísticos (que são também auto-parodísticos, segundo pensamos) da escrita da novela histórica, n'*A Ilustre Casa de Ramires* (cf. C. Basto, *Foi Eça de Queirós um plagiador?*, ed. cit., pp. 35-36).

⁷⁴ Esta é matéria que aqui não pode ser aprofundada. Registe-se, ainda assim, o seguinte: que a consulta a que nos referimos traduz um trabalho quase de erudito, atestado em correspondência de Eça para o Conde de Ficalho, a 15 de Junho de 1885 e para Mariano Pina, a 18 de Julho do mesmo ano (cf. respectivamente: *Correspondência*, ed. cit., p. 265; *Colóquios/Letras*, 109, 1989, p. 81); cf. ainda Cláudio Basto, *op. cit.*, pp. 57 e segs. Por sua vez, Jean Girodon, num artigo de consulta ainda muito útil, revelou fontes literárias de que Eça se terá servido, motivado pela viagem ao Oriente (cf. «O Egipto d'Eça de Queirós», in *Bulletin des Études Portugaises et de l'Institut Français-au Portugal*, vol. xxx, 1959-1960, pp. 129-186). A vivência «orientalista» de Eça foi analisada por Luís M. de Araújo no extenso trabalho *Eça de Queirós e o Egipto Faruquico*, Lisboa, Caminho, 1988; cf. também Isabel Pires de Lima, «L'imaginaire oriental chez Flaubert et Eça de Queirós: — le voyage en Egypte», in *Intercâmbio*, 2, 1992, pp. 19-33.

quando, em termos polémicos, reclama a impossibilidade de o primeiro *Crime* ser «imitação» de *La Faute*; Eça, contudo, manipula os dados da questão, pois que não é a este, mas ao segundo *Crime* (de 1876) que a crítica machadiana se refere⁷⁵; ora, neste segundo *Crime*, sublinha Machado da Rosa (como já outros o haviam feito), a presença do romance de Zola é incontestável; para além disso — e chega-se aqui ao fulcro do estudo de Machado da Rosa —, a terceira versão d'*O Crime do Padre Amaro* (e até a obra queirosiana do escritor, na sua evolução subsequente) beneficia decisivamente da intervenção machadiana, no que toca à superação de um Naturalismo áspero e militante⁷⁶.

Não se trata, por agora, de fazer o confronto dessas versões, de resto longamente aduzido e perspicazmente comentado no livro de Machado da Rosa. Trata-se, sim, de chamar a atenção para o significado de outras relações literárias ali sublinhadas, para além do diálogo Eça/Zola, relações que emergem de forma mais acentuada, sobretudo quando se trata de refazer *O Crime do Padre Amaro*, para o publicar na terceira versão. Primeiro em Newcastle, depois em Bristol, Eça, pode dizer-se, aprofunda o seu conhecimento da Literatura Inglesa (provavelmente de novo com a ajuda da *Histoire de la Littérature Anglaise* de Taine, obra que era sua velha conhecida), que só agora começa a atravessar de forma consequente a crosta de francesismo depois recordada no texto «O 'Francesismo'», postumamente aparecido nas *Últimas Páginas* (1912); e no decurso desse aprofundamento, Dickens assume uma importância crescente na memória literária do romancista, que várias vezes o refere nas suas cartas: a Ramalho Ortigão a quem fala «da terra onde tenho Carlyle, o nobre Macaulay, Thackeray, *semideus*, e Dickens, *Deus e semi*», e da «violenta concepção de Dickens»; a Silva Pinto, a quem menciona os seus três mestres, Balzac, Dickens e Flaubert; de novo a Ramalho, quando volta a emparelhar Balzac, «o maior criador de humanidades deste século», com «o divino Dickens que escreveu 'David Copperfield'»⁷⁷.

⁷⁵ Cf. A. Machado da Rosa, *Eça, discípulo de Machado?*, ed. cit., pp. 27-38.

⁷⁶ Cf. o capítulo xix da obra de Machado da Rosa, a que voltaremos mais adiante.

⁷⁷ Cartas da época em que Eça se encontrava em Newcastle, inseridas na *Correspondência*, ed. cit., pp. 91-92, 119 e 169. Note-se que não estão aqui em causa as imagens ou referências inglesas (designadamente linguísticas) na sua obra; na sua dissertação de doutoramento, Américo Guerreiro de Sousa estudou estas imagens, bem como a utilização por Eça de expressões em inglês (imagens e expressões, diga-se de passagem, quase sempre algo estereotipadas), sem, contudo, transcender o plano das referências explícitas: «I read many thousands of pages of Victorian literature in the hope of finding signs of English influence on Eça's writings, but only found similarities which may be incidental. There is very little that can be considered as obvious and direct influence [...]» (*English References in the Fiction of Eça de Queiroz*. A thesis for the degree of D. Phil. submitted to Oxford University; 1987, p. 211).

Torna-se necessário, contudo, precisar o tipo de influência que Eça recebe de Dickens, até para a distinguirmos do que ocorre em relação a outros vultos de referência literária, pontualmente utilizados como fontes, o que particularmente seria facilitado quando estavam em causa escritores franceses: no caso destes, Eça convivía com uma língua literária que lhe era muito mais familiar e também, não o esqueçamos, linguística e estilisticamente mais próxima da língua portuguesa. Em relação a Dickens, as coisas passavam-se de forma diversa, mas não por isso menos significativa e consequente, conforme pertinentemente notou Machado da Rosa: «A influência de Dickens em Eça não [sendo] difusa, nem indefinível, como geralmente se supõe», também não se traduz na apropriação transtextual que episodicamente se observa no segundo *Crime*, quando o confrontamos com *La Faute de l'Abbé Mouret*; laborando nos termos mais serenos e ponderados que o seu amadurecimento literário pressupõe, Eça relaciona-se com o autor de *David Copperfield* de forma, por assim dizer, selectiva: «De Dickens desprezou a retórica por vezes tão digressiva e pesada; os excessos do sentimentalismo, tão enfáticos, piegas e frequentes; a irremediável falta de equilíbrio, tão desastrada em tantos dos seus livros. Desprezou tudo isso, e muito mais. Mas nunca se afastou de Dickens naquele espírito evangélico (como ele próprio o chamava) de incondicional simpatia por todos os que sofrem e se desesperam. [...] O romance de Dickens constitui não só um acto de civismo mas também, graças ao *humour* e à ironia, um rumo artístico genialmente traçado. Essa orientação foi a maior dívida de Eça de Queirós para com Charles Dickens»⁷⁸.

O que aqui se vai sugerindo é o progressivo afastamento queirosiano em relação ao que acima chamámos Naturalismo áspero e militante, alvo da crítica de Machado de Assis. Uma superação que há-de ser ponderada também (como se verá) em termos ideológicos, mas que agora deve ter em conta uma outra presença literária em Eça: a presença de Flaubert, mais antiga e profunda do que a de Dickens e também (certamente por isso mesmo), bem mais contemplada pela crítica e história literária que

⁷⁸ Cf. A. Machado da Rosa, *Eça, discípulo de Machado?*, ed. cit., pp. 142 e 151-152. Perante estas palavras de M. da Rosa, parecem inteiramente descabidas apreciações como as formuladas por Álvaro Pina em «Eça de Queiroz e George Eliot: um problema de leitura crítica», in *Revista da Faculdade de Letras*, 5.ª série, n.º 11, Junho de 1989, pp. 43-44. Por outro lado, o passo citado traduz uma óbvia diferença de juízo, relativamente às seguintes palavras de Américo Guerreiro de Sousa: «The evidence provided by Eça's use of English writers' names in his fiction points out to the conclusion that, rather than openly revealing some literary influence on the Portuguese writer, they are confined to the role they play in the diegesis: they are used as elements in the characterisation of the personae, to show their culture, their dignity or their ignorance and stupidity (this being the case of Sousa Neto, who did not know of the existence of English literature)» (op. cit., p. 218).

dos primeiros romances queirosianos se tem ocupado⁷⁹. Curiosamente, na sua análise, Machado da Rosa não opera uma distinção que aqui nos parece essencial, até para confirmarmos a dimensão das projecções flaubertianas nos textos queirosianos: que este Flaubert é bem diferente de um outro (o de *Salammbô*, que Eça comentava nos «Poetas do Mal», da *Gazeta de Portugal*), assimilado em tempo de juvenis entusiasmos românticos e superado (mas não definitivamente cancelado) quando da conferência do Casino Lisbonense, momento decisivo de depuração de atitudes ideológicas em que terá emergido o Flaubert de *Madame Bovary*⁸⁰.

Seja como for, parece facilmente aceitável que a evolução d'*O Crime do Padre Amaro*, naquilo que tem de progressiva afirmação do Realismo de costumes e de interesse por componentes de natureza psicológica, pode ser conexas com Flaubert; mas pode sê-lo a partir de uma perspectiva de confrontação que tenha em conta procedimentos e domínios de representação literária, mais do que coincidências textuais: «ao magistério de Flaubert», nota Machado da Rosa com um poder de síntese admirável, «ficou Eça devendo [...] o estudo do que ele chamou 'o mecanismo das paixões humanas', isto é, a análise psicológica dos caracteres. [...] Tomando como ponto de partida o caso de Ema Bovary, sobretudo depois do *Crime* de 1876, o ficcionista põe todo o esmero em captar, por vezes com excessiva minúcia, as flutuações e as racionalizações dos sentimentos das personagens principais. Sob esse aspecto, o *Crime* de 1880, fiel à mesma linha flaubertiana, desenvolve largamente a versão de 1876, ganhando em calor e fundura o que perde em frieza e superficialidade»⁸¹.

Note-se o alcance destas palavras: elas apontam no sentido de que a presença de Flaubert (e de *Madame Bovary*) em Eça não se reduz à óbvia tematização do bovarismo n'*O Primo Basílio*. Por outro lado, deve chamar-se ainda a atenção para o seguinte: as incidências de *Madame Bovary* n'*O Crime do Padre Amaro* podem verificar-se também pela interferência, no romance queirosiano, de episódios que nele ressoam, no que

⁷⁹ Cf. C. Reis, «Leituras de Flaubert em Eça», in *Coespção da Irina*, Coimbra, INIC/Centro de Literatura Portuguesa, 1982, pp. 131-136, onde são comentados contributos de Castelo Branco Chaves, Jean Girton, Pierre Hourcade, António Sérgio, João Medina e Mário Sacramento; a estes devem acrescentar-se ainda estudos de James R. Stevens («Eça e Flaubert», in *Luso-Brazilian Review*, vol. 18, 1, pp. 47-61), Roger Bizmat («Os Maias: imitação flaubertiana, ou recriação?», *Colóquio/Letras*, 69, 1982, pp. 20-28) e Isabel Feres de Lima («L'imaginaire oriental chez Flaubert et Eça de Queirós: le voyage en Égypte», in *Intercâmbio*, 2, 1991, pp. 19-33), bem como a dissertação de Dominique Sire, «*Madame Bovary* de Gustave Flaubert et «*O Primo Basílio*» de Eça de Queirós (Universidade de Paris, 1971). A diversos destes trabalhos referimo-nos já noutros momentos desta introdução.

⁸⁰ Cf. *infra*, p. 56.

⁸¹ A. Machado da Rosa, *op. cit.*, p. 295.

toca à sua funcionalidade específica, mais do que a reflexos propriamente textuais. Veja-se, a este propósito, a discussão de M. Homais com o padre Bournisien, perante o cadáver de Emma (capítulo IX, III parte de *Madame Bovary*) e confronte-se essa discussão com a que se encontra no capítulo XXIII d'*O Crime do Padre Amaro* (3.ª versão), entre o dr. Gouveia e o abade Ferrão.

3.6. Sintetizemos o que até agora foi exposto, quando está em causa a relação de génese d'*O Crime do Padre Amaro* com outros textos e em especial com *La Faute de l'Abbé Mouret*: aceita-se aqui (com Alberto Machado da Rosa e com outros que antes dele o apontaram, em termos menos argutos) que Eça conheceu e certamente apreciou *La Faute de l'Abbé Mouret*; aceita-se igualmente (e julgamos que isso mesmo ficou demonstrado) que, na segunda versão, Eça aproveitou de *La Faute* episódios de descrição «técnica», como a missa e o enterro, episódios que pertencem, afinal, à liturgia católica, mais do que a Zola; ao mesmo tempo, acentuou, nessa segunda versão, o método naturalista até ao limite do chocante, de um modo que, entretanto, se não encontra em *La Faute de l'Abbé Mouret*⁸²; o que significa que, além do diálogo estabelecido com o texto de Zola — tendo que ver com os passos analisados, muito mais do que com a estrutura da acção ou com a configuração das personagens —, importa ter em conta, para explicarmos a génese d'*O Crime do Padre Amaro*, o peso de factores de natureza ideológica. São eles que verdadeiramente interessam aqui e não tanto a indagação de vestígios de leitura explicitados em indesmentíveis afinidades textuais, favorecidas por uma certa propensão queirosiana para cultivar uma espécie de mimetismo estilístico para com os escritores que lia e admirava — propensão que intuímos, mas não procuramos demonstrar.

É já em função do destaque que deve caber à instância ideológica que é necessário relacionar *O Crime do Padre Amaro* com um outro romance de Zola, quase nunca mencionado pelos estudiosos desta matéria: *La Conquête de Plassans*. A este propósito pode mesmo dizer-se que *La Faute de l'Abbé Mouret* tem ocupado, na preocupação dos comentadores

⁸² Um passo do texto (já aqui citado) que Ramalho Ortigão consagrou a *O Crime do Padre Amaro* dá conta desta intensificação paracientífica da análise das personagens e seus comportamentos: «O desenho dos caracteres e principalmente o das duas personagens principais sobre que versa o drama, o padre Amaro e Amélia, é deduzido com o mais científico rigor da diagnose num caso de patologia psíquica» (*As Furças*, ed. cit., tomo IX, p. 231).

(e no zelo anti-plagiário de alguns deles), um lugar excessivo, quando comparado com este muito menos conhecido romance de Zola⁸³.

Publicado em 1874 (primeiro em folhetim, no jornal *Le Siècle* de Paris, logo depois em volume), *La Conquête de Plassans* é, no conjunto dos *Rougon-Macquart*, o volume anterior a *La Faute de l'Abbé Mouret*, nele surgindo o jovem Serge Mouret na época da sua vida em que é encaminhado para o seminário. Tal como *O Crime do Padre Amaro*, *La Conquête de Plassans* contempla também o mundo clerical, centrando-se a história na figura do padre Faujas: personalidade fechada e algo enigmática, o padre Faujas surge na acção como o eclesiástico calculista que a pouco e pouco vai conquistando um meio que inicialmente lhe era hostil. Assim, na provinciana cidade de Plassans, o padre assume um papel claramente dominador: trata-se, no plano político, de usar a influência religiosa para subverter o poder legitimista que controla Plassans, mas trata-se também de subjugar uma figura feminina, Marthe Rougon, mãe de Serge, em casa de quem Faujas e sua mãe se encontram hospedados. A relação de supremacia psicológica (esvaziada, contudo, de sensualidade) que Faujas mantém com Marthe acaba por se revelar profundamente depressora para a mulher, por fim conduzida à morte.

Já pelo que aqui fica muito sumariamente descrito, parecem evidentes as concordâncias temáticas d'*O Crime do Padre Amaro* — designadamente a segunda e a terceira versões — com *La Conquête de Plassans*. O que se destaca nessas concordâncias (que já de si sugerem convergências de ordem ideológica) é a caracterização, comum aos dois romances, de um ambiente de província, marcado por intenso envolvimento clerical; a criação de uma atmosfera atravessada pelas intrigas do clero e pelas cumplicidades que este alimenta com o poder político; a tendência, também semelhante em ambos os textos, para a tipificação dos padres, ilustrando diversas facetas (quase sempre negativas) do clero; a forma equívoca como o padre se insinua na vida doméstica da família em que é acolhido; a humilhante situação de submissão da mulher ao ascendente não só espiritual, mas também temporal, do

⁸³ Curiosamente, foi um importante romancista espanhol da primeira metade deste século, Ramón Pérez de Ayala, quem chamou a atenção para isto mesmo: «Se acusó a Eça de Queiroz de haber plagiado su novela de otra de Zola, *La faute de l'abbé Mouret*. Era una ineptia la acusación. A pesar de la similitud del título, ninguna otra cosa tienen de semejante ambos libros. [...] Pero lo probable, lo cierto es que el libro de Eça de Queiroz no se hubiera escrito sin la existencia previa de otra novela de Zola, *La conquête de Plassans*, costumbres clericales en una ciudad provinciana. La inspiración de Eça de Queiroz en Zola es evidente» (*Más divagaciones literarias. Obras completas*, IV, Madrid, Aguilar, 1969, p. 1181). Noutros casos, a crítica espanhola procurou associar *La Regenta* de Clarín aos romances de Eça e de Zola: «Amaro es tan ambicioso como el cura de Plassans y como lo será el Magistral de Vetusta» (G. Sobejano, *Clarín en su obra ejemplar*, Madrid, Castalia, 1985, p. 138); cf. também a introdução de Juan Oleza a *La Regenta* (7.ª ed., Madrid, Castalia, 1993, 1 vol., pp. 97-98).

padre, submissão acentuada pela confissão e sublimada em excessos de vivência mística, no limiar da histeria. Lê-se no capítulo xvii de *La Conquête de Plassans*: «Elle était d'une obéissance absolue, ne cherchant pas à comprendre, répétant ce qu'il la priait de répéter»; e logo depois: «Il ne prenait même plus aucune précaution avec elle, lui faisait crûment sa leçon, se servait d'elle comme d'une pure machine. Elle aurait mendié dans les rues, s'il lui en avait donné l'ordre⁸⁴». Dir-se-ia que o Dr. Gouveia, ao declarar a João Eduardo, no final do capítulo xiii da 3.ª versão d'*O Crime do Padre Amaro*, que «o bom católico, como a tua pequena, não se pertence; [...] o seu cura pensa, quer, determina, sente por ela», não tem em mente apenas o que conhece da vida de Leiria — mas também a deprimente lição da vida de Plassans e da relação do padre Faujas com Marthe.

Talvez as afinidades que ficaram expressas não sejam suficientes para pressupor o conhecimento, por parte de Eça, do romance de Zola — se é que o apuramento desse conhecimento é possível e pertinente; talvez sejam insignificantes ainda outras semelhanças de pormenor entre os dois romances, como o facto de, em ambos, o aluguer da casa que acolhe o padre ser tratado por um outro eclesiástico (o padre Bourrette em *La Conquête de Plassans*, o cônego Dias n'*O Crime do Padre Amaro*). Pensamos, entretanto, que são bem mais significativas outras (e inegáveis) concordâncias, estas de ordem funcional e estrutural.

Assim, no capítulo v de *La Conquête de Plassans*, o narrador desloca o ponto de vista narrativo para a focalização interna da personagem Mouret, que à distância observa o diálogo de dois padres, Faujas e Bourrette, diálogo que aquela personagem naturalmente não consegue ouvir, mas apenas conjecturar. Como que aprofundando o hábil procedimento técnico assim instituído pelo texto de Zola, o narrador d'*O Crime do Padre Amaro* (3.ª versão) instaura, no início do capítulo xi, uma focalização interna múltipla: os empregados da administração «em grupo, de olho arregalado, observavam os dois padres que tinham parado à esquina da igreja». Tal como no romance de Zola, concretiza-se um idêntico efeito de observação distanciada, como idêntica é a tentativa para adivinhar o teor da conversa dos dois sacerdotes (Natário e Silvério), a partir dos seus gestos. Não é apenas a semelhança da situação que dá que pensar, mas também o facto de ela ser valorizada pela articulação da focalização interna com a fixação do olhar no exterior das personagens observadas.

⁸⁴ É. Zola, *La Conquête de Plassans*, Lausanne, Éditions Rencontre, s/d., p. 289.

Mais flagrante ainda é a sintonia dos comportamentos descritos nos capítulos XI e II dos dois romances em causa. Tão flagrante, que merece ser colocada em confrontação directa, até por em ambos os textos os micro-episódios em questão surgirem no lugar estratégico que é o final do capítulo:

Il se rendormit, mâchant des lambeaux de phrases. Marthe, les yeux grands ouverts, regardait en l'air, suivait au plafond, éclairé par la veilleuse, le frôlement des pantoufles de l'abbé Faujas, qui se mettait au lit⁸⁵.

Amaro abriu o seu Breviário, ajoelhou aos pés da cama, persignou-se; mas estava fatigado, vinham-lhe grandes bocejos; e então por cima, sobre o tecto, através das orações rituais que maquinalmente ia lendo, começou a sentir o tic-tic das botinas de Amélia, e o ruído das saias engomadas que ela sacudia ao despir-se⁸⁶.

Ainda uma outra confrontação, que lembra episódios já aqui comentados: no início do capítulo XV de *La Conquête de Plassans*, Mme. Paloque observa a confissão de Marthe, tal como, no romance de Eça, D. Josefa Dias, no final do capítulo XII, acompanha a confissão de Amélia; de novo contempladas do exterior pela focalização interna daquelas personagens, Marthe e Amélia deixam perceber apenas, a quem as vê (e, extensivamente, ao leitor), a emocionada concentração suscitada por um acto de evidente relevância na vida afectiva de ambas. O que, por fim, permite que as personagens sujeitas a observação sejam representadas de forma muito aproximada:

Mme. Paloque s'était rapprochée, allongeant le cou; mais elle ne vit que la robe sombre de la pénitente qui débordait et s'étalait⁸⁷.

Depois D. Josefa, voltando-se para o confessor, espreitou por entre os dedos; Amélia conservava-se imóvel, com a mantilha muito puxada para o rosto, a roda do vestido negro espalhada em redor⁸⁸.

Repita-se o que ficou já dito: não interessa tanto apontar aqui, com minúcia e severidade, eventuais semelhanças propriamente textuais, sejam elas lexicais, imagísticas ou outras⁸⁹; interessa, isso sim, notar que em

⁸⁵ É Zola, *La Conquête de Plassans*, ed. cit., p. 187.

⁸⁶ Citamos o texto da 3.ª versão, que altera apenas alguns pormenores o da 2.ª versão.

⁸⁷ *La Conquête de Plassans*, ed. cit., p. 237.

⁸⁸ O episódio da confissão, no texto da 3.ª versão que aqui citamos, altera substancialmente o da 2.ª versão, onde o diálogo entre Amaro e Amélia é inteiramente reproduzido, em detrimento do procedimento de focalização analisado. Deste modo, a atenuação, na 3.ª versão, do que havia de chocante no episódio da 2.ª versão foi conseguida por meio do mesmo procedimento técnico de «distanciamento» utilizado por Zola.

⁸⁹ E não porque não faltasse matéria para isso: os comentadores que se afadigaram a descobrir passos que Eça teria colhido em Zola (e noutros) poderiam, por certo, apontar o seguinte, também nos episódios das confissões: «[Marthe] faisait une masse noire contre la blancheur d'un pilier» (*La Conquête de Plassans*, p. 234); «Amélia ainda estava ajoelhada, fazendo um vulto negro imóvel contra o pilar branco» (*O Crime do Padre Amaro*, 3.ª versão).

diversas situações e tendo em atenção as soluções técnico-narrativas que as configuram, são evidentes as convergências de processos e de propósitos nos dois romances. O que vem harmonizar-se com o que também observámos já: que, do ponto de vista dos conteúdos diegéticos, *O Crime do Padre Amaro* revela mais afinidades com *La Conquête de Plassans* do que com *La Faute de l'Abbé Mouret*. Significa isto que Eça leu (e releu) *La Conquête de Plassans* e colheu no modelo de Zola sugestões temáticas e técnico-narrativas para o seu romance, adoptadas sobretudo na 2.ª e na 3.ª versão? E que, a ser assim, deve deslocar-se para *La Conquête de Plassans* a suspeição de plágio que incidia sobre *La Faute de l'Abbé Mouret*? De novo não é exactamente isso que está em causa, embora a precedência do romance de Zola em relação ao de Eça dê que pensar.

La Conquête de Plassans teve, no seu tempo, um acolhimento muito discreto, traduzido em silêncio da crítica e em escassa procura por parte do público⁹⁰. Não custa a crer que o romance tenha sido ignorado em Portugal (e também no Brasil), o que explica que as acusações de plágio feitas a Eça tenham contemplado apenas *La Faute de l'Abbé Mouret*, obra (essa sim) com grande projecção pública e de título obviamente tentador para alimentar essas acusações⁹¹. Isso não impede que um Eça sempre muito atento à vida literária francesa e vivendo no estrangeiro tenha conhecido *La Conquête de Plassans*, interessado (como decerto estaria) nas manifestações de uma nova estética que militantemente adoptava como sua. E o facto de, nos textos que consagrou às agruras de composição e à recepção d'*O Crime do Padre Amaro*, Eça não se referir ao romance de Zola nada quer dizer: não era a ele que competia expor à gula dos que o acusavam os textos da sua (suposta) predilecção...

3.7. A partir do que aqui fica, é possível agora deslocar a reflexão sobre a génese d'*O Crime do Padre Amaro* para o terreno ideológico. Nesse plano, existem sintonias muito claras entre *La Conquête de Plassans* e *O Crime do Padre Amaro*: questões melindrosas como o poder tem-

⁹⁰ Cf. o prefácio de Henri Guillemin (pp. 21-22) à edição de *La Conquête de Plassans* que temos utilizado.

⁹¹ Certamente por isso, a dissertação de Monique Benoît, *Le prêtre dans La Faute de l'Abbé Mouret et O Crime do Padre Amaro d'Eça de Queiroz* (tese de «maltrise» apresentada à Univ. de Nantes; 1968) gira em torno do eixo *La Faute/Crime*, procurando evidenciar as diferenças entre os dois romances, muito mais do que as suas afinidades; curiosamente, apesar de se referir de modo esporádico a *La Conquête de Plassans*, a autora tem em conta apenas a precedência desta obra em relação a *La Faute de l'Abbé Mouret* e não valoriza as suas relações com *O Crime do Padre Amaro*.

poral do clero, a submissão da mulher a esse poder ou a instrumentalização da confissão são, afinal, comuns a Plassans e à Leiria que Eça bem conhecera. Que o mesmo é dizer: se *La Conquête de Plassans* pôde cativar a atenção de Eça e estimular a reescrita d'*O Crime do Padre Amaro*, isso aconteceu certamente porque no escritor português existia já uma predisposição ideológica que o orientava nesse sentido. Com efeito, a reflexão crítica requerida pelas questões privilegiadas por *La Conquête de Plassans* era catalisada por solicitações e estímulos anteriores tanto à experiência de Leiria como à (eventual) leitura do romance de Zola — fosse ele *La Conquête de Plassans* ou *La Faute de l'Abbé Mouret*⁹².

Antes disso, encontra-se Antero de Quental, a sua militância ideológica e a sua motivadora liderança, muito activas, conforme se sabe, no final dos anos 60 e no início dos anos 70. A essa época reporta-se o bem conhecido e já aqui citado testemunho queirosiano sobre o poeta das *Odes Modernas*; condicionado embora pela reserva de distanciamento temporal e de alguma ironia a que já fizemos menção⁹³, esse testemunho revela-se-nos um dos poucos textos autobiográficos que de Eça se conhecem. É nele que emerge uma atmosfera cultural dominada por referências literárias, atitudes éticas e opções axiológicas que remetem para o discurso ideológico queirosiano, enunciado nos anos de escrita, transformação e fixação d'*O Crime do Padre Amaro*.

Note-se, entretanto, que se aludimos, numa formulação deliberadamente difusa, à *atmosfera cultural* que enquadra a génese d'*O Crime do Padre Amaro*, fazêmo-lo exactamente para que não fique sugerida uma qualquer dependência ideológica linear entre Eça e Antero. Conforme anteriormente notámos, o episódio da publicação da primeira versão d'*O Crime do Padre Amaro* deixa transparecer diferenças importantes entre ambos, reclamando-se Eça de um amoralismo que Antero não parecia capaz de acompanhar.

Não se trata aqui, portanto, de estabelecer, a partir de «Um Génio que era um Santo», uma esquemática relação de causa-efeito, partindo-se

⁹² Num ensaio de 1936 e reportando-se de forma muito breve apenas a *La Faute de l'Abbé Mouret*, Pierre Hourcade sugere: «Quando muito, pode-se supor que a leitura do quinto volume da série dos *Rouges* serviu para cristalizar no seu [de Eça] espírito os elementos da criação romanesca até ali incoordenados» (*Temas de literatura portuguesa*, Lisboa, Moraes, 1978, p. 73); aquilo a que Hourcade chama, de forma muito vaga, «elementos da criação romanesca» são também os componentes ideológicos que o discurso do romance incorpora e elabora literariamente.

⁹³ Cf. *supra*, p. 16.

da liderança de Antero para directamente se chegar a um certo romance que é *O Crime do Padre Amaro*; assim se abriria caminho a um comportamento interpretativo que privilegiaria o romance como entidade *já consumada*, comportamento que não cabe a este estudo, que não é de interpretação, mas de explicação genética. Por outro lado, a formação ideológica de um escritor (e não só a de um escritor, poderia acrescentar-se) não se processa de forma homogénea ou isenta de contradições, nem resulta necessariamente de um programa regular e metodicamente aplicado; essa é uma imagem quase sempre simplificada, favorecida pelo nosso distanciamento, mas não caucionada por uma leitura metodologicamente exigente. Se acima utilizámos a expressão *discurso ideológico*, foi exactamente por pensarmos que, de um ponto de vista ideológico, importa explicar a génese d'*O Crime do Padre Amaro* num enquadramento mais amplo do que o permitido pela referida relação causa-efeito, da ideologia para a criação literária.

Quando falamos em *discurso ideológico* e particularmente em discurso ideológico queirosiano, pensamos em enunciados literários e em enunciados não-literários (em romances, em folhetins, em cartas públicas, em cartas privadas, em polémicas, em prefácios, etc.), em que é possível rastrear sentidos ideológicos muitas vezes representados de forma sinuosa; mas pensamos também no processo de inscrição desses enunciados num corpo social de amplitude transindividual que, como tal, transcende o arbítrio e as decisões individualizadas do sujeito ideológico. Do ponto de vista de uma teoria materialista do discurso que julgamos teoricamente válida neste contexto, deve, então, insistir-se na noção de que um *discurso ideológico* é enquadrado «dans une formation idéologique donnée, c'est-à-dire à partir d'une position donnée dans une conjoncture donnée déterminée par l'état de la lutte des classes»; assim se define, nas palavras de Michel Pêcheux, «*ce qui peut et doit être dit* (articulé sous la forme d'une harangue, d'un sermon, d'un pamphlet, d'un exposé, d'un programme, etc.)»⁹⁴.

Nos anos 70 em que escreve e reescreve *O Crime do Padre Amaro*, o discurso ideológico queirosiano — e o romance em causa constitui um seu componente fundamental — remonta, em termos alargados, a posições consolidadas a partir das Conferências do Casino; em termos mais restritos, o discurso ideológico queirosiano é tributário de um anticlericalismo

⁹⁴ Cf. M. Pêcheux, *Les vérités de La Palice. Linguistique, sémantique, philosophie*, Paris, F. Maspero, 1979, pp. 144-145. A extensa problemática teórica subjacente às posições citadas encontra-se desenvolvida em C. Reis, *Para una semiótica de la ideología* (Madrid, Taurus, 1987, sobretudo capítulo 1), reajustado em *id.*, *Towards a Semiotics of Ideology*, Berlin/New York, Mouton de Gruyter, 1993.

relacionável ainda com as posições referidas, mas concretiza-se em diversos outros discursos ideológico-artísticos que envolvem o escritor Eça de Queirós. Esse envolvimento tem que ver, obviamente, com a localização propriamente física de Eça; embora vivendo no estrangeiro, o sujeito ideológico de que aqui se fala permanece por diversas formas (cartas, leituras literárias, imprensa, viagens episódicas, etc.) imerso numa certa pluridiscursividade de coloração ideológica⁹⁵, em que ressoam ainda os ecos programáticos das Conferências do Casino e as suas sequelas.

3.8. Seguramente relevante nesse cenário pluridiscursivo, era já, nos anos 70, a presença do positivismo. O que ele traz consigo é a adesão a uma crença no poder da ciência e na sua capacidade de resolver os problemas da sociedade, na linha de um racionalismo directamente articulado com o incremento das ciências exactas; o que significa que, por assim dizer *aquém* da possível projecção do pensamento positivista na criação literária queirosiana (um pensamento que, para mais, perdeu unidade quando adoptado pelos discípulos de Comte), situa-se o fundamental de uma atitude epistemológica socialmente orientada e com ecos seguros em Portugal.

Trata-se agora de postular «a objectividade da realidade social como um todo autónomo e auto-suficiente», ao mesmo tempo que se negam «as concepções individualístico-atômísticas da sociedade, já que a possibilidade da sua cientificação implica a existência de relações objectivas, isto é, de regras e de constantes», de tal modo que «só a credibilidade ou existência de estruturas trans-subjectivas poderia criar a expectativa da apropriação cognitiva da sociedade»⁹⁶. Uma tal filosofia do conhecimento acaba por se completar, superando a rigidez das posições comteanas, com a aceitação de teorias, disciplinas e correntes de pensamento que igualmente reclamavam uma cientificidade de teor racionalista e antimetafísico: a fisiologia, a antropologia darwinista, o evolucionismo spenceriano, o pensamento de Stuart Mill, o determinismo de Taine, etc., etc.⁹⁷.

⁹⁵ A pluridiscursividade de que aqui se fala decorre, conforme escreveu Bakhtine, da «coexistência de contradicções socio-ideológicas entre el presente y el pasado, entre las diferentes épocas del pasado, entre los diferentes grupos socio-ideológicos del presente, entre corrientes, escuelas, círculos, etc.» (*Teoría y estética de la novela*, Madrid, Taurus, 1989, p. 108).

⁹⁶ Fernando Catroga, «Os inícios do positivismo em Portugal. O seu significado político-social», in *Revista de História das Ideias*, 1, 1977, p. 292; noutro passo deste seu extenso e circunstanciado estudo, Catroga sublinha que a necessidade do positivismo entre nós relaciona-se com «o aparecimento de crises ligadas não tanto à luta contra o Antigo Regime, mas ao próprio desenvolvimento capitalista, para se produzir a conjuntura socioeconómica que levasse à necessidade de se estudar cientificamente os fenómenos sociais» (pp. 308-309).

⁹⁷ Conforme afirma Fernando Catroga, esta derivação heterodoxa do positivismo português acabou por conduzir ao republicanismo, manifestando-se entre nós logo em meados dos anos 60 do século XIX: é então que Ermídio Garcia orienta o seu magistério pela «interpretação heterodoxa do pensamento comteano» e influencia

Curiosamente, na sua conferência do Casino Lisbonense, Eça parece ter adoptado uma perspectiva de reflexão que contemplaria não tanto o positivismo comteano em si mesmo, mas antes o determinismo de Taine e o experimentalismo de Claude Bernard⁹⁸. A importância que Eça terá conferido a causas permanentes e a causas acidentais que facultassem a explicação adequada para certos fenómenos artísticos tem um sabor inequivocamente tainiano e decorre de um raciocínio marcadamente determinista; é esse raciocínio (ou muito aproximado) que Taine explana e procura aplicar na sua *Histoire de la Littérature Anglaise* (1865), em que consabidamente afirma a relevância da acção conjugada do meio, da raça e do momento histórico, difusamente patente também na *Voyage en Italie* de que Eça publicara longos extractos nas páginas d'*O Distrito de Évora*⁹⁹. Em paralelo, o culto da observação minuciosa de um fenómeno socialmente negativo como era o adultério, tal como Eça o encontra analisado em *Madame Bovary*, esse elogiado culto da observação parece remeter para a fisiologia de Claude Bernard. Note-se, aliás, que Zola, já depois da conferência de Eça e num conjunto de fundamentais postulações doutrinárias, expressa e desenvolvidamente estabelecerá o método de Claude Bernard como modelo de referência capital para o escritor naturalista, declarando que «le romancier est fait d'un observateur et d'un expérimentateur»¹⁰⁰.

A adesão a atitudes operatórias e a conteúdos axiológicos de índole racionalista não esgota, como é óbvio, o quadro ideológico em que se move

«profundamente muitos dos seus discípulos e leitores, ao mesmo tempo que concitava as iras polémicas dos defensores do ultramontanismo e do reaccionarismo tradicionalista» (F. Catroga, art. cit., pp. 316 e 317). Em nota, Catroga observa ainda que, «se se tem notado a presença de um misto de proudhonismo-positivista no Eça dos inícios da década de 70, não se tem sublinhado a influência do lente de Direito sobre o jovem romancista», acrescentando que «o seu cognívio intelectual foi intenso em Coimbra».

⁹⁸ Cf. C. Reis, *As Conferências do Casino*, ed. cit., pp. 135-142. Nos textos de evocação autobiográfica — em «Um Génio que era um Santo» e «O 'Francésismo'» —, Eça não se refere a Comte, mas apenas a Littré: «O que se lia [em Coimbra]? Só a França. Toda a França — desde Méry a Proudhon e desde Musset a Littré» (*Cartas e outros escritos*, Lisboa, Pub. Europa-América, s/d., p. 327).

⁹⁹ Numa das breves notas de apresentação da tradução de *Voyage en Italie*, escreve Eça: «As mais perfeitas [páginas] do livro são decerto as que falam do clima, da vida, das sensações que nascem daquela doce natureza; Taine compreendeu admiravelmente a raça meridional nos seus instintos, as suas necessidades simples, o seu espírito contemplativo, o seu amor da forma e da voluptuosidade delicada» (E. de Queirós, *Páginas de Jornalismo. «O Distrito de Évora» (1867)*; nota introdutória e revisão do texto por Aníbal Pinto de Castro, Porto, Lello, 1981, vol. II, p. 441).

¹⁰⁰ Zola, ainda que ideologicamente distanciado de Taine e recitente quanto ao seu cientismo, especifica depois comportamentos que vêm a desaguar em soluções também de teor determinista: «L'observateur chez lui [o romancista] donne les faits tels qu'il les a observés, pose le point de départ, établit le terrain solide sur lequel vont marcher les personnages et se développer les phénomènes. Puis, l'expérimentateur paraît et institue l'expérience, je veux dire fait mouvoir les personnages dans une histoire particulière, pour y montrer que la succession des faits y sera telle que l'exige le déterminisme mis à l'étude» (*Le roman expérimental*, Paris, Garnier-Flammarion, 1971, pp. 63-64).

Eça de Queirós, num tempo (que é, repete-se, sobretudo o dos anos 70) em que certamente eram ainda múltiplos os apelos de diversa proveniência. Um passo muito conhecido de «Um Génio que era um Santo» (esse em que se diz que «começámos à noite a estudar Proudhon, nos três tomos da 'Justiça e a Revolução na Igreja', quietos à banca, com os pés em capachos, como bons estudantes»¹⁰¹) alerta-nos para a presença do socialismo proudhoniano em Portugal, sobretudo a partir dos anos 70 e não raro em articulação com a crescente divulgação do ideário republicano.

Note-se, no entanto, que essa presença não era inteiramente original: desde meados do século, tinham vindo a ser criadas, no plano da reflexão doutrinária, condições para a difusão do socialismo em Portugal, por parte de um conjunto de pensadores que, na sequência da revolução de 1848 em França, difundiu, em jornais como o *Eco dos Operários*, um pensamento já de raiz socializante. Amorim Viana, Sousa Brandão, Henriques Nogueira, Custódio José Vieira, Lopes de Mendonça e outros são os responsáveis por essa difusão¹⁰²; mais tarde, com Antero e José Fontana, o socialismo de filiação proudhoniana transforma-se em referência incontornável, norteado «pela ideia de que era possível ao país uma profunda transformação das suas estruturas económicas, políticas, morais e sociais», a partir de «uma transmutação da consciência dos que acaso poderiam ser influenciados pela palavra oral ou escrita»¹⁰³. Isto mesmo declara-o com toda a nitidez Antero, insistindo na conjugação do socialismo com a moral: «Cousa alguma grande e duradoura se fundou ainda no mundo senão pela moral: e, se o socialismo tem de ser uma esplêndida realidade, só o será como um passo mais no caminho da evolução moral das sociedades»¹⁰⁴.

É difícil apurar, de forma precisa e objectiva, qual a efectiva importância do pensamento proudhoniano na formação do Eça realista, em convergência com outras correntes doutrinárias. Por um lado, falta-nos esse

¹⁰¹ Cf. *Notas Contemporâneas*, ed. cit., p. 268. Recorde-se que este comportamento estudioso vem introduzir uma certa disciplina na boémia romântica das «noitadas curtidas a vinho de Torres» (loc. cit.), mas também na juvenil e algo caótica formação coimbrã, evocada algumas páginas antes. Por aí se vê que, para além do que possa significar cada um dos nomes citados (Michelet, Hegel, Vico, Proudhon, Hugo, Balzac, Darwin, Heine, etc.), uma tal formação desenvolveu-se sob o signo de uma heterogeneidade ideológica que certamente se projecta para o futuro literário do jovem Eça.

¹⁰² Cf. Victor de Sá, *Perspectivas do Século XIX*, 2.ª ed., Porto, Limiar, 1976, pp. 201 e segs.

¹⁰³ A. Ferreira, *Estudos de Cultura Portuguesa. Século XIX*, Lisboa, Moraes Ed., 1980, p. 129.

¹⁰⁴ A. de Quental, *Prosa*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1931, vol. II, p. 141. Se é certo que o socialismo proudhoniano, conforme geralmente se reconhece, teve uma influência considerável na formação do ideário anterior, esse ideário vem, contudo, a ser completado por outras correntes de pensamento contemporâneas; notou-o também Fernando Catroga, num artigo em que chamou a atenção para a aceitação por Antero, desde meados dos anos 70, do biológico sociológico de Spencer e do chamado «socialismo catedrático» alemão, sempre projectado num fundo de preocupações éticas (cf. F. Catroga, «Filosofia e sociologia. A ideia anterior de socialismo», in *Vértice*, vol. XXI, 448, sobretudo pp. 300 e segs.).

precioso documento que seria a conferência sobre o Realismo, conferência certamente tocada também pelo autor de *Du principe de l'Art et de sa destination sociale* (isto já para não falarmos de outros materiais, por certo ainda mais reveladores, como manuscritos e biblioteca do escritor); por outro lado, os próprios testemunhos queirosianos (com realce para a intervenção no «In Memoriam» anterior) ressentem-se, com frequência, da tendência para a deformação subjectiva e paraficcional que é natural no artista que em Eça reconhecemos.

Não há dúvida, contudo, de que esta foi uma época de entusiástica e fulgurante reflexão ideológica, por parte desse grupo de intelectuais a que usualmente chamamos Geração de 70; uma geração que muito agudamente viveu «a noção do contraste entre o mundo civilizado e a pequena pátria degradada por três séculos de decadência»¹⁰⁵. Em parte polarizada pelo pensamento proudhoniano, essa reflexão ideológica é nesse aspecto dinamizada por Antero e aprofundada por um Oliveira Martins autor, no princípio dos anos 70, de uma *Teoria do Socialismo* (1872) e *d'O Socialismo em Portugal* (1873)¹⁰⁶; pelo que a Eça diz respeito, a já citada alusão a Proudhon que encontramos em «Um Génio que era um Santo» reporta-se, decerto com a ironia autocomplacente que o afastamento temporal consentia, a uma atitude mental que tenta disciplinar-se; mas assim se insinua também a dedicação algo forçada de quem se consagra ao estudo de um pensador por indicação alheia (de Antero, neste caso), pensador que, contudo, ao longo da vida acabaria por se manter uma referência regular, nos textos queirosianos¹⁰⁷. Motivação própria tinha sido,

¹⁰⁵ Jaime Cortesão, *Eça de Queirós e a questão social*, Lisboa, Portugalá, 1970, p. 39.

¹⁰⁶ Significativamente, Antero de Quental consagra um elogioso texto de apreciação à primeira daquelas obras de Oliveira Martins: «É um todo ordenado e sistemático, em que os factos e as ideias se encadeiam logicamente, convergindo para um centro comum, que é o ponto de vista superior que os abrange e explica a todos» (A. de Quental, *Primas Dispersas*; edição organizada por Ray Belo; Lisboa, Presença, 1966, p. 161). O labor ideológico da geração que se congregou numa «tertúlia ocidental» foi analisado por António José Saraiva em *A Tertúlia Ocidental. Estudos sobre Antero de Quental, Oliveira Martins, Eça de Queirós e outros*, Lisboa, Gradiva, 1990.

¹⁰⁷ Registrem-se alguns marcos (significativamente muito afastados no tempo) dessa «fidelidade»: em «Uma Carta» (a Carlos Mayer, de 1867), Eça recorda o tempo de Coimbra, em que «o grande espírito, hoje longe de nós, [...] explicava Proudhon, com a serena familiaridade dos sábios» (*Primas Bárbaras*, Lisboa, Livros do Brasil, s/d., p. 218); numa carta (de 1888) a Oliveira Martins, refere Proudhon *en passant* (também por isso a alusão é interessante) e completa: «Eu ainda vou em Proudhon» (*Correspondência*, ed. cit., 1.ª vol., p. 483); num texto (de 1892) sobre «Os grandes homens da França», alude ao «supremo paladino da razão contra a fé, o heróico Proudhon» (*Notas Contemporâneas*, ed. cit., p. 170); e em 1898, diz de Proudhon ser «um dos espíritos mais profundos, e decerto o mais lógico da revolução, o homem que na Igreja socialista tem a proeminência simultânea de um S. Tomás e de um Santo Agostinho» (*Notas Contemporâneas*, pp. 368-369). Pode notar-se que esta perseverança corresponde também, no Eça mais tardio, ao seu afastamento em relação ao ideário republicano, claramente divorciado do socialismo reformista (cf. A. Carvalho Homem, «O republicanismo e o socialismo», in *História de Portugal*; dir. de J. Mattoso; Lisboa, Círculo de Leitores, 1993, v. vol., pp. 246-250). A persistência de Proudhon como capital referência ideológica em Eça foi rastreada, entre outros, por Costa Pimpão em «O nacionalismo na obra de Eça de Queirós» (in *Escritos Diversos*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1972, pp. 564 e segs.) e por A. Campos Matos, no *Dicionário de Eça de Queirós*, 2.ª ed., Lisboa, Caminho, 1993, pp. 763-767.

até então, a que enleara o jovem Eça numa inconsequente boémia romântica ideologicamente algo dispersiva, porque atravessada por leituras e seduções de sinal muito distinto. Isto sem esquecermos um outro aspecto, virtualmente contraditório (mas esta não será a menor das contradições manifestadas no devir ideológico queirosiano), da aceitação por Eça do magistério proudhoniano e anteriano: é que nesse magistério ressoava com nitidez um ideário de matriz romântico-idealista que Antero, de resto, nunca superou. Uma matriz difícil de conciliar com um projecto literário de inclinação realista, o que inevitavelmente acabaria por gerar tensões patenteadas nos acidentes de percurso que afectaram as sucessivas versões d'*O Crime do Padre Amaro*¹⁰⁸.

Seja como for, é significativo que o Proudhon que aqui aparece mencionado seja precisamente o que se harmoniza com o anticlericalismo dominante em várias obras de Eça — e antes de todas n'*O Crime do Padre Amaro*. Por outras palavras: no que à génese d'*O Crime do Padre Amaro* diz respeito, não é tanto o Proudhon apologista do mutualismo e do cooperativismo que está em causa; no pensador francês e em obras como *De la justice dans la Révolution et dans l'Église*, sobressai a contestação da autoridade eclesiástica, enquanto anulação do arbítrio individual e factor de distorção e mesmo de bloqueamento da justiça terrena. Uma justiça que, de acordo com o comentário de Georges Gurvitch, «procura a conciliação entre o indivíduo e o 'todo social', ambos igualmente reais; que procura realizar o equilíbrio entre os valores colectivos e os valores individuais, ambos igualmente positivos»¹⁰⁹.

Algo disso, decerto, leu Eça em Proudhon e dele aceitou também a apologia de Courbet, como «pintor crítico dos tempos modernos», conforme declara num texto d'*As Farpas* de Março de 1872. O mesmo Courbet que, recorde-se, terá sido apresentado como modelo de referência na conferência queirosiana, adoptado a partir do olhar proudhoniano,

¹⁰⁸ Subjaz ao que aqui se afirma a lembrança dos incidentes ocorridos entre Eça e Antero (e também Batalha Reis), quando da primeira publicação do romance; já comentados noutra local deste estudo (cf. *supra*, p. 19 e seqs.), esses incidentes mostram bem que a relação entre ambos os escritores nem sempre se regeu pela harmonia ideológica que poderia ser inculcada por uma leitura simplista das relações que mantiveram.

¹⁰⁹ G. Gurvitch, *Proudhon e Marx II*, Lisboa, Presença, s.d., p. 17. A orientação anti-conflictiva e a ressaltiva individualista encerradas no pensamento social de Proudhon prolongam-se na atracção que por ele sentiu Antero e, por outro lado, explicam as divergências inevitáveis com o marxismo, com o seu pensamento económico e com a sua filosofia política. Essas divergências ressaltam de uma análise (não isenta de pressuposições ideológicas) de Victor de Sá, comentando «os socialismos utópico e reformista» de Louis Blanc e Proudhon: «Para estes pensadores pequeno-burgueses, o socialismo é a realização pacífica de um sonho, na visão de que a próxima fase do processo histórico resulte naturalmente da aplicação de sistemas por si concebidos, em conjunto ou isoladamente» (*Perspectivas do século XIX*, ed. cit., p. 51).

longamente projectado em *Du principe de l'Art et de sa destination sociale*, texto provavelmente lido por Eça em 1867¹¹⁰.

Para um jovem romancista tenazmente empenhado numa carreira literária que desejava activamente interventiva, a justiça atingia-se também em função de concepções literárias de propensão crítica, reformista e moralizante. Só agora, porém, com o realismo de inspiração flaubertiana e de coloração ideológica proudhoniana, aprofundado pelo determinismo tainiano e por um experimentalismo de timbre naturalista, é possível aprofundar o sentido dessa militância reformista, aperfeiçoando-se os instrumentos e estratégias propriamente literárias que o deviam servir: o labor literário de Eça de Queirós, em torno d'*O Crime do Padre Amaro*, aponta nessa direcção, pela sua prática literária e pela sua reflexão doutrinária. Trataremos mais adiante de destacar, tanto o significado funcional como a dimensão ideológica dessa reflexão doutrinária, no que toca a um texto algo hesitante e por isso marcado *ab initio* por um destino conturbado: o longo texto prefacial (e polémico) destinado à terceira versão d'*O Crime do Padre Amaro*, deixado inédito na sua quase totalidade e conhecido pelo título «Idealismo e Realismo».

3.9. Convém, entretanto, aprofundar a análise e, para isso, recuar um pouco. Assim deve sublinhar-se que a aquisição por Eça desse programado realismo de feição algo híbrida vem a ser, na conferência em que foi proclamado, o termo de chegada, ainda incipiente, de tentativas anteriores. Essas tentativas, exactamente porque o são, merecem aqui uma referência breve, mas não destituída de significado.

Pensamos, naturalmente e antes de tudo, no árduo trabalho de escrita e de auto-aprendizagem que a passagem, em 1867, pel'*O Distrito de Évora* acabou por constituir. Com razão notou Aníbal de Castro que essas páginas de jornalismo queirosiano «documentam o exercício e o aperfeiçoamento da capacidade de observação que, com exímia mestria, Eça de Queiroz exerceu sobre a realidade que o cercou, proporcionando-lhe a matéria-prima que o ficcionista irá metamorfosear em arte, e aprofundando as raízes mais fortes da intenção pedagógica que nunca abandonará a sua concepção de roman-

¹¹⁰ A data foi estabelecida por Jean Girodon, com argumentos pertinentes, no seu estudo «Eça de Queiroz et Courbet» (in *Bulletin des Études Portugaises*, nouvelle série, 24, 1963, pp. 89-101); no referido estudo, fica evidente que Eça conheceu Courbet (e descreveu com minúcia algumas das suas telas...) a partir do texto proudhoniano.

cista»¹¹¹. A viagem ao Médio Oriente, no final de 1869, é normalmente apontada, sem prejuízo das suas óbvias conotações românticas, como outro marco importante no processo de maturação ideológico-literária a que vimos aludindo: fizeram-no João Gaspar Simões e António José Saraiva, declarando o segundo que, a partir daí, «a arte deixa de ser um *absoluto*» para Eça; «a sua origem não é já uma divina inspiração de algo incontrollável e inefável a que se chama o ideal — e torna-se um produto humano, ou melhor, social, variável conforme as condições»¹¹².

Está a chegar — e do ponto de vista ideológico começa a fazer sentido que assim seja — a aventura d'*As Farpas*, sintomaticamente lançada no mesmo ano das Conferências do Casino. Pelo que à presente exposição interessa, o que *As Farpas* confirmam é o que ficou sugerido a propósito d'*O Distrito de Évora*: que a construção de um *corpus* ficcional realista e naturalista, fundado na análise de uma realidade social que carecia de reforma, passa por uma espécie de *estudo* prévio dessa mesma realidade, atitude obviamente não isenta de intencionalidade ideológica.

Pelo menos em três aspectos distintos é possível surpreender, n'*As Farpas*, essa intencionalidade ideológica, desencadeando-se, a partir daí, a emergência de um romancista *doublé* de cientista. Primeiro: o seu texto de abertura assume a feição de um *estudo geral* da situação do país, nos múltiplos aspectos — políticos, culturais, sociais, morais, etc. — que as «farpas» subsequentes hão-de aprofundar; assim se prefigura desde logo essa espécie de projecto global e orgânico que o Naturalismo deveria almejar, adoptando para tal a estratégia literária mais adequada, quer dizer,

¹¹¹ «Nota Introdutória» a *Páginas de Jornalismo*, ed. cit., p. XIX. Inegavelmente esta atitude do jovem jornalista de circunstância envolve também aspectos de ordem ideológica (aspectos que carecem de ser estudados sistematicamente e profundamente, noutro local que não este), sobretudo presentes na secção «Ciências histórico-sociais»: respigue-se dessa secção, pelo seu tom claramente proudhoniano, o seguinte parágrafo: «Não é debaixo deste ponto de vista [salarial] que a questão deve e tem de ser considerada, mas sob um aspecto mais alto, sob o ponto de vista moral, religioso, espiritual e político. É necessário saber se não há na sociedade actual causas de ordem espiritual que af lancem a desordem e a divisão; se o mal está no direito de propriedade ou na maneira como é compreendido e exercido, e, enfim, se o mal não é produzido pela influência do materialismo político, e se a solução do problema não virá do triunfo daquela causa que tem só um símbolo e um nome — Justiça» (*Páginas de Jornalismo*, vol. II, p. 250).

¹¹² A. José Saraiva, *As Ideias de Eça de Queirós*, 2.ª ed., Lisboa, Bertrand, 1982, p. 93. Cf. também J. Gaspar Simões, *Vida e Obra de Eça de Queirós*, ed. cit., pp. 198 e segs. Da viagem de Eça resultaram apontamentos colhidos *in loco* que, no projecto queiroziano, deveriam constituir um volume intitulado *Jerusalém e o Cairo* (cf. sobre este projecto e sobre a intervenção nele de Ramalho Ortigão, Júlio d'Oliveira, Ramalho Ortigão e Eça de Queirós, *Rememoração e esclarecimento de factos de ordem literária e jornalística*, Porto, s.e., 1945, pp. 41-51). Postumamente foram publicados os materiais que resultaram dessas viagens (materiais provavelmente trabalhados pelo jovem escritor já em Portugal) em volumes da responsabilidade dos filhos do escritor: *O Egipto* (1926) e *Folhas sobre* (1966). Sobre a publicação do primeiro destes títulos, veja-se o estado de Jean Girodon, «'O Egipto' d'Eça de Queirós», *op. cit.*, pp. 135-137, onde se defende também a tese da reelaboração dos apontamentos de viagem.

a forma do romance e, por vezes, a sua integração numa série¹¹³. Segundo: esse mesmo texto de abertura integra uma reflexão crítica que, incidindo sobre a literatura que então se escreve e publica, não deixa de indirectamente apontar também para a superação de uma atitude cultural perniciososa. Por outras palavras: criticar a literatura que «é como um trovador gótico, que acorda dum sono secular numa fábrica de cerveja»¹¹⁴, é assumir um posicionamento metaliterário e implicitamente ideológico, que o empenhamento naturalista há-de confirmar. Terceiro: dentre os temas que *As Farpas* queirosianas contemplam, destacam-se, reiteradas vezes, os que se relacionam com práticas e costumes religiosos¹¹⁵, deste modo reconhecidos como aspecto relevante de uma vida social a moralizar. Tão relevante que se justifica que lhe seja consagrado muito mais do que folhetos de incidência marcadamente circunstancial: por exemplo, um romance prioritariamente interessado nos costumes do clero e na sua projecção sobre a vida mental e social dos crentes, em particular das mulheres.

O anticlericalismo é então um componente decisivo do contexto cultural e mental em que se enquadra o discurso ideológico queirosiano, quando ocorre a génese d'*O Crime do Padre Amaro*, num tempo propício ao reacender de uma *questão religiosa* que tinha, na nossa Cultura, raízes fundas. Desse anticlericalismo cabe dizer, antes de mais, que ele constitui um vasto magma pluridiscursivo, representado em intervenções de diversa proveniência e configuração expressiva. Não se trata aqui de reclamar (ainda que isso fosse legítimo) a difusa vinculação genética d'*O Crime do Padre Amaro* a um certo pendor anticlerical que caracteriza a Cultura Portuguesa, em diversos momentos da sua História, desde as mais antigas confrontações entre poder político e poder religioso a que se assiste, logo na Idade Média¹¹⁶; trata-se agora, mais especificamente, de notar que este é um tempo ideologicamente propenso a acentuar a denúncia de desvios e deformações nos agentes e nas práticas religiosas, propensão fundada numa produção intelectual de origem francesa, que

¹¹³ Não por acaso, a reedição (1890-1891) em livro dos textos d'*As Farpas* (reedição que, da parte de Eça, assume o tom de revisão de processos ideológicos e de autocritica patente na «Adverência» de *Uma Campanha Alegre*) inicia assim esse texto de abertura: «O primitivo prólogo das *Farpas* — Estado social de Portugal em 1871».

¹¹⁴ Cf. E. de Queirós e Ramalho Ortigão, *As Farpas*, Maio de 1871, p. 24.

¹¹⁵ Por exemplo, nas «Farpas» de Maio de 1871, de Outubro do mesmo ano (sobre o comércio das reliquias, questão representada n'*O Crime do Padre Amaro*), de Janeiro, de Março e de Abril de 1872.

¹¹⁶ Cf. o extenso e minucioso artigo «Anticlericalismo», da autoria de Joel Serrão no *Grande Dicionário da Literatura Portuguesa e de Teoria Literária* dirigido por João José Cochofel; Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1977, 1 vol., pp. 323-342. Veja-se também Cristina A. M. de Marinho, «Os Apóstolos das Trevas» no teatro português: anticlericalismo e intervenção progressista nos anos 70 do século XIX, in *Intercâmbio*, 6, 1995, pp. 171-191.

tinha em Michelet e em Proudhon balizas de referência muito influentes. A conjuntural associação do socialismo nascente ao republicanismo também em formação¹¹⁷ vem a ser, entre nós, uma espécie de alternativa ao depauperamento de um regime político-social de raiz liberal que não só postergara do seu horizonte remotas motivações anticlericais, como se deixara enleiar pela tentacular influência de um clero que, desde meados do século XIX, crescentemente recuperava poder temporal. Uma influência estimulada por uma poderosa *doxa* clerical que teve no Papa Pio IX (protagonista de um longo pontificado, de 1846 a 1878) a sua fulcral figura de referência: é essa *doxa* que vigorosamente se manifesta em textos como o *Syllabus*, no dogma da Imaculada Conceição, na proclamação da infalibilidade papal e, de um modo geral, na inclinação antiliberal e reacionária daquele pontífice. Assim se criavam condições para reacender e transformar o anticlericalismo de raiz liberal, conforme notou Fernando Catroga num estudo capital sobre esta matéria: nesse estudo, Catroga observa «a paulatina acentuação das diferenças entre o anticlericalismo liberal, ainda crente no renovamento do catolicismo, e o anticlericalismo acirrado pelas deliberações do Concílio Vaticano I e convicto, pela filosofia da história e pela sociologia, de que as representações religiosas não passavam de produtos anacrónicos do espírito humano»¹¹⁸.

É neste contexto que se enuncia, a várias vozes e em vários registos, um discurso ideológico-artístico de propensão anticlerical e laicizante mais ou menos visível, mas não necessariamente de intenção anti-religiosa. Recordemos alguns momentos significativos desse discurso marcadamente crítico e coevo do Eça que prepara *O Crime do Padre Amaro*: as *Odes Modernas* (1865) de Antero, os mencionados textos queirosianos d'*As Farpas* (1871-72), *Os Falsos Apóstolos* (1871) e *O Bispo* (1874) de Guilherme Braga, *A Velhice do Padre Eterno* de Junqueiro (conhecida desde finais dos anos 70 e publicada em 1885, com dedicatória a Eça), *O Padre Maldito* (1873) de Silva Pinto, o *Anti-Cristo* (publicado em 1884, mas extractado na imprensa logo em 1878) de Gomes Leal e também um

¹¹⁷ Os termos e motivos dessa associação, bem como as diferenças político-ideológicas que subsequentemente se manifestaram entre os dois movimentos, encontram-se analisados na bem informada síntese «O republicanismo e o socialismo», da autoria de Amadeu Carvalho Homem, na *História de Portugal* já citada (cf. pp. 239-251). Na obra de João Medina, *As Conferências do Casino e o Socialismo em Portugal* (Lisboa, Pub. Dom Quixote, 1984), encontra-se abundante documentação relacionada com esta matéria, mas apresentada de forma algo confusa e pouco criteriosa.

¹¹⁸ F. Catroga, «O laicismo e a questão religiosa em Portugal (1865-1911)», in *Análise Social*, vol. XXXV (100), 1988 (1.º), p. 223. No seu estudo, Catroga analisa várias questões de grande relevância espiritual e social, directamente conexonáveis com a génese ideológica d'*O Crime do Padre Amaro*, com destaque especial para três: a confissão auricular, o celibato sacerdotal e a relação entre a Igreja e o Estado, questões que na época mereceram vasta atenção e debate, quase sempre em tom acirradamente polémico.

teatro relativamente copioso, em que se destaca o conturbado êxito d'*Os Lazaristas* (1875) de António Enes. Tudo isto e também a conferência anterior *Causas da decadência dos povos peninsulares*, texto de capital importância para dinamizar a afirmação ideológica da Geração de 70, em que expressamente se atribui ao catolicismo post-tridentino, inquisitorial e intolerante uma relevante quota-parte de responsabilidade no atraso das nações ibéricas¹¹⁹.

3.10. O diálogo que Eça estabelece com estes discursos de orientação anticlerical não impede a autonomização de um discurso ideológico-literário concretizado não só em função de opções técnico-discursivas específicas, mas também por força da peculiar relação do escritor com a questão religiosa, enquanto tema literário. E se nessa relação Proudhon ocupava o lugar proeminente que já sublinhámos (fundamentalmente pela valorização do arbítrio e da consciência individual, como factores de decisão ético-moral)¹²⁰, convém não esquecer uma outra presença importante, no imaginário queirosiano: a presença de Renan, talvez algo secundarizada no processo genético d'*O Crime do Padre Amaro*, mas sem dúvida destacada em textos anteriores e posteriores, em que é nítida uma certa atracção sentimental pelos mitos, lugares e episódios do Cristianismo,

¹¹⁹ Cf. o seguinte passo: «Essa máquina temerosa de compressão, que foi o catolicismo depois do Concílio de Trento, que podia ela oferecer aos povos? A intolerância, o embebecimento, e depois a morte!» (apud C. Reis, *As Conferências do Casino*, ed. cit., p. 112). As posições aqui referidas divergem das perfilhadas na *Defesa da Carta Encíclica de Sua Santidade Pio IX contra a chamada opinião liberal* (1865), em que Antero aparenta adoptar as teses do Syllabus. Joel Serrão argumenta que essa atitude faz parte de um incipiente desdobraimento, de natureza virtualmente pré-heteronómica (cf. J. Serrão, *O primeiro Fradique Mendes*, Lisboa, Livros Horizonte, 1985, pp. 182-184). Já Borges de Macedo entende que, com aquele texto, Antero «tomou a defesa do Papa Pio IX, tentando dar ao anticlericalismo português um conteúdo de maior dignidade», formulação que, note-se, parece traduzir uma certa hesitação daquele estudioso quanto à efectiva posição do autor das *Obras Modernas* (cf. J. Borges de Macedo, «O anti-clericalismo em Portugal no século XIX», in *Communio*, II, 5, 1985, p. 447). Por sua vez, Eduardo Lourenço relaciona a *Defesa* com uma estratégia discursiva definida como «une sorte de passage à l'ennemi pour mieux le miner de l'intérieur, ou un faux passage, pour prendre ses distances par rapport à ceux (les défenseurs de la «pensée libérale») qui, se donnant comme les adversaires potentiels de la pensée adverse (celle de la pensée anti-libérale), se révèlent être des alliés objectifs et impuissants» (cf. «La défense de la «Lettre encyclique» ou la double pensée d'Antero de Quental», in *Antero de Quental et l'Europe*, Paris, Centre Culturel Portugais, 1993, p. 103).

¹²⁰ Se tivermos em atenção (segundo de perto o estudo de Jaime Cortesão sobre esta questão) o que com Eça se passa nos últimos anos de vida, verificaremos mesmo uma espécie de compatibilização entre o socialismo e o espiritualismo religioso, traduzida na harmonização de atitudes críticas diversas: «A condenação da civilização industrial, capitalista e friamente utilitária, pelas contradições sociais que provocou; o primado socialista, perante a consciência moderna, da condição dos proletários; e, de envolta com uma discreta acusação à Igreja, que havia esquecido o amor maternal devido aos pobres, um apelo à renúncia em favor dos mais humildes, mas sob um aspecto novo, 'de um verdadeiro renunciamiento social', como suprema expressão da 'bondade militante'» (J. Cortesão, *Eça de Queiroz e a questão social*, ed. cit., pp. 87-88). O texto que neste passo se comenta é «Um Inverno em Paris», crónica publicada na *Gazeta de Notícias* em 1895.

atração significativa, contudo, na medida em que correlatamente implicava um irremediável cepticismo em relação à dogmática católica. É isso que obviamente aparece intensificado em textos como «A Morte de Jesus» (1870) e obviamente em *A Relíquia* (1887), sendo certo também que deste último se não encontram abolidas preocupações de ordem social e, de novo, um irredutível anticlericalismo¹²¹.

Para além disso, a génese d'*O Crime do Padre Amaro* é indissociável de uma certa opção de género que desde logo particulariza o discurso ideológico queirosiano, sem pôr em causa o seu enraizamento no contexto axiológico-social que mencionámos. De facto, se o discurso poético de um Antero, de um Guilherme Braga ou de um Junqueiro (independentemente de valorações críticas que agora não cabe formular) propende para um certo panfletarismo, não isento de reminiscências românticas, o discurso narrativo de Eça e o romance em que se concretiza constituem uma coerente modelização literária¹²² das motivações ideológicas e epistemológicas (proudhonismo, determinismo, experimentalismo, realismo, naturalismo, etc.) a que temos reportado o seu labor literário dos anos 70. Por outras palavras: escrever um romance é, para o Eça dos anos 70 (e descontada a aventura partilhada e algo heterodoxa d'*O Mistério da Estrada de Sintra*), uma opção fundadora e não ainda, como acontecerá nos anos 80 e seguintes, a reiteração de uma estratégia discursiva já adoptada e relativamente estabilizada, enquanto género.

Como opção agora perfilhada por Eça, o romance realista e naturalista constitui, portanto, a emergência de uma *linguagem*, em que se procura resolver, no plano semiodiscursivo, a pressão exercida sobre o polissistema literário pelos fundamentais valores, temas e juízos que temos vindo a analisar. Em apoio (teórico) destas palavras, cabe evocar aqui o que escreveu

¹²¹ Sem trazer novidades substanciais em relação às análises de Jaime Cortesão, a obra de Amarilis Tupiassu, *Eça de Queirós e os desassossegos da santidade* (Belém, Universidade Federal do Pará, 1992) insiste na noção de que o anticlericalismo de Eça não é inconciliável com o que designa como «peleja incansável, ilimitada, desmesurada até, por implantar um Cristianismo comprometido com a necessidade de dignificação terrena do Homem» (p. 142).

¹²² Conforme o contexto sugere, o que aqui está em causa é uma *coerência funcional*, de teor homológico e não de projecção analógica, tal como é referido por L. Goldmann: «La obra cultural se caracteriza por el hecho de que realiza a un nivel particular, y en el caso concreto que nos interesa al nivel de la creación literaria, un universo más o menos coherente que corresponde a una visión del mundo cuyos fundamentos son elaborados por un grupo social privilegiado» (L. Goldmann, «El estructuralismo genético en sociología de la literatura», in A. Doucy et alii, *Literatura y sociedad. Problemas de metodología en sociología de la literatura*, Barcelona, Ed. Martínez Roca, 1969, p. 210). Próximo deste conceito encontra-se o de *motivação*, analisado por Meir Sternberg em «Mimesis and motivation: the two faces of fictional coherence», in Joseph P. Savelka (ed.), *Literary Criticism and Philosophy*, Univ. Park and London, The Pennsylvania State Univ. Press, 1983, pp. 145-188. Outras acepções do conceito de *coerência* encontram-se criticamente inventariadas em P. Rabinowitz, *Before Reading. Narrative Conventions and the Politics of Interpretation*, Ithaca/London, Cornell Univ. Press, 1987, pp. 141 e segs.

Ferruccio Rossi-Landi: «Cuando se habla de ideología también se está hablando, necesariamente, de lenguaje, y viceversa»¹²³; num sentido convergente e em termos mais expressivos, diremos, então, que o romance queirosiano — e *O Crime do Padre Amaro* em especial — é *cronótopo*, na acepção bakhtiniana em que, justamente a propósito dos géneros e da sua proveniência ideológica, se diz: «En el cronótopo artístico literario tiene lugar la unión de los elementos espaciales y temporales en un todo inteligible y concreto. El tiempo se condensa aquí, se comprime, se convierte en visible desde el punto de vista artístico; y el espacio, a su vez, se intensifica, penetra en el movimiento del tiempo, del argumento, de la historia»¹²⁴.

Pode, pois, afirmar-se que a postulação do romance como cronótopo remete directamente para uma sua necessária *ideologização*. Essa ideologização — observada aqui com o suporte de um vasto trabalho teórico que tem em Hegel, Lukács, Bakhtine e Goldmann marcos de referência incontornáveis — concretiza-se n'*O Crime do Padre Amaro* em função do privilégio de uma certa concepção do romance como género e das categorias narrativas nele dominantes; trata-se, assim, não tanto de reafirmar a relevância, em Eça, de padrões romanescos balzaquianos, flaubertianos e dickensianos já mencionados, mas antes de sublinhar a sua atracção por uma concepção organicista do romance, concepção de onde decorre (também) *O Crime do Padre Amaro*. Deste modo, o romance não surge apenas como a representação literária dos valores, conflitos e tipos humanos de uma sociedade burguesa submetida a uma crítica de costumes de vocação reformista e moralizadora; o romance queirosiano que vai sendo depurado pelas sucessivas versões d'*O Crime do Padre Amaro* procura ser também uma entidade orgânica, internamente coerente e resolvida numa acção fechada¹²⁵, no sentido em que o trajecto das personagens e a decisão dos seus conflitos obedecem a uma lógica fatalmente *determinada* e como tal irreversível. Daí a necessidade não só do *romance* como macro-signo ideológico, mas *deste* tipo de romance: o que procede à representação de um cenário social relativamente amplo, centrando-se na personagem como categoria fulcral e no tempo (um

¹²³ F. Rossi Landi, *Ideología*, Barcelona, Labor, 1980, p. 236.

¹²⁴ M. Bakhtin, *Teoría y estética de la novela*, Madrid, Taurus, 1989, pp. 237-238. Num outro ensaio publicado neste volume, Bakhtine analisou o desaparecimento da epopeia e a emergência do romance em função de transformações socio-ideológicas que incutiram realce e posterior canonização literária a atitudes e valores anti-épicas (cf. *op. cit.*, p. 480).

¹²⁵ Note-se que, sobretudo na segunda versão, este fechamento aparece compensado por procedimentos de abertura e fecho (*incipit* e *explicit*) que tendem a desvanecer a passagem do mundo real (do leitor) para o mundo possível ficcional (cf. M. do Rosário Cunha, «*O Crime do Padre Amaro*: Articulações Externas do Texto», in *Queirosiano*, 3, Dezembro de 1992, pp. 19-38; *id.*, *Mulheres: Articulações Externas do Romance Queirosiano* (diss. de mestrado), Coimbra, Faculdade de Letras de Coimbra, 1994 (ed. Univ. Aberta, 1997).

tempo ponderadamente calculado e equilibrado) como matriz de enquadramento de uma dinâmica evolutiva finalisticamente orientada; é essa dinâmica evolutiva que permite compreender o devir da personagem, por vezes a partir de factores evocados retroactivamente e de um ponto de vista omnisciente e paracientífico.

A fundamentação racionalista, anti-metafísica e observacional deste tipo de romance chega, entretanto, a solicitar a superação dos seus limites de universo diegético que, apesar das suas dimensões, começa a aparecer como parcelar. A partir da segunda versão, *O Crime do Padre Amaro* será subtintulado «Cenas da Vida Devota», quer dizer, parte de uma *vida* mais ampla que não cabe já nas centenas de páginas de um romance. Estamos aqui no limiar de uma outra atitude, sintonizada com a génese ideológica d'*O Crime do Padre Amaro*: a que conduzirá à tentativa queirosiana de construir umas «Cenas da Vida Portuguesa», projecto de filiação claramente realista e naturalista (vale dizer: balzaquiana e zolaiana), a concretizar numa série de narrativas, propostas por Eça ao seu editor Ernesto Chardron, em 1877¹²⁶. Que esse projecto tenha abortado, é algo que aqui importa apenas num aspecto particular, envolvendo *O Crime do Padre Amaro*: é que, através desse recuo, fica indiciado um certo desgaste ideológico, reflectido também, a outro nível, no trabalho de reescrita do romance. É disso que trata (mas não só disso, como é óbvio) a história material do texto.

4. HISTÓRIA DO TEXTO

4.1. Quando aqui falamos na opção pelo romance — e por um certo tipo de romance, que é o que encontramos n'*O Crime do Padre Amaro* — temos consciência, conforme ficou sublinhado, de que essa opção envolve motivações ideologicamente bem marcadas. A um outro nível, já não macrocompositivo, mas microcompositivo, podemos confirmar a vinculação d'*O Crime do Padre Amaro* a uma matriz naturalista.

Referimo-nos agora àquilo que, sendo usualmente encarado (e designado) como *trabalho de estilo*, tende muitas vezes a ser perspectivado

¹²⁶ Conforme escreveu Eça numa das cartas ao editor, as «Cenas» traduzir-se-iam numa «coleção de pequenos romances, não excedendo de 180, 200 páginas, que fosse a pintura da vida contemporânea em Portugal: Lisboa, Porto, as provincias, políticos, negociantes, fidalgos, jogadores, advogados, médicos, todas as classes e todos os costumes, entrariam nesta galeria» (carta de 5 de Outubro de 1877, cit. por J. M. d'Eça de Queirós, «Os últimos inéditos de Eça de Queirós», introd. a *A Capital*, Porto, Lello & Irmão, 1971, p. 11).

como labor de proveniência puramente individual. De um ponto de vista anti-idealista e tendo em atenção as exigências da doutrina naturalista, convém notar, contudo, que o chamado *trabalho de estilo* deve superar o plano do individual, aceitando, a este nível, directrizes que o transcendem. Por outras palavras: se o naturalista tem que ser um émulo do cientista, também o seu estilo tratará de reflectir uma atitude operatória de índole paracientífica e, por isso, anti-subjectiva. Não por acaso, Zola atribuiu atenção especial à questão do estilo, num dos seus textos doutrinários fundamentais: insistindo no carácter impessoal do método experimental e naturalista, Zola afirmava: «Celui qui écrit le mieux ne sera pas celui qui galopera le plus follement parmi les hypothèses, mais celui qui marchera droit au milieu des vérités»; e concluía: «Le grand style est fait de logique et de clarté»¹²⁷.

Para além do que isto significa, em termos gerais, importa observar que Eça, ao escrever *O Crime do Padre Amaro*, defronta-se com solicitações de sinal oposto: por um lado, com a necessidade de controlar o estilo dentro dos parâmetros estilístico-funcionais do Naturalismo, tal como sumariamente referimos; por outro lado, com o pendor para irrupções subjectivas em que fortemente intervinha o impulso de sedutoras predilecções românticas¹²⁸. Talvez por isso, *O Crime do Padre Amaro* exigiu o intensíssimo (e exigentíssimo) trabalho de escrita que a existência de três versões do mesmo romance evidencia.

Repare-se que falamos aqui não apenas de reedições de um mesmo romance, mas verdadeiramente de *versões*, com uma profundidade e com uma extensão que tornam aceitável que, pelo menos da primeira para a segunda versão, se fale, de facto, num novo romance. A história material do texto é, pois, neste caso, extremamente complexa e exige clarificações prévias: designadamente a que trata de distinguir o que seria uma revisão, com pura incidência estilística (com um âmbito de alcance que não parece possível demarcar com rigidez) do que foi a constituição de um *estado* diferente (e substancialmente alterado) do texto. O que, de novo em termos inevitavelmente vagos, ultrapassa o âmbito relativamente

¹²⁷ É. Zola, *Le roman expérimental*, Paris, Garnier-Flammariion, 1971, p. 93. O vigor programático que estas palavras de Zola patentelam foi não raro desmentido pela prática artística dos naturalistas (incluindo do próprio Zola), por um lado incapazes de fazerem da linguagem verbal um instrumento neutro e impessoal, por outro lado (e numa atitude que contradizia as palavras citadas) seduzidos, em certos casos, por aquilo a que Édmond de Goncourt chamou a «escrita de artista».

¹²⁸ Machado da Rosa analisou, relativamente à primeira versão d'*O Crime do Padre Amaro* (em confronto com a segunda versão), alguns aspectos estilístico-temáticos dessas predilecções, por vezes de gosto davidoso (cf. *Eça, discípulo de Machado?*, ed. cit., pp. 101 e segs.)

pontual da elaboração estilística (p. ex.: pontuação, adjectivação, recurso a registos coloquiais, etc.).

Recorde-se o que é sabido: dizemos d'*O Crime do Padre Amaro* que é um romance com três versões, a de 1875, a de 1876 e a de 1880; podemos acrescentar a isto que, em 1876 e em 1880, estamos perante a primeira e a segunda edições em livro; e que, em 1889, Eça publica uma terceira edição em livro, retomando ainda a terceira versão¹²⁹. Falamos nestes termos, por verificarmos que as diferenças entre as versões de 1875, 1876 e 1880-1889 são consideráveis, muito para além da revisão estilística de curta extensão; já em 1889, detectamos apenas diferenças mínimas, relativamente à edição de 1880, diferenças que, tanto quanto sabemos, Eça não desautorizou. O que falta apurar, num plano que é sobretudo de ponderação teórico-metodológica, é a partir de que momento e por que razões dizemos, a propósito de diferentes estados do texto, que eles constituem uma nova *versão*.

O momento decisivo — e contudo extremamente difícil ou talvez impossível de determinar — para este salto qualitativo parece estar no ponto em que a revisão do estilo dá lugar à alteração da estrutura, entendendo-se esta numa dimensão macrocompositiva: essa dimensão envolve categorias como a personagem, a acção, o espaço e o tempo narrativos, bem como a sua interacção numa economia em que cada um daqueles elementos assume um peso decisivo, condicionando os restantes e condicionado por eles. Roger Laufer alude (ainda que não de forma inteiramente sistemática) a este problema, quando fala na relação entre diferentes *estados do texto* e declara: «Entende-se por revisão desde a simples leitura até a reforma total da obra»; esta última é depois referida como «uma modificação do todo: o que pode dar origem a estados inconciliáveis, a textos diversos»¹³⁰. Torna-se legítimo, deste modo, identificar os «textos diversos» com versões autónomas e já não com novas edições ligeiramente diferentes, resultado de revisão com incidência estilística.

De modo algo impreciso, Laufer sugere uma espécie de critério de medida dos estados do texto, capaz de indiciar a constituição de uma nova

¹²⁹ Registe-se ainda que a primeira versão apareceu em castelhano (sem indicação de tradutor), na edição da *Revista Occidental* destinada a Espanha, também de Fevereiro a Maio de 1875; o texto espanhol não acompanha exactamente, quanto à seriação, o texto português e insere, na página inicial, a seguinte nota: «Al traducir esta novela hemos rigurosamente conservado las singularidades de estilo y lenguaje, acaso estremadas, que tiene el original» (*Revista Occidental*, I, 1875, p. 33).

¹³⁰ Cf. R. Laufer, *Introdução à textologia*, São Paulo, Perspectiva, 1980, p. 13.

versão: «A distância entre os estados pode ser facilmente medida por meio de coordenadas temporais e espaciais: tempo decorrido entre as redações (ou impressões) dos estados e alteração do espaço linear gráfico (ou tipográfico) de um estado a outro»¹³¹. Foi o que se passou com *O Crime do Padre Amaro*: alterou-se de tal forma o «espaço linear gráfico», que é impossível imprimir em paralelo a primeira e a segunda versão, sendo também extremamente problemático estabelecer um paralelo gráfico entre a segunda e a terceira versão; obviamente que, com mais razão ainda, é impensável qualquer paralelo, neste aspecto, entre a primeira e a terceira versões¹³².

Pode argumentar-se que o tempo que decorreu entre as três versões foi reduzido. Mas é preciso acrescentar que esse tempo — que mesmo assim foi de cerca de três anos, entre a segunda e a terceira versões, e de quatro, entre a primeira e a terceira — foi *psicologicamente* longo, de tal forma Eça viveu com intensidade (e em isolamento) os incidentes da publicação da primeira versão: foi exactamente perante um *texto impresso* e por isso autonomizado em relação ao seu autor, que Eça se sentiu distanciado desse estado do seu romance (*proto-romance* talvez fosse uma expressão mais correcta) e motivado para o refazer.

4.2. É da vivência de distanciamentos operados muito rapidamente, de estado para estado, que resultam as três versões d'*O Crime do Padre Amaro*; a essa vivência há-de acrescentar-se uma outra: a que corresponde a um sentido de exigência ética e estética que o naturalista cultivava, como atitude não isenta de conotações ideológicas, conforme se infere das intervenções doutrinárias de Zola que ficaram mencionadas. Em função do exposto, torna-se necessário descrever, desde já e nos seus aspectos fundamentais, os dois estados do romance, na segunda e na terceira versão, em confrontação esquemática que de seguida trataremos de comentar¹³³.

Segunda versão

Terceira versão

Capítulo I

Apresentação de Leiria.

Idem.

¹³¹ R. Laufer, *loc. cit.*

¹³² Os critérios de apresentação gráfica adoptados nesta edição crítica reflectem, na prática, o que aqui fica dito. A edição de Helena Cidade Moura constitui também um testemunho eloquente das dificuldades a que fizemos referência (cf. *infra*, pp. 88-89).

¹³³ A primeira versão será objecto, como oportunamente se explicará, de um tratamento à parte.

Capítulo II

Chegada de Amaro e ceia em casa da S. Joaneira. Idem.

Capítulo III

Analepse: passado de Amaro. Idem.

Capítulo IV

Serão em casa da S. Joaneira. Idem.

Capítulo V

Analepse: passado de Amélia. Idem.

Capítulo VI

Quotidiano de Amaro com Amélia e a S. Joaneira; descoberta da ligação entre esta e o cônego. Idem.

Capítulo VII

Jantar dos padres; encontro com Amélia na fazenda; felicidade de Amélia. Idem.

Capítulo VIII

Aflição de Amaro e conversa com o cônego; mudança de Amaro para a Rua das Sousas; revolta de Amaro. Aflição de Amaro e conversa com o cônego; mudança de Amaro para a Rua das Sousas; revolta de Amaro. Quotidiano de Amaro e desespero de Amélia; encontro à saída da missa; Amaro volta aos serões da S. Joaneira.

Capítulo IX

Quotidiano de Amaro na Rua das Sousas; recebe um ramo de rosas de Amélia e visita-a; analepse: desespero de Amélia; à saída da missa Amélia pede-lhe que volte sempre. Recomeço da intimidade de Amaro com Amélia; impaciência de Amaro; desconfiança e desespero de João Eduardo.

Capítulo X

Recomeço da intimidade de Amaro com Amélia; impaciência de Amaro; descon-fiança e desespero de João Eduardo.

J. Eduardo na *Voz do Distrito* e saída do comunicado; leitura do comunicado em casa da S. Joaneira; encontro de Natário com o secretário-geral; J. Eduardo obtém o emprego e pede a mão de Amélia; hesitação e aceitação de Amélia; desespero de Amaro; receio dos padres pelas conseqüências do comunicado.

Capítulo XI

J. Eduardo na *Voz do Distrito* e saída do comunicado; leitura do comunicado em casa da S. Joaneira; encontro de Natário com o secretário-geral; J. Eduardo triunfa; desespero de Amélia; ajuste do casamento com J. Eduardo.

Diligências de Natário; Natário descobre a autoria do comunicado; Amaro revela-o a Amélia enquanto a idiota agoniza.

Capítulo XII

Natário descobre a autoria do comunicado através de Agostinho; Amaro fala com Amélia enquanto a idiota agoniza.

Conversa de Amaro com D. Josefa e velório; D. Josefa leva Amélia à confissão e vai à botica do Carlos.

Capítulo XIII

Conversa de Amaro com D. Josefa; D. Josefa manda chamar Amélia para a dissuadir de casar com J. Eduardo; D. Josefa leva Amélia a confessar-se a Amaro; confissão; a criada de Amaro adoece e é substituída por Dionísia.

Carta de Amélia: rompimento do noivado. Desespero de J. Eduardo; conversa com o dr. Godinho; conversa com o dr. Gouveia.

Capítulo XIV

Amélia conversa com J. Eduardo: rompimento; desespero de J. Eduardo; brevíssima conversa com o dr. Godinho; explicações com Agostinho; encontro com um tipógrafo e bebedeira no tio Osório; agressão a Amaro; prisão de J. Eduardo; serão festivo em casa da S. Joaneira.

Encontro de J. Eduardo com Gustavo tipógrafo e bebedeira no tio Osório; agressão a Amaro; prisão de J. Eduardo; serão festivo em casa da S. Joaneira.

Capítulo XV

Ansiedades de Amélia; festa na igreja; almoço de Amaro e Amélia em casa do cônego; o cônego sente-se mal; Amaro acompanha Amélia e fá-la passar por sua casa.

Em casa de D. Maria da Assunção; missa cantada; almoço de Amaro e Amélia em casa do cônego; o cônego sente-se mal; Amaro acompanha Amélia e fá-la passar por sua casa.

Capítulo XVI

Sugestão de Dionísia; conversa com o tio Esguelhas; encontros amorosos de Amaro com Amélia justificados por uma penitência.

Sugestão de Dionísia; conversa com o tio Esguelhas; combinações num serão da S. Joaneira; encontros amorosos de Amaro com Amélia.

Capítulo XVII

Encontros amorosos; a felicidade de Amaro e o seu ascendente sobre Amélia.

Idem.

Capítulo XVIII

O cônego investiga e descobre os encontros amorosos; conversa entre Amaro e Dias; tranquilidade de Amaro; Amélia revela a Amaro que está grávida; Amaro e Dias resolvem casá-la com o escrevente.

Reacções da Totó e inquietação de Amélia; o cônego investiga e descobre os encontros amorosos; conversa entre Amaro e Dias; tranquilidade de Amaro.

Capítulo XIX

Amélia aceita o casamento; ciúme de Amaro; exaltação da paixão de Amélia; merenda numa quinta; Libaninho nota que Amélia está gorda; os dois padres reconhecem a urgência do casamento; Amélia decide-se a escrever a J. Eduardo; descobre-se que este partiu para Lisboa.

Gravidez de Amélia; Amaro e Dias resolvem casá-la com o escrevente e comunicam-no a Amélia; Dionísia procura J. Eduardo; ansiedade de Amélia e ciúmes de Amaro; Dionísia descobre que J. Eduardo foi para o Brasil.

Capítulo XX

Desespero de Amélia; doença de D. Josefa; o cônego tem a ideia da partida de Amélia para a Cortegaça; Amaro comunica-a a Amélia; os dois padres falam a D. Josefa; o cônego fala à S. Joaneira; partida de Amélia.

Desespero de Amélia; doença de D. Josefa; Amaro tem a ideia (da partida); Amaro aborda D. Josefa; enquanto o cônego fala com a S. Joaneira, Amaro fala com Amélia; partidas para Ricoça e para a Vieira; morte da Totó.

Capítulo XXI

Partida do cônego; partida da S. Joaneira; solidão de Amaro em Leiria; Dionísia informa que J. Eduardo regressou; Amaro resolve ir à Cortegaça.

Solidão de Amaro em Leiria; solidão de Amélia na Ricoça; o abade Ferrão; convivência de Amélia com o abade e confissão.

Capítulo XXII

Amaro vai à Cortegaça: reencontro; analepse: a solidão de Amélia na Cortegaça; monotonia das visitas de Amaro; excitação de Amélia com a aproximação do nascimento; encontros nocturnos entre Amélia e Amaro.

Sabe-se do regresso de J. Eduardo; Amaro vai à Ricoça: frieza de Amélia; Amaro volta à Ricoça e descobre que Amélia se confessa ao abade; Amaro insiste; cartas e visitas; J. Eduardo e a ideia do abade; tranquilidade de Amélia sob a influência do abade e do dr. Gouveia; Amélia volta a cair sob a influência de Amaro.

Capítulo XXIII

Ao sair da Cortegaça, Amaro é seguido por J. Eduardo; explicação (em analepse) do regresso de J. Eduardo a Leiria.

Conversa de Amaro com Dionísia; o padre vai ver a «tecedeira» de anjos; desassossego de Amélia; chegada o parto, Amaro decide-se pela «tecedeira»; entrega da criança; diálogo entre o dr. Gouveia e o abade Ferrão; morte de Amélia.

Capítulo XXIV

Amaro vacila quanto ao destino a dar ao filho; Amélia manda chamar Dionísia; Amaro parte para a Cortegaça.

Amaro faz um baptizado; recebe a notícia da morte de Amélia; vai buscar o filho e sabe da morte deste; partida de Amaro; enterro de Amélia.

Capítulo XXV

Parto: Amaro ouve; Amaro recebe o filho e hesita quanto ao destino a dar-lhe; perseguição de Amaro por J. Eduardo; Amaro lança o filho ao rio e foge; no dia seguinte, J. Eduardo assiste à missa dita por Amaro.

O Chiado: notícias da Comuna de Paris; reencontro de Amaro com o cônego Dias; conversa com o conde de Ribamar.

Capítulo XXVI

Amaro recebe a notícia da morte de Amélia; partida de Amaro.

Capítulo XXVII

João Eduardo sabe da morte de Amélia e vê o corpo ser amortalhado; funeral de Amélia.

[Capítulo sem numeração]

O Chiado: notícias da Comuna de Paris; reencontro de Amaro com o cônego Dias.

O primeiro (e óbvio) comentário que esta confrontação merece é o seguinte: a terceira versão excede largamente, em dimensão, a segunda (tal como esta já o fazia em relação à primeira), como se o projecto estético-ideológico que o romance concretiza se tivesse aprofundado; para mais, esse aprofundamento provém de um escritor que, sempre que partiu de versões anteriores, procedeu por *expansão*¹³⁴. Neste caso, a expansão viabiliza um desenvolvimento mais lento da acção, com a inclusão de elementos e subepisódios que tornam esse desenvolvimento mais ponderado: veja-se, por exemplo, a forma como, na terceira versão, é cuidada a preparação dos encontros amorosos de Amélia com Amaro (capítulo XVI), em contraste com o que, no mesmo capítulo, acontecia na segunda versão.

Além disso e como também é evidente, à maior dimensão da terceira versão corresponde uma menor fragmentação, isto é, um menor número de capítulos que, naturalmente, são de um modo geral mais extensos do que os da segunda versão; esta, por sua vez, regista um último capítulo sem numeração, ausência que não é possível explicar de forma irrefutável: tratar-se-á de um simples lapso ou então este último episódio aparecia a Eça com a feição de um epílogo e não de (mais) um capítulo corrente? A primeira hipótese parece ser mais plausível, até porque, de facto, não eram raros tais lapsos: um deles encontra-se precisamente na numeração dos capítulos da terceira versão, já que, tanto na edição de 1880 como na de 1889, o que deveria ser o capítulo XI passa a XII (no paralelo que estabelecemos corrigimos esta irregularidade). Para além disso, na terceira versão Eça numerou o capítulo final (XXVI, por causa do salto; realmente XXV) que, contudo, exerce no romance ainda uma mesma função de tom claramente epílogo.

¹³⁴ Aconteceu assim com *O Mandarim*, da versão do *Diário de Portugal* para a que, logo no mesmo ano (1880), foi publicada em livro; com o conto «Civilização», substancialmente modificado e ampliado n' *A Cidade e as Serras*; com *A Ilustre Casa de Ramires*, da versão (incompleta) da *Revista Moderna* (1896-7) à semi-póstuma (1900).

É no capítulo VIII que começam as alterações mais significativas. Se na segunda versão ele era relativamente pouco extenso, na terceira ele anexa o seguinte (IX) fundindo-se ambos nesse agora longo capítulo VIII. Depois disso, as diferenças acentuam-se, incluindo-se nelas não apenas o já aludido redimensionamento dos capítulos, mas também a modificação de importantes elementos estruturais do romance. Refiram-se as mais significativas: novas personagens são incluídas, tais como, entre outras, o dr. Gouveia, a Totó e o abade Ferrão; aparecem muitos episódios novos (em parte como consequência da entrada dessas novas personagens) e outros são subtilmente reelaborados: no capítulo XII (terceira versão) omite-se a confissão de Amélia, confissão que, na segunda versão, era representada num intenso diálogo (capítulo XIII) que culminava na sedução física; alguns elementos desse encontro são, entretanto, inseridos no capítulo XI da terceira versão (episódio da agonia e morte da tia de Amélia).

À medida que avança a terceira versão, acentuam-se as dissemelhanças, em parte suscitadas, como se disse, pela presença de personagens novas. O abade Ferrão é uma dessas personagens e desempenha um papel relevante, especialmente a partir do capítulo XXI (embora tivesse aparecido fugazmente no cap. XVIII), culminando na cena do diálogo com o dr. Gouveia, imediatamente antes da morte de Amélia. Também o destino da criança é diverso: o infanticídio cometido por Amaro (num episódio do capítulo XXV da segunda versão, cuja coloração tétrica era reforçada pela perseguição movida por João Eduardo) é eliminado e substituído pela mal explicada morte da criança, entregue aos «cuidados» da tecedeira de anjos; eliminado também é o repulsivo episódio em que João Eduardo observa o amortalhar do corpo de Amélia. Ainda uma diferença fundamental: a junção de um subepisódio, no último capítulo da terceira versão, concretizado na conversa dos padres com o conde de Ribamar, na descrição do Largo do Loreto e no investimento simbólico de que é objecto a estátua de Camões. O que traduz um considerável aprofundamento dos sentidos críticos do romance.

4.3. Não é propósito desta introdução (nem da história material do texto que agora está em causa) analisar as substanciais alterações de sentido observáveis na passagem da segunda para a terceira versão d'*O Crime do Padre Amaro*. Objecto de vários estudos de diverso fôlego que ao romance têm sido consagrados, essas alterações são o resultado de um evidente

amadurecimento de processos literários, tendo que ver com uma reinterpretação (e com uma suavização), por parte de Eça, da doutrina naturalista. O resultado global desse amadurecimento é um inequívoco enriquecimento estético do romance, que a crítica coeva tratou de assinalar.

Logo em 1880, na *Bibliografia Portuguesa e Estrangeira*, uma breve notícia não assinada (mas muito arguta) anunciava que a terceira versão d'*O Crime do Padre Amaro* era «um romance inteiramente novo», porque o seu autor decidira recolocá-lo «sobre a banca de trabalho [...] e, conservando-lhe o mesmo título, a mesma tese, a mesma intenção, refazê-lo, reescrevê-lo da primeira à última linha». O articulista apercebe-se ainda de que essa reescrita decorre em *crescendo* e nota: «Nos dois ou três primeiros capítulos vê-se que a sua intenção é simplesmente corrigir e aperfeiçoar o estilo e estudar mais profundamente os caracteres: nos dois capítulos seguintes começam a aparecer as cenas, os incidentes novos [...]; é no sexto capítulo que vemos entrar o primeiro personagem novo; e daí por diante, então, o autor, pondo de parte inteiramente o romance antigo, [...] decide-se a escrever tudo de novo, como se [se] tratasse de um livro novo». E a concluir: «Este novo livro parece todavia afastar-se dos processos do realismo, e o autor como que procura criar uma escola nova, individual, e sem ligações com as que existem¹³⁵».

Pouco depois, na mesma publicação, encontram-se três textos — todos claramente elogiosos — acerca da recém-publicada terceira versão d'*O Crime do Padre Amaro*. O primeiro desses textos é um breve comentário da autoria de Guilherme de Azevedo, extractado d'*O Ocidente*: o que nesse comentário há de mais pertinente é o realce conferido ao ampliado episódio final do romance e ao significado da presença, nesse episódio, da estátua de Camões; também ao renovado episódio final refere-se (muito sumariamente) o terceiro texto, assinada pela inicial D.

A intervenção de Alexandre da Conceição (autor do segundo texto sobre o romance, neste número da *Bibliografia*) é a mais elaborada e penetrante. Nela, o conhecido crítico valoriza sobretudo — e de acordo com o que era a sua concepção da estética naturalista — a acentuação da influência do meio sobre as personagens, de onde decorreu uma fundamental novidade da terceira versão: a supressão do infanticídio, uma «per-

¹³⁵ Cf. *Bibliografia Portuguesa e Estrangeira*, ano II, n.º 1, 1880, pp. 19-20. Machado da Rosa (cf. Eça, *discípulo de Machado?*, ed. cit., p. 269) sugere que Eça terá inspirado (ou mesmo escrito) esta notícia, que merece dois reparos: como acima mostrámos, não é no capítulo VI que começam as alterações substanciais, mas no capítulo VIII; por outro lado, o autor deste breve texto parece confundir (como era usual na época, também em Eça) o Realismo com o Naturalismo (é a este que se ajustam as palavras finais do texto).

versidade moral» que «não estava na natureza hesitante, tortuosa, indecisa e beata do protegido da Marquesa de Alegros». Para além de destacar o cónego Dias dentre «as figuras secundárias do antigo romance, e conservadas, ampliadas, e melhor estudadas», Alexandre da Conceição realça o sentido ideológico do médico introduzido na terceira versão: «O Dr. Gouveia representa o espírito científico moderno, com toda a sua compreensão positiva da vida e do universo, com toda a sua implacável e graciosa ironia proudhoniana perante a beatice feminina [...], com toda a sua radical rejeição de toda a metafísica, tanto da autoritária e católica, como da revolucionária e materialista¹³⁶.»

Não foram estes os únicos depoimentos críticos suscitados pel'*O Crime do Padre Amaro*, quando da publicação da sua terceira versão, mas a verdade é que poucos mais encontramos. E contudo, dois outros testemunhos são extremamente significativos, ainda que não assumindo a forma de crítica literária propriamente dita. Um deles é constituído por uma breve nota de leitura exarada por Camilo Castelo Branco no exemplar que leu; nela escreveu o grande romancista: «Admirável. Obra prima que há-de resistir como um bronze a todas as evoluções destruidoras das escolas e da moda.» É pouco, dir-se-á, mas é muito significativo, para mais vindo de um escritor cuja relação com o Naturalismo (e mesmo com Eça) foi algo melindrosa¹³⁷.

Eça não pôde naturalmente conhecer este comentário de Camilo; mas conheceu obviamente aquele que, numa carta pessoal, Antero de Quental consagrou ao romance — um comentário que, diga-se de passagem, assumia um significado especial (por assim dizer, conclusivo), se nos lembrarmos da história pregressa da relação de Antero com Eça, por causa da primeira versão d'*O Crime do Padre Amaro*¹³⁸. Essa carta, publicada parcialmente por Helena Cidade Moura, na edição d'*O Crime*

¹³⁶ A. da Conceição, *Bibliographia Portuguesa e Estrangeira*, 2.º ano, n.º 4, 1880, pp. 62-63.

¹³⁷ Nostro comentário, também manuscrito no exemplar que leu, Camilo observava: «Este romance, na 1.ª edição, leu-se com prazer; na 2.ª com algum fastio. O autor para comprazer com a sociedade burguesa criou o episódio do padre bom que não tem cor alguma; e para se afirmar zolaista fez [?] a filha do sincero que é enfiada e inverosímil». Os constrangimentos de Camilo na sua relação com o Naturalismo (e com Eça), emergem na adveniência à 1.ª edição e no prefácio da 2.ª edição de *Eusébio Macário*, prolongando-se, de forma extremamente virulenta, numa polémica com Alexandre da Conceição (cf. A. Cabral, *Polémicas de Camilo Castelo Branco*, Lisboa, Livros Horizonte, 1982, vol. vii, pp. 5 e segs.). Eça manteve uma atitude de reserva perante esta polémica; de resto, em parte por razões que diziam respeito a relações passadas entre Camilo e o pai de Eça (quando do processo pelo adultério com Ana Plácido), ambos os escritores preferiram nunca se envolver em polémica um com o outro; cf. C. Reis, «Camilo e Eça ou a polémica a haver», in *Camilo Castelo Branco. Perspectivas*; *Actas de las Jornadas Internacionales sobre Camilo*; Salamanca, Universidad de Salamanca, 1991, pp. 153-162.

¹³⁸ Cf. *supra*, pp. 19 e segs.

do *Padre Amaro* dos Livros do Brasil, envolve apreciações interessantes acerca do romance, para além de outras que, até há pouco desconhecidas, se afastam dele¹³⁹.

Para Antero, a refundição do romance foi «uma excelente, sete vezes excelente ideia». Mas foi-o sobretudo porque, com a nova versão, o romancista distanciava-se do Realismo e do Naturalismo, atingindo uma liberdade de movimentos só possível porque o escritor se tornara independente de escolas. O que, note-se, parece exagerado: se é certo (já o dissemos aqui, em sintonia com muitos outros) que a terceira versão d'*O Crime do Padre Amaro* suaviza, de facto, os excessos algo repulsivos de um Naturalismo primário que (por exemplo) Machado de Assis se apressara a denunciar, isso não significa a ruptura irreversível que Antero de Quental quer ver no romance: «Está já acima das escolas» declara Antero; «aquilo não é realismo, nem naturalismo, nem Balzac, nem Zola: aquilo é a verdade, a natureza humana, que é o q. faz as obras sólidas, não os sistemas, as escolas». E acrescentava Antero: «O outro *Amaro* está mto. longe disto: além das tendências voltereanas [sic], uma espécie de hostilidade do autor contra os personagens, q. ele descrevia com intenções extra-artísticas: p^a concluir, p^a provar tese¹⁴⁰.»

Como quer que seja, as palavras de Antero — e o modo como certamente elas foram acolhidas por um Eça sempre atento à opinião do amigo — vêm antecipar o que a história literária se encarregou de confirmar: está resolvido, em Eça, um problema chamado *O Crime do Padre Amaro*, arrastado ao longo de quase uma década e desenvolvido em três versões. Um problema que, depois da época em que germinou e se manifestou, quase permaneceu adormecido no âmbito dos estudos queirosianos, ao longo de várias décadas¹⁴¹.

¹³⁹ Beatriz Berrini revelou e comentou o fragmento até agora perdido, declarando que, nele, «*O Crime do Padre Amaro* é por assim dizer posto de lado, e as reflexões de Antero poderiam figurar em qualquer outra carta ou ensaio em que decidisse abordar os temas da educação cristã e do Cristianismo» («Antero de Quental — nostálgico e profético», in *Antero de Quental et L'Europe: Actes du Colloque*; Paris, F. Calouste Gulbenkian, 1993, p. 117). Cf. também B. Berrini, «Antero de Quental e Eça de Queirós: correspondência inédita», in *Colóquio/Letras*, 123/4, Janeiro-Junho, 1993, pp. 208-209.

¹⁴⁰ Cf. *O Crime do Padre Amaro. Crisólito da vida devota*, Lisboa, Livros do Brasil, s/d., p. 7.

¹⁴¹ Como já dissemos, foi o trabalho de J. Pereira Tavares que permitiu reacender a questão das relações entre as diversas versões d'*O Crime do Padre Amaro* (cf. *supra*, pp. 39-40). Antes dele, merece registo um estudo de Albino Forjaz Sampaio («A tortura do estilo», in *O Século*, Lisboa, n.º 216, 4 de Novembro de 1908; reproduzido em *Crónicas ímproas*, Lisboa, Liv. Bertrand, 1908), que compara o início do romance, nas suas três versões, bem como o tratamento de algumas personagens (cônego Dias, João Eduardo, etc.), a par de uma brevíssima referência a diferenças estilísticas; tudo isto sem uma efectiva problematização histórico-literária ou técnico-artística e apenas com o propósito de evidenciar o aperfeiçoamento que caracteriza o devir da produção literária queirosiana.

4.4. Voltaremos ainda às diferenças entre a segunda e a terceira versões d'*O Crime do Padre Amaro*, com o auxílio de destacados estudiosos da obra queirosiana. Antes disso, lembraremos que, no plano da sua própria reflexão doutrinária, Eça de Queirós deixou um testemunho extremamente impressivo, pelo que revela de debate interior acerca do Naturalismo e das suas imposições: referimo-nos ao texto conhecido pelo título «Idealismo e Realismo»¹⁴², texto umbilicalmente ligado ao romance que nos ocupa e ao seu processo de maturação e crescimento.

O texto em apreço foi escrito, como se sabe, para ser a resposta polémica a diversas acusações formuladas por Machado de Assis na sua crítica a *O Primo Bazílio* e a *O Crime do Padre Amaro* (segunda versão): dentre elas avultava a da proximidade excessiva daqueles romances relativamente a *Eugénie Grandet* de Balzac e a *La Faute de l'Abbé Mouret* de Zola, acusação de que Eça se defendia com argumentos hábeis, mas não de todo convincentes. Não é isso, contudo, o que agora interessa; o que neste momento importa notar é que, em «Idealismo e Realismo», Eça explana, com vigorosa agilidade e com alguma ênfase dogmática, os princípios que norteavam o Naturalismo, sintetizado nesta «fórmula geral: que fora da observação dos factos, e da experiência dos fenómenos, o espírito não pode obter nenhuma soma de verdade»¹⁴³; mas, tendo-se embora pronunciado com esta clareza, Eça acabou por deixar o texto inédito, dele aproveitando apenas um fragmento (pouco mais de duas páginas respeitantes à questão do plágio), que apareceu em 1880 como «Nota da segunda edição» (terceira versão).

Ao lermos este texto, a impressão que se colhe é, repete-se, a de que Eça investe nele o vigor argumentativo de alguém que domina, no plano doutrinário, os aspectos fundamentais da estética naturalista: não é apenas Zola que aqui surge invocado, como um dos patronos do Naturalismo; é também Claude Bernard, o autor da *Introduction à l'étude de la médecine expérimentale*, obra mencionada por Zola como referente metodológico, logo a abrir a série de artigos «Le roman expérimental», publicados nesse mesmo ano de 1879. Para além disso, a própria exemplificação aduzida por Eça — o pintor que há-de pintar Napoleão e o novelista que há-de descrever a burguesa da baixa — bate certo

¹⁴² Datado de 1879, este texto foi publicado em 1929, pelo filho de Eça, no volume *Curtas Inéditas de Fradique Mendes e mais Páginas Esquecidas*; o manuscrito encontra-se no Espólio de Eça de Queirós, na Biblioteca Nacional de Lisboa. O título «Idealismo e Realismo» foi atribuído pelo primeiro editor.

¹⁴³ Cf. «Idealismo e Realismo» (a propósito da 2.ª edição de *O Crime do Padre Amaro*, in *Curtas Inéditas de Fradique Mendes e mais Páginas Esquecidas*, Porto, Lello e Irmão, 1965, p. 178. Confrontámos o texto citado pelo manuscrito autógrafa, cuja transcrição pelo editor José Maria d'Eça de Queirós está longe de ser fiel ao original.

com o conhecimento de técnicas de representação observacionais e experimentais¹⁴⁴.

E contudo, o texto ficou por publicar. Se é difícil saber com segurança por que razão isso aconteceu, é possível avançar pelo menos duas hipóteses de explicação, a segunda das quais se reveste de alguma relevância no presente contexto. Primeiro: impelido pelo talento de um polemista nato, o texto assume uma vivacidade que apareceria como excessiva, contrastando com o tom sisudo da crítica a que procurava responder¹⁴⁵, assinada por um escritor (Machado de Assis) que Eça de Queirós, no fundo, respeitava (é isso que se infere de uma carta de Eça a Machado, datada de 29 de Junho de 1878); por outro lado, se é certo que o autor d'*O Crime do Padre Amaro* dominava agora, com minúcia e fundamentação, os princípios doutrinários do Naturalismo, tal não seria já suficiente para refrear um princípio de cepticismo relativamente a excessos que a segunda versão do seu romance cometera e que a terceira tratava, justamente, de amenizar. Que é como quem diz: este texto, enquanto texto polémico, mas sobretudo enquanto projecto de prefácio (que afinal não chegou a ser) não convinha já ao romance que deveria acompanhar; ao cancelar o prefácio, Eça reafirmava, pela via dessa omissão, a *prioridade estética* do novo estado do romance que era a terceira versão d'*O Crime do Padre Amaro*. O que implicitamente fazia desta versão a acção *correctiva* de que a evolução queirosiana carecia, na passagem dos anos 70 para os anos 80.

4.5. O fundamental da análise a que Machado da Rosa submete a evolução literária queirosiana, de meados dos anos 70 a 1880, pode resumir-se (mesmo com os riscos que isso implica) nestas palavras: «O mestre que termina o *Primo* é o mesmo que irá refazer o *Crime*, depois de ter provavelmente analisado, sagaz e minuciosamente, a crítica de Machado de Assis aos dois livros e de lhe extrair, com génio e método, a lição que ela lhe oferecia sobre aquilo que mais o tinha angustiado e o angustiaava como artista: a verdade e a força da concepção¹⁴⁶.»

¹⁴⁴ Os artigos de Zola que constituem o conjunto intitulado «Le roman expérimental» apareceram primeiro n'*O Mensageiro da Europa* de S. Petersburgo e em *Le Voltaire* (Paris), a partir de 16 de Outubro desse ano de 1879, ocorrendo a publicação em volume em 1880; não era impossível, portanto, que Eça tivesse conhecido os textos de Zola, antes de escrever aquele que agora nos ocupa. Por outro lado, e de acordo com Jean Girodon, em estudo já aqui citado (cf. *supra*, p. 60), Eça «vira» a pintura a que alude nas suas leituras de Proudhon em *Du principe de l'Art et de sa destination sociale*. O que significa que o escritor se atiscava, pelas referências a Claude Bernard e (implicitamente) ao pintor David, a ser de novo acusado de plágio...

¹⁴⁵ Cf. *supra*, pp. 37-39.

¹⁴⁶ A. Machado da Rosa, *Eça, discípulo de Machado?*, ed. cit., p. 328.

Não temos razões que nos levem a pôr em causa a tese fundamental que Machado da Rosa procura demonstrar no seu livro capital: que, a partir da crítica de Machado de Assis à segunda versão d'*O Crime do Padre Amaro* e a *O Primo Basílio*, Eça corrigiu os seus processos literários, no sentido de um certo distanciamento relativamente a normas de escola, aceites na versão de 1876 de forma um tanto grosseira e superficial. Com a versão de 1880, Eça supera essas limitações, o que se terá devido também à atenção que ao escritor mereceu a crítica à segunda versão, publicada por Ramalho Ortigão n'*As Farpas*, em Janeiro de 1877.

Mencionem-se, entretanto e ainda de acordo com Machado da Rosa, alguns efeitos dessa atitude genericamente correctiva, incluindo-se nela procedimentos compositivos de alcance muito amplo: desaparecem cenas escabrosas como a do infanticídio consumado pelo padre¹⁴⁷ e a do amortalhamento de Amélia (capítulos xxv e xxvii da segunda versão); completa-se o episódio final (desenvolvido para além da fala cínica de Amaro «Já as não confesso senão casadas») com um *explicit* de índole histórico-simbólica; introduz-se, por meio do abade Ferrão, um certo equilíbrio (por um efeito de contraste com os restantes padres) na crítica ao clero; opera-se, com a figura do dr. Gouveia (também ele uma personagem nova, na terceira versão) uma reflexão de recorte darwinista, privilegiando-se ainda uma espécie de «moral da consciência»; procede-se a um certo aprofundamento e humanização das personagens Amaro e Amélia.

Tudo resumido, conclui-se que a versão de 1875 é assunto praticamente ultrapassado. Ela era «o casamento de conveniência de uma inspiração vertiginosa e rebelde com uma técnica tortuosa de iniciado do Naturalismo: é realmente um esboço ou um rascunho. A técnica, frágil dique para a torrente romântica de 1875, torna-se uma tosca e intransponível barreira em 1876. É este o momento, o único, em que o romancista se entrega ao culto quase servil de uma escola literária». Em conclusão: «A versão de 1880 é uma reacção consciente e decidida contra a influência da estética zolaina, a favor da flaubertiana e da dickensoniana, o que aliás se esboçara já no *Primo Basílio*. O romancista não regressa ao espírito nem à forma de 1875. Os raros pontos de contacto do novo

¹⁴⁷ Ainda que de passagem, Camilo Castelo Branco criticara este episódio por inverosímil: «Um romancista hábil engenhou um padre mau que afoga um filho — uma perversidade estúpida e quase inverosímil em Portugal, onde os padres criam os filhos paternalmente» (*Boémia de Espírito*, Porto, Lello & Irmão, 1975, p. 271). A crítica de Camilo data de 1880 (antes da leitura da terceira versão a que acima nos referimos) e integra o conhecido folheto *A Senhora Rattazzi* (cf. A. Cabral, *Polémicas de Camilo Castelo Branco*, Lisboa, Livros Horizonte, 1982, vol. vii, pp. 105 e segs.).

romance com a primeira versão resultam principalmente do repúdio dos exageros naturalistas de 1876 [...]»¹⁴⁸.

A citação é extensa mas explica-se: ela faz justiça também ao estudioso que, de forma mais arguta e consequente, analisou o amadurecimento literário de Eça, observado no «diálogo» entre a versão de 1876 e a de 1880. Um «diálogo» que, depois de Machado da Rosa, não escapou a outros que se consagraram à análise de aspectos específicos da acidentada constituição do texto d'*O Crime do Padre Amaro*.

Referimo-nos, por exemplo, àquele que é um aspecto muito importante dos romances queirosianos em geral e d'*O Crime do Padre Amaro* em particular: a caracterização das personagens, objecto de uma dissertação académica apresentada à City University of New York, em 1972, por Maria Luísa Nunes (*Techniques and Functions of Character Drawing in the Three Versions of O Crime do Padre Amaro*) e publicada em Portugal com o título *As técnicas e a função do desenho de personagem nas três versões de O Crime do Padre Amaro* (Porto, Lello & Irmão, 1976). No que toca aos problemas da génese do romance que aqui temos demoradamente analisado, o trabalho de Maria Luísa Nunes não apresenta novidades dignas de registo, fundando-se nos contributos de Pereira Tavares, Helena Cidade Moura ou Machado da Rosa, aqui já mencionados ou a mencionar ainda.

No fundamental e conforme no título se anuncia, a análise de Maria Luísa Nunes centra-se no processo de caracterização das personagens, análise enquadrada por extensas considerações sobre os antecessores literários de Eça, sobre as dominantes temáticas do romance, sobre as características psicológicas e sociais das personagens e sobre a composição dos espaços. Acontece, entretanto, que o registo predominantemente descritivo, mais do que interpretativo, do trabalho de Maria Luísa Nunes acaba por contemplar observações de índole conteudista que, nalguns passos, perturbam a demonstração daquilo que é essencial: que «o autor deu realce especial a certos aspectos que, na primeira versão, tinham sido meramente sugeridos»; que «cenas adicionais na versão de 1880 aumentam o impacto de assuntos específicos, tais como a venalidade do clero»; que «a maior elaboração de algumas personagens acrescenta implicações psicológicas e filosóficas à versão de 1880»; e que «a inovação de personagens modifica o tratamento do infanticídio, da queda de Amélia, e da vocação sacerdotal»¹⁴⁹.

¹⁴⁸ A. Machado da Rosa, *Eça, discípulo de Machado?*, ed. cit., p. 299.

¹⁴⁹ Cf. M. Luísa Nunes, *As técnicas e a função do desenho de personagem nas três versões de O Crime do Padre Amaro*, Porto, Lello & Irmão, 1976, p. 140. Ao longo do seu trabalho, a autora valoriza sobretudo o confronto entre a segunda e a terceira versões; o que contraria a «teoria de [as versões de 1875, 1876 e 1880]

O que de forma sintética assim fica sugerido é o que a dissertação de Maria Luísa Nunes extensivamente evidencia, nos seus passos mais significativos: que ao reescrever o romance, Eça concentrou-se no tratamento das personagens, consciente de que elas seriam o decisivo elemento de representação ideológica de que o reformismo realista-naturalista carecia; ao mesmo tempo, pela caracterização das personagens passa também o fundamental das tensões que atravessam a reescrita do romance, da segunda para a terceira versão, conduzindo, como se viu já, de uma interpretação extremista e algo «agressiva» do Naturalismo, a uma interpretação mais suavizada. Ao mesmo tempo, a atenuação dos processos literários do Naturalismo completava-se por um investimento em técnicas de elaboração caricatural que, atingindo especialmente as personagens secundárias, acentuavam a dimensão cómica do romance¹⁵⁰.

O tratamento das personagens centrais — Amaro e Amélia — é também muito significativo, quando se considera o que nelas o escritor modificou, sobretudo da segunda para a terceira versão; Helena Cidade Moura chamou a atenção para o significado de algumas dessas modificações, em pertinentes observações adoptadas por Maria Luísa Nunes¹⁵¹. Assim, se do ponto de vista da caracterização física Amaro não sofre alterações de monta, do ponto de vista psicológico e moral as mudanças que nele opera o escritor configuram uma personalidade menos impulsiva e mais calculista, irremediavelmente afectada por uma sensualidade irreprimível; conforme nota conclusivamente Maria Luísa Nunes, «parece que transformar o jovem e inocente padre que se apaixona por Amélia no cínico e bestial Amaro está relacionado com o objectivo de fazer do último o veículo de crítica a vários aspectos da sociedade»¹⁵² — o que, acrescente-se, é favorecido por uma elaboração narrativa menos vinculada a compromissos naturalistas e mais orientada para uma crítica de costumes assumida de forma equilibrada e desenvolva. Com a caracterização de Amélia é também no sentido da sobriedade e do equilíbrio que a terceira versão aponta: figura agora mais activa e consistente, a Amélia que propicia o recurso a procedimentos téc-

serem três romances distintos em vez de simplesmente três redacções do mesmo romance» (M. Luísa Nunes, *op. cit.*, p. 28). Se parece aceitável separar a primeira versão das duas restantes (até pelas complicadas circunstâncias da sua publicação), já a segunda e a terceira versões não devem ser tão radicalmente dissociadas; o próprio trabalho de Maria Luísa Nunes aponta no sentido de uma correlação estreita entre ambas.

¹⁵⁰ Cf. M. Luísa Nunes, *op. cit.*, pp. 251 e segs. De acordo com uma terminologia teoricamente mais adequada, designamos como *secundárias* personagens como o cônego Dias ou João Eduardo e não *primárias*, como faz a autora.

¹⁵¹ Cf. Helena Cidade Moura, «Três versões de *O Crime do Padre Amaro*. Algumas variantes», in *Ocidente*, vol. 1, no. 284, Dezembro, 1961, pp. 271-283; M. Luísa Nunes, *op. cit.*, pp. 478 e segs.

¹⁵² *As técnicas e a função do desenho de personagem nas três versões de O Crime do Padre Amaro*, ed. cit., p. 495.

nicos inovadores como a representação do universo onírico ou o discurso indirecto livre vem a confirmar emblematicamente a superioridade estética desta terceira versão e a razão de ser do longo labor de correcção empreendido pelo escritor.

5. CRITÉRIOS DESTA EDIÇÃO

5.1. Se há aspecto da história literária d'*O Crime do Padre Amaro* em relação ao qual reina a concordância de críticos e historiadores da literatura, esse aspecto é o que respeita ao amadurecimento qualitativo do romance, da segunda para a terceira versão. Os testemunhos ultimamente invocados (com especial destaque para o de Machado da Rosa) atestam-no eloquentemente.

Isto significa que a opção pela terceira versão como texto-base de uma edição crítica do romance é absolutamente pacífica, opção reforçada ainda pelo facto de o escritor aparentemente se ter dado por satisfeito com essa terceira versão: pelo menos não voltou a ela, nos termos drásticos em que transformou o texto apressado de 1875 na versão de 1876, partindo depois desta para a de 1880.

Mas o facto de tomarmos como texto-base a terceira versão não significa que essa escolha incida sobre a segunda edição em livro (1880). Como referimos já, em vida do escritor publicou-se ainda uma terceira edição, em 1889, edição que regista algumas diferenças relativamente à de 1880. Vale a pena, pois, caracterizar esta terceira edição, tendo em atenção a sua relação com a edição de 1880.

Assim, com base numa primeira observação global, conclui-se que o texto de 1889 foi composto não só tomando como referência o de 1880, mas também respeitando minuciosamente a sua configuração gráfica: ambos os volumes contam exactamente 674 páginas, tendo o de 1889 seguido escrupulosamente os critérios tipográficos e a paginação do de 1880. Acontece assim mesmo em situações um tanto irregulares do ponto de vista gráfico, como é o caso do final da página 233; em ambas as composições, a página termina deste modo: «pelas Gansoso e pela D.» (ou seja, como de seguida se lê, D. Josefa Dias), ficando assim a forma de tratamento isolada da personagem que designa.

Note-se que a preocupação em seguir a composição de 1880 foi tão grande que, quando, em 1889, ocorre o salto de uma linha, na página 32 («cantam bonitas missas, se comem doces finos, se»), essa linha a menos

é compensada, no início da página, por um alargamento dos espaços; a linha perdida é, deste modo, recuperada e as duas edições continuam exactamente em paralelo¹⁵³.

Sendo assim, eventuais alterações introduzidas no texto de 1889 teriam que ser necessariamente muito reduzidas: é o que desde logo se indicia pelo facto de ambas as edições terem, como ficou notado, exactamente o mesmo número de páginas. Seja como for, essas alterações não são inócuas e se é um facto que a sua autoria não se encontra estabelecida (tais alterações pertencem a um tipógrafo «intrusivo» ou ao próprio escritor?), também parece certo que elas surgem com claro propósito de valorização estilística.

São as seguintes as figuras dominantes nessas alterações pontuais:

- a) Elaboração expressiva da pontuação (exclamações, reticências, etc.), em reforço das entoações coloquiais;
- b) Contração da preposição e do artigo (p. ex., «dum» em vez de «de um»);
- c) Substituição de formas de tratamento (por diversas vezes, «Sua Excelência» (ou «Suas Excelências») passa a «Sua(s) Senhoria(s)»;
- d) Substituição do ditongo «ou» por «oi» (sobretudo em «dois» e «coisa».

Ainda que sendo de pormenor, as diferenças assinaladas (e aquelas que serão registadas no aparato crítico) parecem-nos suficientes para que se considere esta edição como *ne varietur*. Aceitamos, nesta escolha, a opinião de Guerra da Cal¹⁵⁴ e discordamos da preferência de Helena Cidade Moura relativamente à edição de 1880, que aquela estudiosa adoptou como texto-base tanto na edição crítica que levou a cabo em 1964 (edição a que ainda aqui nos referiremos), como na edição dos Livros do Brasil. É certo que não existem testemunhos «em que Eça se refira à revisão de uma segunda edição da terceira versão»¹⁵⁵; mas também é certo que não são conhecidos testemunhos do escritor com sinal oposto, quer dizer, desautorizando esta edição e as alterações que nela surgem. E é sabido que Eça se não coibia de comentar criticamente as edições dos seus

¹⁵³ Embora aparentemente o salto de linha se deva a erro de localização visual (cf. R. Laufer, *Introdução à tecnologia*, ed. cit., p. 50), causa estranheza que o tipógrafo se tenha limitado a compensar a linha em falta, sem apurar a razão dessa falta, verificada certamente ao chegar ao final da página.

¹⁵⁴ Cf. E. Guerra da Cal, *Bibliografía queirociana sistemática y anotada e iconografía artística del hombre y la obra*, ed. cit., tomo 1.º, p. 23.

¹⁵⁵ Cf. «Nota final» de Helena Cidade Moura à edição Livros do Brasil *O Crime do Padre Amaro*, p. 502.

livros, sempre que elas lhe mereciam reparo, conforme fez, por exemplo, com a terceira edição d'*O Primo Bazilio*¹⁵⁶, para já não falarmos na tempestade desencadeada pela primeira versão d'*O Crime do Padre Amaro*. Consideramos, pois, tacitamente aprovada por Eça de Queirós a edição de 1889.

5.2. A partir do que fica dito, a presente edição crítica adoptará os seguintes critérios e orientações de apresentação.

- a) O texto da edição *ne varietur* (1889) surgirá na continuidade das páginas da direita (ímpares);
- b) A segunda versão (edição de 1876) surgirá na continuidade das páginas da esquerda (pares);
- c) O rodapé da página da direita integrará o aparato que resulta do confronto do texto de 1889 com o de 1880, bem como eventuais notas de editor, devidamente assinaladas como tal;
- d) O rodapé da página da esquerda integrará o aparato que resulta do confronto do texto de 1889 com o de 1876, bem como eventuais notas de editor, devidamente assinaladas como tal.

O que assim se pretende é combinar a necessidade de facultar os elementos necessários para que se possa observar o devir do texto, de 1876 a 1889, com uma apresentação gráfica materialmente viável. A razão pela qual não fazemos um aparato conjunto (ou seja: notas registando em continuidade variantes de 1876 e 1880) justifica-se não só pelo carácter potencialmente muito confuso de uma tal apresentação, mas também porque, por óbvias limitações de espaço, seria praticamente impossível seguir um critério de cotejo coerente em relação ao confronto 1889/1880. Por outras palavras: se neste último transcrevemos o texto-base e o texto modificado (de acordo com a norma geral adoptada nesta edição crítica), não podemos fazê-lo para um cotejo 1876/1880/1889. A partir de certa altura, os textos são de tal modo distintos que toda a página (e talvez ela não chegasse...) seria ocupada com as notas. Preferimos, deste modo, autonomizar as variantes relativas a 1876 e, ainda assim, transcrevê-las de forma «económica», conforme abaixo se explicará.

¹⁵⁶ Cf. E. Guerra da Cal, *op. cit.*, p. 39.

O facto de na página da esquerda se inserir todo o texto de 1876 permite não só ler o que tiver sido suprimido nas notas, como também (o que nos parece até mais importante) aferir, de uma forma por assim dizer global, as grandes diferenças entre a segunda e a terceira versão. Mas assim é possível também ler, de forma seguida, todo o texto da segunda versão, o que, até agora, só era possível no volume aparecido em 1876. O confronto entre as páginas valoriza, então, a comparação das versões (o texto *ne varietur* de 1889 é ainda a terceira versão); o confronto operado no aparato crítico incide, por seu lado, sobre as edições, uma vez que o texto de 1889 é uma nova edição relativamente ao de 1880 e também, obviamente, ao de 1876.

5.3. As opções que acabamos de explicar e fundamentar divergem da edição crítica d'*O Crime do Padre Amaro* preparada em 1964 por Helena Cidade Moura e publicada em dois volumes por Lello & Irmão Editores. Torna-se necessário agora analisar esta edição crítica e (para além do que já foi dito) explicar a razão de ser das nossas divergências.

Esclareça-se, contudo, antes de mais, o seguinte: consideramos que o trabalho levado a cabo por Helena Cidade Moura foi um contributo decisivo para recuperar e valorizar criticamente a primeira e a segunda versões deste romance. Se é certo que cabe sobretudo a José Pereira Tavares o mérito de ter exumado as versões esquecidas d'*O Crime do Padre Amaro* (em trabalhos que anteriormente referimos já), não há dúvida de que Helena Cidade Moura completou a recuperação dessas versões e facultou aos estudiosos um importante elemento de trabalho para o estudo da génese e maturação do romance.

A edição de Helena Cidade Moura inclui um breve estudo introdutório, onde logo se descrevem os critérios de apresentação adoptados: a terceira versão (edição de 1880) é o texto-base, a segunda versão é cotejada com ela e a primeira é reproduzida (em ortografia da época) no rodapé. A fim de representar o cotejo, a editora engendrou um complexo processo de sinalefas, com indicação de substituições, supressões e acrescentos; o resultado é um aparato que, em nosso entender, se torna de consulta difícil. Isto para além de não ser possível ler de forma seguida o texto da segunda versão.

Discordamos também da inserção, no fim da página, do texto da primeira versão, por aquilo que essa inserção sugere, em termos de estratégia editorial. Procedendo assim, a editora procura (ou parece tentar) fazer uma coisa e acaba por fazer outra: procura não dissociar a primeira

versão das restantes versões. Todavia, as dificuldades de harmonizar graficamente a transcrição com essas versões evidenciam que a primeira é de tal modo diferente das seguintes, que ela representa, realmente, *outro* romance — ou, se se preferir, a incipiente tentativa de o escrever. Mais: esta é uma versão desautorizada pelo escritor, conforme extensivamente aduzimos, quando descrevemos as acidentadas circunstâncias em que decorreu a sua publicação. Sendo assim, a primeira versão ocupa, na história literária do romance, um lugar e uma função muito distintos das restantes; o que aconselharia uma edição independente das restantes, com propósito por assim dizer documental — mas não mais do que isso¹⁵⁷.

5.4. A presente edição crítica do romance *O Crime do Padre Amaro* rege-se pela norma editorial em vigor para os restantes volumes, reajustada nos casos em que isso se justifique. Para além do que ficou já dito (quanto ao texto-base adoptado, ao cotejo de textos e à configuração do aparato crítico), convém agora enunciar aspectos relevantes dessa norma editorial:

5.4.1. Quando houver lugar a nota do editor, ela inserir-se-á dentro de parênteses rectos, depois da nota a que se referir.

5.4.2. No aparato referente ao cotejo do texto de 1889 com o de 1880, cada variante é indicada pelo número da linha. Em seguida, o registo da variante é introduzido pelo elemento textual do texto-base, objecto de alteração, separado da variante por um colchete (]); segue-se-lhe o elemento textual alterado. O registo começa pelo vocábulo imediatamente anterior ao início da variante e termina com o último elemento textual alterado. Por exemplo: «Suas Senhorias.] Suas Excelências»; ou então: «para os lados] para o lado».

5.4.3. No aparato referente ao cotejo do texto de 1889 com o de 1876, torna-se necessário adoptar uma outra atitude, a fim de não alongar excessivamente a extensão das notas; assim, quando a variante compreende, *grosso modo*, mais de quatro linhas, registamos apenas os primeiros e os últimos elementos dessa variante; a supressão é assinalada com colchetes e reticências e não se repete o texto-base de 1889. Por exemplo: «na escura correnteza [...] os cântaros».

¹⁵⁷ Foi o que em parte fez Alberto Machado da Rosa, ao publicar (de forma incompleta) a primeira versão d'*O Crime do Padre Amaro* no volume *Prosas Esquecidas*, I, Lisboa, Editorial Presença, 1965, pp. 219-395. Discordamos, contudo, dos juízos de valor enunciados por aquele estudioso na sua breve nota de apresentação (pp. 215-218), distintos, aliás, dos que enuncia em *Épa, discípulo de Machado?*: a primeira versão «é de facto um esboço ou um rascunho» (ed. cit., p. 300).

5.4.4. Em certos casos pontuais (que é impossível prever de forma exhaustiva), será necessário desambiguar a variante, alargando o seu registo a elementos textuais anteriores ou seguintes.

5.4.5. Quando na mesma linha ocorrem duas variantes, o seu registo será separado por uma barra oblíqua, a menos que entre elas existam apenas dois vocábulos, caso em que serão reduzidas a uma única variante.

5.4.6. Quando a alteração coincide com o início do parágrafo (não havendo, pois, elemento textual comum imediatamente anterior), o registo da variante limita-se aos elementos alterados.

5.4.7. No texto das variantes, a mudança de parágrafo é assinalada com dupla barra (//).

5.4.8. Quando se tratar de alteração puramente gráfica (p. ex., substituição de uma expressão entre aspas pela mesma expressão em itálico) o registo restringe-se à variante propriamente dita.

5.4.9. Os erros tipográficos são apenas corrigidos, sem anotação.

5.4.10. São mantidas as opções tipográficas do autor (p. ex., itálicos), a menos que seja óbvio que eventuais oscilações se devem a acidente de composição tipográfica. Nesse caso, adopta-se o procedimento dominante do ponto de vista quantitativo.

5.4.11. A ortografia e a acentuação são actualizadas, tanto nas formas portuguesas como nas estrangeiras; os estrangeirismos são mantidos, mesmo nos casos em que vieram a ser adaptados à fonética e à ortografia portuguesas; quando deficientemente escritos, os estrangeirismos são assim mantidos, anotando-se a conservação dessa deficiência.

5.4.12. A actualização ortográfica aplica-se também, em princípio, à utilização de maiúsculas. No entanto, respeitam-se as opções do autor, quando se entende que elas são estilisticamente relevantes; em casos de oscilação (um termo, no mesmo texto, ora com maiúscula, ora com minúscula) regulariza-se pelo comportamento dominante.

5.4.13. São respeitadas as opções do autor no que toca à pontuação, sabendo-se como não raro ela é peculiar em Eça. Quando o editor entende que essas derrogações não têm qualquer justificação estilística (p. ex., casos de vírgula entre sujeito e predicado), pressupondo, assim, distração do autor ou intervenção alheia a ele, essa derrogação é corrigida.

5.4.14. As formas com apóstrofo são actualizadas como formas contraídas (p. ex.: «d'um» passa a «dum»). Se essa contracção não for possível face à norma actual, recuperam-se as formas desdobradas (p. ex.: «d'ontem» passa a «de ontem»).

5.4.15. Respeitam-se, dentro do mesmo texto, formas vocabulares sincréticas (p. ex., «loura/loira»), traduzindo oscilações consentidas pelo contexto e ainda hoje vigentes. Registam-se variantes sempre que uma forma vocabular, no mesmo local, oscila de um texto para outro (p. ex.: «loura» no texto-base e «loira» numa versão superada).

5.4.16. Procede-se à modernização de grafias com incidência fonética, mas hoje claramente caídas em desuso (p. ex.: «dous», «idéa», etc.).

5.4.17. Respeitam-se as opções do autor em formas de tratamento, no que toca à sua abreviatura ou desdobramento (p. ex.: sr. ou senhor; V. S.^a ou Vossa Senhoria).

5.4.18. São corrigidos os erros provindos de óbvio *lapsus calami*, anotando-se a correcção; tais erros não são, contudo, corrigidos (mas são anotados), quando se entender que se trata de erro de informação ou de simples desconhecimento do escritor.

TEXTO CRÍTICO

Eça de Queirós

O CRIME DO PADRE AMARO

I

Foi no Domingo de Páscoa que se soube em Leiria, que o pároco da Sé, José Miguéis, tinha morrido de madrugada com uma apoplexia. O pároco era um homem sanguíneo e grosso, que passava por um *grande comilão*. Contavam-se histórias singulares da sua voracidade. O Carlos da Botica — que o detestava — costumava dizer, sempre que o via passear na Praça depois da sesta, com a cara afogueada de sangue, todo enfartado de indigestão:

— Lá anda a jibóia a esmoer. Um dia estoira!

Tinha com efeito *estoirado* depois de uma ceia enorme. Ninguém o lamentou — e foi pouca gente ao enterro. Em geral não era estimado. Era um aldeão, tinha os modos e os pulsos de um cavador, a voz rouca, uma grande rudeza de palavras. As devotas temiam-no: o pároco, com o seu claro juízo plebeu, nunca tinha compreendido as sensibilidades da devoção: vivera sempre nas freguesias de aldeia ou nas duras paróquias das serras; assim quando as beatas, humildemente encolhidas, com a voz penitente e débil, lhe iam falar de pecados, de escrúpulos, de visões, José Miguéis ria-se:

— Ora histórias, santinha, dizia ele. Peça juízo a Deus.

As subtilezas dos jejuns sobretudo irritavam-no:

— Coma-lhe e beba-lhe, costumava ele resmungar, coma-lhe e beba-lhe, criatura!

1: Leiria,

3-4: e grosso, que passava por um *grande comilão*.

6: via passear na Praça depois da sesta, com a cara

7: sangue, todo enfartado de indigestão:

8: — Lá anda a jibóia a esmoer. Um dia estoira!

9-11: Tinha com efeito *estoirado* depois de uma ceia enorme. Ninguém o lamentou —

11: ao enterro.

12: aldeão, / pulsos de um

13-20: rouca, [...] ria-se:

21: santinha, dizia ele. Peça juízo a Deus.

22: As subtilezas

23: costumava ele resmungar,

I

Foi no Domingo de Páscoa que se soube em Leiria que o pároco da Sé, José Miguéis, tinha morrido de madrugada com uma apoplexia. O pároco era um homem sanguíneo e nutrido, que passava entre o clero diocesano pelo *comilão dos comilões*. Contavam-se histórias singulares da sua voracidade. O Carlos da Botica — que o detestava — costumava dizer, sempre que o via sair depois da sesta, com a face afogueada de sangue, muito enfartado:

— Lá vai a jibóia esmoer. Um dia estoura!

Com efeito estourou, depois duma ceia de peixe — à hora em que defronte, na casa do doutor Godinho que fazia anos, se polkava com alarido. Ninguém o lamentou, e foi pouca gente ao seu enterro. Em geral não era estimado. Era um aldeão; tinha os modos e os pulsos dum cavador, a voz rouca, cabelos nos ouvidos, palavras muito rudes.

Nunca fora querido das devotas: arrotava no confessionário; e, tendo vivido sempre em freguesias da aldeia ou da serra, não compreendia certas sensibilidades requintadas da devoção: perdera por isso, logo ao princípio, quase todas as confessadas, que tinham passado para o polido padre Gusmão, tão cheio de *lábria!*

E quando as beatas, que lhe eram fiéis, lhe iam falar de escrúpulos, de visões, José Miguéis escandalizava-as, rosnando:

— Ora histórias, santinha! Peça juízo a Deus! Mais miolo na bola! As exagerações dos jejuns sobretudo irritavam-no:

— Coma-lhe e beba-lhe, costumava gritar, coma-lhe e beba-lhe, criatura!

1: Leiria] Leiria.

9: depois duma] depois de uma

10: polkava] polkava.

12: pulsos dum] pulsos de um

14: confessionário; e.] confessionário, e

21: Deus!] Deus.

Tinha opiniões extremamente miguelistas e uma afeição exaltada pelo Papa. Os partidos liberais, as suas opiniões e os seus jornais enchiam-no de uma cólera irracional:

— Cacete! Cacete! exclamava ele, meneando o seu enorme guarda-sol vermelho.

Nos últimos anos tomara hábitos sedentários, comia desmedidamente e vivia isolado — com uma criada velha e um cão, o *Joli*. O seu único amigo era o chantre Valadares, que governava então o bispado, porque o senhor bispo D. Joaquim gemia, havia dois anos, o seu reumatismo, numa quinta do alto Minho. O pároco tinha um grande respeito pelo chantre, homem seco, débil, todo asseado, lido nos clássicos, epigramático, discretamente guloso.

O chantre estimava-o. Chamava-lhe *Frei Hércules*.

— *Hércules* pela força, explicava ele sorrindo, *Frei* pela gula.

No seu enterro ele mesmo lhe foi aspergir a cova; e como costumava oferecer-lhe todos os dias rapé da sua caixa de ouro, disse aos outros cônegos, baixinho, ao deixar-lhe cair sobre o caixão, segundo o velho ritual, o primeiro torrão de terra:

— É a última pitada que lhe dou!

No adro os cônegos do cabido tinham rido muito com esta graça do senhor governador do bispado: o cônego Campos contou-a à noite ao chá em casa do deputado Novais, e foi celebrada com risos discretos: todos exaltaram então as virtudes do chantre e afirmou-se com respeito — *que Sua Excelência tinha muita pilhéria!*

Dias depois do enterro apareceu, errando pela Praça, o cão do pároco, o *Joli*; a criada entrara com uma febre no hospital, a casa fora fechada, e o cão, abandonado, gemia a sua fome pelos portais: era um

25: Tinha opiniões extremamente miguelistas e uma afeição exaltada pelo Papa. Os partidos liberais, as suas opiniões e

26: enchiam-no de uma

27: exclamava ele,

29: sedentários, comia desmedidamente e

31: Valadares,

32: reumatismo,

33-5: seco, débil, todo asseado, lido nos clássicos, epigramático, discretamente guloso.

37: explicava ele

38: e

39: de ouro,

40: segundo o velho

43: No adro os cônegos do cabido tinham rido muito

44: bispado:

45: Novais, e / risos discretos: todos exaltaram então

46: chantre e

49: *Joli*; / com uma febre no hospital, / fechada, e

50: portais:

50-3: pequeno, [...] gemendo

25 Era miguelista — e os partidos liberais, as suas opiniões, os seus jornais enchiam-no duma cólera irracionável:

— Cacete! Cacete! exclamava, meneando o seu enorme guarda-sol vermelho.

Nos últimos anos tomara hábitos sedentários e vivia isolado — com
30 uma criada velha e um cão, o *Joli*. O seu único amigo era o chantre Valadares que governava então o bispado, porque o senhor bispo D. Joaquim gemia, havia dois anos, o seu reumatismo numa quinta do alto Minho. O pároco tinha um grande respeito pelo chantre, homem seco, de grande nariz, muito curto de vista, admirador de Ovídio — que falava
35 fazendo sempre boquinhas e com alusões mitológicas.

O chantre estimava-o. Chamava-lhe *Frei Hércules*.

— *Hércules* pela força, explicava sorrindo, *Frei* pela gula.

No seu enterro ele mesmo lhe foi aspergir a cova; e, como costumava
oferecer-lhe todos os dias rapé da sua caixa de ouro, disse aos outros
40 cónegos, baixinho, ao deixar-lhe cair sobre o caixão, segundo o ritual, o primeiro torrão de terra:

— É a última pitada que lhe dou!

Todo o cabido riu muito com esta graça do senhor governador do bispado; o cónego Campos contou-a à noite ao chá em casa do deputado
45 Novais; foi celebrada com risos deleitados, todos exaltaram as virtudes do chantre, e afirmou-se com respeito — *que Sua Excelência tinha muita pilhéria!*

Dias depois do enterro apareceu, errando pela Praça, o cão do pároco, o *Joli*. A criada entrara com sezões no hospital; a casa fora fechada;
50 o cão, abandonado, gemia a sua fome pelos portais. Era um gozo pequeno, extremamente gordo, — que tinha vagas semelhanças com o pároco.

26: enchiam-no duma] enchiam-no de uma

29: sedentários] sedentários,

31: Valadares] Valadares,

32: havia dois] havia dous / reumatismo] reumatismo,

34: curto de] curta da

35: boquinhas] boquinhas,

gozo pequeno, com o pêlo encanecido, extremamente gordo, as pernas arqueadas, todo trôpego. Com o hábito das batinas e ávido de um dono, o *Joli* sempre que via um padre punha-se a segui-lo ganindo baixo. Mas nenhum queria o *Joli*, davam-lhe com as ponteiras dos guarda-sóis, e o cão, repellido como um pretendente, toda a noite uivava pelas ruas. Uma manhã apareceu morto ao pé da Misericórdia: uma carroça de estrume levou-o, e como o cão desapareceu da Praça o pároco José Miguéis foi definitivamente esquecido.

Dois meses depois soube-se em Leiria que estava nomeado outro pároco. Dizia-se que era um homem extremamente novo, saído apenas do seminário. O seu nome era Amaro Vieira. Atribuía-se a sua escolha a influências políticas e o jornal de Leiria *A Voz do Distrito*, que estava na oposição, falou com pompa, citando o Gólgota, no *favoritismo da corte* e na *reação clerical*. Alguns padres tinham-se escandalizado com o artigo e falou-se nisso acremente diante do senhor chantre.

— Não, não, lá que há favor há, e que o homem tem padrinhos isso tem, disse o chantre gravemente. A mim quem me escreveu para a confirmação foi o Brito Correia (Brito Correia era então o ministro da Justiça). Até me diz na carta que o pároco é um belo rapagão. De sorte que — acrescentou sorrindo com satisfação — depois de *Frei Hércules* vamos talvez ter *Frei Apolo*.

Em Leiria havia só uma pessoa que conhecia o pároco novo: era o cônego Dias, que fora nos primeiros anos do seminário seu mestre de Moral. O cônego dizia que, no seu tempo, o pároco era um rapaz franzino, um pouco corcovado, acanhado, com a cara cheia de espinhas carnisais.

— Parece que o estou a ver, dizia ele, com a batina muito coçada e cara de quem tem lombrigas. De resto bom rapaz!

53-4: o *Joli*, davam-lhe

54: guarda-sóis, e

56-7: Misericórdia: uma carroça de estrume levou-o, e como o cão desapareceu da Praça o

60: homem extremamente

62: políticas e / Leiria

63: com pompa,

64-5: artigo e falou-se nisso acremente diante

66: favor há,

66-7: padrinhos isso tem, disse o chantre gravemente.

68: então o

73: Dias, que fora nos / seminário

74: Moral. O cônego dizia que, no seu tempo,

74-5: franzino, um pouco corcovado, acanhado, com a cara cheia de espinhas carnisais.

76: ver, dizia ele,

77-8: lombrigas. De resto bom rapaz! // O cônego

Com o hábito das batinas, ávido dum dono, apenas via um padre punha-se a segui-lo, ganindo baixo. Mas nenhum queria o infeliz *Joli*; enxotavam-no com as ponteiras dos guarda-sóis; o cão, repellido como um pretendente, toda a noite uivava pelas ruas. Uma manhã apareceu morto ao pé da Misericórdia; a carroça do estrume levou-o e, como ninguém tornou a ver o cão na Praça, o pároco José Miguéis foi definitivamente esquecido.

Dois meses depois soube-se em Leiria que estava nomeado outro pároco. Dizia-se que era um homem muito novo, saído apenas do seminário. O seu nome era Amaro Vieira. Atribuía-se a sua escolha a influências políticas, e o jornal de Leiria, *A Voz do Distrito*, que estava na oposição, falou com amargura, citando o Gólgota, no *favoritismo da corte* e na *reação clerical*. Alguns padres tinham-se escandalizado com o artigo; conversou-se sobre isso, acremente, diante do senhor chantre.

— Não, não, lá que há favor, há; e que o homem tem padrinhos, tem, disse o chantre. A mim quem me escreveu para a confirmação foi o Brito Correia (Brito Correia era então ministro da Justiça). Até me diz na carta que o pároco é um belo rapagão. De sorte que — acrescentou sorrindo com satisfação — depois de *Frei Hércules* vamos talvez ter *Frei Apolo*.

Em Leiria havia só uma pessoa que conhecia o pároco novo: era o cónego Dias que fora, nos primeiros anos do seminário, seu mestre de Moral. No seu tempo, dizia o cónego, o pároco era um rapaz franzino, acanhado, cheio de espinhas carnisais...

— Parece que o estou a ver com a batina muito coçada e cara de quem tem lombrigas!... De resto bom rapaz. É espertote...

52: ávido dum] ávido de um

56: levou-o e.] levou-o, e

59: Dois] Dois

73: fora.] fora / seminário.] seminário

77: rapaz.] rapaz!

O cónego Dias era muito conhecido em Leiria. Era um homem redondo e baixo, com um ventre saliente que lhe enchia a batina, as pernas curtas e esguias, uma cabecinha grisalha, as olheiras papudas, o beço descaído e espesso: e todo o seu aspecto fazia lembrar as velhas anedotas de frades lascivos, enfartados de pecado.

O tio Patrício, o *Antigo*, negociante da Praça, que fora da revolução de 20 e que quando passava pelos padres rosnava como um velho cão de fila, dizia sempre que o via atravessar a Praça, pesado, ruminando a digestão, encostado ao guarda-chuva:

— Que maroto! Parece mesmo D. João VI!

O cónego vivia só com uma irmã velha, a sr.^a D. Josefa Dias e uma criada, que todos conheciam em Leiria, sempre na rua, entrouxada num xale tingido de negro e arrastando pesadamente as suas chinelas de ouro. O cónego Dias passava por ser rico: tinha ao pé de Leiria propriedades arrendadas, dava jantares com peru e tinha reputação o seu vinho *duque* de 1815. Mas o facto saliente da sua vida — o facto comentado e murmurado — era a sua antiga amizade com a sr.^a Augusta Caminha, a quem chamavam a S. Joaneira, por ser natural de S. João da Foz. A S. Joaneira morava na Rua da Misericórdia e recebia hóspedes. Tinha uma filha, a Ameliuzinha, rapariga de vinte e três anos, bonita, fresca, forte, muito desejada.

O cónego Dias tinha, desde o primeiro dia, mostrado um grande contentamento com a nomeação de Amaro Vieira. Na botica do Carlos, na Praça, na sacristia da Sé, falava sempre dele como de um padre exemplar: recordava a sua minuciosidade nos estudos, a sua prudência de costumes, a sua passiva obediência: gabava-lhe a voz: «*Um timbre que é um regalo!*» e acrescentava, com uma grave convicção:

— Para um bocado de sentimento nos sermões da Semana Santa, está a calhar!

78-81: Leiria. [...] lascivos, enfartados de pecado.

82: Praça, que fora da revolução de 20 e

83-4: dizia sempre que o via atravessar

87: Dias

88: conheciam em

90: rico: tinha

91: peru

97: bonita, fresca, forte,

98: O cónego Dias tinha, desde o primeiro dia, mostrado

100-1: Sé, [...] gabava-lhe a voz:

103: Santa,

O cónego Dias era muito conhecido em Leiria. Ultimamente engor-
dara, o ventre saliente enchia-lhe a batina; e a sua cabecinha grisalha, as
80 olheiras papudas, o beijo espesso faziam lembrar velhas anedotas de fra-
des lascivos e glutões.

O tio Patrício, o *Antigo*, negociante da Praça, muito liberal, e que
quando passava pelos padres rosnava como um velho cão de fila, dizia
às vezes ao vê-lo atravessar a Praça, pesado, ruminando a digestão, en-
85 costado ao guarda-chuva:

— Que maroto! Parece mesmo D. João VI!

O cónego vivia só com uma irmã velha, a sr.^a D. Josefa Dias, e
uma criada, que todos conheciam também em Leiria, sempre na rua,
entrouxada num xale tingido de negro e arrastando pesadamente as suas
90 chinelas de ouro. O cónego Dias passava por ser rico; trazia ao pé de
Leiria propriedades arrendadas, dava jantares com peru, e tinha repu-
tação o seu vinho *duque* de 1815. Mas o facto saliente da sua vida — o
facto comentado e murmurado — era a sua antiga amizade com a
sr.^a Augusta Caminha, a quem chamavam a S. Joaneira, por ser natural
95 de S. João da Foz. A S. Joaneira morava na Rua da Misericórdia e rece-
bia hóspedes. Tinha uma filha, a Ameliuzinha, rapariga de vinte e três
anos, bonita, forte, muito desejada.

O cónego Dias mostrara um grande contentamento com a nomea-
ção de Amaro Vieira. Na botica do Carlos, na Praça, na sacristia da
100 Sé exaltou os seus bons estudos no seminário, a sua prudência de cos-
tumes, a sua obediência: gabava-lhe mesmo a voz: «*Um timbre que é um
regalo!*»

— Para um bocado de sentimento nos sermões da Semana Santa
está a calhar!

89: negro] negro.

95: Misericórdia] Misericórdia.

103: Santa] Santa.

E predizia-lhe um destino feliz onde encontraria facilmente as dignidades, uma conezia decerto, talvez a glória de um bispado. Um dia mesmo, na Sé, mostrou com uma satisfação expansiva uma carta que recebera de Lisboa de Amaro Vieira e leu alguns períodos em que Amaro, depois de falar «das boas recordações que sempre conservara do seu caro padre-mestre», se alargava na narração dos personagens que conhecia em Lisboa — a filha da senhora marquesa de Alegros, «minha boa companheira de infância, tão virtuosa como bela», seu marido o conde de Ribamar «cheio das virtudes de um nobre fidalgo, honra da sua classe».

— O resto, disse o cónego Dias metendo a carta no sobrescrito enxovalhado, são coisas particulares.

As *coisas particulares* da carta de Amaro revelou-as ele ao coadjutor da Sé, criatura servil e calada, uma tarde de Agosto, que passeavam ambos para os lados da Ponte Nova. Andava então a construir-se a estrada da Figueira: o velho passadiço de pau sobre a ribeira do Lis tinha sido destruído e já se passava sobre a Ponte Nova, muito gabada, com os seus dois largos arcos de pedra, fortes e atarracados. Para diante as obras estavam atrasadas, quase suspensas por questões de expropriação; ainda se via o velho e lodoso caminho da freguesia de Marrazes, que a estrada nova devia desbastar e incorporar; aos lados esboroavam-se monturos de saibro, camadas de cascalho cobriam o chão, e viam-se os grossos cilindros de pedra que acalam e recamam os macadams, um pouco enterrados na terra negra e húmida das chuvas.

Em roda da ponte a paisagem é larga e tranquila. Para o lado donde o rio vem são colinas baixas, de formas arredondadas, cobertas da rama verde-negra dos pinheiros novos; em baixo, na espessura dos arvoredos, estão os casais que dão àqueles lugares um pouco melancólicos uma feição mais viva e humana — com as suas alegres paredes caiadas que luzem ao sol, com os fumos das lareiras que pela tarde se azulam naqueles ares sempre claros e lavados. Para o lado do mar, para onde o rio vai, arrastando-se nas terras baixas entre dois renques de salgueiros de folha pálida e necessitada, estende-se até os primeiros areais o campo de Leiria, largo, fecundo, com o aspecto das águas abundantes, cheio de luz. Da

105: E predizia-lhe um destino feliz onde encontraria facilmente as dignidades, uma
106-9: glória de um bispado. Um dia mesmo, [...] uma tarde de Agosto, que passeavam

111: destruído e

113: estavam atrasadas, quase suspensas

114: o velho e

115: incorporar; aos lados esboroavam-se monturos de saibro, camadas

116: chão, e viam-se / pedra

117: macadams, um pouco enterrados

122: lugares um pouco

124: azulam naqueles

125: rio vai, arrastando-se

126: salgueiros de folha pálida e necessitada,

127: aspecto das

105 Predizia-lhe com ênfase um destino feliz, uma conezia decerto, talvez a glória dum bispado!

E um dia, enfim, mostrou com satisfação ao coadjutor da Sé, criatura servil e calada, uma carta que recebera de Lisboa de Amaro Vieira.

110 Era uma tarde de Agosto e passeavam ambos para os lados da Ponte Nova. Andava então a construir-se a estrada da Figueira: o velho passadiço de pau sobre a ribeira do Lis tinha sido destruído, já se passava sobre a Ponte Nova, muito gabada, com os seus dois largos arcos de pedra, fortes e atarracados. Para diante as obras estavam suspensas por questões de expropriação; ainda se via o lodoso caminho da freguesia de

115 Marrazes, que a estrada nova devia desbastar e incorporar; camadas de cascalho cobriam o chão; e os grossos cilindros de pedra, que acalcam e recamam os macadams, enterravam-se na terra negra e húmida das chuvas.

120 Em roda da ponte a paisagem é larga e tranquila. Para o lado donde o rio vem são colinas baixas, de formas arredondadas, cobertas da rama verde-negra dos pinheiros novos; em baixo, na espessura dos arvoredos, estão os casais que dão àqueles lugares melancólicos uma feição mais viva e humana — com as suas alegres paredes caiadas que luzem ao sol, com os fumos das lareiras que pela tarde se azulam nos ares sempre claros e

125 lavados, Para o lado do mar, para onde o rio se arrasta nas terras baixas entre dois renques de salgueiros pálidos, estende-se até os primeiros areais o campo de Leiria, largo, fecundo, com o aspecto de águas abundantes,

109: Agosto] Agosto,

112: seus dois] seus dous

ponte pouco se vê da cidade; apenas uma esquina das cantarias pesadas e jesuíticas da Sé e um canto do muro do cemitério, coberto de parietárias, donde sobressaem as pontas agudas e negras dos ciprestes; o resto está escondido pelo duro monte ouriçado de vegetações rebeldes, onde destacam as ruínas do Castelo, negras, todas envolvidas à tarde nos largos voos circulares dos mochos, desmanteladas e com um grande ar histórico.

Ao pé da ponte, uma rampa desce para uma alameda que se estende um pouco à beira do rio. É um lugar abrigado, recolhido, coberto de árvores antigas. Chamam-lhe a Alameda Velha. Os dois padres, o cónego e o coadjutor, passeavam ali, devagar, falando baixo. O cónego tinha estado a contar ao coadjutor as *coisas particulares* da carta de Amaro Vieira. Amaro pedia-lhe que lhe arranjasse uma casa de aluguel, barata, bem situada, e se fosse possível mobilada; falava-lhe mesmo de quartos numa casa de hóspedes respeitável. O cónego tinha lido ao coadjutor o período da carta: «Já vê o meu caro padre-mestre, dizia Amaro, que era isto o que verdadeiramente me convinha; eu não quero luxos, está claro: um quarto e uma saleta seria o bastante. O que é necessário é que a casa seja respeitável, sossegada, central, que a patroa tenha bom génio e que não peça mundos e fundos; deixo tudo isto à sua prudência e capacidade, e creia que todos estes favores não cairão em terreno ingrato. Sobretudo que a patroa seja pessoa acomodada e de boa língua.»

— Ora já você vê, amigo Mendes, que boa ocasião para a S. Joaneira! resumiu o cónego com um grande contentamento.

— Lá isso é, disse o coadjutor com a sua voz humilde.

— Ela tem o quarto de baixo, a saleta pegada e o outro quarto que pode servir de escritório. Tem boa mobília, boas roupas.

— Ricas roupas, disse o coadjutor com respeito.

O cónego continuou:

— É um rico negócio para a S. Joaneira: dando os quartos, roupas, comida, criada, pode muito bem pedir os seus seis tostões por dia. E depois sempre tem o pároco de casa.

129: Sé e / cemitério.

130: parietárias, donde sobressaem as

132: Castelo, negras.

134: para uma

135: lugar abrigado.

136-9: Velha. Os dois padres, [...] Amaro pedia-lhe que

140: falava-lhe mesmo

141: respeitável. O cónego tinha lido ao coadjutor o período da carta: «Já

144: central,

149: — Ora já você vê, amigo Mendes, que boa ocasião para a

150-2: contentamento. // — Lá isso é,

152: voz humilde.

154: roupas.

157: um rico

cheio de luz. Da ponte pouco se vê da cidade; apenas uma esquina das cantarias pesadas e jesuíticas da Sé, um canto do muro do cemitério coberto de parietárias, e pontas agudas e negras dos ciprestes; o resto está escondido pelo duro monte ouriçado de vegetações rebeldes, onde destacam as ruínas do Castelo, todas envolvidas à tarde nos largos voos circulares dos mochos, desmanteladas e com um grande ar histórico.

Ao pé da ponte, uma rampa desce para a alameda que se estende um pouco à beira do rio. É um lugar recolhido, coberto de árvores antigas. Chamam-lhe a Alameda Velha. Ali, caminhando devagar, falando baixo, o cónego consultava o coadjutor sobre a carta de Amaro Vieira, e sobre «uma ideia que ela lhe dera, que lhe parecia de mestre! De mestre!» Amaro pedia-lhe com urgência que lhe arranjasse uma casa de aluguel, barata, bem situada, e se fosse possível mobilada; falava sobretudo de quartos numa casa de hóspedes respeitável. «Bem vê o meu caro padre-mestre», dizia Amaro, «que era isto o que verdadeiramente me convinha; eu não quero luxos, está claro: um quarto e uma saleta seria o bastante. O que é necessário é que a casa seja respeitável, sossegada, central; que a patroa tenha bom gênio e que não peça mundos e fundos; deixo tudo isto à sua prudência e capacidade, e creia que todos estes favores não cairão em terreno ingrato. Sobretudo que a patroa seja pessoa acomodada e de boa língua.»

— Ora a minha ideia, amigo Mendes, é esta: metê-lo em casa da S. Joaneira! resumiu o cónego com um grande contentamento. É rica ideia, hem?

— Soberba ideia! disse o coadjutor com a sua voz servil.

— Ela tem o quarto de baixo, a saleta pegada e o outro quarto que pode servir de escritório. Tem boa mobília, boas roupas...

— Ricas roupas, disse o coadjutor com respeito.

O cónego continuou:

— É um belo negócio para a S. Joaneira: dando os quartos, roupas, comida, criada, pode muito bem pedir os seus seis tostões por dia. E depois sempre tem o pároco de casa.

[44: central:] central.

— Por causa da Ameliazinha é que eu não sei, considerou timidamente o coadjutor. Sim, pode ser reparado. Uma rapariga nova. Diz que o senhor pároco é ainda novo. Vossa Senhoria sabe o que são línguas do mundo.

O cónego tinha parado:

— Ora histórias! Então o padre Joaquim não vive debaixo das mesmas telhas com a afilhada da mãe? E o cónego Pedroso não vive com a cunhada e uma irmã da cunhada, que é uma rapariga de dezanove anos? Ora essa!

— Eu dizia... atenuou o coadjutor.

— Não, não vejo mal nenhum. A S. Joaneira aluga os seus quartos, é como se fosse uma hospedaria. Então o secretário-geral não esteve lá uns poucos de meses?

— Mas um eclesiástico... insinuou o coadjutor.

— Mais garantias, sr. Mendes, mais garantias! exclamou o cónego. E parando, com uma atitude confidencial: E depois a mim é que me convinha, Mendes! A mim é que me convinha, meu amigo!

Houve um pequeno silêncio. O coadjutor disse, baixando a voz:

— Sim, Vossa Senhoria faz muito bem à S. Joaneira!

— Faço o que posso, meu caro amigo, faço o que posso, disse o cónego. E com uma entonação terna, risonhamente paternal: Que ela é merecedora! É merecedora. Boa até ali! meu amigo! — E parando, esgazeando os olhos: — Olhe que dia em que eu não lhe apareça pela manhã às nove em ponto, está num frenesi! Oh! criatura, digo-lhe eu, a senhora rala-se sem razão. Mas então, é aquilo! Pois quando eu tive a cólica o ano passado! Emagreceu, sr. Mendes! E depois não há lembrança que não tenha! Agora, pela matança do porco, o melhor do animal é para o *padre santo*, você sabe? É como ela me chama.

O cónego falava com os olhos luzidios, uma satisfação radiosa.

— Ah, Mendes! acrescentou, é uma rica mulher!

— E bonita mulher, disse o coadjutor respeitosamente.

— Lá isso! exclamou o cónego parando. Lá isso! Bem conservada até ali! Pois olhe que não é uma criança! Mas nem um cabelo branco,

161: nova.

162: novo.

167: cunhada

175: confidencial: E

178: S. Joaneira!

180: paternal: Que

181: merecedora! É / ali! meu amigo! — E parando.

183: frenesi! Oh! criatura.

184: razão. Mas

188: O cónego / satisfação radiosa.

191: parando.

192: que não é uma

160 — Por causa da Ameliazinha é que eu não sei, considerou timidamente o coadjutor. Sim, pode ser reparado. Uma rapariga nova... Diz que o senhor pároco é ainda novo... Vossa Senhoria sabe o que são línguas do mundo.

O cónego tinha parado:

165 — Ora histórias! Então o padre Joaquim não vive debaixo das mesmas telhas com a afilhada da mãe? E o cónego Pedroso não vive com a cunhada, e uma irmã da cunhada, que é uma rapariga de dezanove anos? Ora essa!

— Eu dizia... atenuou o coadjutor.

170 — Não, não vejo mal nenhum. A S. Joaneira aluga os seus quartos, é como se fosse uma hospedaria. Então o secretário-geral não esteve lá uns poucos de meses?

— Mas um eclesiástico... insinuou o coadjutor.

175 — Mais garantias, sr. Mendes, mais garantias! exclamou o cónego. E parando, com uma atitude confidencial: — E depois a mim é que me convinha, Mendes! A mim é que me convinha, meu amigo!

Houve um pequeno silêncio. O coadjutor disse, baixando a voz:

— Sim, Vossa Senhoria faz muito bem à S. Joaneira...

180 — Faço o que posso, meu caro amigo, faço o que posso, disse o cónego. E com uma entonação terna, risonhamente paternal: — Que ela é merecedora, é merecedora. Boa até ali, meu amigo! — Parou, esgazeando os olhos: — Olhe que dia em que eu não lhe apareça pela manhã às nove em ponto, está num frenesi! «Oh criatura! digo-lhe eu, a senhora rala-se sem razão.» Mas então, é aquilo! Pois quando eu tive a cólica o
185 ano passado! Emagreceu, sr. Mendes! E depois não há lembrança que não tenha! Agora, pela matança do porco, o melhor do animal é para o *padre santo*, você sabe? É como ela me chama.

Falava com os olhos luzidios, uma satisfação babosa:

— Ah, Mendes! acrescentou, é uma rica mulher!

190 — É bonita mulher, disse o coadjutor respeitosamente.

— Lá isso! exclamou o cónego parando outra vez. Lá isso! Bem conservada até ali! Pois olhe que já não é criança! Mas nem um cabelo

178: S. Joaneira...] S. Joaneira!

180-1: ela é merecedora.] ela é merecedora!

183: frenesi! «Oh! frenesi! Oh

184: razão.» Mas] razão. Mas

188: babosa.] babosa.

192: que já não é] que não é uma

nem um, nem um só! E então que cor de pele! — E mais baixo, com um sorriso guloso: — E isto aqui! Oh, Mendes, e isto aqui! — E indicava o lado do pescoço debaixo do queixo, passando-lhe devagar por cima a sua mão polpuda: — É uma perfeição! E depois mulher de asseio, muitíssimo asseio! E então umas lembranças! Não há dia que me não mande o seu presente: é o covilhete de geleia, é o pratinho de arroz-doce, é a bela morcela de Arouca! Ontem me mandou ela uma torta de maçã. Ora, havia de você ver aquilo! A maçã parecia um creme! Até a mana Josefa disse: «Está tão boa que parece que foi cozida em água benta!» — E pondo a mão espalmada sobre o peito: — São coisas que tocam a gente cá por dentro, Mendes! Não, não é lá por dizer, mas não há outra.

O coadjutor escutava com a taciturnidade da inveja.

— Eu bem sei, disse o cônego parando de novo e tirando lentamente as palavras, eu bem sei que por aí rosnam, rosnam... Pois é uma grandíssima calúnia! O que é, é que eu tenho muito apego àquela gente. Já o tinha em tempo do marido. Você bem sabe, Mendes.

O coadjutor teve um gesto afirmativo.

— A S. Joaneira é uma pessoa de bem! Olhe que é uma pessoa de bem, Mendes! exclamava ele batendo no chão fortemente com a ponteira do guarda-sol.

— As línguas do mundo são venenosas, senhor cônego, disse o coadjutor com uma voz chorosa. E depois de um silêncio acrescentou baixo: — Mas aquilo a Vossa Senhoria deve-lhe sair caro!

— Pois aí está, meu amigo! Imagine você que desde que o secretário-geral se foi embora a pobre da mulher tem tido a casa vazia: eu é que tenho dado para a panela, Mendes!

— Que ela tem uma fazendita, considerou o coadjutor.

— Uma nesga de terra, meu rico senhor, uma nesga de terra! E depois as décimas, os jornais! Por isso digo eu, o pároco é uma mina. Com os seis tostões que ele der, com o que eu ajudar, com alguma coisa que ela tire da hortaliça que vende da fazenda, já se governa. E para mim é um alívio, Mendes.

— É um alívio é, senhor cônego, repetiu o coadjutor.

Ficaram calados. A tarde descaía extremamente límpida; o alto céu

194: aqui! Oh, / aqui! — E

196: mão polpuda: —

197: E então umas

198: presente:

200: Ora,

209: bem sabe,

212: exclamava ele

215: depois de um

226: alívio é, senhor cônego,

227: descaía extremamente

branco, nem um, nem um só! E então que cor de pele! — E mais baixo, com um sorriso guloso: — E isto aqui! Ó Mendes, e isto aqui! — Indicava o lado do pescoço debaixo do queixo, passando-lhe devagar por cima a sua mão papuda: — É uma perfeição! E depois mulher de asseio, muitíssimo asseio! E que lembranças! Não há dia que me não mande o seu presente! É o covillete de geleia, é o pratinho de arroz-doce, é a bela morcela de Arouca! Ontem me mandou ela uma torta de maçã. Ora havia de você ver aquilo! A maçã parecia um creme! Até a mana Josefa disse: «Está tão boa que parece que foi cozida em água benta!» — E pondo a mão espalmada sobre o peito: — São coisas que tocam a gente cá por dentro, Mendes! Não, não é lá por dizer, mas não há outra.

O coadjutor escutava com a taciturnidade da inveja.

— Eu bem sei, disse o cónego parando de novo e tirando lentamente as palavras, eu bem sei que por aí rosnam, rosnam... Pois é uma grandíssima calúnia! O que é, é que eu tenho muito apego àquela gente. Já o tinha em tempo do marido. Você bem o sabe, Mendes.

O coadjutor teve um gesto afirmativo.

— A S. Joaneira é uma pessoa de bem! Olhe que é uma pessoa de bem, Mendes! exclamava o cónego batendo no chão fortemente com a ponteira do guarda-sol.

— As línguas do mundo são venenosas, senhor cónego, disse o coadjutor com uma voz chorosa. E depois dum silêncio acrescentou baixo: — Mas aquilo a Vossa Senhoria deve-lhe sair caro!

— Pois aí está, meu amigo! Imagine você que desde que o secretário-geral se foi embora a pobre da mulher tem tido a casa vazia: eu é que tenho dado para a panela, Mendes!

— Que ela tem uma fazendita, considerou o coadjutor.

— Uma nesga de terra, meu rico senhor, uma nesga de terra! E depois as décimas, os jornais! Por isso digo eu, o pároco é uma mina. Com os seis tostões que ele der, com o que eu ajudar, com alguma coisa que ela tire da hortaliça que vende da fazenda, já se governa. E para mim é um alívio, Mendes.

— É um alívio, senhor cónego! repetiu o coadjutor.

Ficaram calados. A tarde descaía muito límpida; o alto céu tinha

215: silêncio] silêncio.

tinha uma pálida cor azul, o ar estava imóvel. Naquele tempo o rio ia muito vazio; pedaços de areia reluziam em seco, e a água baixa arrastava-se com um marulho brando, toda enrugada do roçar dos seixos.

Duas vacas, guardadas por uma rapariguita toda esgadelhada, tinham vindo com o seu passo poderoso e tranquilo, pelo caminho negro e lodoso que do outro lado do rio, defronte da Alameda, segue junto do silvado que fecha as culturas; e enquanto a rapariga, com as saítas entaladas nos joelhos, chapinhava na água, os dois pacíficos animais tinham entrado no rio e estendendo o pescoço pelado da canga, bebiam de leve, sem ruído; a espaços erguiam a cabeça lentamente, olhando em redor com a passiva tranquilidade dos seres fartos — e fios de água, babados, claros, luzidios à luz, pendiam-lhes dos cantos do focinho. Davam outro passo indolente, tornavam a beber e a sua sombra corpulenta tremia na fina enrugação da água. No entanto, com a inclinação do sol, o rio perdia a sua claridade espelhada, estendiam-se mais as sombras dos arcos da ponte. Do lado das colinas já o azul do ar se ia sujando com as primeiras sombras baças e esfumadas do crepúsculo, e os largos laivos sanguíneos e cor de laranja que anunciam os calores estendiam-se sobre os lados do mar.

— Bonita tarde, disse o coadjutor.

— Rica! respondeu o cônego bocejando e fazendo uma cruz sobre o bocejo escancarado, vamo-nos nós chegando às Ave-Marias.

E quando daí a pouco iam subindo as escadarias da Sé, o cônego disse baixo, esfregando as mãos, quase ao ouvido do coadjutor:

— Pois está decidido, amigo Mendes, meto o Amaro na casa da S. Joaneira. É uma pechincha para todos.

— Uma grande pechincha, disse respeitosamente o coadjutor. Uma grande pechincha.

E entraram na igreja, persignando-se.

228: azul.

229: seco.

231-2: uma rapariguita toda esgadelhada, tinham vindo com o seu passo poderoso e tranquilo, pelo caminho negro e

232-3: Alameda, [...] tinham entrado no rio e

234-5: cabeça lentamente, olhando

236: babados, claros,

236-7: focinho, [...] com a inclinação do sol, o rio

237-8: estendiam-se mais

238-41: colinas [...] sobre os lados do mar.

242: tarde,

243-4: — Rica! respondeu o cônego bocejando e fazendo uma cruz sobre o bocejo escancarado, vamo-nos nós chegando às Ave-Marias.

245: E quando daí a pouco

245-6: cônego disse baixo, esfregando as mãos, quase ao ouvido do

247: Mendes, meto

248: S. Joaneira.

249: pechincha,

250: pechincha.

uma pálida cor azul; o ar estava imóvel. Naquele tempo o rio ia muito vazio; pedaços de areia reluziam em seco; e a água baixa arrastava-se com um marulho brando, toda enrugada do roçar dos seixos.

230 Duas vacas, guardadas por uma rapariga, apareceram então pelo caminho lodoso que do outro lado do rio, defronte da Alameda, corre junto dum silvado; entraram no rio devagar, e estendendo o pescoço pelado da canga, bebiam de leve, sem ruído; a espaços erguiam a cabeça bondosa, 235 olhavam em redor com a passiva tranquilidade dos seres fartos — e fios de água, babados, luzidios à luz, pendiam-lhes dos cantos do focinho. Com a inclinação do sol a água perdia a sua claridade espelhada, estendiam-se as sombras dos arcos da ponte. Do lado das colinas ia subindo um crepúsculo esfumado, e as nuvens cor de sanguínea e cor de laranja 240 que anunciam o calor faziam, sobre os lados do mar, uma decoração muito rica.

— Bonita tarde! disse o coadjutor.

O cônego bocejou, e fazendo uma cruz sobre o bocejo:

— Vamo-nos chegando às Ave-Marias, hem?

245 Quando, daí a pouco, iam subindo as escadarias da Sé, o cônego parou, e voltando-se para o coadjutor:

— Pois está decidido, amigo Mendes, ferro o Amaro na casa da S. Joaneira! É uma pechincha para todos.

250 — Uma grande pechincha! disse respeitosamente o coadjutor. Uma grande pechincha!

E entraram na igreja, persignando-se.

II

Uma semana depois, numa quinta-feira, soube-se que o novo pároco devia chegar pela diligência de Chão de Maçãs. A diligência traz o correio e chega, no Verão, depois das sete horas da tarde; mas desde as seis o cónego Dias e o coadjutor passeavam no Largo do Chafariz à espera de Amaro.

Era então nos fins de Agosto. Àquela hora o Largo é o lugar mais animado da cidade. Na longa alameda macadamizada que vai junto do rio, entre dois bastos renques de velhos choupos, entrevêm-se os fraques negros de proprietários que *espairecem* depois da sesta e os vestidos claros das raras senhoras que se arejam. Do lado do Arco, na escura correnteza dos casebres pobres, as velhas fiam à porta; as crianças sujas, piolhosas, brincam remexendo a terra, nuas, mostrando os seus enormes ventres; as galinhas em redor picam sossegadamente as imundícies esquecidas; os porcos fossam grunhindo; das janelas dismanteladas saem as longas canas onde secam os cueiros e as camisas remendadas. O chafariz está cheio de ruído; a água cai sonoramente, os cântaros arrastam sobre a pedra, as criadas ralham; soldados, com a sua fardeta suja, enormes botas cambadas, namoram em redor, meneando a chibata de junco; com o seu cântaro bojudo de barro, equilibrado à cabeça sobre a rodilha, as raparigas vão-se aos pares, meneando os quadris; as lavadeiras passam com as suas trouxas brancas; e oficiais ociosos, com a farda desapertada sobre o estômago, encostados às bengalas, conversam, esperando, *a ver*

1: depois, numa quinta-feira.

2-3: Maçãs. A diligência traz o correio e chega, no Verão, depois das sete horas da tarde; mas desde as seis o

3: Chafariz

5: Agosto. Àquela hora o Largo é o lugar mais animado da cidade. Na

6: entre dois bastos

6-7: choupos, entrevêm-se os fraques negros de proprietários que *espairecem* depois da sesta e os vestidos claros das raras senhoras que se arejam.

7-11: na escura correnteza [...] os cântaros

11: pedra, as criadas ralham;

12: cambadas, namoram em redor,

13: barro,

14: rodilha, as raparigas vão-se

14-5: quadris; as lavadeiras passam com as suas trouxas brancas; e oficiais

15-6: estômago, encostados às bengalas, conversam,

II

Uma semana depois soube-se que o novo pároco devia chegar pela diligência de Chão de Maçãs, que traz o correio à tarde; e desde as seis horas o cónego Dias e o coadjutor passeavam no Largo do Chafariz, à espera de Amaro.

5 Era então nos fins de Agosto. Na longa alameda macadamizada que vai junto do rio, entre os dois renques de velhos choupos, entreviam-se vestidos claros de senhoras passeando. Do lado do Arco, na correnteza de casebres pobres, velhas fiavam à porta; crianças sujas brincavam pelo chão, mostrando os seus enormes ventres nus; e galinhas em redor iam picando vorazmente as imundícies esquecidas. Em redor do chafariz cheio
10 de ruído, onde os cântaros arrastam sobre a pedra, criadas ralham, soldados, com a sua fardeta suja, enormes botas cambadas, namoravam, meneando a chibata de junco; com o seu cântaro bojudo de barro equilibrado à cabeça sobre a rodilha, raparigas iam-se aos pares, meneando os quadris;
15 e dois oficiais ociosos, com a farda desapertada sobre o estômago,

1: depois] depois.
15: e dois] e dois

quem vem. Quando o crepúsculo desce, um homem vem acender a lamparina no nicho do santo, por cima do Arco; e no entanto, defronte, alumiam-se uma a uma, com uma luz soturna, as janelas do hospital.

Já tinha anoitecido quando a diligência, com as lanternas acesas, um tilintar sacudido de caixilhos de vidro, entrou na Ponte ao trote esgalgado dos seus magros cavalos brancos e veio parar diante do chafariz, por baixo da estalagem do Cruz. Ficou logo cercada de gente. Os moços de cavalaria começaram a desatrelar. O tio Baptista, o patrão, com o cachimbo negro ao canto da boca, mandava descer as malas, praguejando tranquilamente. E um homem que vinha na almofada, ao pé do cocheiro, de chapéu alto e um comprido capote eclesiástico, desceu cautelosamente, agarrando-se às guardas de ferro dos assentos, bateu com os pés no chão para os desentorpecer e olhou em redor.

— Oh Amaro! gritou o cônego, que se tinha aproximado, oh ladrão!

— Oh padre-mestre! disse o outro com alegria. E abraçaram-se, enquanto o coadjutor, todo curvado, tinha o barrete na mão.

Dai a pouco as pessoas que estavam nas lojas viram atravessar a Praça, entre a corpulência vagarosa do cônego Dias e a figura esguia do coadjutor, um homem um pouco curvado e com um capote de padre. Soube-se que era o pároco novo e disse-se logo na botica que era *uma boa figura de homem.* O João Bicha, o garoto mais conhecido de Leiria, bobo e idiota, levava adiante um baú e um saco de chita e como àquela hora já estava um pouco bêbado ia resmungando o *Bendito.*

O pároco vinha fatigado e a cidade parecia-lhe triste. A diligência tinha-se atrasado. Eram nove horas e a noite cerrara. As casas em redor da Praça já tinham as janelas fechadas e havia um silêncio sonolento. Das lojas, debaixo da Arcada, vinha uma luz escassa e triste; viam-se sobre os balcões os candeeiros de petróleo amortecidos, encostadas às portas figuras de aspectos enfatiados. As ruas que vinham dar à Praça

16-7: *quem vem.* Quando o crepúsculo desce, um homem vem acender a lamparina no

18: Arco; e no entanto, defronte, alumiam-se

20: acesas, um tilintar sacudido de caixilhos de vidro,

21-2: brancos e veio parar diante

22-4: Cruz. Ficou logo cercada de gente. Os moços de cavalaria começaram a desatrelar. O tio

25: boca, mandava descer as malas, praguejando tranquilamente.

26: e um

28: desentorpecer e

30: — Oh / cônego, / oh

32: Oh

36: curvado e

37: novo

38: Bicha, o garoto mais conhecido de Leiria, bobo e idiota, / chita

39: estava um pouco bêbado

40-5: O pároco vinha fatigado [...] O sino

conversavam, esperando, *a ver quem viria*. A diligência tardava. Quando o crepúsculo desceu, uma lamparina luziu no nicho do santo, por cima do Arco; e defronte iam-se alumando uma a uma, com uma luz soturna, as janelas do hospital.

20 Já tinha anoitecido quando a diligência, com as lanternas acesas, entrou na Ponte ao trote esgalgado dos seus magros cavalos brancos, e veio parar ao pé do chafariz, por baixo da estalagem do Cruz; o caixeiro do tio Patrício partiu logo a correr para a Praça com o maço dos *Diários Populares*; o tio Baptista, o patrão, com o cachimbo negro ao canto da
25 boca, desatrelava, praguejando tranquilamente; e um homem que vinha na almofada, ao pé do cocheiro, de chapéu alto e comprido capote eclesiástico, desceu cautelosamente, agarrando-se às guardas de ferro dos assentos, bateu com os pés no chão para os desentorpecer, e olhou em redor.

30 — Oh, Amaro! gritou o cónego que se tinha aproximado, oh, ladrão!

— Oh, padre-mestre! disse o outro com alegria. E abraçaram-se, enquanto o coadjutor, todo curvado, tinha o barrete na mão.

35 Daí a pouco as pessoas que estavam nas lojas viram atravessar a Praça, entre a corpulência vagarosa do cónego Dias e a figura esguia do coadjutor, um homem um pouco curvado, com um capote de padre. Soube-se que era o pároco novo; e disse-se logo na botica que era *uma boa figura de homem*. O João Bicha levava adiante um baú e um saco de chita; e como àquela hora já estava bêbedo, ia resmungando o *Bendito*.

40 Eram quase nove horas, a noite cerrara. Em redor da Praça as casas estavam já adormecidas: das lojas debaixo da Arcada saía a luz triste dos candeeiros de petróleo, entreviam-se dentro figuras sonolentas, caturrando em cavaqueira, ao balcão. As ruas que vinham dar à Praça, tortuosas,

20: anoitecido] anoitecido,

30: — Oh,] — Oh / oh,] oh

32: — Oh,] — Oh

entreviam-se, estreitas, tortuosas, apertadas entre altas casas cheias de sombra, e a espaços um candeeiro de vidro baço fazia reluzir vagamente em baixo a humidade das imundícies. O sino da Sé dava vagarosamente o toque das almas.

No entretanto o cônego Dias ia explicando ao pároco a morada que lhe arranjava: não lhe tinha procurado casa: seria necessário comprar mobília, buscar criada, despesas inumeráveis. Parecera-lhe melhor tomar-lhe quartos numa casa de hóspedes: uma casa respeitável, com conchego — e a voz do cônego era persuasiva e grave — : por isso escolhera a da S. Joaneira e descrevia-lhe as comodidades: que era bem arejada, o papel da sala era novo, o cano da cozinha não deitava cheiro; enumerava as pessoas que lá tinham estado: o secretário-geral, o inspector dos estudos; falava da S. Joaneira, mostrava-a como uma mulher temente a Deus, asseada, de boas contas, económica e cheia de condescendências:

— Você está ali como em sua casa, tem o seu cozido, prato de meio, café...

— Vamos a saber, padre-mestre, e preço? disse o pároco.

— Seis tostões. Que diabo! É de graça. Tem um quarto, tem uma saleta.

— Uma rica saleta, comentou o coadjutor respeitosamente.

— E é longe da Sé? perguntou Amaro.

— Dois passos. Pode-se ir dizer missa de chinelos. Na casa há uma rapariga, continuou com a sua voz pausada o cônego Dias. É a filha da S. Joaneira. Uma rapariga de vinte e dois anos. Bonita. Sua pontinha de génio, mas bom fundo.

Tinham entrado na Rua da Misericórdia e o cônego parou.

— Aqui tem você o seu palácio, disse ele, batendo na aldraba de uma porta esguia. Era uma casa de dois andares: no primeiro duas varandas de ferro de aspecto antigo faziam saliência, com os seus arbustos de alecrim, que se arredondavam aos cantos em caixas de madeira; as janelas de cima, pequeninas, eram de peitoril e a parede, pelas suas irre-

46-7: No entretanto o cônego Dias ia explicando ao pároco a morada que lhe arranjava:

48: inumeráveis.

49-55: hóspedes: [...] condescendências:

56: casa.

58: padre-mestre, e

59: diabo! / graça.

60: saleta.

65: S. Joaneira. Uma

66-9: fundo. // Tinham entrado na Rua da Misericórdia e o cônego parou. // — Aqui

69: palácio, disse ele.

70-1: esguia. Era uma casa de dois andares: no primeiro duas

71: ferro / antigo

74: peitoril

75: amolgada. A rua era estreita, lajeada, com casas pobres, e no fim viam-se as altas paredes do velho edificio da Misericórdia.

tenebrosas, com um lampião mortiço, pareciam desabitadas. E no silêncio o sino da Sé dava vagarosamente o toque das almas.

O cónego Dias ia explicando pachorrentamente ao pároco «o que lhe arranjava». Não lhe tinha procurado casa: seria necessário comprar mobília, buscar criada, despesas inumeráveis! Parecera-lhe melhor tomar-lhe quartos numa casa de hóspedes respeitável, de muito conchego — e nessas condições (e ali estava o amigo coadjutor que o podia dizer), não havia como a da S. Joaneira. Era bem arejada, muito asseio, a cozinha não deitava cheiro; tinha lá estado o secretário-geral e o inspector dos estudos; e a S. Joaneira (o Mendes amigo conhecia-a bem) era uma mulher temente a Deus, de boas contas, muito económica e cheia de condescendências...

— Você está ali como em sua casa! Tem o seu cozido, prato de meio, café...

— Vamos a saber, padre-mestre: preço? disse o pároco.

— Seis tostões. Que diabo, é de graça! Tem um quarto, tem uma saleta...

— Uma rica saleta, comentou o coadjutor respeitosamente.

— E é longe da Sé? perguntou Amaro.

— Dois passos. Pode-se ir dizer missa de chinelos. Na casa há uma rapariga, continuou com a sua voz pausada o cónego Dias. É a filha da S. Joaneira. Rapariga de vinte e dois anos. Bonita. Sua pontinha de génio, mas bom fundo... Aqui tem você a sua rua.

Era estreita, de casas baixas e pobres, esmagada pelas altas paredes da velha Misericórdia, com um lampião lúgubre ao fundo.

— E aqui tem você o seu palácio! disse o cónego, batendo na aldraba de uma porta esguia.

No primeiro andar duas varandas de ferro, de aspecto antigo, faziam saliência, com os seus arbustos de alecrim, que se arredondavam aos cantos em caixas de madeira; as janelas de cima, pequeninas, eram de peitoril; e a parede, pelas suas irregularidades, fazia lembrar uma lata amolgada.

59: diabo,] diabo!

63: — Dois] — Dous

65: e dois] e dous

gularidades, fazia lembrar uma lata amolgada. A rua era estreita, lajeada, com casas pobres, e no fim viam-se as altas paredes do velho edifício da Misericórdia.

Mas abriram a porta e a S. Joaneira esperava no patamar, no alto da escada; uma criada, enfezada e pasmada, alumiaava com um candeeiro de petróleo e a figura da S. Joaneira destacava plenamente na luz sobre a parede caiada. Era uma pessoa gorda e branca, de aspecto pachorrento e mole. Os seus olhos pretos tinham já em redor a pele engelhada e pisada; os cabelos arrepiados eram já um pouco raros aos cantos da testa e no começo da risca; mas percebiam-se uns braços rechonchudos, um peito abundante e macio, e roupas asseadas.

— Ora, aqui tem a senhora o seu hóspede, disse o cônego subindo.

— Muita honra em receber o senhor pároco! Muita honra! Há-de vir muito cansado! Por força! dizia ela com uma voz fina e vagarosa carregando nos *rr*.

E ia-o conduzindo para uma sala pequena, caiada de amarelo. Um canapé de palhinha estava encostado à parede, cadeiras envernizadas perfilavam-se em redor e no meio estava aberta uma mesa forrada de baeta verde, com um cofre feito de conchas.

— É a sua sala, disse a S. Joaneira entrando. Para receber, para espaiarecer... Aqui — disse abrindo uma porta — é o seu quarto de dormir. Tem uma cómoda, o seu guarda-roupa... — E abria as gavetas da cómoda, gabava a cama batendo a elasticidade dos colchões, ajeitava a travesseirinha com fronha de renda... — Uma campainha para chamar sempre que queira... As chavinhas da cómoda tem-nas aqui. Se gosta de travesseirinho mais alto... Tem um cobertor só, mas querendo...

— Está bem, está tudo muito bem, minha senhora.

— É pedir. O que há, da melhor vontade...

76: Mas abriram a porta e a S. Joaneira esperava no patamar, no

76-7: e pasmada,

77: petróleo

78-9: Era uma pessoa gorda e branca,

79: pachorrento e mole.

80: engelhada e pisada;

80-1: arrepiados eram já um pouco

82: um peito abundante e macio, e

83: — Ora,

85-6: força! dizia ela com uma voz fina e vagarosa carregando nos *rr*.

87: E ia-o conduzindo

87-8: pequena, caiada de amarelo. Um canapé de palhinha estava encostado à parede, cadeiras envernizadas perfilavam-se em redor e no meio estava aberta

89: verde, com um cofre feito de conchas.

90: sala, disse a S. Joaneira entrando.

91: Aqui — disse

92: Tem uma

92-3: guarda-roupa... — E abria as gavetas da cómoda, gabava

93: colchões, ajeitava a travesseirinha com fronha de renda... — Uma

94: cómoda tem-nas aqui.

97-9: senhora. *rr* — É pedir.

A S. Joaneira esperava no alto da escada; uma criada, enfezada e sardenta, alumiava com um candeeiro de petróleo; e a figura da S. Joaneira destacava plenamente na luz sobre a parede caiada. Era gorda, alta, muito branca, de aspecto pachorrento. Os seus olhos pretos tinham já em redor a pele engelhada; os cabelos arrepiados, com um enfeite escarlata, eram já raros aos cantos da testa e no começo da risca; mas percebiam-se uns braços rechonchudos, um colo copioso e roupas asseadas.

— Aqui tem a senhora o seu hóspede, disse o cónego subindo.

— Muita honra em receber o senhor pároco! Muita honra! Há-de vir muito cansado! Por força! Para aqui, tem a bondade? Cuidado com o degrauzinho.

Levou-o para uma sala pequena pintada de amarelo, com um vasto canapé de palhinha encostado à parede, e defronte, aberta, uma mesa forrada de baeta verde.

— É a sua sala, senhor pároco, disse a S. Joaneira. Para receber, para espairecer... Aqui — acrescentou abrindo uma porta — é o seu quarto de dormir. Tem a sua cómoda, o seu guarda-roupa... — Abriu os gavetões, gabou a cama batendo a elasticidade dos colchões. — Uma campainha para chamar sempre que queira... As chavinhas da cómoda estão aqui... Se gosta de travesseirinho mais alto... Tem um cobertor só, mas querendo...

— Está bem, está tudo muito bem, minha senhora, disse o pároco com a sua voz baixa e suave.

— É pedir! O que há, da melhor vontade...

82: copioso] copioso.

87: pequena] pequena.

— Olhe que ele deve vir cheio de fome, senhora, interrompeu o cônego, o que ele quer é cear!

— É um instantinho. Está a mesa posta. Desde as seis horas que está o caldinho a apurar.

E saiu, dizendo pela escada acima:

— Vá, rapariga, vá, mexe-te.

O cônego tinha-se estirado no canapé e sorvendo a sua pitada:

— É contentar, meu rico, é contentar, dizia ele. Foi o que se pôde arranjar.

— Eu estou bem em toda a parte, padre-mestre, disse o pároco, calçando os seus chinelos de ouro. Olha o seminário!...

Mas para o lado da Praça sentiu-se o toque de cornetas.

— Que é aquilo? disse ele, indo à janela.

— É às nove e meia, o toque de recolher.

Amaro abriu a vidraça e com as mãos no ferro da varanda olhou. Ao fim da rua um candeeiro esmorecia. A noite negra parecia alargar-se num silêncio côncavo.

O som das cornetas cessara; um rufar lento de tambores afastava-se; por baixo da janela um soldado passou correndo; e da massa negra das paredes da Misericórdia saía constantemente o agudo piar das corujas.

— É triste isto, disse Amaro.

Mas a S. Joaneira gritou de cima:

— Pode subir, senhor cônego. Está o caldo na mesa.

— Vá, vá, que você deve estar a cair de fome, Amaro.

E falando da jornada iam subindo, o cônego todo apoiado ao corrimão, com os seus cansaços asmáticos.

No meio da sala de jantar, larga e forrada de papel escuro, a claridade da mesa alegrava. À luz forte de um candeeiro com *abat-jour*, a

100-1: — Olhe que ele deve vir cheio de fome, senhora, interrompeu o cônego, o que ele quer é cear!

102-3: — É um instantinho. Está a mesa posta. Desde as seis horas que está o caldinho a apurar.

104: E saiu, dizendo pela escada acima:

105: — Vá, rapariga, vá, mexe-te.

106: O cônego tinha-se estirado no canapé

108: rico, é contentar, dizia ele. Foi

110-2: seminário! ... // Mas para o lado da Praça sentiu-se

113: aquilo? disse ele,

114: — É às

115: vidraça e com as mãos no ferro da varanda olhou. Ao

116-9: noite negra parecia alargar-se num silêncio côncavo. // O som das cornetas cessara; um rufar lento de tambores afastava-se;

119-20: soldado passou correndo; e da massa negra das

124: cônego. / mesa.

125: — Vá, vá,

125-9: Amaro. // E falando da jornada iam subindo, o cônego todo apoiado ao corrimão, com os seus cansaços asmáticos.

130: jantar, larga e

131-2: alegrava. À luz forte de um candeeiro com *abat-jour*, a toalha branca e fria, a loiça, os copos reluziam. Da

100 — Oh criatura de Deus! interrompeu o cónego jovialmente, o que ele quer agora é cear!

— Também tem a ceiazinha pronta. Desde as seis que está o caldo a apurar...

E saiu, para apressar a criada, dizendo logo do fundo da escada:

105 — Vá, *Ruça*, mexe-te, mexe-te!...

O cónego sentou-se pesadamente no canapé, e sorvendo a sua pitada:

— É contentar, meu rico. Foi o que se pôde arranjar.

110 — Eu estou bem em toda a parte, padre-mestre, disse o pároco, calçando os seus chinelos de ouro. Olha o seminário!... E em Feirão! Caía-me a chuva na cama.

Para o lado da Praça, então, sentiu-se o toque de cornetas.

— Que é aquilo? perguntou Amaro, indo à janela.

— Às nove e meia, o toque de recolher.

115 Amaro abriu a vidraça. Ao fim da rua um candeeiro esmorecia. A noite estava muito negra. E havia sobre a cidade um silêncio côncavo, de abóbada.

Depois das cornetas, um rufar lento de tambores afastou-se para o lado do quartel; por baixo da janela um soldado, que se demorara nalguma viela do Castelo, passou correndo; e das paredes da Misericórdia saía constantemente o agudo piar das corujas.

— É triste isto, disse Amaro.

Mas a S. Joaneira gritou de cima:

— Pode subir, senhor cónego! Está o caldo na mesa!

125 — Ora vá, vá, que você deve estar a cair de fome, Amaro! — disse o cónego, erguendo-se muito pesado.

E detendo um momento o pároco pela manga do casaco:

— Vai você ver o que é um caldo de galinha feito cá pela senhora! Da gente se babar!...

130 No meio da sala de jantar, forrada de papel escuro, a claridade da mesa alegrava, com a sua toalha muito branca, a louça, os copos reluzindo à luz forte dum candeeiro de *abat-jour* verde. Da terrina subia o vapor

127: pároco] pároco,

131: alegrava,] alegrava

toalha branca e fria, a loiça, os copos reluziam. Da terrina subia o vapor cheiroso do caldo e na larga travessa a galinha gorda, afogada num arroz húmido e branco, com nacos de paio avermelhado, dava a sensação de uma vida succulenta e farta que faz engordar. Havia um armário envidraçado, um pouco na sombra, onde se viam as cores claras da loiça; a um canto, ao pé da janela, estava um piano coberto com uma colcha de cetim desbotado. Sentia-se frigir na cozinha. Havia um cheiro fresco de roupas lavadas e de alfazema; e satisfeito, o pároco esfregava as mãos.

— Para aqui, sr. pároco, para aqui, dizia a S. Joaneira. Daí pode-lhe vir frio. — E ia fechar as portadas das janelas, arredava-lhe a cadeira, empurrando para o pé dele com a ponta do sapato um caixão de areia para as pontas dos cigarros. — O sr. cónego toma um copinho de geleia, sim?

— Vá lá, para fazer companhia, disse jovialmente o cónego, sentando-se e desdobrando o guardanapo.

O pároco, com a cabeça sobre o prato, comia em silêncio o seu caldo, soprando a colher. Estava salientemente na luz: da volta apertada e alta saía a sua pequena cabeça bem feita, com um cabelo preto onde destacava a coroa. Era pálido, a pela trigueira tinha um aspecto fino, o nariz era aquilino e curto, e os seus olhos negros e grandes, com pestanas compridas, mostravam um temperamento sensível, inquieto e curioso.

O cónego não o via desde o seminário: achava-o mais forte, mais viril!

— Você era enfezadito...

— Foi o ar da serra, dizia o pároco, fez-me bem! E contava ao cónego a sua estada numa freguesia da alta Beira, nas asperezas do Inverno. O cónego deitava-lhe o vinho de alto, fazendo-o espumar.

133: caldo

134-5: branco, com nacos de paio avermelhado, dava a sensação de uma vida succulenta e farta que faz engordar. Havia um armário

136: sombra, onde se viam as cores claras da loiça;

137: estava um piano

137-9: desbotado. Sentia-se frigir na cozinha. Havia um cheiro fresco de roupas lavadas e de alfazema; e satisfeito, o pároco esfregava as mãos.

140: aqui, dizia

141: frio. — E ia / janelas, arredava-lhe a cadeira, empurrando para o pé dele com a ponta do sapato

142: cigarros. — O

146-7: O pároco, com

148-9: colher. [...] e os seus olhos

150-1: compridas, mostravam um temperamento sensível, inquieto e curioso. // O cónego não

151: seminário;

152: viril!

154-6: bem! E contava ao cónego a sua estada numa freguesia da alta Beira, nas asperezas do Inverno.

cheiroso do caldo, e na larga travessa a galinha gorda, afogada num arroz húmido e branco, rodeada de nacos de bom paio, tinha uma aparência
135 suculenta de prato morgado. No armário envidraçado, um pouco na sombra, viam-se cores claras de porcelana; a um canto, ao pé da janela, estava o piano, coberto com uma colcha de cetim desbotado. Na cozinha frigia-se; e sentindo o cheiro fresco que vinha dum tabuleiro de roupa lavada, o pároco esfregou as mãos, regalado.

140 — Para aqui, senhor pároco, para aqui, disse a S. Joaneira. Daí pode-lhe vir frio. — Foi fechar as portadas das janelas; chegou-lhe um caixão de areia para as pontas dos cigarros. — E o senhor cónego toma um copinho de geleia, sim?

145 — Vá lá, para fazer companhia, disse jovialmente o cónego, sentando-se e desdobrando o guardanapo.

A S. Joaneira, no entanto, mexendo-se pela sala, ia admirando o pároco, que, com a cabeça sobre o prato, comia em silêncio o seu caldo, soprando a colher. Parecia bem feito; tinha um cabelo muito preto, levemente anelado. O rosto era oval, de pele trigueira e fina, os olhos
150 negros e grandes, com pestanas compridas.

O cónego, que não o via desde o seminário, achava-o mais forte, mais viril.

— Você era enfezadito...

155 — Foi o ar da serra, dizia o pároco, fez-me bem. — Contou então a sua triste existência em Feirão, na alta Beira, durante a aspereza do Inverno, só, com pastores. O cónego deitava-lhe o vinho de alto, fazendo-o espumar.

151: cónego,] cónego

154: bem,] bem!

— Beba-lhe homem! Beba-lhe!

Falavam então do seminário, da escassez do refeitório, do mestre de cantochão.

— Que seria feito do Rabicho? dizia o cônego.

— E do Carochó? — Riam. — E o reitor sempre a fungar! E o porteiro com a sua muleta!

E bebendo, dilatados na alegria das recordações, contavam as histórias de então.

— Como o tempo passa, como o tempo passa! diziam.

Mas viera um prato covo com maçãs assadas.

— Viva! Não, lá nisso também eu entro, exclamou o cônego. A bela maçã assada! Nunca me escapa! — Estava radioso, esfregava as mãos. — Grande dona de casa, meu amigo, dizia ele ao pároco, mostrando a S. Joaneira. Grande dona de casa!

Ela ria-se; viam-se os seus dois dentes de diante, grandes e chumbados. Tinha ido buscar colheres, uma garrafa de vinho do Porto. Pôs no prato do cônego, com requintes devotos, uma maçã toda desfeita, polvilhada de açúcar, e batendo-lhe nas costas com a mão gordinha e macia:

— Isto é um santo, sr. pároco, isto é um santo! Ai! Devo-lhe muitos favores!

— Deixe falar, deixe falar, dizia o cônego; mas um grande contentamento clareava-lhe o aspecto.

— Boa gota, dizia ele, saboreando o seu cálice de Porto. Boa gota!

— Olhe que ainda é dos anos da Amélia, sr. cônego, disse a S. Joaneira.

— É verdade, onde está ela, a pequena?

— Foi ao Morenal com a D. Maria. Aquilo naturalmente foram para casa das Gansosos passar a noite.

— Olhe que cá esta senhora é proprietária, explicava o cônego falando do Morenal. É um condado! — E ria com bonomia, os seus olhos luzidios pousavam-se ternamente sobre a corpulência da S. Joaneira.

158-65: — Beba-lhe homem! [...] as histórias de então.

167: Mas viera um

168: entro, exclamou o

169: escapa! — Estava radioso, esfregava as mãos. — Grande

169-70: amigo, dizia ele ao pároco, mostrando a S. Joaneira.

171: Ela ria-se;

171-2: chumbados. Tinha ido buscar colheres, uma

172: Porto.

173: maçã toda desfeita, / açúcar.

174: mão gordinha e macia;

175: Ai!

177-8: deixe falar, dizia o cônego; mas um grande contentamento clareava-lhe o aspecto. // — Boa gota, dizia etc.

179: Porto.

180-1: cônego, disse a S. Joaneira. // — É verdade, onde

184: — Olhe que cá / proprietária, explicava o cônego falando

185-6: condado! — E ria com bonomia, os seus olhos luzidios pousavam-se ternamente sobre

— Pois é beber-lhe, homem! É beber-lhe! Desta gota não pilhava você no seminário.

160 Falaram do seminário.

— Que será feito do Rabicho, o despenseiro? disse o cônego.

— E do Carocho, que roubava as batatas?

Riram; e bebendo, na alegria das reminiscências, recordavam as histórias de então, o catarro do reitor, e o mestre de cantochão que deixara
165 um dia cair do bolso as poesias obscenas de Bocage.

— Como o tempo passa, como o tempo passa! diziam.

A S. Joaneira então pôs na mesa um prato covo com maçãs assadas.

— Viva! Não, lá nisso também eu entro! exclamou logo o cônego.
A bela maçã assada! Nunca me escapa! Grande dona de casa, meu amigo,
170 rica dona de casa, cá a nossa S. Joaneira! Grande dona de casa!

Ela ria; viam-se os seus dois dentes de diante, grandes e chumbados. Foi buscar uma garrafa de vinho do Porto; pôs no prato do cônego, com requintes devotos, uma maçã desfeita polvilhada de açúcar; e batendo-lhe nas costas com a mão papuda e mole:

175 — Isto é um santo, senhor pároco, isto é um santo! Ai, devo-lhe muitos favores!

— Deixe falar, deixe falar..., dizia o cônego. — Espalhava-se-lhe no rosto um contentamento baboso. — Boa gota! acrescentou, saboreando o seu cálice de *porto*. Boa gota!

180 — Olhe que ainda é dos anos da Amélia, senhor cônego.

— E onde está ela, a pequena?

— Foi ao Morenal com a D. Maria. Aquilo naturalmente foram para casa das Gansosos passar a noite.

— Cá esta senhora é proprietária, explicou o cônego, falando do
185 Morenal. É um condado! — Ria com bonomia, e os seus olhos luzidios percorriam ternamente a corpulência da S. Joaneira.

170: S. Joaneira!] S. Joaneira.

173: desfeita] desfeita.

175: Ai,] Ai!

177: deixe falar...] deixe falar.

179: cálice de *porto*.] cálice do Porto.

— Ah, sr. pároco, dizia a S. Joaneira, deixe lá! É uma nesga de terra. — E falava das dificuldades da cultura, da altura das décimas.

No entanto a criada, encostada à parede, esperava e às vezes vinham-lhe aflições de tosse.

— Vai, vai tossir lá para dentro, rapariga, disse a S. Joaneira.

A moça saiu, pondo o avental sobre a boca, toda sufocada.

— Parece doente, coitada, disse o pároco.

E a S. Joaneira contou que a *pobre de Cristo* era sua afilhada, órfã, estava quase tísica. Tinha-a tomado por piedade.

— E também porque a criada que cá tinha adoeceu.

Falaram então de doenças, das sezões do campo, dos ares de Leiria.

— Eu agora, dizia o padre Amaro, louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo, tenho saúde, tenho! — E fazia um rosto agradecido.

— Ai, Nosso Senhor lha conserve, que nem sabe o bem que é! exclamou a S. Joaneira. E então contou a grande desgraça que tinha em casa — uma irmã meia idiota e entrevada havia dez anos; tinha quase setenta anos. No Inverno viera-lhe um catarro e desde então extinguiu-se.

— Há bocado, ao fim da tarde, teve ela um ataque de tosse! Pensei que se ia embora. Agora descansou mais.

E falava longamente daquela desgraça, sentada, com o gato no colo, rolando com os dois dedos, monotonamente, bolinhas de pão. O cônego começava a bocejar um pouco; o candeeiro esmorecia; sentia-se o alongamento da noite.

— Pois senhores, disse por fim o cônego, isto são horas!

187: pároco, dizia a S. Joaneira, deixe lá! É uma nesga de terra. — E falava das dificuldades da cultura, da altura das décimas.

188-9: No entanto a criada, encostada à parede, esperava e às vezes vinham-lhe aflições de tosse.

190: — Vai, vai tossir lá para dentro, rapariga, disse a S. Joaneira.

191: boca, toda sufocada.

192: coitada, disse

193: E a S. Joaneira contou que a

193-4: órfã, estava

194: piedade.

195-201: tinha adoeceu. // Falaram então de doenças, das

202: — Eu / Amaro, louvado

203: tenho! — E fazia um rosto agradecido.

205: S. Joaneira. E então contou a

206: casa — / idiota e

206-7: anos; tinha quase setenta anos.

207-8: catarro e desde então extinguiu-se.

210-2: mais. // E falava longamente daquela desgraça, sentada.

214-5: cônego começava a bocejar um pouco; o candeeiro esmorecia; sentia-se o alongamento da noite.

216: cônego, isto

— Ah, senhor pároco, deixe falar, é uma nesga de terra..., disse ela. Mas vendo a criada encostada à parede, sacudida com aflições de tosse:

190 — Ó mulher, vai tossir lá pra dentro! Credo!

A moça saiu, pondo o avental sobre a boca.

— Parece doente, coitada, observou o pároco.

— Muito achacada, muito!... *A pobre de Cristo* era sua afilhada, órfã, e estava quase tísica. Tinha-a tomado por piedade...

195 — E também porque a criada que cá tinha foi para o hospital, a desavergonhada... Meteu-se aí com um soldado!...

O padre Amaro baixou devagar os olhos — e trincando migalhas perguntou se havia muitas doenças naquele Verão.

200 — Colerinas, das frutas verdes, rosanou o cónego. Metem-se pelas melancias, depois tarraçadas de água... E suas febritas...

Falaram então das sezões do campo, dos ares de Leiria.

— Que eu agora, dizia o padre Amaro, ando mais forte. Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo, tenho saúde, tenho!

205 — Ai, Nosso Senhor lha conserve, que nem sabe o bem que é! exclamou a S. Joaneira. — Contou imediatamente a grande desgraça que tinha em casa, uma irmã meia idiota entrevada havia dez anos! Ia fazer sessenta anos... No Inverno viera-lhe um catarro, e desde então, coitadinha, definhava, definhava...

210 — Há bocado, ao fim da tarde, teve ela um ataque de tosse! Pensei que se ia embora. Agora descansou mais...

215 Continuou a falar «daquela tristeza», depois da sua Ameliazinha, das Gansosos, do antigo chantre, da carestia de tudo — sentada, com o gato no colo, rolando com os dois dedos, monotonamente, bolinhas de pão. O cónego, pesado, cerrava as pálpebras; tudo na sala parecia ir gradualmente adormecendo; a luz do candeeiro esmorecia.

— Pois senhores, disse por fim o cónego mexendo-se, isto são horas!

187: terra...] terra...

197: migalhas] migalhas.

206: [meia idiota: conforme 1889]

213: os dois] os dois

O padre Amaro ergueu-se e com os olhos baixos, as mãos postas, deu as *graças*.

— O sr. pároco quer lamparina? disse cuidadosamente a S. Joaneira.

— Não, minha senhora. E dando as boas-noites, ia descer devagar, palitando os dentes.

A S. Joaneira alumiaava no patamar com o candeeiro. Mas nos primeiros degraus o pároco parou, e com a voz afectuosa e grave disse:

— É verdade, minha senhora, amanhã é sexta-feira, é jejum.

— Não, não, disse o cônego que punha nos ombros a sua comprida capa de lustrina, você amanhã janta comigo. Eu venho por cá, vamos ao chantre, à Sé, e por aí. E olhe que tenho lulas. É um milagre, que isto aqui nunca há peixe.

Mas a S. Joaneira tranquilizou o pároco.

— Ai, era escusado lembrar o jejum, senhor pároco, disse ela.

— Eu dizia, explicava o pároco, porque infelizmente, hoje em dia ninguém cumpre...

— Tem Vossa Senhoria muita razão, atalhou ela. Mas eu! Credo!...

A salvação da minha alma antes de tudo!

Mas de repente a campainha retiniu fortemente.

— Há-de ser a pequena, disse a S. Joaneira. Abre *Ruça!*

A porta bateu, rijamente impelida, e sentiram-se vozes finas, pequenos risos.

— És tu, Amélia?

Uma voz disse *adeusinho! adeusinho!* e apareceu, subindo quase a correr, com os vestidos um pouco apanhados adiante, uma rapariga forte e alta, com o peito bem feito, uma manta branca pela cabeça e na mão um ramo de alecrim.

— Sobe, filha. Aqui está o sr. pároco. Chegou agora à noitinha, sobe!

218: baixos, as mãos postas.

219: lamparina? disse

221-2: senhora. E dando as boas-noites, ia descer devagar.

223: patamar

224: paros, e com a voz afectuosa e grave disse:

225: jejum.

226-7: não, disse o cônego que punha nos ombros a sua comprida capa de lustrina, você

228: aí.

230: Mas a S. Joaneira tranquilizou o pároco.

231-2: — Ai, era escusado lembrar o jejum, senhor pároco, disse ela.

233: dizia, explicava / infelizmente,

237: Mas de repente a campainha retiniu

238: Abre

239: bateu, rijamente impelida, e sentiram-se vozes finas, pequenos risos.

242-3: uma rapariga forte e alta, com o peito bem feito, uma

O padre Amaro ergueu-se, e com os olhos baixos deu as *graças*.

— O senhor pároco quer lamparina? perguntou cuidadosamente a
220 S. Joaneira.

— Não, minha senhora. Não uso. Boas-noites!

E desceu devagar, palitando os dentes.

A S. Joaneira alumiava no patamar, com o candeeiro. Mas nos primeiros degraus o pároco parou, e voltando-se, afectuosamente:

225 — É verdade, minha senhora, amanhã é sexta-feira, é jejum...

— Não, não, acudiu o cónego que se embrulhava na capa de lustrina, bocejando, você amanhã janta comigo. Eu venho por cá, vamos ao chantre, à Sé, e por aí... E olhe que tenho lulas. É um milagre, que isto aqui nunca há peixe.

230 A S. Joaneira tranquilizou logo o pároco:

— Ai, é escusado lembrar os jejons, senhor pároco. Tenho o maior escrúpulo!

— Eu dizia, explicou o pároco, porque infelizmente hoje em dia ninguém cumpre...

235 — Tem Vossa Senhoria muita razão, atalhou ela. Mas eu! Cre-do!... A salvação da minha alma antes de tudo!

A campanha em baixo, então, retiniu fortemente.

— Há-de ser a pequena, disse a S. Joaneira. Abre, *Ruça!*

A porta bateu, sentiram-se vozes, risinhos.

240 — És tu, Amélia?

Uma voz disse *adeusinho! adeusinho!* E apareceu, subindo quase a correr, com os vestidos um pouco apanhados adiante, uma bela rapariga, forte, alta, bem feita, com uma manta branca pela cabeça e na mão um ramo de alecrim.

245 — Sobe, filha. Aqui está o senhor pároco. Chegou agora à noitinha, sobe!

230: pároco:] pároco.

Amélia tinha parado um pouco embaraçada e olhava para os degraus de cima, onde o pároco tinha ficado encostado ao corrimão. Respirava fortemente de ter corrido, toda corada; os seus olhos vivos e negros luziam, e vinha dela como uma sensação de frescura, de agilidade e de prados atravessados entre o aroma dos fenos.

O pároco desceu, cingido ao corrimão, para a deixar passar, dizendo *boas-noites!* com a voz baixa, o olhar caído. O cônego, que vinha atrás descendo pesadamente, tomou o meio da escada, diante de Amélia:

— Então isto são horas, sua brejeira!

Ela teve um risinho.

— Ora vá-se encomendar a Deus, vá! E bateu-lhe no rosto docemente com a sua mão grossa e polpuda.

Ela subiu a correr, e o cônego embrulhou-se na capa e saiu, dizendo à criada que erguia o candeeiro sobre a escada:

— Está bom, eu vejo, não apanhes frio, rapariga. Então às oito, Amaro, esteja a pé. Vai-te, rapariga, adeus.

O pároco tinha fechado a porta do seu quarto; a roupa da cama estava entreaberta, fresca, fria, alva, com um bom cheiro de linho lavado. Por cima da cabeceira estava dependurada a gravura antiga de um Cristo crucificado, ao pé do leito havia um tapete desbotado. Amaro abriu o seu *Breviário*, ajoelhou aos pés da cama e persignou-se; mas estava fatigado, espreguiçou-se, vinham-lhe grandes bocejos; e por cima, sobre o tecto, através das orações rituais que maquinalmente ia lendo, sentia o *tic-tic* das botinas de Amélia e o ruído de saias engomadas que se sacudiam ao despir.

247: embaraçada e olhava

248: pároco tinha ficado encostado

249: corrido, toda corada;

250: luziam, e vinha dela como uma sensação de frescura, de agilidade e de prados atravessados entre o aroma dos fenos.

251-2: passar, dizendo

252-3: a voz baixa, o olhar caído. O cônego, que vinha atrás descendo pesadamente.

254: brejeira!

255-6: risinho. // — Ora

256-7: vá! E bateu-lhe no rosto docemente

257: e polpuda.

258-9: correr, e o cônego embrulhou-se na capa e saiu.

259: criada

261: Amaro, / pé.

261-3: adeus. // O pároco tinha fechado

263: do seu quarto;

263-4: cama estava entreaberta, fresca, fria, alva, com

264-5: cabeceira estava dependurada a gravura antiga de um Cristo crucificado, ao pé do leito havia um tapete desbotado.

265: *Breviário*.

266: cama e / fatigado, espregaiçou-se.

267: e por

268: lendo, sentia

269: ruído de / que se sacudiam ao despir.

Amélia tinha parado um pouco embaraçada, olhando para os degraus de cima, onde o pároco ficara, encostado ao corrimão. Respirava fortemente de ter corrido; vinha corada; os seus olhos vivos e negros
250 luziam; e safa dela uma sensação de frescura e de prados atravessados.

O pároco desceu, cingido ao corrimão, para a deixar passar, murmurando *boas-noites!* com a cabeça baixa. O cónego, que descia atrás, pesadamente, tomou o meio da escada, diante de Amélia:

— Então isto são horas, sua brejeira?

255 Ela teve um risinho, encolheu-se.

— Ora vá-se encomendar a Deus, vá! disse batendo-lhe no rosto devagarinho com a sua mão grossa e cabeluda.

Ela subiu a correr, enquanto o cónego, depois de ir buscar o guarda-sol à saleta, safa, dizendo à criada, que erguia o candeeiro sobre a escada:

260 — Está bom, eu vejo, não apanhes frio, rapariga. Então às oito, Amaro! Esteja a pé! Vai-te, rapariga, adeus! Reza à Senhora da Piedade que te seque essa catarreira.

O pároco fechou a porta do quarto. A roupa da cama entreaberta, alva, tinha um bom cheiro de linho lavado. Por cima da cabeceira pendia
265 a gravura antiga dum Cristo crucificado. Amaro abriu o seu Breviário, ajoelhou aos pés da cama, persignou-se; mas estava fatigado, vinham-lhe grandes bocejos; e então por cima, sobre o tecto, através das orações rituais que maquinalmente ia lendo, começou a sentir o *tic-tic* das botinas de Amélia e o ruído das saias engomadas que ela sacudia ao despir-se.

265: antiga dum] antiga de um

269: Amélia] Amélia.

III

Amaro Vieira tinha nascido em Lisboa em casa da sr.^a marquesa de Alegros. Seu pai era criado do marquês, a mãe era criada de quarto, quase uma amiga da senhora marquesa. Amaro possuía ainda um livro, o *Menino das selvas*, com ingênuos desenhos coloridos, que tinha escrito na primeira página branca: *À minha muito estimada criada Joana Vieira e verdadeira amiga que sempre tem sido, — marquesa de Alegros*. Tinha também uma miniatura de sua mãe, um pouco desbotada; mas viam-se as suas sobranceiras cerradas, a boca larga e sensualmente fendida, uma cor trigueira e ardente. O pai de Amaro tinha morrido de apoplexia, e a mãe, que fora sempre forte e sã, sucumbiu daí a um ano a uma tísica inesperada. Amaro completava então seis anos; tinha uma irmã mais velha que desde pequena vivia com a avó em Coimbra e um tio, merceeiro abastado, no Bairro da Estrela. A sr.^a marquesa tinha amizade a Amaro; conservou-o consigo, em sua casa, por uma adoção tácita, e começou com grandes escrúpulos a vigiar a sua educação.

A sr.^a marquesa ficara viúva aos quarenta e três anos e passava a maior parte do ano um pouco isolada na sua quinta de Carcavelos. Era uma pessoa passiva, com uma bondade indolente, toda voltada para as

- 1: Vieira tinha nascido / da sra.
- 2: marquês,
- 3: Amaro possuía
- 4: com ingênuos desenhos coloridos,
- 6-7: *sido, — marquesa de Alegros*. Tinha também uma miniatura de sua mãe, um pouco desbotada; mas viam-se as suas
- 8: fendida, uma cor trigueira e ardente.
- 9: apoplexia,
- 9-11: sempre forte e sã, sucumbiu daí a um ano a uma tísica inesperada. Amaro completava
- 11: anos;
- 12: Coimbra / abastado, no
- 13: Estrela. A sra. marquesa tinha
- 13-4: conservou-o consigo, em
- 14-5: tácita, e começou com grandes escrúpulos
- 16: A sra. marquesa ficara
- 17: ano um pouco isolada
- 18-20: passiva, com uma bondade indolente, [...] educadas na devoção do
- 20: Moda.

III

Amaro Vieira nascera em Lisboa em casa da senhora marquesa de Alegros. Seu pai era criado do marquês; a mãe era criada de quarto, quase uma amiga da senhora marquesa. Amaro conservava ainda um livro, o *Menino das selvas*, com bárbaras imagens coloridas, que tinha escrito na primeira página branca: *À minha muito estimada criada Joana Vieira e verdadeira amiga que sempre tem sido. — Marquesa de Alegros.* Possuía também um daguerreótipo de sua mãe: era uma mulher forte, de sobrancelhas cerradas, a boca larga e sensualmente fendida, e uma cor ardente. O pai de Amaro tinha morrido de apoplexia; e a mãe, que fora sempre tão sã, sucumbiu, daí a um ano, a uma tísica de laringe. Amaro completara então seis anos. Tinha uma irmã mais velha que desde pequena vivia com a avó em Coimbra, e um tio, merceiro abastado do Bairro da Estrela. Mas a senhora marquesa ganhara amizade a Amaro; conservou-o em sua casa, por uma adopção tácita; e começou, com grandes escrúpulos, a vigiar a sua educação.

A marquesa de Alegros ficara viúva aos quarenta e três anos e passava a maior parte do ano retirada na sua quinta de Carcavelos. Era uma pessoa passiva, de bondade indolente, com capela em casa, um respeito devoto pelos padres de S. Luís, sempre preocupada dos interesses da Igreja. As suas duas filhas, educadas no receio do Céu e nas preocupações da Moda,

largas sensibilidades da religião; tinha capela em casa, recebia os padres de S. Luís, palpitava toda nos interesses da Igreja. Tinha duas filhas, que haviam sido educadas na devoção do Céu e nas preocupações da Moda. Eram beatas e faziam o *chic*, falavam com igual fervor da humildade cristã e do último figurino de Bruxelas. Um jornalista de então dissera delas: — Pensam todos os dias na *toilette* com que hão-de entrar no Paraíso.

No isolamento de Carcavelos, naquela quinta de doces alamedas e árvores aristocráticas, onde os pavões gritavam, as duas meninas enfiavam-se. A Religião e a Caridade eram então ocupações avidamente aproveitadas: cosiam vestidos para os pobres da freguesia, bordavam frontais para os altares da igreja. De Maio a Outubro estavam inteiramente absorvidas pelo trabalho de *salvar a sua alma* e faziam uma acumulação piedosa de devoção para o Inverno, como num celeiro pródigo. Liam então os livros beatos e doces. Como não tinham S. Carlos, as visitas e a Aline, recebiam os padres e cochichavam sobre a virtude dos santos. Deus era o seu luxo de Verão.

A sr.^a marquesa resolvera desde logo fazer entrar Amaro na vida eclesiástica: a sua tímida figura amarelada e assustada pedia aquele destino recolhido: era já todo afeiçoado às coisas de capela, cheio do temor do Inferno e dos quartos escuros, e o seu encanto era estar aninhado ao pé das mulheres, no calor das saias unidas, ouvindo falar de padres, de santos e de festas de igreja. A senhora marquesa não o quis mandar ao colégio: receava a impiedade dos tempos, as camaradagens imorais e as palavras impuras que se decoram. O capelão da casa ensinava-lhe o latim e a filha mais velha, a sr.^a D. Joana, dava-lhe lições de francês e de geografia.

Amaro não tinha as vivas, as ruidosas expansões das crianças: era, como diziam os criados, *um mosquinha morta*. Nunca brincava, nunca corria ao sol ou entre as salutares lufadas do vento. À tarde acompa-

21: *chic*, falavam

24-5: de doces alamedas e árvores aristocráticas, onde

29: *alma* e faziam uma acumulação piedosa de devoção para o Inverno, como num celeiro pródigo. Liam então os livros beatos e doces.

30: visitas e

32: A sra.

33: eclesiástica: a sua tímida figura amarelada e assustada

34: já todo / capela, cheio do temor do Inferno e dos quartos escuros, e

35: pé das

35-6: de padres, de santos e de festas de igreja.

36: colégio: receava

37: tempos, as camaradagens imorais e as palavras impuras que se decoram.

38: latim

38-9: D. Joana, dava-lhe

41: Amaro não tinha as vivas, as ruidosas expansões das crianças: era,

42: nunca corria ao sol ou entre as salutares lufadas do vento. À tarde acompanhava a sra.

eram beatas e faziam o *chic* falando com igual fervor da humildade cristã e do último figurino de Bruxelas. Um jornalista de então dissera delas: — Pensam todos os dias na *toilette* com que hão-de entrar no Paraíso.

25 No isolamento de Carcavelos, naquela quinta de alamedas aristocráticas onde os pavões gritavam, as duas meninas enfasiavam-se. A Religião, a Caridade eram então ocupações avidamente aproveitadas: cosiam vestidos para os pobres da freguesia, bordavam frontais para os altares da igreja. De Maio a Outubro estavam inteiramente absorvidas pelo trabalho de *salvar a sua alma*; liam os livros beatos e doces; como não tinham
30 S. Carlos, as visitas, a Aline, recebiam os padres e cochichavam sobre a virtude dos santos. Deus era o seu luxo de Verão.

A senhora marquesa resolvera desde logo fazer entrar Amaro na vida eclesiástica. A sua figura amarelada e magrita pedia aquele destino recolhido: era já afeiçoado às coisas de capela, e o seu encanto era estar
35 aninhado ao pé de mulheres, no calor das saias unidas, ouvindo falar de santas. A senhora marquesa não o quis mandar ao colégio porque receava a impiedade dos tempos e as camaradagens imorais. O capelão da casa ensinava-lhe o latim, e a filha mais velha, a sr.^a D. Luísa, que tinha um nariz de cavalete e lia Chateaubriand, dava-lhe lições de francês e de
40 geografia.

Amaro era, como diziam os criados, um *mosquinha-morta*. Nunca brincava, nunca pulava ao sol. Se à tarde acompanhava a senhora mar-

21: *chic*] *chic*.

34: *as coisas*] *as cousas*

35: *pé de*] *pé das*

37: *tempos*] *tempos*.

38: *latim*] *latim*

nhava a sr.^a marquesa às alamedas da quinta; ela ia pelo braço do padre Liset ou do respeitoso procurador Freitas; Amaro, ao lado, caminhava debilmente, quieto, encolhido, torcendo com as mãos húmidas o forro das algibeiras.

Tinha-se tornado medroso e extremamente sensível. Dormia com lamparina ao pé de uma ama velha. As criadas feminizavam-no; achavam-no bonito, cobriam-no de mimos, faziam-no sentar no meio delas, davam-lhe beijos, faziam-lhe cócegas, e ele rolava por entre as saias, em contacto com os corpos, ganindo baixo, com gritinhos de contentamento; às vezes, quando a sr.^a marquesa saía, vestiam-no de mulher, entre grandes risadas; ele abandonava-se com os seus modos indolentes e lânguidos, os olhos amortecidos e uma roseta de febre nas faces. As criadas, além disso, utilizavam-no nas suas intrigas umas com as outras: era Amaro o que *fazia as queixas*. Tornou-se enredador, deploravelmente mentiroso.

Aos onze anos era um complemento do capelão; ajudava à missa e aos sábados limpava a capela. Era o seu melhor dia; fechava-se por dentro como num domínio seu, colocava os santos em plena luz em cima de uma mesa, falava-lhes, beijava-os com ternuras devotas e satisfações gulosas, tirava a traça dos vestidos das santas, lustrava o sacrário, e cantarolando o *Santíssimo* ia limpando com gesso e cré as auréolas dos Mártires.

No entanto crescia e o seu aspecto era sempre miúdo e amarelado; nunca dava uma larga e saudável risada e trazia sempre as mãos nos bolsos. Estava constantemente metido nos quartos das criadas, remexendo as gavetas, bulindo nas saias, cheirando os algodões postiços. Era extremamente preguiçoso e custava de manhã a arrancá-lo a uma certa

43: quinta; ela ia

44-5: Freitas; Amaro, ao lado, caminhava debilmente, quieto, encolhido,

45-7: algibeiras. // Tinha-se tornado medroso e extremamente sensível. Dormia com lamparina ao pé de uma

48: criadas feminizavam-no;

48-9: bonito, cobriam-no de mimos, faziam-no sentar no meio delas, davam-lhe beijos,

50: corpos, ganindo baixo,

50-1: contentamento;

51: a sr.

52: abandonava-se com os seus modos indolentes e

53: olhos amortecidos e uma roseta de febre

55: enredador, deploravelmente

56: anos era um complemento do capelão; ajudava à missa

57: dentro como num domínio seu,

58: cima de uma mesa, falava-lhes, beijava-os

58-60: gulosas, tirava a traça dos vestidos das santas, lustrava o sacrário, e cantarolando o *Santíssimo* ia limpando

62: crescia e / era sempre miúdo

63: uma larga e saudável risada e

64-5: gavetas, bulindo nas saias, cheirando

66: preguiçoso / manhã a / uma certa

quesa às alamedas da quinta quando ela descia pelo braço do padre Liset ou do respeitoso procurador Freitas, ia a seu lado, mono, muito encolhido, torcendo com as mãos húmidas o forro das algibeiras — vagamente
45 assustado das espessuras de arvoredos e do vigor das relvas altas.

Tornou-se muito medroso. Dormia com lamparina, ao pé duma ama velha. As criadas de resto feminizavam-no; achavam-no bonito, aninhavam-no no meio delas, beijocavam-no, faziam-lhe cócegas, e ele rolava
50 por entre as saias, em contacto com os corpos, com gritinhos de contentamento. Às vezes, quando a senhora marquesa saía, vestiam-no de mulher, entre grandes risadas; ele abandonava-se, meio nu, com os seus modos lânguidos, os olhos quebrados, uma roseta escarlata nas faces. As criadas, além disso, utilizavam-no nas suas intrigas umas com as outras: era Amaro
55 o que *fazia as queixas*. Tornou-se enredador, muito mentiroso.

Aos onze anos ajudava à missa, e aos sábados limpava a capela. Era o seu melhor dia; fechava-se por dentro, colocava os santos em plena luz em cima duma mesa, beijando-os com ternuras devotas e satisfações gulosas; e toda a manhã, muito atarefado, cantarolando o *Santíssimo*, ia
60 tirando a traça dos vestidos das Virgens e limpando com gesso e cré as auréolas dos Mártires.

No entanto crescia; o seu aspecto era o mesmo, miúdo e amarelado; nunca dava uma boa risada, trazia sempre as mãos nos bolsos. Estava constantemente metido nos quartos das criadas, remexendo as gavetas;
65 bulia nas saias sujas, cheirava os algodões postiços. Era extremamente preguiçoso, e custava de manhã arrancá-lo a uma sonolência doentia

43: quinta] quinta.

44: ia a] ia ao

45: algibeiras] algibeiras.

47: pé duma] pé de uma

58: em cima duma] em cima de uma

66: manhã arrancá-lo] manhã a arrancá-lo

sonolência doentia em que estava amolecido, todo embrulhado nos cobertores e abraçado ao travesseiro. Já era um pouco corcovado e os criados chamavam-lhe o *padreca*.

De repente, uma manhã, a sr.^a marquesa morreu de uma apoplexia. Deixava no seu testamento um legado para que Amaro, o filho da sua criada Joana, entrasse aos quinze anos no seminário e se ordenasse. O padre Liset ficava encarregado de realizar esta disposição piedosa. Amaro tinha então treze anos.

As filhas da sr.^a marquesa deixaram logo Carcavelos e foram para Lisboa, para casa da sr.^a D. Bárbara de Noronha, sua tia paterna. Amaro foi mandado para casa do tio, o merceeiro da Estrela. O tio de Amaro era um homem grosso e estúpido, casado com a filha de um empregado público, que o aceitara para sair da casa do pai, onde a vida era apertada, a mesa escassa e ela tinha de fazer as camas. Mas detestava o marido, envergonhava-se dele, das suas ocupações triviais, das suas mãos grosseiras. O marido adorava-a como a coisa fina e superior da sua vida, o seu luxo; dava-lhe vestidos, chamava-lhe a *sua duquesa*. Amaro não encontrou ali o elemento feminino e carinhoso em que estivera tepidamente envolvido em Carcavelos. A tia quase não reparava nele; passava os seus dias lendo romances e as análises dos teatros nos jornais, vestida de seda, coberta de pó-de-arroz, o cabelo em cachos. O merceeiro apropriara-se então de Amaro como de uma utilidade imprevista. Tinha só um caixeiro e mandou Amaro para o balcão. Fazia-o erguer logo às cinco horas da manhã; o rapaz tremia na sua jaqueta de pano azul, molhando à pressa o pão na chávena de café, ao canto da mesa da cozinha. Quase o detestavam; a tia chamava-lhe o *cebola* e o tio chamava-lhe o *burro*. Deixavam-no andar com a mesma camisa quinze dias. Amaro emagrecia e todas as noites chorava.

67: que estava

68: Já era um pouco corcovado

69: *padreca*.

70-2: De repente, uma manhã, a sr. marquesa morreu de uma apoplexia.

76: da sr.

78-9: tio, o merceeiro da Estrela. O tio de Amaro era um homem grosso e estúpido,

79: filha de um empregado

80-3: onde a vida [...] como a coisa fina e superior da

83-5: luxo; dava-lhe vestidos, chamava-lhe a *sua duquesa*. Amaro

87: romances e

88-90: cachos. O merceeiro apropriara-se

91: como de uma utilidade imprevista. Tinha só um caixeiro e mandou Amaro

92: manhã; o

94: cozinha. Quase o detestavam;

95-6: *burro*. Deixavam-no andar com a mesma camisa quinze dias. Amaro

em que ficava amolecido, todo embrulhado nos cobertores e abraçado ao travesseiro. Já corcovava um pouco, e os criados chamavam-lhe o padrega.

70 Num Domingo Gordo, uma manhã, depois da missa, ao chegar-se ao terraço, a senhora marquesa de repente caiu morta com uma apoplexia. Deixava no seu testamento um legado para que Amaro, o filho da sua criada Joana, entrasse aos quinze anos no seminário e se ordenasse. O padre Liset ficava encarregado de realizar esta disposição piedosa.
75 Amaro tinha então treze anos.

As filhas da senhora marquesa deixaram logo Carcavelos e foram para Lisboa, para casa da sr.^a D. Bárbara de Noronha, sua tia paterna. Amaro foi mandado para casa do tio, para a Estrela. O merceeiro era um homem obeso, casado com a filha dum pobre empregado público,
80 que o aceitara para sair da casa do pai, onde a mesa era escassa, ela devia fazer as camas e nunca ia ao teatro. Mas odiava o marido, as suas mãos cabeludas, a loja, o bairro e o seu apelido de sr.^a Gonçalves. O marido esse adorava-a como a delícia da sua vida, o seu luxo; carregava-a de jóias e chamava-lhe *a sua duquesa*.

85 Amaro não encontrou ali o elemento feminino e carinhoso em que estivera tepidamente envolvido em Carcavelos. A tia quase não reparava nele; passava os seus dias lendo romances, as análises dos teatros nos jornais, vestida de seda, coberta de pó-de-arroz, o cabelo em cachos, esperando a hora em que passava debaixo das janelas, puxando os punhos,
90 o Cardoso, galã da Trindade. O merceeiro apropriou-se então de Amaro como duma utilidade imprevista, mandou-o para o balcão. Fazia-o erguer logo às cinco horas da manhã; e o rapaz tremia na sua jaqueta de pano azul, molhando à pressa o pão na chávena de café, ao canto da mesa da cozinha. De resto detestavam-no; a tia chamava-lhe o *cebola* e o tio chamava-lhe o *burro*.
95 Pesava-lhes até o magro pedaço de vaca que ele comia ao jantar. Amaro emagrecia e todas as noites chorava.

69: padrega.] *padrega*.

82: bairro] bairro,

85: carinhoso] carinhoso,

96: emagrecia] emagrecia.

Sabia que aos quinze anos devia entrar no seminário; o tio todos os dias lho lembrava:

— Não penses que ficas aqui toda a vida na vadiagem, burro. Em tendo quinze anos, é para o seminário. Não tenho obrigação de carregar contigo! Bestas na argola não está nos meus princípios!

E desejava o seminário e a vida eclesiástica, como um libertamento e um repouso. De resto, habituara-se à ideia de ser padre.

Nunca ninguém consultara as suas tendências, os impulsos do seu temperamento. Impunham-lhe uma sobrepeliz, e a sua natureza passiva, facilmente dominável e flexível, aceitava-a indiferentemente, como aceitaria uma farda. Além disso, não podia ser senão padre! O legado da sr.^a marquesa, que era todo o seu meio de educação, determinava forçosamente aquele destino. Amaro não tinha uma ideia nítida do que era *ser padre*. Não tinha nenhuns impulsos religiosos. Desde que saíra das rezas perpétuas de Carcavelos tomara os hábitos dos tios. Os tios nunca iam à igreja. Mas quando pensava que seria padre lembravam-lhe aqueles que tantas vezes vira em casa da sr.^a marquesa; eram pessoas brancas e bem tratadas, que comiam ao lado das fidalgas em porcelana, tomavam rapé em caixas de ouro e diziam doçuras: e o estado de padre convinha-lhe então como uma profissão em que se dizem bonitas missas, se comem doces finos, se fala baixo com as mulheres, — vivendo entre elas, cochichando, sentindo-lhes o calor penetrante, — e se recebem presentes em bandejas de prata. Lembrava-lhe o padre Liset com um anel de rubi no dedo mínimo; monsenhor SAVEDRA com os seus belos óculos de ouro, bebendo aos golos o seu copo de Madeira. As filhas da sr.^a marquesa bordavam-lhes chinelas. Um dia tinha visto um bispo que fora padre na Baía, viajara, estivera em Roma, era todo jovial; e na sala, com as suas

97: Sabia que / seminário;

99: burro.

100: anos.

101: contigo! Bestas na argola

102: E desejava o seminário e a vida eclesiástica, como um libertamento e um repouso. De resto, habituara-se à ideia de ser padre.

103: tendências, os impulsos do seu temperamento.

104: sobrepeliz, e

104-5: dominável e flexível, aceitava-a indiferentemente.

105-6: farda. [...] Desde

106-8: Carcavelos tomara os hábitos dos tios. Os tios nunca iam à igreja. Mas quando pensava que seria padre lembravam-lhe aqueles que tantas vezes vira em casa da sr.^a marquesa; eram

109: fidalgas em porcelana, tomavam

110: de ouro e diziam doçuras: e o estado de padre convinha-lhe então como uma / se dizem bonitas missas, se comem doces finos, se fala

112: prata. Lembrava-lhe

114: de ouro, bebendo aos golos / Madeira.

115: da sra.

116: era todo jovial;

Sabia já que aos quinze anos devia entrar no seminário. O tio todos os dias lho lembrava:

— Não penses que ficas aqui toda a vida na vadiagem, burro! Em tendo quinze anos é para o seminário. Não tenho obrigação de carregar contigo! Besta na argola, não está nos meus princípios!

E o rapaz desejava o seminário, como um libertamento.

Nunca ninguém consultara as suas tendências ou a sua vocação. Impunham-lhe uma sobrepeliz; a sua natureza passiva, facilmente dominável, aceitava-a, como aceitaria uma farda. De resto não lhe desagradava *ser* *padre*. Desde que saíra das rezas perpétuas de Carcavelos conservara o seu medo do Inferno, mas perdera o fervor dos santos; lembravam-lhe porém os padres que vira em casa da senhora marquesa, pessoas brancas e bem tratadas que comiam ao lado das fidalgas e tomavam rapé em caixas de ouro; e convinha-lhe aquela profissão em que se fala baixo com as mulheres, — vivendo entre elas, cochichando, sentindo-lhes o calor penetrante, — e se recebem presentes em bandejas de prata. Recordava o padre Liset com um anel de rubi no dedo mínimo; monsenhor Savedra com os seus belos óculos de ouro, bebendo aos goles o seu copo de *madeira*. As filhas da senhora marquesa bordavam-lhes chinelas. Um dia tinha visto um bispo que fora padre na Baía, viajara, estivera em Roma, era muito jovial; e na

100: anos] anos.

101: contigo! Besta] contigo! Bestas

107: fervor dos] fervor pelos

109: tratadas] tratadas, / fidalgas] fidalgas.

110: que se fala] que se contam bonitas mistas, se comem doces finos, se fala

114: de *madeira*.] de Madeira.

pálidas mãos ungidias e cheirando a água de Colônia apoiadas ao castão de oiro da bengala, todo rodeado de senhoras em êxtase e cheias de um riso beato, cantava, para as entreter, com a sua bela voz:

Mulatinha da Baía,
Nascida no Capujá...

Um ano antes de entrar para o seminário, o tio fê-lo ir a um mestre para se afirmar mais no latim. Foi um ano mais repoisado. O tio dispensava-o de estar ao balcão, vendendo. E pela primeira vez na sua existência tinha uma certa liberdade de vida. Ia só à escola e tinha lá amigos com quem passeava na rua. Tinha visto a cidade, as carruagens, as mulheres balançando a cauda das saias, tinha ido ver o exercício de infantaria, tinha espreitado às portas dos cafés, tinha lido os cartazes dos teatros. Sobretudo começara a reparar profundamente nas mulheres — e vinham-lhe de tudo o que via grandes melancolias. A sua hora triste era ao anoitecer, quando voltava da escola, ou aos domingos depois de ter ido passear com o caixeiro ao Jardim da Estrela. O seu quarto ficava em cima, na trapeira; uma janelinha abria num vão sobre os telhados. Encostava-se ali olhando. Anoitecia, e dali via parte da cidade baixa, que a pouco e pouco se alumia de pontos de gás: parecia-lhe perceber, vindo de lá, um largo rumor indefinido: era a vida que não conhecia e que julgava radiosa, com cafés abrasados de luz e mulheres que arrastam um rumor de sedas pelos peristilos dos teatros; perdia-se em imaginações insondáveis, em cujo vago se moviam, em atitudes vagarosas, formas, peitos mimosos, braços brancos. Mas em baixo, na cozinha, a criada começava a lavar a loiça, cantando: era uma rapariga grossa, de encontros fortes e robusta. Amaro gostava de entrar na cozinha, de a chamar, de a ver andar; então sentia certas impressões, certos desejos; lembra-

117: suas pálidas mãos ungidias e cheirando a água de Colônia

118: de oiro

119: cheias de um

122: seminário,

123: latim. Foi um ano mais repoisado. O tio dispensava-o

123-6: balcão, vendendo. [...] teatros.

126-7: reparar profundamente

127: vinham-lhe / via

130-1: trapeira; uma janelinha abria num

131: olhando. Anoitecia, e dali

132: baixa,

133: um largo

134: julgava radiosa,

135: arrastam um rumor de

136-9: imaginações insondáveis, em cujo vago se moviam, em atitudes vagarosas, formas, peitos mimosos, braços brancos. Mas

139: a loiça,

140-2: rapariga grossa, de encontros fortes e robusta. Amaro gostava de entrar na cozinha, de a chamar, de a ver andar; então sentia certas impressões, certos desejos; lembravam-lhe

sala, com as suas mãos ungidadas que cheiravam a água-de-colónia apoiadas ao castão de ouro da bengala, todo rodeado de senhoras em êxtase e cheias dum riso beato, cantava, para as entreter, com a sua bela voz:

120 Mulatinha da Bafa,
Nascida no Capujá...

Um ano antes de entrar para o seminário o tio fê-lo ir a um mestre para se afirmar mais no latim, e dispensou-o de estar ao balcão. Pela primeira vez na sua existência Amaro possuiu liberdade. Ia só à escola, passeava pelas ruas. Viu a cidade, o exercício de infantaria, espreitou às portas dos cafés, leu os cartazes dos teatros. Sobretudo começou a reparar muito nas mulheres — e vinham-lhe, de tudo o que via, grandes melancolias. A sua hora triste era ao anoitecer, quando voltava da escola, ou aos domingos depois de ter ido passear com o caixeiro ao Jardim da Estrela. O seu quarto ficava em cima, na trapeira, com uma janelinha num vão sobre os telhados. Encostava-se ali olhando, e via parte da cidade baixa que a pouco e pouco se alumia de pontos de gás: parecia-lhe perceber, vindo de lá, um rumor indefinido: era a vida que não conhecia e que julgava maravilhosa, com cafés abrasados de luz e mulheres que arrastam ruje-rujes de sedas pelos peristilos dos teatros; perdia-se em imaginações vagas, e de repente apareciam-lhe no fundo negro da noite formas femininas, por fragmentos, uma perna com botinas de duraque e a meia muito branca, ou um braço roliço arregaçado até ao ombro... Mas em baixo, na cozinha, a criada começava a lavar a louça, cantando: era uma rapariga gorda, muito sardenta; e vinham-lhe então desejos de descer, ir roçar-se por ela, ou estar a um canto a vê-la escaldar

122: seminário] seminário,
124: existência] existência,
132: boixa] boixa,
141: canto] conto.

vam-lhe outras mulheres que vira nas vielas, com saias engomadas e ruidosas, passeando na rua, em cabelo, com botinas cambadas: e vinham-lhe da profundidade do seu temperamento fadigas, preguiças e como que a vontade de abraçar alguém, de não se sentir só. A melancolia do seu quarto amargurava-o. Espreguiçava-se, julgava-se infeliz e pensava em matar-se. Mas o tio chamava-o de baixo:

— Então tu não estudas, mariola?

E daí a pouco, sobre o *Tito Lívio*, cabeceando de sono, sentindo-se desgraçado, bocejando, roçando os joelhos um contra o outro, torturava o dicionário. Por esse tempo também, começava a sentir um certo afastamento pela vida de padre, *porque não poderia casar*. Já então as convivências da escola tinham introduzido na sua natureza inferior e efeminada curiosidades e corrupções. Às escondidas fumava cigarros: emagrecia e estava mais amarelo.

Entrou no seminário. Nos primeiros dias os longos corredores de pedra um pouco húmidos, as lâmpadas fúnebres, os quartos estreitos e gradeados, as batinas negras, o silêncio regulamentado, o toque dos sinos, o abatimento passivo das fisionomias — deram-lhe uma tristeza, uma mágoa insondável. Mas criou logo amizades. O seu rosto pálido, bonito e fraco, agradou. Começaram a falar-lhe, a tratá-lo por *tu*; informaram-no dos hábitos do seminário e das intrigas, contaram-lhe as histórias maliciosas dos mestres. Sobretudo descreveram-lhe os tédios dos estudos e as melancolias da clausura: porque quase todos falavam com grande saudade das existências livres de que saíam: alguns rapazes eram da aldeia e não lhes podiam esquecer as claras eiras batias do sol, as esfolhadas cheias de cantigas e de abraços, as filas da boiada que recolhe, enquanto um vapor se exala dos prados; outros vinham das pequenas vilas e lamentavam as ruas tortuosas e tranquilas donde se namoram as vizi-

142: vielas, com

143: passeando na rua, em / e vinham-lhe

144: seu temperamento fadigas, preguiças e como

145: só. A melancolia do seu quarto amargurava-o. Espreguiçava-se, julgava-se infeliz e

149: desgraçado, bocejando, roçando

149-51: dicionário. Por esse tempo também,

152: Já então

153: natureza inferior e efeminada curiosidades e

154: e estava

156: lâmpadas fúnebres,

157-8: toque dos sinos, o abatimento passivo das fisionomias —

158-9: tristeza, uma mágoa insondável. Mas criou logo amizades.

159: rosto pálido, bonito e fraco,

159-62: Começaram [...] melancolias

163: com grande

163-4: livres de que saíam: alguns rapazes eram da aldeia e não lhes

166: prados; outros vinham

167: vilas e

os pratos; lembravam-lhe outras mulheres que vira nas vielas, de saias engomadas e ruidosas, passeando em cabelo, com botinas cambadas: e, da profundidade do seu ser, subia-lhe uma preguiça, como que a vontade de abraçar alguém, de não se sentir só. Julgava-se infeliz, pensava em matar-se. Mas o tio chamava-o de baixo:

— Então tu não estudas, mariola?

E daí a pouco, sobre o *Tito Lívio*, cabeceando de sono, sentindo-se desgraçado, roçando os joelhos um contra o outro, torturava o dicionário.

Por esse tempo começava a sentir um certo afastamento pela vida de padre, *porque não poderia casar*. Já as convivências da escola tinham introduzido na sua natureza efeminada curiosidades, corrupções. Às escondidas fumava cigarros: emagrecia e andava mais amarelo.

Entrou no seminário. Nos primeiros dias os longos corredores de pedra um pouco húmidos, as lâmpadas tristes, os quartos estreitos e gradeados, as batinas negras, o silêncio regulamentado, o toque das sinetas — deram-lhe uma tristeza lúgubre, aterrada. Mas achou logo amizades; o seu rosto bonito agradou. Começaram a tratá-lo por *tu*, a admiti-lo, durante as horas de recreio ou nos passeios do domingo, às conversas em que se contavam anedotas dos mestres, se caluniava o reitor, e perpetuamente se lamentavam as melancolias da clausura: porque quase todos falavam com saudade das existências livres que tinham deixado: os da aldeia não podiam esquecer as claras eiras batidas do sol, as esfolhadas cheias de cantigas e de abraços, as filas da boiada que recolhe, enquanto um vapor se exala dos prados; os que vinham das pequenas vilas lamentavam as ruas tortuosas e tranquilas donde se namoram as

154: emagrecia] emagrecia.

nhas, os alegres dias de mercado, as grandes aventuras do tempo em que se estuda o latim. O que mais afligia aquelas naturezas era a falta dos campos, das ruas: não lhes bastava o pátio do recreio lajeado, com as suas árvores definhadas, os seus altos muros escuros e sonolentos, os austeros regentes vigiando; parecia-lhes ainda mais triste do que o silêncio da livraria e o seu cheiro de bolor. Abafavam na estreiteza dos corredores, invejavam todos os destinos ainda os mais humildes: o almocreve que iam passar na estrada tocando os seus machos; o carreiro que ia cantarolando ao áspero chiar das rodas; e até os mendigos errantes, apoiados ao seu cajado, com o seu alforge escuro.

De uma das janelas de um corredor via-se uma volta de estrada: à tardinha uma diligência costumava passar, levantando a poeira, e entre os estalidos do chicote ia rolando, ao trote das três éguas, carregada de bagagens; passageiros alegres que levavam os joelhos bem embrulhados, sopravam o fumo dos charutos, e iam assim felizes, livres, para as cidades e para as alegres vilas, viajando pela frescura das madrugadas ou sob a claridade das estrelas! Quantos olhares os seguiam!

E no refeitório, diante do escasso caldo de hortaliça, quantas saudades dos jantares de família! As boas postas de peixe! E o tempo da manança! Os rijões quentes que cham no prato! Os sarrabulhos cheirosos!

Amaro não deixava coisas queridas: vinha da dureza hostil do tio, da fria loja lajeada, do rosto enfasiado da tia coberto de pó-de-arroz; mas insensivelmente pôs-se a ter saudades dos seus passeios aos domingos, do rumor das carruagens, da claridade do gás e das voltas da escola, com os livros numa correia, quando parava encostado à vitrina das lojas, a admirar a nudez das bonecas!

169: latim. O que mais afligia aquelas naturezas era a falta dos campos, das ruas: não

170-1: os seus altos muros escuros e sonolentos, os austeros regentes vigiando; parecia-lhes ainda mais triste do que o silêncio da livraria e o seu cheiro de bolor. Abafavam

171-3: corredores, invejavam

173: destinos ainda os mais humildes;

174: machos;

175: rodas;

177: De uma das janelas de um

178: poeira, e

179: chicote ia rolando, ao

179-80: alegres

181-3: charutos, e iam assim felizes, livres, para as cidades e para as alegres vilas, viajando pela frescura das madrugadas ou sob a claridade das estrelas! Quantos olhares os seguiam!

184-6: hortaliça, quantas

187: peixe! E

188: Os rijões

189: da dureza hostil do tio, da fria loja lajeada,

190-1: pôs-se a

191: domingos, do rumor das carruagens,

192: escola,

193: lojas, a admirar a nudez das bonecas! // — Tudo acabou, pensava ele, tudo acabou!

vizinhas, os alegres dias de mercado, as grandes aventuras do tempo em que se estuda latim. Não lhes bastava o pátio do recreio lajeado, com as suas árvores definhadas, os altos muros sonolentos, o monótono jogo da bola: abafavam na estreiteza dos corredores, na sala de Santo Inácio, onde se faziam as meditações da manhã e se estudavam à noite as lições; e invejavam todos os destinos livres ainda os mais humildes — o almocreve que viam passar na estrada tocando os seus machos, o carreiro que ia cantarolando ao áspero chiar das rodas, e até os mendigos errantes, apoiados ao seu cajado, com o seu alforje escuro.

Da janela dum corredor via-se uma volta de estrada: à tardinha uma diligência costumava passar, levantando a poeira, entre os estalidos do chicote, ao trote das três éguas, carregada de bagagens; passageiros alegres, que levavam os joelhos bem embrulhados, sopravam o fumo dos charutos; quantos olhares os seguiam! Quantos desejos iam viajando com eles para as alegres vilas e para as cidades, pela frescura das madrugadas ou sob a claridade das estrelas!

E no refeitório, diante do escasso caldo de hortaliça, quando o regente de voz grossa começava a ler monotonamente as cartas de algum missionário da China ou as pastorais do senhor bispo, quantas saudades dos jantares de família! As boas postas de peixe! O tempo da matança! Os rojões quentes que cham no prato! Os sarrabulhos cheirosos!

Amaro não deixava coisas queridas: vinha da brutalidade do tio, do rosto enfatiado da tia coberto de pó-de-arroz; mas insensivelmente pôs-se também a ter saudades dos seus passeios aos domingos, da claridade do gás e das voltas da escola com os livros numa correia, quando parava encostado à vitrina das lojas a contemplar a nudez das bonecas!

188: Os rojões] Os rijões

189: deixava coisas] deixava cousas

192: gás] gás, / escola] escola,

— Tudo acabou, pensava ele, tudo acabou!

Lentamente, porém, com a sua natureza incaracterística foi-se amoldando às lentas melancolias daquela existência. Começou a estudar com uma regularidade trivial, a ter uma seriedade prudente nos serviços eclesiásticos; a regra seminarista ia-o dobrando e vincando como uma folha de papel inerte: era regular, banal e mole — e começou a ter boas notas.

Todavia nunca pensava no seu destino futuro: a vida, depois do seminário, aparecia-lhe como um vasto espaço vazio — alguma coisa de semelhante àqueles céus baços e cobertos, dos dias de névoa, que não revelam nada, que não prometem nada! Às vezes, na intimidade dos quartos, cada um mostrava a sua ambição, o seu desejo: uns queriam ser caudatários de um bispo, e nas altas salas dos paços episcopais erguer os reposteiros de velho damasco; outros desejavam viver nas cidades depois de ordenados, servir uma igreja aristocrática, e, diante das devotas ricas que se acumulam no *fru-fru* das sedas sobre o tapete do altar-mor, cantar com voz sonora; alguns queriam apenas uma paróquia na aldeia, uma mesa farta e uma criada gorda. Muitos sonhavam destinos fora da igreja: queriam ser militares e arrastar nas ruas lajeadas o *tlin-tlin* de um sabre; queriam a farta vida da lavoira, e desde a madrugada, com um chapéu desabado e bem montados, trotar pelos caminhos, dar ordens nas largas eiras cheias de medas, aprear às portas das adegas! E todos, ou desejando o sacerdócio ou preferindo os destinos seculares, queriam deixar a estreiteza do seminário para comer bem, ganhar dinheiro, conhecer as mulheres.

Amaro não desejava nada:

— Eu nem sei, dizia ele melancolicamente.

No entretanto aquelas conversas perturbavam-no, porque alguns mais nervosos quando falavam muito tempo nas alegrias da vida livre exaltavam-se: um sobretudo, a quem chamavam Frei Sargento; era um mocetão sanguíneo e fazia de Amaro seu confidente: tinha uma natureza forte, indomada, pesada de sangue, trémula de apetites. A sua ideia era fugir. Fazia planos, calculava a altura das janelas, antevia as peripé-

194-8: incaracterística [...] — e começou

199-208: Todavia nunca pensava [...] caudatários de um bispo,

209: damasco; outros desejavam

211: no *fru-fru*

212: sonora; alguns queriam apenas uma paróquia na aldeia, uma mesa farta e uma criada gorda. Muitos sonhavam destinos

213-4: *tlin-tlin* de um sabre; queriam

214: da lavoira,

216-7: aprear às portas das adegas! E todos, ou desejando o sacerdócio ou preferindo os

218-9: dinheiro, conhecer

221: sei,

222-7: No entretanto [...] mulheres que abrem! Amaro

Lentamente, porém, com a sua natureza incaracterística, foi entrando
 195 do como uma ovelha indolente na regra do seminário. Decorava com regularidade os seus compêndios; tinha uma exactidão prudente nos serviços eclesiásticos; e calado, encolhido, curvando-se muito baixo diante dos lentes — chegou a ter boas notas.

Nunca pudera compreender os que pareciam gozar o seminário com
 200 beatitude e maceravam os joelhos, ruminando, com a cabeça baixa, textos da *Imitação* ou de Santo Inácio; na capela, com os olhos em alvo, empalideciam de êxtase; mesmo no recreio, ou nos passeios, iam lendo algum volumezinho de *Louvores a Maria*; e cumpriam com delícia as regras mais miúdas — até subir só um degrau de cada vez, como recomenda
 205 S. Boaventura. A esses o seminário dava um antegosto do Céu: a ele só lhe oferecia as humilhações duma prisão, com os tédios duma escola.

Não compreendia também os ambiciosos: os que queriam ser
 caudatários dum bispo, e nas altas salas dos paços episcopais erguer os
 210 reposteiros de velho damasco; os que desejavam viver nas cidades depois de ordenados, servir uma igreja aristocrática, e, diante das devotas ricas que se acumulam no *frou-frou* das sedas sobre o tapete do altar-mor, cantar com voz sonora. Outros sonhavam até destinos fora da Igreja: ambicionavam ser militares e arrastar nas ruas lajeadas o *tlim-tlim* dum
 215 sabre; ou a farta vida da lavoura, e desde a madrugada, com um chapéu desabado e bem montados, trotar pelos caminhos, dar ordens nas largas eiras cheias de medas, apear à porta das adegas. E, a não ser alguns devotos, todos, ou aspirando ao sacerdócio ou aos destinos seculares, queriam deixar a estreiteza do seminário para comer bem, ganhar dinheiro e conhecer as mulheres.

220 Amaro não desejava nada:

— Eu nem sei..., dizia ele melancolicamente.

No entanto, escutando por simpatia aqueles para quem o seminário era o «tempo das galés», saía muito perturbado daquelas conversas cheias de impaciente ambição da vida livre. Às vezes falavam de fugir.
 225 Faziam planos, calculando a altura das janelas, as peripécias da noite negra pelos negros caminhos: anteviam balcões de tabernas onde se bebe, salas

200: beatitude] beatitude.

201: cupela.] capela

216: adegas.] adegas!

221: sei...] sei.

cias da aventura: seria de noite, tomariam os negros caminhos apertados entre silvados, entrariam nas cidades. Que pândega! Iriam logo beber, jogar o bilhar, bater ao negro ferrolho das mulheres que abrem! Amaro ficava todo nervoso: sobre o seu catre, alta noite, revolvía-se sem dormir, e todo agitado daquelas conversações espreguiçava-se e persignava-se.

Tinha então vinte anos. Na sua cela havia uma imagem da Virgem, coroada de estrelas, poisada sobre a esfera, com o olhar errante pela luz imortal, calcando aos pés a serpente. Amaro voltava-se para ela como para um refúgio, rezava a salve-rainha: mas as palavras amorosas da oração inflamavam-no mais; já não via a Deusa, via a doce judia loira; amava-a, suspirava, estirava os braços num amolecimento expirante.

Quantas vezes ouvira, nas prédicas do domingo, o mestre de História Sagrada falar, com a sua voz roufenha, do Pecado, compará-lo à serpente e com palavras untuosas e gestos arqueados, deixando cair vagorosamente a pompa melíflua dos seus períodos, aconselhar os seminaristas a que, imitando a Virgem, calcassem aos pés a *serpente ominosa!* Quantas vezes o seu mestre de Teologia Mística falava, sorvendo o seu rapé, no dever de *vencer a Natureza!* E citando S. João de Damasco e S. Crisólogo, S. Cipriano e S. Jerónimo, explicava os anátemas dos santos contra a Mulher, a quem chamava, segundo as expressões místicas, Serpente, Dardo, Filha da Mentira, Porta do Inferno, Cabeça do Crime, Escorpião...

— E como disse o nosso padre S. Jerónimo — e assoava-se estrondosamente — Caminho de Iniquidades, *iniquitatis via!*

Era então que Amaro mais pensava na Mulher! Que ser era esse, pois, que através de toda a teologia ora era colocada sobre o altar como a Rainha da Graça, ora amaldiçoada com apóstrofes bárbaras? Que poder era então o seu, que a trágica legião dos santos ora se arremessa ao seu encontro, numa paixão extática, dando-lhe numa aclamação o profundo Reino dos Céus, — ora vai fugindo diante dela como do Univer-

228-31: dormir, e todo agitado daquelas conversações espreguiçava-se e persignava-se. // Tinha então vinte anos. Na

231: Virgem,

231-2: estrelas, poisada

233-4: refúgio, rezava

234-41: mas as palavras amorosas da oração inflamavam-no mais; já não via a Deusa, via a doce judia loira; amava-a, suspirava, estirava os braços num amolecimento expirante.

242: prédicas do domingo, / de História Sagrada

243: serpente e

246-7: *ominosa!* Quantas vezes o seu mestre de Teologia Mística falava,

250: expressões místicas,

252: S. Jerónimo —

254: Era então que Amaro mais pensava na Mulher!

257: era então o seu, que a trágica

258: dando-lhe numa

de bilhar, alcovas quentes de mulheres. Amaro ficava todo nervoso: sobre o seu catre, alta noite, revolvia-se sem dormir e, no fundo das suas imaginações e dos seus sonhos, ardia, como uma brasa silenciosa, o desejo da Mulher.

Na sua cela havia uma imagem da Virgem coroada de estrelas, pouxada sobre a esfera, com o olhar errante pela luz imortal, calcando aos pés a serpente. Amaro voltava-se para ela como para um refúgio, rezava-lhe a salve-rainha: mas, ficando a contemplar a litografia, esquecia a santidade da Virgem, via apenas diante de si uma linda moça loura; amava-a; suspirava; despindo-se olhava-a de revés lubricamente; e mesmo a sua curiosidade ousava erguer as pregas castas da túnica azul da imagem e supor formas, redondezas, uma carne branca... Julgava então ver os olhos do Tentador luzir na escuridão do quarto; aspergia a cama de água benta; mas não se atrevia a revelar estes delírios, no confessionário, ao domingo.

Quantas vezes ouvira, nas prédicas, o mestre de Moral falar, com a sua voz roufenha, do Pecado, compará-lo à serpente e, com palavras untuosas e gestos arqueados, deixando cair vagarosamente a pompa melíflua dos seus períodos, aconselhar os seminaristas a que, imitando a Virgem, calcassem aos pés a *serpente ominosa!* E depois era o mestre de Teologia Mística que falava, sorvendo o seu rapé, no dever de *vencer a Natureza!* E citando S. João de Damasco e S. Crisólogo, S. Cipriano e S. Jerónimo, explicava os anátemas dos santos contra a Mulher, a quem chamava, segundo as expressões da Igreja, Serpente, Dardo, Filha da Mentira, Porta do Inferno, Cabeça do Crime, Escorpião...

— E como disse o nosso padre S. Jerónimo, — e assoava-se estrondosamente — Caminho de Iniquidades, *iniquitas via!*

Até nos compêndios encontrava a preocupação da Mulher! Que ser era esse, pois, que através de toda a teologia ora era colocada sobre o altar como a Rainha da Graça, ora amaldiçoada com apóstrofes bárbaras? Que poder era o seu, que a legião dos santos ora se arremessa ao seu encontro, numa paixão extática, dando-lhe por aclamação o profundo Reino dos Céus, — ora vai fugindo diante dela como do Universal Ini-

229: ardia,] ardia / silenciosa,] silenciosa

236: suspirava,] suspirava,

243: serpente e,] serpente e

253: [iniquitas: conforme 1889]

sal Inimigo, com soluços de terror e com gritos de ódio, e escondendo-se, para a não ver, nas tebaidas, nos claustros e nos sepulcros, vai ali morrendo do mal de a ter amado? Amaro sentia, sem as definir, estas perturbações e julgava-se desgraçado e maldito.

Debalde o seminário pesava sobre ele: a natureza estalava, reaparecia por todas as formas: os estudos, as regras, os jejuns, as penitências podiam domar o corpo, dar-lhe hábitos maquinais, regrá-lo; mas dentro os desejos luziam silenciosamente como brasas.

Os que mais sofriam eram os sanguíneos, tão doloridamente apertados na regra como os seus grossos pulsos plebeus estavam apertados nos punhos das camisas. Assim, quando estavam sós, o temperamento irrompia: lutavam, faziam forças, provocavam desordens. Nos linfáticos a natureza comprimida produzia as grandes tristezas, os silêncios estúpidos, as molezas apáticas. O regímen severo fazia amar os pequenos vícios: jogar com um velho baralho, ler um romance, obter de intrigas demoradas um maço de cigarros — quantos encantos do pecado!

Amaro quase invejava os estudiosos, os exemplares: ao menos esses estavam contentes, estudavam perpetuamente, tomavam notas no silêncio da alta livraria, eram respeitados, usavam óculos, tomavam rapé. Ele mesmo tinha às vezes ambições repentinas de ciência; mas diante dos vastos *in-fólios* escuros vinham-lhe desfalecimentos e um tédio insuperável. Era no entanto devoto: rezava, tinha fé ilimitada em certos santos, um terror angustioso de Deus. Mas começava a odiar o seminário! As fisionomias dos padres, as batinas sujas desolavam-no; não podia sofrer as comidas monótonas do longo refeitório lajeado; os cheiros dos corredores causavam-lhe enjoos; tinha palpitações, uma grande excitação nervosa e desejava morrer!

250: e com gritos

251: tebaidas, nos claustros e nos sepulcros,

252: amado? Amaro

252-5: perturbações e julgava-se desgraçado e maldito. // Debalde o seminário pesava sobre ele: a natureza estalava, reaparecia por todas as formas: os estudos, as regras, os

256-8: maquinais, regrá-lo; mas dentro os desejos luziam silenciosamente como brasas. // Os

269: na regra / plebeus estavam apertados

272-3: silêncios estúpidos, as molezas apáticas. O regímen severo fazia amar os pequenos

276: Amaro quase / estudiosos, os exemplares:

277: perpetuamente, tomavam

279: repentinas de

280: *in-fólios* escuros vinham-lhe desfalecimentos e

282: Mas começava a odiar o seminário! As fisionomias dos padres, as batinas sujas desolavam-no; não podia sofrer as

283: lajeado;

283-8: corredores causavam-lhe enjoos; tinha palpitações, uma grande excitação nervosa e desejava morrer!

260 migo, com soluços de terror e gritos de ódio, e escondendo-se, para a não ver, nas tebaidas e nos claustros, vai ali morrendo do mal de a ter amado? Sentia, sem as definir, estas perturbações! Elas renasciam, desmoralizavam-no perpetuamente: e já antes de fazer os seus votos desfalecia no desejo de os quebrar.

265 E em redor dele sentia iguais rebeliões da natureza: os estudos, os jejuns, as penitências podiam domar o corpo, dar-lhe hábitos maquinais, mas dentro os desejos moviam-se silenciosamente, como num ninho serpentes imperturbadas. Os que mais sofriam eram os sanguíneos, tão doloridamente apertados na Regra como os seus grossos pulsos plebeus nos punhos das camisas. Assim, quando estavam sós, o temperamento irrompia: lutavam, faziam forças, provocavam desordens. Nos linfáticos a natureza comprimida produzia as grandes tristezas, os silêncios moles: 270 desforravam-se então no amor dos pequenos vícios: jogar com um velho baralho, ler um romance, obter de intrigas demoradas um maço de cigarros — quantos encantos do pecado!

Amaro por fim quase invejava os estudiosos; ao menos esses estavam contentes, estudavam perpetuamente, escrevinhavam notas no silêncio da alta livraria, eram respeitados, usavam óculos, tomavam rapé. Ele mesmo tinha às vezes ambições repentinas da ciência; mas diante dos vastos *in-fólios* vinha-lhe um tédio insuperável. Era no entanto devoto: rezava, tinha fé ilimitada em certos santos, um terror angustioso de Deus. Mas odiava a clausura do seminário! A capela, os chorões do pátio, as comidas monótonas do longo refeitório lajeado, os cheiros dos corredores, tudo lhe dava uma tristeza irritada: parecia-lhe que seria bom, puro, 285 crente, se estivesse na liberdade dum rua ou na paz dum quintal, fora daquelas negras paredes. Emagrecia, tinha suores hécticos: e mesmo no último ano, depois do serviço pesado da Semana Santa, como começavam os calores, entrou na enfermaria com uma febre nervosa.

262: perturbações!] perturbações:

265: dele] dele,

279: repentinas da] repentinas de

Mas o tempo passou. Amaro ordenou-se pelas têmporas de S. Mateus e pouco tempo depois recebeu, ainda no seminário, esta carta do sr. padre Liset:

«Meu querido filho e novo colega. — Agora que está ordenado, entendo em minha consciência que devo dar-lhe conta do estado dos seus negócios, pois quero cumprir até ao fim o encargo com que carregou os meus ombros débeis a nossa chorada marquesa, atribuindo-me a honra de administrar o legado que lhe deixou. Porque, ainda que os bens mundanos pouco devam importar a uma alma votada ao sacerdócio, são sempre as boas contas que fazem os bons amigos. Saberá, pois, meu querido filho que o legado da querida marquesa — para quem deve erguer em sua alma uma gratidão eterna — está inteiramente exausto. Aproveito esta ocasião para lhe dizer que depois da morte de seu tio, sua tia, tendo liquidado o estabelecimento, se entregou a um caminho que o respeito me impede de qualificar: caiu sob o império das paixões e tendo-se ligado ilegitimamente, viu os seus bens perdidos juntamente com a sua pureza, e hoje estabeleceu uma casa de hóspedes na Rua dos Calafates, n.º 53. Se toco nestas impurezas, tão impróprias de que um tenro levita, como o meu querido filho, tenha delas conhecimento, é porque lhe quero dar cabal relação da sua respeitável família. Sua irmã, como decerto sabe, casou rica em Coimbra, e ainda que no casamento não é o ouro que devemos apreciar, é todavia importante, para futuras circunstâncias, que o meu querido filho esteja de posse deste facto. Do que me escreveu o nosso querido reitor a respeito de o mandarmos para a freguesia de Feirão, na Gralheira, vou falar com algumas pessoas importantes que têm a extrema bondade de atender um pobre padre que só pede a Deus misericórdia. Espero, todavia, conseguir. Persevere, meu querido filho, nos caminhos da virtude, de que sei que a sua boa alma está repleta, e creia que se encontra a felicidade neste nosso santo ministério quando sabemos compreender quantos são os bálsamos que derrama no peito e quantos os refrigérios que dá — o serviço de Deus! Adeus meu querido filho e novo colega. Creia que sempre o meu pensamento estará com o pupilo da nossa chorada marquesa, que decerto do Céu, onde a elevaram as suas virtudes, supplica à Virgem, que ela tanto serviu e amou, a felicidade do seu caro pupilo.» — *Liset*.

289: Mas o tempo passou. Amaro / S. Mateus e

296: pouco devam

298: filho

302: paixões

304: Calafates,

305: levita,

306: filho,

308: o ouro

318: Adeus

322: pupilo.» —

290 Ordenou-se enfim pelas têmeoras de S. Mateus; e pouco tempo depois recebeu, ainda no seminário, esta carta do sr. padre Liset:

«Meu querido filho e novo colega. — Agora que está ordenado, entendendo em minha consciência que devo dar-lhe conta do estado dos seus negócios, pois quero cumprir até ao fim o encargo com que carregou os meus ombros débeis a nossa chorada marquesa, atribuindo-me a honra
295 de administrar o legado que lhe deixou. Porque, ainda que os bens mundanos pouco deviam importar a uma alma votada ao sacerdócio, são sempre as boas contas que fazem os bons amigos. Saberá, pois, meu querido filho, que o legado da querida marquesa — para quem deve erguer em sua alma uma gratidão eterna — está inteiramente exausto. Aproveito
300 esta ocasião para lhe dizer que depois da morte de seu tio, sua tia, tendo liquidado o estabelecimento, se entregou a um caminho que o respeito me impede de qualificar: caiu sob o império das paixões, e tendo-se ligado ilegitimamente, viu os seus bens perdidos juntamente com a sua pureza, e hoje estabeleceu uma casa de hóspedes na Rua dos Calafates n.º 53. Se toco nestas impurezas, tão impróprias de que um tenro levita
305 como o meu querido filho tenha delas conhecimento, é porque lhe quero dar cabal relação da sua respeitável família. Sua irmã, como decerto sabe, casou rica em Coimbra, e ainda que no casamento não é o ouro que devemos apreciar, é todavia importante, para futuras circunstâncias, que o meu querido filho esteja de posse deste facto. Do que me escreveu o
310 nosso querido reitor a respeito de o mandarmos para a freguesia de Feirão, na Gralheira, vou falar com algumas pessoas importantes que têm a extrema bondade de atender um pobre padre que só pede a Deus misericórdia. Espero, todavia, conseguir. Persevere, meu querido filho, nos caminhos da virtude, de que sei que a sua boa alma está repleta, e creia que se encontra a felicidade neste nosso santo ministério quando sabemos compreender quantos são os bálsamos que derrama no peito e quantos os refrigerios que dá — o serviço de Deus! Adeus, meu querido filho e novo colega. Creia que sempre o meu pensamento estará com o pupilo
320 da nossa chorada marquesa, que decerto do Céu, onde a elevaram as suas virtudes, supplica à Virgem, que ela tanto serviu e amou, a felicidade do seu caro pupilo.» *Liset.*

296: pouco deviam] pouco devam

305: levita] levita.

306: filho] filho.

«P. S. — O apelido do marido de sua irmã é Trigozo.» — *Liset*.

Dois meses depois Amaro foi nomeado e confirmado pároco de Feirão, na Gralheira, serra da Beira Alta. Esteve ali desde Outubro até Abril do outro ano.

Feirão é uma paróquia pobre de pastores e naquela época quase desabitada. De modo que Amaro passou aquele tempo inutilizado, quase ocioso, ruminando o seu tédio à lareira, ouvindo fora o Inverno bramir e roncar na serra. Pela Primavera vagaram nos distritos de Santarém e de Leiria paróquias populosas, com boas côngruas. Amaro escreveu à irmã, contando a sua pobreza em Feirão, e ela mandou-lhe, com recomendações de economia, doze moedas para vir a Lisboa requerer. Amaro saiu imediatamente de Feirão. Os ares lavados e vivos, as influências da serra tinham-lhe fortificado o sangue; voltava mais robusto, direito, simpático, sem a antiga palidez doentia.

Logo que chegou a Lisboa foi à Rua dos Calafates, n.º 53, a casa da tia: achou-a velha, com um vestido escoado, a cuiã pendente, a pele engelhada coberta de pó-de-arroz. Tinha-se dado à devoção, frequentava as igrejas, e foi com uma alegria piedosa que abriu seus magros braços a Amaro.

— Como estás bonito, dizia ela. Ora não há! Quem te viu! Ih! Jesus! Que mudança!

Admirava-lhe a batina, a coroa aberta, a compostura eclesiástica. E contando-lhe as suas desgraças, lamentando-se, com exclamações sobre a salvação da sua alma e sobre a carestia dos géneros, foi-o levando para o terceiro andar, a um quarto que dava para o saguão.

— Ficas aqui como um abade, disse-lhe ela.

Amaro procurou logo ao outro dia o padre Liset em S. Luís: era o seu protector natural. Mas o padre Liset tinha ido para França. Lembrou-se então da filha mais nova da sr.ª marquesa de Alegros, a

323: Trigozo.» —

324: nomeado e confirmado

325-6: até Abril do outro ano.

328: desabitada. De modo que Amaro passou aquele tempo inutilizado, quase ocioso.

329: bramir e roncar

331: escreves à irmã, / Feirão, e

332: para vir

333: Amaro saiu imediatamente de Feirão. / vivos, as influências

334: voltava mais

334-5: simpático, sem a antiga palidez doentia.

336: Calafates.

337: com um vestido escoado, a cuiã pendente, a pele engelhada coberta

338: Tinha-se dado à devoção, frequentava as igrejas, e

340: bonito, dizia ela. Ora / Ih!

342: coroa aberta, a compostura eclesiástica. / desgraças, lamentando-se.

346-9: ela. // Amaro

349: S. Luís: era o seu protector natural. Mas o padre Liset

«P.S. — O apelido do marido de sua irmã é Trigoso.» *Liset.*

325 Dois meses depois Amaro foi nomeado pároco de Feirão, na Gralheira, serra da Beira Alta. Esteve ali desde Outubro até ao fim das neves.

330 Feirão é uma paróquia pobre de pastores e naquela época quase desabitada. Amaro passou o tempo muito ocioso, ruminando o seu tédio à lareira, ouvindo fora o Inverno bramir na serra. Pela Primavera vagaram nos distritos de Santarém e de Leiria paróquias populosas, com boas cõngruas. Amaro escreveu logo à irmã contando a sua pobreza em Feirão; ela mandou-lhe, com recomendações de economia, doze moedas para ir a Lisboa requerer. Amaro partiu imediatamente. Os ares lavados e vivos da serra tinham-lhe fortificado o sangue; voltava robusto, direito, simpático, com uma boa cor na pele trigueira.

335 Logo que chegou a Lisboa foi à Rua dos Calafates n.º 53, a casa da tia: achou-a velha, com laços vermelhos numa cuia enorme, toda coberta de pó-de-arroz. Tinha-se feito devota, e foi com uma alegria piedosa que abriu os seus magros braços a Amaro.

340 — Como estás bonito! Ora não há! Quem te viu! Ih, Jesus! Que mudança!

345 Admirava-lhe a batina, a coroa: e contando-lhe as suas desgraças, com exclamações sobre a salvação da sua alma e sobre a carestia dos géneros, foi-o levando para o terceiro andar, a um quarto que dava para o saguão.

— Ficas aqui como um abade, disse-lhe ela. É baratinho!... Ai! Ter-te de graça queria eu, mas... Tenho sido muito infeliz, Joãozinho!... Ai! Desculpa, Amaro! Estou sempre com o Joãozinho na cabeça...

350 Amaro procurou logo ao outro dia o padre Liset em S. Luís. Tinha ido para França. Lembrou-se então da filha mais nova da senhora marquesa de Alegros, a sr.^a D. Joana, que estava casada com o conde de

324: Dois] Dous

340: Ih,] Ih!

347: Joãozinho!...] Joãozinho!

351: [Em 1889 aparece, certamente por lapsus, D. Luísa]

sr.^a D. Joana, que estava casada com o conde de Ribamar, conselheiro de Estado, com um larga influência; fora um regenerador fiel desde 51; não tinha aceitado, na última organização, o Ministério do Reino, mas a sua autoridade política dominava.

E por conselho da tia, Amaro, logo que meteu o seu requerimento, foi numa manhã a casa da sr.^a condessa de Ribamar, a Buenos Aires. À porta um *coupé* esperava.

— A sr.^a condessa vai sair, disse um criado de gravata branca e quinzena de alpaca que estava à entrada do pátio, com um cesto na mão e de cigarro na boca.

Neste momento, de uma porta de batentes de baeta verde que havia sobre um degrau de pedra ao fundo do pátio lajeado, uma senhora saía, vestida de claro. Era alta e magra, loira, com pequeninos cabelos frisados sobre a testa, o rosto seco, o nariz comprido e agudo com lunetas de oiro, e no queixo um sinalzinho de cabelos claros.

— A sr.^a condessa já me não conhece? disse Amaro com o chapéu na mão, adiantando-se todo curvado. E depois de um silêncio: — Sou o Amaro.

— O Amaro? disse ela, como estranha ao nome. Ah! Bom Jesus, quem ele é! Ora não há! Está um homem. Quem diria! Há que tempos...

Amaro sorria-se.

— Quem havia de esperar! continuou ela admirada. E está agora em Lisboa?

Amaro contou a sua nomeação para Feirão, a pobreza da paróquia...

— De maneira que vim aqui requerer, disse ele.

Ela escutava-o com as mãos apoiadas numa alta umbrela de seda clara, e Amaro sentia vir daquela loira e magra pessoa um perfume de pó-de-arroz com uma frescura de seda e de cambraias.

352-3: com uma larga influência; fora um regenerador fiel desde 51; não tinha aceitado, na última organização, o Ministério do Reino, mas a sua autoridade política dominava.

354: E

355: foi numa

358: alpaca que estava à entrada do pátio, com um cesto na mão e

359: Neste momento, de uma / verde que havia

360: pedra

361: alta e magra, loira,

362: testa, o rosto seco, o nariz comprido e agudo com lunetas de oiro,

364: — A sra. / conhece?

365: adiantando-se todo curvado. E depois de um silêncio: —

366: Amaro? disse ela,

367: homem. Quem diria! Há que tempos...

369: — Quem havia de

371: vim aqui requerer, disse ele.

372: alta umbrela

373-4: vir daquela loira e magra pessoa um perfume de pó-de-arroz com uma frescura de seda e de cambraias.

Ribamar, conselheiro de Estado, com influência, regenerador fiel desde cinquenta e um e duas vezes ministro do Reino.

355 E, por conselho da tia, Amaro, logo que meteu o seu requerimento, foi uma manhã a casa da sra. condessa de Ribamar, a Buenos Aires. À porta um *coupé* esperava.

— A senhora condessa vai sair, disse um criado de gravata branca e quinquena de alpaca, encostado à ombreira do pátio, de cigarro na boca.

360 Nesse momento, dum porta de batentes de baeta verde, sobre um degrau de pedra, ao fundo do pátio lajeado, uma senhora saía, vestida de claro. Era alta, magra, loura, com pequeninos cabelos frisados sobre a testa, lunetas de ouro num nariz comprido e agudo, e no queixo um sinalzinho de cabelos claros.

365 — A senhora condessa já me não conhece..., disse Amaro com o chapéu na mão, adiantando-se curvado. Sou o Amaro.

— O Amaro!? disse ela como estranha ao nome. Ah! Bom Jesus, quem ele é! Ora não há! Está um homem! Quem diria!

Amaro sorria-se.

370 — Eu podia lá esperar! continuou ela admirada. E está agora em Lisboa? Amaro contou a sua nomeação para Feirão, a pobreza da paróquia...

— De maneira que vim requerer, senhora condessa.

Ela escutava-o com as mãos apoiadas numa alta sombrinha de seda clara, e Amaro sentia vir dela um perfume de pó-de-arroz e uma frescura de cambraias.

353: um] um.

354: E.] E

355: foi uma manhã] foi, uma manhã.

357: — A senhora] — A sr.ª

364: conhece...] conhece?

366: Amaro!?!] Amaro?

— Pois deixe estar, disse ela, fique descansado. Meu marido há-de falar. Eu me encarrego disso. Olhe, venha por cá. — E com o dedo sobre o canto da boca: — Espere, amanhã vou para Sintra. Domingo, não. O melhor é daqui a quinze dias, daqui a quinze dias pela manhã. Sou certa. — E rindo com os seus largos dentes frescos: — Parece que o estou a ver traduzir Chateaubriand com a mana Luísa. Como o tempo passa!

— Passa bem a sr.^a sua mana? perguntou Amaro.

— Sim, bem. Está numa quinta em Santarém.

Deu-lhe a mão, calçada de *peau de suède*, com um aperto sacudido que fez tilintar os seus braceletes de ouro, e Amaro viu-a saltar para o *coupé*, magra e ligeira, com um movimento que levantou brancuras de saias.

Amaro começou então a esperar. Era em Julho, no pleno calor. Amaro dizia missa pela manhã em S. Domingos, e durante o dia, de chinelos e casaco de ganga, arrastava a sua ociosidade pela casa. Às vezes ia conversar com a tia para a sala de jantar; as janelas estavam cerradas, na penumbra zumbia o monótono burburinho das moscas; a tia a um canto do velho canapé de palhinha fazia *crochet*, com a luneta encavalada na ponta do nariz; Amaro bocejando folheava um antigo volume do *Panorama*. À noitinha saía, dava duas voltas no Rossio: as noites estavam abafadas, o ar pesado e imóvel: a todos os cantos se apregoava monotonamente *água fresca!* Pelos bancos, debaixo das árvores, vadios remendados dormitavam; em redor da praça, sem cessar, caleches de aluguel vazias rodavam vagarosamente; as claridades dos cafés reluziam; e gente encalmada, sem destino, arrastava vagamente a sua preguiça pelos passeios das ruas.

Amaro então recolhia, e no seu quarto, com a janela aberta ao calor da noite, estatelado em cima da cama, em mangas de camisa, sem botas, fumava cigarros, ruminava as suas esperanças. A cada momento lhe acudiam, como rebates de alegria, as palavras da sr.^a condessa: *Fique*

378: dias, daqui / manhã.

380: Luísa.

381: a sra.

383: *suède*, com um

384: de ouro, e Amaro viu-a saltar

386: calor. Amaro

389-90: zumbia o monótono burburinho

392: Amaro bocejando

392-3: *Panorama*. À noitinha saía, dava

393: Rossio: as noites estavam abafadas, o

397-8: destino, arrastava vagamente

400: noite, estatelado

401-2: acudiam, como

402: da sra.

375 — Pois deixe estar, disse ela, fique descansado. Meu marido há-de falar. Eu me encarrego disso. Olhe, venha por cá. — E com o dedo sobre o canto da boca: — Espere, amanhã vou para Sintra. Domingo, não. O melhor é daqui a quinze dias. Daqui a quinze dias pela manhã, sou certa. — E rindo com os seus largos dentes frescos: — Parece que o estou
380 a ver traduzir Chateaubriand com a mana Luísa! Como o tempo passa!

— Passa bem a senhora sua mana? perguntou Amaro.

— Sim, bem. Está numa quinta em Santarém.

Deu-lhe a mão, calçada de *peau de suède*, num aperto sacudido que fez tilintar os seus braceletes de ouro, e saltou para o *coupé*, magra e
385 ligeira, com um movimento que levantou brancuras de saias.

Amaro começou então a esperar. Era em Julho, no pleno calor. Dizia missa pela manhã em S. Domingos, e durante o dia, de chinelos e casaco de ganga, arrastava a sua ociosidade pela casa. Às vezes ia conversar com a tia para a sala de jantar; as janelas estavam cerradas, na penumbra zumbia
390 a monótona sussurração das moscas; a tia a um canto do velho canapé de palhinha fazia *crochet*, com a luneta encavalada na ponta do nariz; Amaro, bocejando, folheava um antigo volume do *Panorama*.

À noitinha saía, a dar duas voltas no Rossio. Abafava-se, no ar pesado e imóvel: a todos os cantos se apregoava monotonamente *água fresca!*
395 Pelos bancos, debaixo das árvores, vadios remendados dormitavam; em redor da praça, sem cessar, caleches de aluguel vazias rodavam vagarosamente; as claridades dos cafés reluziam; e gente encalmada, sem destino, movia, bocejando, a sua preguiça pelos passeios das ruas.

Amaro então recolhia, e no seu quarto, com a janela aberta ao calor da
400 noite, estirado em cima da cama, em mangas de camisa, sem botas, fumava cigarros, ruminava as suas esperanças. A cada momento lhe acudiam, com rebates de alegria, as palavras da senhora condessa: *Fique descan-*

377: vou para] vou pra

380: Luísa!] Luísa.

descansado, meu marido há-de falar! E via-se já pároco numa bonita vila, na sua casa bem caiada, com um quintal cheio de couves e de saladas frescas, tranquilo e importante, recebendo bandejas de doce das devotas ricas. Estava então num estado de espírito repoisado, feliz, com a sensibilidade adormecida. Tratava apenas de ser um *bom padre*, mas sem fervores, sem misticismo. Pagava pontualmente ao Céu as orações obrigatórias que a disciplina manda. De resto, o seu único fim era estabelecer-se bem e conchegar-se tepidamente num destino seguro. — Depois veremos, pensava ele.

No fim de quinze dias voltou a casa da sr.^a condessa.

— Não está, disse-lhe um criado da cavalaria.

No outro dia voltou com uma certa palpitação de susto e de embaraço: viu o pátio deserto. Mas os batentes verdes estavam abertos e Amaro subiu devagar, pisando um pouco trémulo um largo tapete vermelho, fixado com varões de metal. De uma alta clarabóia caía uma luz suave, e ao cimo da escada, no largo patamar, sentado numa banquetta de marroquim escarlate, um criado todo encostado à parede branca envernizada, com a cabeça pendente e o beijo descaído, dormia. Fazia um grande calor e aquele alto silêncio aristocrático aterrava Amaro. Esteve um momento com o seu guarda-sol pendente do dedo mínimo hesitando, tossiu devagarinho, esteve para descer; mas o seu interesse retinha-o. Quis acordar o criado que dormia, espapado na sua preguiça, e que lhe parecia terrível com a sua suíça preta e um grilhão de ouro. Mas então ouviu por detrás de um reposteiro o riso cascalhado de um homem. Sacudiu com o lenço, devagar, o pó esbranquiçado dos sapatos,

403-4: vila, na sua casa bem caiada, com um

405-6: ricas. Estava então

406-10: espírito repoisado, feliz, com a sensibilidade adormecida. Tratava apenas de ser um *bom padre*, mas sem fervores, sem misticismo. Pagava

411-2: orações obrigatórias que a disciplina manda. De resto, o seu único fim era estabelecer-se bem e conchegar-se tepidamente num destino seguro. — Depois veremos, pensava ele.

413: dias voltou / da sr.

415: No outro dia voltou com uma certa palpitação de susto e de embaraço: viu o pátio deserto. Mas os

415-6: abertos

416: pisando um pouco trémulo um

417: vermelho, / metal. De uma

418: suave, e / no largo

419: criado todo

420: beijo descaído, / calor e

421: Amaro.

422-3: mínimo hesitando, tossiu devagarinho, esteve para descer; mas o seu interesse retinha-o. Quis acordar o criado que dormia, espapado na sua preguiça, e que

423-5: sua suíça preta e um grilhão de ouro. Mas então ouviu por detrás de um reposteiro o riso cascalhado de um

425: lenço, devagar,

sado, meu marido há-de falar! E via-se já pároco numa bonita vila, numa casa com quintal cheio de couves e de saladas frescas, tranquilo e importante, recebendo bandejas de doce das devotas ricas.

Vivia então num estado de espírito muito repousado. As exaltações, que no seminário lhe causava a continência, tinham-se acalmado com as satisfações que lhe dera em Feirão uma grossa pastora, que ele gostava de ver ao domingo tocar à missa, dependurada da corda do sino, rolando nas saias de saragoça, e a face a estourar de sangue. Agora, sereno, pagava pontualmente ao Céu as orações que manda o ritual, trazia a carne contente e calada, e procurava estabelecer-se regaladamente.

No fim de quinze dias foi a casa da senhora condessa.

— Não está, disse-lhe um criado da cavalaria.

Ao outro dia voltou, já inquieto. Os batentes verdes estavam abertos; e Amaro subiu devagar, pisando, muito acanhado, o largo tapete vermelho fixado com varões de metal. Da alta clarabóia caía uma luz suave; ao cimo da escada, no patamar, sentado numa banquetta de marroquim escarlata, um criado encostado à parede branca envernizada, com a cabeça pendente e o beiço caído, dormia. Fazia um grande calor; aquele alto silêncio aristocrático aterrava Amaro; esteve um momento com o seu guarda-sol pendente do dedo mínimo, hesitando; tossiu devagarinho, para acordar o criado que lhe parecia terrível com a sua bela suíça preta, o seu rico grilhão de ouro; e ia descer quando ouviu por detrás dum reposteiro um riso grosso de homem. Sacudiu com o lenço o pó

424: *descer*] *descer*,

puxou os punhos e entrou resolutamente. Era uma larga sala com estofos de damasco amarelo. Vinha uma grande luz das varandas abertas e viam-se os arvoredos de um jardim numa luz clara e fresca. No meio da sala três homens de pé conversavam. Amaro adiantou-se um pouco curvado.

— Não sei se incomodo, disse ele.

Um homem alto voltou-se, com o charuto um pouco erguido sob o seu bigode grisalho, óculos de oiro e as mãos nos bolsos. Era o sr. conde.

— Sou o Amaro.

— Ah, disse o conde, o sr. padre Amaro. Conheço muito bem. Tem a bondade. Minha mulher falou-me. Tem a bondade...

E dirigindo-se a um homem baixo, roliço, quase calvo, com bigode e uma pêra aguçada, umas calças brancas muito curtas:

— É a pessoa de quem lhe falei. — E voltando-se para Amaro: — É o sr. ministro.

Amaro, todo embaraçado, curvou-se.

— O sr. padre Amaro, disse o conde de Ribamar, foi criado de pequeno em casa de minha sogra. Nasceu lá, creio eu...

— Saiba o sr. conde que sim, disse Amaro, que ficara um pouco afastado, com o guarda-sol na mão.

— Minha sogra, que era toda devota e uma completa senhora — já não há disso! — fê-lo padre. Houve até um legado, creio eu... Enfim aqui o temos pároco... Onde é, sr. padre Amaro?

— Feirão, excelentíssimo senhor.

— Feirão?!... disse o ministro, estranhando o nome.

426-7: punhos e entrou resolutamente. Era uma

427-8: amarelo. Vinha uma grande luz das varandas abertas e viam-se os arvoredos de um jardim numa luz clara e fresca.

429: adiantou-se um pouco curvado.

430: incomodo, disse ele.

431-2: alto voltou-se, com o charuto um pouco erguido sob o seu bigode grisalho, óculos de oiro e

433: o sr.

434: — Sou o Amaro.

435: o sr. padre Amaro.

435-6: bem. Tem a bondade.

437: baixo, roliço, quase calvo, com bigode e uma pêra aguçada, umas

439: falei. — E voltando-se

439-40: o sr.

441: Amaro, todo embaraçado, curvou-se.

442: — O sr.

444: o sr. / Amaro, que ficara um pouco

446: senhora —

447: Enfim

448: Onde é, sr.

450: — Feirão?!... / ministro,

esbranquiçado dos sapatos, puxou os punhos, e entrou muito vermelho numa larga sala com estofos de damasco amarelo; uma grande luz entrava das varandas abertas, e viam-se arvoredos de jardim. No meio da sala três homens de pé conversavam. Amaro adiantou-se, balbuciou:

430 — Não sei se incomodo...

Um homem alto, de bigode grisalho e óculos de ouro, voltou-se surpreendido, com o charuto ao canto da boca e as mãos nos bolsos. Era o senhor conde.

— Sou Amaro...

435 — Ah, disse o conde, o senhor padre Amaro! Conheço muito bem! Tem a bondade... Minha mulher falou-me. Tem a bondade...

É dirigindo-se a um homem baixo e repleto, quase calvo, de calças brancas muito curtas:

440 — É a pessoa de quem lhe falei. — Voltou-se para Amaro: — É o senhor ministro.

Amaro curvou-se, servilmente.

— O senhor padre Amaro, disse o conde de Ribamar, foi criado de pequeno em casa de minha sogra. Nasceu lá, creio eu...

445 — Saiba o senhor conde que sim, disse Amaro que se conservava afastado, com o guarda-sol na mão.

— Minha sogra, que era toda devota e uma completa senhora, — já não há disso! — fê-lo padre. Houve até um legado, creio eu... Enfim, aqui o temos pároco... Onde, senhor padre Amaro?

— Feirão, excelentíssimo senhor.

450 — Feirão!?!... disse o ministro estranhando o nome.

432: boca] boca,

434: — Sou Amaro...] — Sou o Amaro...

444: Amaro] Amaro,

446: senhora, —] senhora —

450: — Feirão!?!...] Feirão?!... / ministro] ministro,

— Na serra da Gralheira, disse o outro homem que ali estava — que era um sujeito magro, entalado numa sobrecasaca esguia, com espessas suíças negras e os cabelos lustrosos de óleo apartados numa risca até ao cachaço, e chamados à frente sobre as fontes em duas grossas marrafas.

— Enfim, resumiu o conde, um horror! Na serra, pobre, sem distrações, com um clima horrível...

— Bem, bem. Veremos, disse o ministro.

— Eu meti já requerimento, excelentíssimo senhor, arriscou Amaro timidamente.

— Bem, bem, afirmou o ministro. Há-de arranjar-se. — E mascava o seu charuto.

— É uma justiça, disse o conde. Mais, é uma necessidade. Os homens novos, activos, devem estar nas paróquias difíceis, nas cidades... É claro. Mas não: olhe, lá ao pé da minha quinta, em Alcobaca, há um velho, um gotoso, um padre-mestre antigo, um imbecil... Assim perde-se a fé.

— É verdade, disse o ministro, mas essas colocações nas boas paróquias devem naturalmente ser recompensas de bons serviços. É necessário o estímulo.

— Perfeitamente, replicou o conde; mas serviços religiosos, profissionais, serviços à Igreja, não serviços aos Governos.

O homem das marrafas espessas teve um gesto contraditivo.

— Não acha? disse-lhe o conde.

— Respeito muito a opinião de Vossa Excelência, mas se me permite... Sim, digo eu, os párocos na cidade são-nos de um grande serviço nas crises eleitorais. De um grande serviço!

— Pois sim. Mas...

— Olhe Vossa Excelência, continuou ele com grandes gestos, sôfrego da palavra. Olhe Vossa Excelência em Tomar. Por que perdemos? Pela atitude dos párocos. Nada mais.

451-2: Gralheira, disse o outro homem que ali estava — que era um sujeito magro.

452-4: sobrecasaca esguia, com espessas suíças negras e os cabelos lustrosos de óleo apartados numa risca até ao cachaço, e chamados à frente sobre as fontes em duas grossas marrafas.

455-6: serra, pobre,

456-7: horrível... // — Bem, bem. Veremos, disse o ministro. // — Eu

461: necessidade.

462: novos, activos,

463: claro.

464: imbecil...

467: recompensas de

468: estímulo.

471: das marrafas espessas teve um gesto contraditivo.

472: acha? disse-lhe

474: são-nos de um

475: eleitorais. De um

477: ele com grandes gestos,

478: Tomar. Por que

— Na serra da Gralheira, informou logo o outro sujeito, ao lado. Era um homem magro, entalado numa sobrecasaca azul, muito branco de pele, com soberbas suíças dum negro de tinta e um admirável cabelo lustroso de pomada, apartado até ao cachaço numa risca perfeita.

455 — Enfim, resumiu o conde, um horror! Na serra, uma freguesia pobre, sem distrações, com um clima horrível...

— Eu meti já requerimento, excelentíssimo senhor, arriscou Amaro timidamente.

460 — Bem, bem, afirmou o ministro. Há-de arranjar-se. — E mascava o seu charuto.

— É uma justiça, disse o conde. Mais, é uma necessidade! Os homens novos e activos devem estar nas paróquias difíceis, nas cidades... É claro! Mas não: olhe, lá ao pé da minha quinta, em Alcobaça, há um velho, um gotoso, um padre-mestre antigo, um imbecil!... Assim perde-

465 -se a fé.
— É verdade, disse o ministro, mas essas colocações nas boas paróquias devem naturalmente ser recompensas dos bons serviços. É necessário o estímulo...

470 — Perfeitamente, replicou o conde; mas serviços religiosos, profissionais, serviços à Igreja, não serviços aos Governos.

O homem das soberbas suíças negras teve um gesto de objecção.

— Não acha? perguntou-lhe o conde.

475 — Respeito muito a opinião de Vossa Excelência, mas se me permite... Sim, digo eu, os párocos na cidade são-nos dum grande serviço nas crises eleitorais. Dum grande serviço!

— Pois sim. Mas...

— Olhe Vossa Excelência, continuou ele, sôfrego da palavra. Olhe Vossa Excelência em Tomar. Porque perdemos? Pela atitude dos párocos. Nada mais.

453: tinta] tinta.

478: Tomar. Porque] Tomar. Por que

O conde acudiu:

— Mas perdão, não deve ser assim; a religião, o clero não é agente eleitoral.

— Perdão... queria interromper o homem das marrafas espessas.

O conde suspendeu-o, com um gesto firme, e gravemente, com palavras pausadas, cheias da autoridade de um vasto entendimento:

— A religião, disse ele, pode, deve mesmo auxiliar os Governos no seu estabelecimento, operando, por assim dizer, como freio...

— Isso, isso, murmurou arrastadamente o ministro, cuspidando as películas mascadas da folha do charuto.

— Mas descer às intrigas, continuou o conde devagar, aos *embroglios*¹... Perdoe-me meu caro amigo, mas não é de um cristão.

— Pois sou-o, sr. conde, disse gravemente o homem das marrafas espessas. Sou-o a valer! Mas também sou liberal. E entendo que no governo representativo... Sim digo eu... Com as garantias mais sólidas...

— Olhe, disse o conde, sabe o que isso faz? Desacredita o clero e desacredita a política.

— Mas são ou não as maiorias um princípio *sagrado*? gritava rubro o das marrafas espessas, acentuando o adjectivo.

— São um princípio *respeitável*.

— Upa! Upa! excelentíssimo senhor, upa!

O padre Amaro estava imóvel, escutando.

— Minha mulher há-de querer vê-lo, disse-lhe então o conde. E dirigindo-se a um reposteiro que levantou: — Entre. É o sr. padre Amaro, Joana.

Amaro entrou com o seu guarda-sol na mão. Era uma sala pequena, forrada de papel branco acetinado, com os móveis estofados de uma

¹ *embroglios*: conforme o original.

481-2: não é agente eleitoral.

483: interromper o homem das marrafas espessas.

484: firme, e gravemente, com

485: autoridade de um

488: isso,

488-9: cuspidando as películas mascadas da folha do

490-1: aos *embroglios*... Perdoe-me

491: é de um

492-3: sou-o, sr. conde, disse gravemente o homem das marrafas espessas.

494: Sim

495: — Olhe, disse

498: das marrafas espessas,

500: — Upa! Upa! excelentíssimo senhor,

501: Amaro estava imóvel, escutando.

503: o sr.

504: Joana.

505: Amaro entrou com o seu guarda-sol na mão. Era uma sala pequena, forrada / com os

505-6: estofados de uma

480 O conde acudiu:

— Mas perdão, não deve ser assim; a religião, o clero não são agentes eleitorais.

— Perdão... queria interromper o outro.

O conde suspendeu-o, com um gesto firme; e gravemente, em palavras pausadas, cheias da autoridade dum vasto entendimento:

485 — A religião, disse ele, pode, deve mesmo auxiliar os Governos no seu estabelecimento, operando, por assim dizer, como freio...

— Isso, isso! murmurou arrastadamente o ministro, cuspindo pelfculas mascadas de charuto.

490 — Mas descer às intrigas, continuou o conde devagar, aos *imbroglios*... Perdoe-me, meu caro amigo, mas não é dum cristão.

— Pois sou-o, senhor conde! exclamou o homem das suíças soberbas. Sou-o a valer! Mas também sou liberal. E entendo que no governo representativo... Sim, digo eu... Com as garantias mais sólidas...

495 — Olhe, interrompeu o conde, sabe o que isso faz? Desacredita o clero e desacredita a política.

— Mas são ou não as maiorias um princípio *sagrado*? gritava rubro o das suíças, acentuando o adjectivo.

— São um princípio *respeitável*.

500 — Upa! Upa, excelentíssimo senhor! Upa!

O padre Amaro escutava, imóvel.

— Minha mulher há-de querer vê-lo, disse-lhe então o conde. E dirigindo-se a um reposteiro que levantou: — Entre. É o senhor padre Amaro, Joana!

505 Era uma sala forrada de papel branco acetinado, com móveis estofados de casimira clara. Nos vãos das janelas, entre as cortinas de pregas

490-1: aos (*imbroglios*...) aos *embroglios*...

492: conde!] conde.

496: clero] clero.

casimira clara. Nos vãos das janelas, entre as cortinas de pregas largas, apanhadas quase junto do chão por faixas de seda branca, cujas pontas franjadas recaíam no tapete, arbustos delgados, sem flor, erguiam debilmente a sua folhagem fina. Uma meia luz fresca amaciava os aspectos. E nas costas de uma cadeira uma arara empoleirada, firme num só pé negro e engelhado, coçava vagarosamente, com contracções aduncas, a sua cabeça verde. Amaro viu ao fundo a condessa sentada com abandono ao canto de um sofá; os cabelinhos loiros e frisados enchiam-lhe vaporosamente a testa e os aros de oiro da sua luneta reluziam. Um rapaz gordo, de face vermelha e rechonchuda, sentado diante dela numa cadeira baixa, falava-lhe, curvado, com os cotovelos sobre os joelhos abertos, fazendo balançar entre eles, como um pêndulo, uma luneta de tartaruga. A condessa escutava-o rindo, e com a sua mão seca e fina, cheia de veias, acamava o pêlo de uma cadelinha felpuda, enovelada e branca como algodão.

— Como está, sr. Amaro? — A cadela rosnou. — Quieta, *Jóia*. Sabe que já falei no seu negócio. Quieta, *Jóia*. — O ministro está ali.

— Sim, minha senhora, disse Amaro, de pé.

— Sente-se aqui, sr. padre Amaro.

Amaro foi sentar-se e reparou então numa senhora alta que estava de pé, junto do piano, falando com um rapaz loiro, que ficara sentado no mocho de casimira branca e ainda maquinalmente arrastava os dedos no teclado de marfim.

— Então que tem feito, sr. Amaro? disse a condessa; diga-me uma coisa: sua irmã?

— Está em Coimbra, casou.

— Ah! disse a condessa, fazendo girar os seus anéis.

507: largas, apanhadas

508: seda branca, cujas pontas franjadas recaíam no tapete,

508-9: erguiam debilmente a

509-10: fresca amaciava os aspectos. E nas costas de uma

511: negro e engelhado,

512-4: Amaro viu ao fundo a condessa sentada com abandono ao canto de um sofá; os cabelinhos loiros e frisados enchiam-lhe vaporosamente a testa

514-5: de oiro da sua luneta reluziam.

515: face vermelha e

516: baixa, falava-lhe, curvado,

516-7: abertos, fazendo balançar entre eles, como um pêndulo, uma luneta

518: condessa escutava-o rindo, e

519: veias, acamava o pêlo de uma cadelinha felpuda, enovelada e branca

520: *Jóia*.

521: negócio. Quieta, *Jóia*. —

523: aqui, sr.

524-5: Amaro foi sentar-se e

526: rapaz loiro, que ficara sentado no mocho de casimira branca e ainda maquinalmente arrastava os dedos no teclado de marfim.

527: — Então que tem feito, sr. / condessa;

530: — Ah! disse

largas dum fazenda adamascada cor de leite, apanhadas quase junto do chão por faixas de seda, arbustos delgados, sem flor, erguiam em vasos brancos a sua folhagem fina. Uma meia luz fresca dava a todas aquelas alvuras um tom delicado de nuvem. Nas costas dum cadeira uma arara empoleirada, firme num só pé negro, coçava vagarosamente, com contracções aduncas, a sua cabeça verde. Amaro, embaraçado, curvou-se logo para um canto do sofá, onde viu os cabelinhos louros e frisados da senhora condessa que lhe enchiam vaporosamente a testa, e os aros de ouro da sua luneta reluzindo. Um rapaz gordo, de face rechonchuda, sentado diante dela numa cadeira baixa, com os cotovelos sobre os joelhos abertos, ocupava-se em balançar, como um pêndulo, um *pince-nez* de tartaruga. A condessa tinha no regaço uma cadelinha, e com a sua mão seca e fina, cheia de veias, acamava-lhe o pêlo branco como algodão.

520 — Como está, sr. Amaro? — A cadela rosnou. — Quieta, *Jóia...* Sabe que já falei no seu negócio? Quieta, *Jóia...* O ministro está ali.

— Sim, minha senhora, disse Amaro, de pé.

— Sente-se aqui, senhor padre Amaro.

Amaro pousou-se à beira dum *fauteuil*, com o seu guarda-sol na mão — e reparou então numa senhora alta que estava de pé, junto do piano, falando com um rapaz louro.

525 — Que tem feito estes dias, sr. Amaro? disse a condessa. Diga-me uma coisa: sua irmã?

— Está em Coimbra, casou.

530 — Ah! Casou! disse a condessa, fazendo girar os seus anéis.

520: *Jóia...*] *Jóia*.

521: negócio?] negócio.

525: mão —] mão, —

528: uma coisa:] uma coisa:

Houve um silêncio. Amaro, com o guarda-sol entre os joelhos, tinha os olhos baixos e passava com um gesto embaraçado e errante os dedos pelos beiços.

— O sr. padre Liset está para fora? disse ele enfim.

— Está em Nantes. Tinha uma irmã a morrer, disse a condessa. — Está o mesmo sempre: muito amável, muito doce: é a alma mais virtuosa!

— Eu prefiro o padre Félix, disse o rapaz rechonchudo com autoridade, estirando as pernas.

— Não diga isso, primo! Jesus, brada aos céus! Pois então, o padre Liset, tão respeitável!... E depois outras maneiras de dizer as coisas, com uma bondade... Vê-se que é um coração delicado... E aquele asseio, umas mãos tão brancas...

— Pois sim, mas o padre Félix, quis dizer o rapaz rechonchudo, ficando a luneta.

— Ai, nem diga isso! Que o padre Félix é uma pessoa de muita virtude, decerto; mas o padre Liset tem uma religião mais... — E com um gesto delicado procurava a palavra: — mais fina, mais distinta, mais... Enfim, vive com outra gente. — E voltando-se para Amaro: — Pois não acha?

Amaro não conhecia o padre Félix e não se recordava do padre Liset.

— Já é velho o sr. padre Liset, disse ele ao acaso.

— Crê? disse a condessa. Mas muito bem conservado! Uns cabelos brancos muito bem tratados. Ai, é outra coisa! — E voltando-se para a senhora que estava junto do piano: — Pois não achas, Teresa?

— Já vai, respondeu Teresa, toda absorvida.

Amaro reparou então nela. Era alta e, de perfil, a linha do rosto, da garganta, do seio e do vestido era magnífica; os cabelos pretos um pouco ondedados destacavam sobre a palidez do rosto aquilino, que tinha

531: Amaro, com o guarda-sol entre os joelhos, tinha os olhos baixos e passava com

532: errante

533: — O sr. / fora? disse ele enfim.

534-5: condessa. — Está / doce:

535-6: virtuosa!

537: rapaz rechonchudo com autoridade,

539: então,

541: delicado... E aquele asseio, umas mãos tão brancas...

542: Félix, quis dizer o rapaz rechonchudo, ficando a luneta.

545: distinta, mais...

546: E voltando-se

547: Félix e

548: Liset, disse ele

549-50: conservado! Uns cabelos brancos muito bem tratados. Ai,

552: — Já vai,

553-4: Amaro reparou então nela. Era alta e, de perfil, a linha do rosto, da garganta, do seio e do vestido era

Houve um silêncio. Amaro, de olhos baixos, passava, com um gesto embaraçado e errante, os dedos pelos beiços.

— O senhor padre Liset está para fora? perguntou.

— Está em Nantes. Tinha uma irmã a morrer, disse a condessa.
535 Está o mesmo sempre: muito amável, muito doce. É a alma mais virtuosa!...

— Eu prefiro o padre Félix, disse o rapaz gordo estirando as pernas.

— Não diga isso, primo! Jesus, brada aos céus! Pois então o padre
540 Liset, tão respeitável!... E depois outras maneiras de dizer as coisas, com uma bondade... Vê-se que é um coração delicado...

— Pois sim, mas o padre Félix...

— Ai, nem diga isso! Que o padre Félix é uma pessoa de muita
545 virtude, decerto; mas o padre Liset tem uma religião mais... — E com um gesto delicado procurava a palavra: — mais fina, mais distinta... Enfim, vive com outra gente. — E sorrindo para Amaro: — Pois não acha?

Amaro não conhecia o padre Félix, não se recordava do padre Liset.

— Já é velho o senhor padre Liset, observou ao acaso.

— Crê? disse a condessa. Mas muito bem conservado! E que viva-
550 cidade, que entusiasmo!... Ai, é outra coisa! — E voltando-se para a senhora que estava junto do piano: — Pois não achas, Teresa?

— Já vou, respondeu Teresa, toda absorvida.

Amaro afirmou-se então nela. Pareceu-lhe uma rainha, ou uma deusa,
555 com a sua alta e forte estatura, uma linha de ombros e de seio magnífica; os cabelos pretos um pouco ondedados destacavam sobre a palidez do rosto

537: gordo] gordo.

539: então] então.

540: as coisas.] as cousas.

550: outra coisa!] outra cousa!

um desenho um pouco borbónico e se assemelhava ao perfil dominador que tem, nas gravuras antigas, o rosto de Marie Antoinette. O vestido de seda preta tinha as mangas curtas e um decote quadrado; e o colo, os braços estavam cobertos por uma gaze transparente e negra, que fazia¹ aparecer através a brancura da carne voluptuosa, com a linha firme dos mármore antigos e os tons macios do leite.

Falava devagar, baixo, sorrindo, numa língua áspera que Amaro não compreendia, cerrando e abrindo o seu leque preto — e o rapaz loiro que a escutava, sentado, com os olhos erguidos para ela, atento, risonho, dizia só de vez em quando:

— *Yes, yes.*

Era loiro, com o cabelo apartado ao meio: no seu perfil direito, um pouco feminino mas sério, destacava um bigode loiro, fino e arqueado; tinha um alto colarinho branco quebrado; e uma gravata larga de cetim escuro, onde reluzia uma ferradura de rubis, cobria-lhe o peito, dava gravidade à sua fisionomia.

— Havia muita devoção na sua paróquia, sr. Amaro? dizia no entanto a condessa.

— Muita, muito boa gente.

— É aonde ainda se encontra muita fé, é nas aldeias, acrescentou ela com um tom piedoso. — E lamentava a obrigação de viver na cidade, os cativeiros do luxo: desejaria viver sempre na sua quinta de Carcavelos, rezar na pequena capela antiga, conversar com as boas almas da aldeia — e a sua voz era terna e arrastada.

O rapaz rechonchudo ria-se:

— Ora prima! dizia ele, ora prima! — Por si preferia a tudo as ricas igrejas. Citava Paris, a Madeleine, Saint Roch. Não podia suportar uma festa religiosa sem boas vozes.

¹ No original: faziam.

556-9: aquilino, [...] e o colo.

560: gaze transparente e negra.

560-2: carne voluptuosa, com a linha firme dos mármore antigos e os tons macios do leite.

563: Falava devagar, baixo.

564-6: rapaz loiro [...] à sua fisionomia.

567: Amaro? dizia

570: — É aonde / encontra muita / aldeias, acrescentou

571: piedoso. — E lamentava a

571-2: cidade, os

572: desejaria viver

573: aldeia —

574: voz era terna e arrastada.

576-9: — Ora prima! dizia ele, ora prima! — Por si preferia a tudo as ricas igrejas. Citava Paris, a Madeleine, Saint Roch. Não podia suportar uma festa religiosa sem boas vozes.

aquilino semelhante ao perfil dominador de Marie Antoinette; o seu vestido preto, de mangas curtas e decote quadrado, quebrava, com as pregas da cauda muito longa toda adornada de rendas negras, o tom monótono das alvuras da sala; o colo, os braços estavam cobertos por
 560 uma gaze preta, que fazia aparecer através a brancura da carne; e sentia-se nas suas formas a firmeza dos mármore antigos, com o calor dum sangue rico.

Falava baixo, sorrindo, numa língua áspera que Amaro não compreendia, cerrando e abrindo o seu leque preto — e o rapaz louro, bonito, escutava-a retorcendo a ponta dum bigode fino, com um quadrado
 565 de vidro entalado no olho.

— Havia muita devoção na sua paróquia, sr. Amaro? perguntava no entanto a condessa.

— Muita, muito boa gente.

— É onde ainda se encontra alguma fé, é nas aldeias, considerou ela
 570 com um tom piedoso. — Queixou-se da obrigação de viver na cidade, nos cativeiros do luxo: desejava habitar sempre na sua quinta de Carcavelos, rezar na pequena capela antiga, conversar com as boas almas da aldeia! — e a sua voz tornara-se terna.

575 O rapaz rechonchudo ria-se:

— Ora, prima! dizia; ora, prima! — Não, ele, se o obrigassem a ouvir missa numa capelinha de aldeia, até lhe parecia que perdia a fé!... Não compreendia, por exemplo, a religião sem música... Era lá possível uma festa religiosa sem uma boa voz de contralto!?

561: calor dum] calor de um

567-8: perguntava no entanto] perguntava, no entanto,

576: — Ora, prima! dizia; ora,] — Ora prima! dizia, ora

577: missa] missa,

579: religiosa] religiosa, / contralto!?!] contralto?

— Sempre é mais bonito, disse Amaro.

— Está claro que é. É outra coisa! Tem *cachet*, afirmou o rapaz rechonchudo. — E expunha as suas opiniões sobre a música religiosa.

— Oh, prima, lembra-se daquele tenor... Como se chamava ele? O Vidalti! Lembra-se do Vidalti, na Quinta-Feira de Endoenças, nos Inglesinhos? O *Tantum ergo*?

— Eu preferia-o no *Baile de máscaras*, disse a condessa.

— Olhe que não sei, prima, olhe que não sei.

No entanto o rapaz loiro erguera-se, e de pé, airoso, com o seu olhar escuro e um pouco triste, uma grande nobreza de estatura, aparecia a Amaro como um tipo superior e irresistível. Veio apertar a mão à condessa, todo curvado, com palavras risonhas, sorrindo, e quando ele saiu Teresa, depois de se ter aproximado vagarosamente da janela e olhado para a rua — por entre as portas cerradas ao calor — com um longo olhar negro e veemente que parecia seguir, veio sentar-se numa *causeuse* com um abandono que punha em relevo os contornos esculturais do seu corpo, dizendo preguiçosamente ao rapaz rechonchudo:

— Vamo-nos, João?

A condessa voltou-se para ela:

— Sabes que o sr. padre Amaro foi criado comigo em Benfica?

Amaro fez-se vermelho. Sentia que aquela magnífica pessoa vestida de preto, Teresa, poisava sobre ele os seus belos olhos de um negro húmido como o cetim preto coberto de água.

— Está na província agora? disse ela, bocejando um pouco.

— Sim, minha senhora, vim há dias.

— Na aldeia? continuou ela, abrindo e cerrando vagarosamente o seu leque.

Amaro via pedras preciosas reluzirem nos seus dedos finos.

— Na serra, minha senhora, disse ele.

581: *cachet*, afirmou o rapaz rechonchudo. — E expunha as suas opiniões sobre a música religiosa. // — Oh, prima.

582: Vidalti!

585: olhe que não sei.

586: rapaz loiro erguera-se, e de pé, airoso, com o seu olhar escuro e um pouco triste, uma grande nobreza de estatura, aparecia a Amaro como um tipo superior e irresistível. Veio

586-9: à condessa, todo curvado, com palavras risonhas, sorrindo, e quando

590: rua — por entre as portas cerradas ao calor — com um longo olhar negro e veemente que parecia seguir, veio

591: relevo os contornos esculturais

592: corpo, dizendo preguiçosamente ao

594: condessa voltou-se para ela:

595: o sr.

596: vermelho. Sentia que aquela magnífica pessoa vestida de preto, Teresa, poisava

597: olhos de um

598: agora? disse

602-4: finos. // — Na serra, minha senhora, disse ele.

580 — Sempre é mais bonito, disse Amaro.

— Está claro que é. É outra coisa! Tem *cachet!* Ó prima, lembra-se daquele tenor... Como se chamava ele? O Vidalti. Lembra-se do Vidalti, na Quinta-Feira de Endoenças, nos Inglesinhos? O *Tantum ergo?*

— Eu preferia-o no *Baile de máscaras*, disse a condessa.

585 — Olhe que não sei, prima, olhe que não sei!

No entanto o rapaz louro viera apertar a mão à senhora condessa, falando-lhe baixo, muito risonho. Amaro admirava a nobreza da sua estatura, a doçura do seu olhar azul: reparou que lhe caíra uma luva, e apanhou-lha servilmente. Quando ele saiu Teresa, depois de se ter aproximado vagarosamente da janela e olhado para a rua — foi sentar-se numa

590 *causeuse* com um abandono que punha em relevo a magnífica escultura do seu corpo; e voltando-se preguiçosamente para o rapaz rechonchudo:

— Vamo-nos, João?

A condessa disse-lhe então:

595 — Sabes que o senhor padre Amaro foi criado comigo em Benfica?

Amaro fez-se vermelho: sentia que Teresa pousava sobre ele os seus belos olhos dum negro húmido como o cetim preto coberto de água.

— Está na província agora? perguntou ela, bocejando um pouco.

— Sim, minha senhora, vim há dias.

600 — Na aldeia? continuou ela, abrindo e cerrando vagarosamente o seu leque.

Amaro via pedras preciosas reluzirem nos seus dedos finos; disse, acariciando o cabo do guarda-sol:

— Na serra, minha senhora.

581: outra coisa!] outra coisa!

582: Vidalti.] Vidalti!

587: risonho.] risonho;

592: corpo.] corpo,

597: olhos dum] olhos de um

— Imagina tu, disse a condessa, é um horror, há sempre neve; diz que a igreja não tem telhado. São tudo pastores. Uma desgraça! Eu pedi ao ministro a ver se o mudávamos. Pede-lhe tu também.

— O quê? disse Teresa.

E então a condessa contou que Amaro requerera, que havia boas paróquias vagas, que ela se empenhava em o fazer nomear, e falava de sua mãe, da amizade que ela tinha a Amaro.

— Morria-se por ele. — Amaro corou. — Ora um nome que ela lhe dava... Não se lembra?

— Não sei, minha senhora, disse Amaro surpreendido.

— Ora!... Ah! *Frei Maleitas!*... Tem graça! Como o sr. Amaro era assim amarelo, sempre metido na capela...

Mas Teresa voltou-se para a condessa:

— Sabes com quem se parece este senhor?

A condessa afirmou-se e o rapaz rechonchudo fincou mais a luneta.

— Não se parece com aquele pianista do ano passado? continuou Teresa. Não me lembra agora o nome...

— Bem sei, o Jalette, disse a condessa. Um quase nada. No cabelo, por exemplo, não.

— Está visto, disse Teresa, o outro não tinha coroa. — E ergueu-se. Amaro ficou humilhado, rubro. Teresa tinha-se sentado ao piano.

— Sabe música? disse ela, voltando-se para Amaro.

— A gente aprende no seminário, minha senhora.

Ela correu a mão pálida sobre o teclado sonoro e profundo, e tocou aquela frase do *Rigoletto* que tem o desenho do *Minuete de Mozart*, — frase que diz Francisco I, num compasso triste, despedindo-se, no sarau do 1.º acto, da sr.ª de Crécy, e cujo ritmo desolado tem a abandonada tristeza dos amores que findam e é cadente, expirante como brancos braços que se desenlaçam nas despedidas supremas.

605: tu, disse / horror, / neve;

606: telhado.

607: também.

609: E então a

609-10: requerera, que havia boas paróquias vagas, que ela se empenhava em o fazer nomear, e falava

610: Amaro.

611: ele. — Amaro corou. — Ora

613: senhora, disse Amaro surpreendido.

614: — Ora!... Ah! *Frei* / era assim amarelo.

616: Mas Teresa voltou-se para a

618: afirmou-se e / fincou mais

621: condessa. Um quase nada. No cabelo, por exemplo.

622: visto, disse Teresa, / coroa. — E ergueu-se.

623-4: Amaro ficou humilhado, rubro. Teresa tinha-se sentado

625: música? disse ela,

627-30: mão pálida sobre o teclado sonoro e profundo, e tocou aquela frase do *Rigoletto* que tem o desenho do *Minuete de Mozart*, — frase que diz Francisco I, num compasso triste, despedindo-se, no sarau do 1.º acto, da sr.ª de Crécy.

630-1: tristeza dos amores que findam e é cadente, expirante como brancos braços que se desenlaçam nas

605 — Imagina tu, acudiu a condessa, é um horror! Há sempre neve, diz que a igreja não tem telhado, são tudo pastores. Uma desgraça! Eu pedi ao ministro a ver se o mudávamos. Pede-lhe tu também...

— O quê? disse Teresa.

610 A condessa contou que Amaro requerera para uma paróquia melhor. Falou de sua mãe, da amizade que ela tinha a Amaro...

— Morria-se por ele. Ora um nome que ela lhe dava... Não se lembra?

— Não sei, minha senhora.

615 — *Frei Maleitas!*... Tem graça! Como o sr. Amaro era amarelito, sempre metido na capela...

Mas Teresa, dirigindo-se à condessa:

— Sabes com quem se parece este senhor?

A condessa afirmou-se, o rapaz rechonchudo fincou a luneta.

620 — Não se parece com aquele pianista do ano passado? continuou Teresa. Não me lembra agora o nome...

— Bem sei, o Jalette, disse a condessa. Bastante. No cabelo, não.

— Está visto, o outro não tinha coroa!

Amaro fez-se escarlata. Teresa ergueu-se arrastando a sua soberba cauda, sentou-se ao piano.

625 — Sabe música? perguntou, voltando-se para Amaro.

— A gente aprende no seminário, minha senhora.

630 Ela correu a mão, um momento, sobre o teclado de sonoridades profundas, e tocou a frase do *Rigoletto*, parecida com o *Minuete de Mozart*, que diz Francisco I, despedindo-se, no sarau do primeiro acto, da senhora de Crécy — e cujo ritmo desolado tem a abandonada tristeza de amores que findam, e de braços que se desenlaçam em despedidas supremas.

Amaro estava suspenso. Aqueles estofos claros, o piano apaixonado, os ombros de Teresa que ele via sob a negra transparência da gaze firmes e pálidos, as suas grandes tranças que deviam ser ao contacto pesadas e doces, os tranquilos arvoredos do jardim, davam-lhe vagamente a ideia de uma existência superior e encantada, passada entre alcatifas e espelhos, sob as murmurosas sombras dos parques, cheia das veemências do amor e das sensualidades da riqueza; sentia um contentamento indefinível em estar ali, naquela sala branca; estava constrangido mas radioso. Encostado na elasticidade da *causeuse*, sentindo a música chorar aristocraticamente, lembrava-lhe a sala de jantar da tia e o seu cheiro de refogado: e era como o mendigo que um dia prova um creme fino, e está assustado, demorando o seu prazer, todo perturbado do cheiro da baunilha — e pensando que vai voltar à dureza das côdeas secas e à poeira dos caminhos.

No entanto Teresa mudara bruscamente de melodia e tocava a antiga ária inglesa de Haydin,¹ que diz tão finamente as melancolias da separação:

*The village seems dead and asleep
When Lubin is away...*

E a sua voz clara e rica tinha como um peso de lágrimas.

— Bravo! Bravo! disse o ministro da Justiça, afastando o reposteiro e aparecendo à porta com o seu chapéu na mão. Muito bem, muito bem, deliciosamente!

— Tenho um pedido a fazer-lhe, sr. Correia, disse Teresa, erguendo-se de repente e vindo sentar-se na *causeuse*. — Sente-se aqui.

O ministro veio com uma pressa galante.

— O que é, minha senhora? O que é?

O conde e o sujeito empertigado de marrafas espessas tinham entrado também.

¹ Haydin: conforme o original.

632-3: estava suspenso. Aqueles estofos claros, o piano apaixonado, os ombros de

634-8: da gaze [...] Encostado na

640-1: que um dia prova um creme fino, e está assustado, demorando o seu prazer, todo perturbado do cheiro da baunilha — e

643: Teresa mudara bruscamente de melodia e tocava

647: *away...* // E a sua voz clara e rica tinha como um peso de lágrimas.

648: Bravo! disse

648-9: Justiça, afastando o reposteiro e aparecendo à porta com o seu chapéu na mão. Muito bem, muito bem,

651-2: erguendo-se de repente e vindo sentar-se na *causeuse*. — Sente-se aqui.

653: veio / galante.

654: — O / senhora? O

655-6: sujeito empertigado de marrafas espessas tinham entrado também.

635 Amaro estava enlevado. Aquela sala rica com as suas alvuras de nuvem, o piano apaixonado, o colo de Teresa que ele via sob a negra transparência da gaze, as suas tranças de deusa, os tranquilos arvoredos de jardim fidalgo davam-lhe vagamente a ideia duma existência superior, de romance, passada sobre alcatifas preciosas, em *coupés* acolchoados, com árias de óperas, melancolias de bom gosto e amores dum gozo raro. Enterrado na elasticidade da *causeuse*, sentindo a música chorar aristocraticamente, lembrava-lhe a sala de jantar da tia e o seu cheiro de refogado:

640 e era como o mendigo que prova um creme fino, e, assustado, demora o seu prazer — pensando que vai voltar à dureza das côdeas secas e à poeira dos caminhos.

645 No entanto Teresa, mudando bruscamente de melodia, cantou a antiga ária inglesa de Haydn, que diz tão finamente as melancolias da separação:

*The village seems dead and asleep
When Lubin is away!...*

— Bravo! Bravo! exclamou o ministro da Justiça aparecendo à porta, batendo docemente as palmas. Muito bem, muito bem! Deliciosamente!

650

— Tenho um pedido a fazer-lhe, sr. Correia, disse Teresa erguendo-se logo.

O ministro veio, com uma pressa galante:

— Que é, minha senhora? Que é?

655 O conde e o sujeito de magníficas suíças tinham entrado discutindo ainda.

635: ideia duma] ideia de uma

648: Justiça] Justiça,

651: Teresa] Teresa.

— A Joana e eu temos que lhe pedir, disse Teresa.

— Eu já pedi, já pedi mesmo duas vezes, disse a condessa.

— Mas, minhas senhoras, disse o ministro, amplamente sentado, com um riso contente: — É então uma coisa grave? Meu Deus! Prometo, prometo solenemente.

— Bem, disse Teresa, fazendo com a mão um gesto de pausa. Então qual é o melhor lugar vago?

— A melhor paróquia, tonta! emendou rindo a condessa.

— Ah! disse o ministro, compreendendo e olhando para Amaro, que se fez todo vermelho.

— Qual é a melhor, sr. Correia? insistiu Teresa, batendo-lhe com o leque fechado no braço.

O homem das marrafas espessas, que estava de pé fazendo saltar circunspectamente os berloques, adiantou-se:

— Das vagas, minha senhora, é Leiria, capital do distrito e sede do bispado.

— Leiria? disse Teresa. É onde há umas ruínas?

— Um castelo, minha senhora, edificado por D. Dinis, disse gravemente o homem das marrafas espessas.

— Ah! disse a condessa, Leiria é excelente.

— Mas perdão, minha senhora, disse o ministro, Leiria, sede do bispado, uma cidade... Este senhor é tão novo.

— Ora, sr. Correia, disse Teresa com um risinho sonoro e metálico, e o sr. não é novo?

O ministro sorriu radiosamente.

— Dize alguma coisa, tu, disse a condessa a seu marido.

— Parece-me inútil, disse ele, o pobre Correia está vencido. A prima Teresa chamou-lhe novo!

657: Teresa.

658: pedi, já / vezes, disse

659-61: ministro, amplamente sentado, com um riso contente: — É então

661: solenemente.

662-3: Teresa, fazendo com a mão um gesto de pausa. Então qual é o melhor lugar vago? // — A melhor paróquia, tonta! emendou rindo a condessa.

664: ministro,

664-5: Amaro, que se fez todo vermelho. // — Qual é a melhor, sr. Correia? insistiu Teresa, batendo-lhe com o leque fechado no braço.

666: das marrafas espessas,

667: adiantou-se:

670: Teresa. É

671: D. Dinis, disse gravemente o homem das marrafas espessas.

672: — Ah! disse a condessa, Leiria é excelente.

673: — Mas perdão, minha senhora, disse

674: cidade... Este senhor é tão novo.

675: Correia, disse Teresa com um risinho sonoro e metálico, e o sr.

676: sorriu radiosamente.

677-8: marido.

679: inútil, disse ele, / vencido.

— A Joana e eu temos que lhe pedir, disse Teresa ao ministro.

— Eu já pedi! Já pedi mesmo duas vezes! acudiu a condessa.

— Mas, minhas senhoras, disse o ministro sentando-se confortavelmente, com as pernas muito estiradas, a face satisfeita: de que se trata?
660 É uma coisa grave? Meu Deus! Prometo, prometo solenemente...

— Bem, disse Teresa batendo-lhe com o leque no braço. Então qual é a melhor paróquia vaga?

— Ah! disse o ministro compreendendo e olhando para Amaro, que
665 vergou os ombros, corado.

O homem das suíças, que estava de pé fazendo saltar circunspectamente os berloques, adiantou-se, cheio de informações:

— Das vagas, minha senhora, é Leiria, capital do distrito e sede do bispado.

670 — Leiria? disse Teresa. Bem sei, é onde há umas ruínas?

— Um castelo, minha senhora, edificado por D. Dinis.

— Leiria é excelente!

— Mas perdão, perdão! disse o ministro, Leiria, sede do bispado, uma cidade... O senhor padre Amaro é um eclesiástico novo...

675 — Ora, sr. Correia! exclamou Teresa, e o senhor não é novo?

O ministro sorriu, curvando-se.

— Dize alguma coisa, tu, disse a condessa a seu marido, que coçava ternamente a cabeça da arara.

680 — Parece-me inútil, o pobre Correia está vencido! A prima Teresa chamou-lhe novo!

659: ministro] ministro,

661: uma coisa] uma coisa

662: Teresa] Teresa,

664: ministro] ministro,

677: alguma coisa,] alguma coisa,

— Mas perdão, disse o ministro. Não me parece que seja uma lisonja excepcional; eu não sou também tão antigo...

— Oh! desgraçado, gritou o conde, lembra-te que já conspiravas em 1820.

— Era meu pai, caluniador, era meu pai! exclamou o ministro.
Riram-se todos.

— Sr. Correia, disse Teresa, eu por mim já digo ao sr. padre Amaro: é o pároco de Leiria!

— É eu, afirmou a condessa.

— Bem, bem, sucumbo, disse o ministro com gesto resignado. Mas é uma tirania!

— *Thank you*, fez Teresa, estendendo-lhe a mão.

— Mas, minha senhora, estou a estranhá-la, disse o ministro.

— Estou contente hoje, disse ela rindo. Mas a sua fisionomia desmentiu-a, tornou-se séria, olhou um momento para o chão distraída dando pequeninas pancadas no vestido de seda, levantou-se, foi sentar-se ao piano bruscamente; e na tristeza do teclado gemeu docemente a doce ária inglesa, que Teresa cantava baixo:

*The village seems dead and asleep
When Lubin is away...*

Entretanto o conde tinha-se aproximado de Amaro, que se erguera.

— É negócio feito, disse-lhe ele. Daqui a uma semana está nomeado. Pode estar descansado.

Amaro fez uma cortesia e todo humilde foi dizer ao ministro que estava junto do piano:

— Sr. ministro, eu agradeço...

— À sr.^a condessa, à sr.^a condessa, disse o ministro sorrindo.

681: perdão, disse

683: — Oh! desgraçado,

684: 1820.

685: era meu pai! exclamou o ministro.

686: Riram-se todos.

687-8: Teresa, eu por mim já digo ao sr. padre Amaro: é o pároco de Leiria! // — E eu, afirmou a condessa.

692-3: ministro.

694: ela rindo. Mas a sua fisionomia desmentiu-a, tornou-se séria, olhou

694-5: chão distraída

696: bruscamente; e na tristeza do teclado gemeu docemente a doce ária inglesa, que Teresa cantava baixo:

698: *away* ..

700-1: etc. Daqui

701: Pode estar

702: e todo humilde foi

704: — Sr.

705: — À sra. condessa, à sra.

— Mas perdão, protestou o ministro. Não me parece que seja uma lisonja excepcional; eu não sou também tão antigo...

— Oh, desgraçado! gritou o conde, lembra-te que já conspiravas em 1820!

685 — Era meu pai, caluniador, era meu pai!

Todos riram.

— Sr. Correia, disse Teresa, está entendido. O senhor padre Amaro vai para Leiria!

690 — Bem, bem, sucumbo, disse o ministro com gesto resignado. Mas é uma tirania!

— *Thank you*, fez Teresa, estendendo-lhe a mão.

— Mas, minha senhora, estou a estranhá-la, disse o ministro fixando-a.

695 — Estou contente hoje, disse ela. Olhou um momento para o chão, distraída, dando pequeninas pancadas no vestido de seda, levantou-se, foi sentar-se ao piano bruscamente, e recomeçou a doce ária inglesa:

*The village seems dead and asleep
When Lubin is away!...*

Entretanto o conde tinha-se aproximado de Amaro, que se erguera.

700 — É negócio feito, disse-lhe ele. O Correia entende-se com o bispo. Daqui a uma semana está nomeado. Pode ir descansado.

Amaro fez uma cortesia e, servil, foi dizer ao ministro que estava junto do piano:

— Senhor ministro, eu agradeço...

705 — À senhora condessa, à senhora condessa, disse o ministro sorrindo.

683: — Oh.] — Oh

684: 1820/] 1820.

692: ministro] ministro,

702: cortesia] cortesia,

— Minha senhora, eu agradeço, veio ele dizer à condessa, todo curvado.

— Ai, agradeça a Teresa. Ela quer ganhar indulgências, parece.

— Minha senhora, foi ele dizer a Teresa...

— Lembre-me nas suas orações, sr. padre Amaro, disse ela, e continuou, com a sua voz magoada, dizendo ao piano:

As tristezas da aldeia quando Lubin está ausente!

Amaro saiu e daí a uma semana soube o seu despacho. Mas não tornara a esquecer aquela manhã em casa da sr.^a condessa de Ribamar, aquela magnífica pessoa — Teresa, os seus braços brancos cobertos de uma gaze negra e o rapaz loiro, atraente e fino, que dizia *yes*. Cantava-lhe no cérebro, como um coro de ideias amorosas, aquela ária triste do *Rigoletto*. E a cada momento voltavam-lhe à ideia os braços de Teresa: via-os erguerem-se, arquearem-se doces e tenros, enlaçarem-se devagar, devagar, pesados, meigos, em torno do pescoço daquele rapaz loiro — e todo o corpo dela desfalecer, com um peso sublime, nos esquecimentos de um amor profundo como a morte, largo como o céu.

Um dia ao amanhecer, depois de grandes abraços da tia, partiu para Santa Apolónia, com um galego que lhe levava o baú. A madrugada vinha com uma claridade fria e azulada. A cidade estava silenciosa e os candeeiros apagavam-se. Às vezes uma carroça passava rolando, abalando a calçada; as ruas pareciam vastas e intermináveis; os saloios começavam a chegar montados nos seus burros, com as pernas baloiçadas, cobertas de altas botas, enlameadas; numa ou noutra rua uma voz isolada apregoava os jornais; e os moços dos teatros corriam com o pote da massa pregando nas esquinas os cartazes.

Quando chegou a Santa Apolónia a claridade do sol alaranjava o ar por trás dos montes da Outra-Banda; o rio estendia-se branco, imóvel, riscado de correntes da cor de aço sem lustro; e já alguma vela de falua passava vagarosa e branca.

708: Teresa.

709: senhora, / Teresa...

710: orações, sr.

710-1: ela, e

711-2: piano; // As

713: Amaro saiu e

714: da sra.

714-24: Ribamar, [...] como o céu.

725: dia

726-7: madrugada vinha com uma claridade fria e azulada.

727: silenciosa e

728-9: ruas pareciam vastas e intermináveis; os

730: pernas baloiçadas,

731: voz isolada apregoava

732: massa

734: por trás / estendia-se branco, imóvel,

735: correntes da / passava

— Minha senhora, eu agradeço, veio ele dizer à condessa, todo curvado.

— Ai, agradeça a Teresa! Ela quer ganhar indulgências, parece.

— Minha senhora... foi ele dizer a Teresa.

710 — Lembre-me nas suas orações, senhor padre Amaro, disse ela.
E continuou, com a sua voz magoada, dizendo ao piano — as tristezas da aldeia quando Lubin está ausente!

Amaro daí a uma semana soube o seu despacho. Mas não tomara a esquecer aquela manhã em casa da senhora condessa de Ribamar, — o ministro de calças muito curtas, enterrado na poltrona, prometendo o seu despacho; a luz clara e calma do jardim entrevisto; o rapaz alto e louro que dizia *yes...* Cantava-lhe sempre no cérebro aquela ária triste do *Rigoletto*: e perseguia-o a brancura dos braços de Teresa sob a gaze negra! Instintivamente via-os enlaçarem-se devagar, devagar, em torno do pescoço airoso do rapaz louro: — detestava-o então, e a língua bárbara que falava, e a terra herética donde viera: e latejavam-lhe as fontes à ideia de que um dia poderia confessar aquela mulher divina e sentir o seu vestido de seda preta roçar pela sua batina de lustrina velha, na escura intimidade do confessionário.

725 Um dia, ao amanhecer, depois de grandes abraços da tia, partiu para Santa Apolónia, com um galego que lhe levava o baú. A madrugada rompia. A cidade estava silenciosa, os candeeiros apagavam-se. Às vezes uma carroça passava rolando, abalando a calçada; as ruas pareciam-lhe intermináveis; saloios começavam a chegar montados nos seus burros, com as pernas balouçadas, cobertas de altas botas enlameadas; numa ou noutra rua uma voz aguda já apregoava os jomais; e os moços dos teatros corriam com o pote da massa, pregando nas esquinas os cartazes.

735 Quando chegou a Santa Apolónia a claridade do sol alaranjava o ar por detrás dos montes da Outra Banda; o rio estendia-se, imóvel, riscado de correntes de cor de aço sem lustre; e já alguma vela de falua passava, vagarosa e branca.

708: Teresa!| Teresa.

718: *Rigoletto*:| *Rigoletto*: / Teresa| Teresa.

720-1: falava,| falava

722: divina| divino.

725: dia,| dia

IV

Ao outro dia, na cidade, falava-se muito da chegada do pároco novo e todos sabiam já que tinha trazido um baú de lata, que era magro e alto, e que chamava *padre-mestre* ao cónego Dias.

As amigas da S. Joaneira — as íntimas, as suas velhas convivências — a sr.^a D. Maria da Assunção, as sr.^{as} Gansosos, tinham ido logo pela manhã a casa dela *para se porem ao facto...* Eram nove horas e Amaro tinha saído com o cónego. A S. Joaneira estava radiosa: arrumava, espanejava, com as mangas arregaçadas, falando com vivacidade, contando a chegada do pároco, as suas boas maneiras, o que tinha dito, o que tinha ceado.

— Mas venham vocês cá abaixo, sempre quero que vejam.

E foi-lhes mostrar o quarto do pároco, os arranjos que tinha feito, a mala que ele trouxera.

— Está muito bem, está tudo muito bem, diziam as velhas e andavam pelo quarto, devagar, com respeito, como numa igreja, bulindo no *Breviário*, tocando no chapéu alto...

— Que rico capote, disse a sr.^a D. Joaquina Gansoso, apalpando o pano das largas bandas que pendiam ao comprido do cabide. — É obra para um par de moedas!

— E boa roupa branca! disse a S. Joaneira, erguendo a tampa do baú de lata.

O grupo das velhas curvou-se com admiração.

1: falava-se muito / novo

4: Joaneira — as íntimas, as suas velhas convivências — a sr.

5: as sr.^{as}.

6: horas e Amaro tinha saído

6-9: A S. Joaneira [...] dito, o que tinha ceado.

11: E foi-lhes

11-2: do pároco, os arranjos que tinha feito, a mala que ele trouxera.

13: velhas e andavam

14: igreja, bulindo no *Breviário*, tocando no chapéu alto...

15: — Que rico capote, disse a sr.^a D. Joaquina Gansoso,

18: — E boa / S. Joaneira.

19: baú de lata.

IV

Ao outro dia, na cidade, falava-se da chegada do pároco novo, e todos sabiam já que tinha trazido um baú de lata, que era magro e alto, e que chamava *padre-mestre* ao cónego Dias.

5 As amigas da S. Joaneira, — as íntimas — a D. Maria da Assunção, as Gansosos, tinham ido logo pela manhã a casa dela *para se porem ao facto...* Eram nove horas; Amaro saíra com o cónego. A S. Joaneira, radiosa, importante, recebeu-as no alto da escada, de mangas arregaçadas, nos arranjos da manhã; e imediatamente, com animação, contou a chegada do pároco, as suas boas maneiras, o que tinha dito...

10 — Mas venham vocês cá abaixo, sempre quero que vejam.

Foi-lhes mostrar o quarto do padre, o baú de lata, uma prateleira que lhe arranjava para os livros.

— Está muito bem, está tudo muito bem, diziam as velhas andando pelo quarto, devagar, com respeito, como numa igreja.

15 — Rico capote! observou D. Joaquina Gansoso apalpando o pano das largas bandas que pendiam ao comprido do cabide. — É obra para um par de moedas!

— E a boa roupa branca! disse a S. Joaneira erguendo a tampa do baú.

20 O grupo das velhas curvou-se com admiração.

4: S. Joaneira, —] S. Joaneira —

13: velhas] velhas,

15: Gansoso] Gansoso,

18: S. Joaneira] S. Joaneira,

— A mim o que me consola é que ele seja um rapaz novo, disse então a sr.^a D. Maria da Assunção, piedosamente.

— Lá isso também a mim, disse com autoridade a sr.^a D. Joaquina Gansoso. — Estar a gente a confessar-se e a ver o pingo do rapé, como era com o Raposo, credo! Até se perde a devoção! Não, lá isso Deus me mate com gente nova.

A S. Joaneira tinha começado a mostrar as outras maravilhas do pároco, o estojo da barba, um álbum de retratos, onde havia no primeiro cartão uma fotografia do Papa abençoando a cristandade. Todas tinham admirado.

— É o mais que se pode, diziam, é o mais que se pode.

E ao sair, beijando a S. Joaneira, felicitavam-na porque adquirira, hospedando o pároco, uma autoridade inesperada, quase eclesiástica.

— Vocês apareçam à noite, disse ela do alto da escada.

— Pudera!... gritou a sr.^a D. Maria da Assunção, já à porta da rua, traçando o seu mantelete.

— Pudera!... Para o vermos à vontade!

Ao meio-dia veio o sr. Libaninho, um devoto, o beato mais activo de Leiria, e subindo a correr os degraus, gritava com a sua voz fina:

— Ó S. Joaneira!

— Sobe, Libaninho, sobe.

— Então o sr. pároco veio, hem? disse o Libaninho, mostrando à porta da sala de jantar o seu rosto gordinho, bem barbeado, a sua cabecinha calva e luzidia; e falando com ademanes doces e gestos sacudidos de cintura:

— Então que tal, que tal? Tem bom feitio?

A S. Joaneira recomeçou a glorificação de Amaro: a sua mocidade, o seu zelo nos preceitos, o seu ar piedoso, a brancura dos seus dentes.

21: disse então a sra.

23: — Lá isso também / a sra.

23-4: Gansoso. — Estar

25: devoção! Não,

26: nova.

27: S. Joaneira tinha começado a mostrar

27-9: pároco, o estojo da barba, um álbum de retratos, onde havia no primeiro cartão uma

30: Todas tinham admirado.

32: E ao sair, beijando a S. Joaneira, felicitavam-na

33: autoridade inesperada,

34: — Vocês apareçam

35: gritos a sra.

37: o sr. Libaninho, um devoto, / Leiria,

38: degraus, gritava

40-1: sobe. // — Então o sr. pároco veio, hem? disse

42-4: gordinho, bem barbeado, a sua cabecinha calva e luzidia; e falando com ademanes doces e gestos sacudidos de cintura:

46-7: mocidade, o seu zelo nos preceitos, o

47: dentes.

— A mim o que me consola é que ele seja um rapaz novo, disse D. Maria da Assunção, piedosamente.

— Também a mim, disse com autoridade a D. Joaquina Gansoso. Estar a gente a confessar-se e a ver o pingo do rapé, como era com o Raposo, credo! Até se perde a devoção! E o bruto do José Miguéis! Não, lá isso Deus me mate com gente nova!

A S. Joaneira ia mostrando as outras maravilhas do pároco, — um crucifixo que estava ainda embrulhado num jornal velho, o álbum de retratos, onde o primeiro cartão era uma fotografia do Papa abençoando a cristandade. Todas se extasiaram.

— É o mais que se pode, diziam, é o mais que se pode!

Ao sair, beijando muito a S. Joaneira, felicitaram-na porque adquirira, hospedando o pároco, uma autoridade quase eclesiástica.

— Vocês aparecem à noite, disse ela do alto da escada.

— Pudera!... gritou D. Maria da Assunção, já à porta da rua, traçando o seu mantelete. — Pudera!... Para o vermos à vontade!

Ao meio-dia veio o Libaninho, o beato mais activo de Leiria; e subindo a correr os degraus, já gritava com a sua voz fina:

— Ó S. Joaneira!

— Sobe, Libaninho, sobe, disse ela, que costurava à janela.

— Então o senhor pároco veio, hem? perguntou o Libaninho, mostrando à porta da sala de jantar o seu rosto gordinho cor de limão, a calva luzidia; e vindo para ela com o passinho miúdo, um gingar de quadris:

— Então que tal, que tal? Tem bom feitio?

A S. Joaneira recomeçou a glorificação de Amaro: a sua mocidade, o seu ar piedoso, a brancura dos seus dentes...

26: nova!] nova.

34: — Vocês aparecem] — Vocês apareçam

— Coitadinho! Coitadinho! dizia com um pasmo beato o Libaninho. — Mas não se podia demorar, dizia ele, ia para a repartição. — Adeus, filhinha, adeus! — E batia com a sua mão amarelada e rechonchuda no ombro da S. Joaneira. — Estás cada vez mais gordinha! Olha que rezei ontem a salve-rainha que tu me pediste, ingrata!

A criada tinha entrado.

— Adeus, *Ruça*. Estás magrinha: pega-te com a Senhora Mãe dos Homens. — E avistando Amélia pela porta do quarto entreaberta: — Ai, que estás mesmo uma flor, Melinha. Quem se salvava na tua graça bem eu sei.

E apressado, buliçoso, saracoteando-se, com um pequeno pigarro, desceu a escada rapidamente, gritando:

— Adeusinho! Adeusinho, pequenas!

— Libaninho, vens à noite? gritou-lhe a S. Joaneira.

— Ai, não posso, filha, não posso. — E a sua vizinha era quase chorosa. — Olha que amanhã é Santa Bárbara: tem seis padre-nossos de direito!

No entanto Amaro tinha ido ver o chantre com o cônego Dias e tinha-lhe entregado uma carta de recomendação do sr. conde de Ribamar: o sr. chantre bateu-lhe afavelmente no ombro:

— Conheci muito o sr. conde de Ribamar, disse ele, em 46 no Porto. Somos amigos velhos. Era eu cura de Santo Ildefonso: há que anos isso vai!

E falando do seu tempo, contou anedotas da Junta, apreciou os homens de então, imitando-lhes a voz — era uma especialidade de Sua Excelência — o andar, as caturrices, sobretudo Manuel Passos, que ele descrevia passeando na Praça Nova, com o seu comprido casaco pardo e o chapéu de grandes abas, dizendo:

— *Ânimo, patriotas! O Xavier aguenta-se!*

48-9: dizia com um pasmo beato o Libaninho. —

49: demorar, dizia ele, ia para a repartição.

50: mão amarelada e rechonchuda no

56: Melinha.

57: sei.

58: apressado, buliçoso, saracoteando-se, com um pequeno pigarro,

59: rapidamente, gritando:

61: — Libaninho, vens à noite? gritou-lhe a S. Joaneira.

62: posso. — E

65: No entanto Amaro tinha ido ver / Dias

66: do sr. conde de Ribamar: o sr. chantre bateu-lhe afavelmente no ombro:

67: o sr.

67-8: disse ele, em 46 no

68: velhos.

70-1: E falando do seu tempo, contou

71-2: então, imitando-lhes a voz — era

72-3: Excelência — o andar, as caturrices,

74: com o seu

— Coitadinho! Coitadinho! dizia o Libaninho, babando-se de ternura devota. — Mas não se podia demorar, ia para a repartição! — Adeus, filhinha, adeus! — E batia com a sua mão papuda no ombro da S. Joaneira. — Estás cada vez mais gordinha! Olha que rezei ontem a salve-rainha que tu me pediste, ingrata!

A criada tinha entrado.

— Adeus, *Ruça!* Estás magrinha: pega-te com a Senhora Mãe dos Homens. — E avistando Amélia pela porta do quarto entreaberta: — Ai, que estás mesmo uma flor, Melinha! Quem se salvava na tua graça bem eu sei!

E apressado, saracoteando-se, com um pigarrinho agudo, desceu a escada rapidamente, ganindo:

— Adeusinho! Adeusinho, pequenas!

— Ó Libaninho, vens à noite?

— Ai, não posso, filha, não posso! — E a sua vozinha era quase chorosa. — Olha que amanhã é Santa Bárbara: tem seis padre-nossos de direito!

Amaro fora visitar o chantre com o cónego Dias, e tinha-lhe entregado uma carta de recomendação do senhor conde de Ribamar.

— Conheci muito o senhor conde de Ribamar, disse o chantre. Em quarenta e seis, no Porto. Somos amigos velhos! Era eu cura de Santo Ildefonso: há que anos isso vai!

E, reclinando-se na velha poltrona de damasco, falou com satisfação do seu tempo: contou anedotas da Junta, apreciou os homens de então, imitou-lhes a voz (era uma especialidade de Sua Excelência), os *tics*, as caturrices — sobretudo Manuel Passos, que ele descrevia passeando na Praça Nova, com o comprido casaco pardo e o chapéu de grandes abas, dizendo:

— *Ânimo, patriotas! O Xavier aguenta-se!*

57: sei!] sei.

61: — Ó Libaninho,] — Libaninho,

62: posso!] posso.

70: E,] E

71: tempo;] tempo;

73: caturrices —] caturrices, —

Todos tinham rido muito. Tinha havido uma grande cordialidade. Amaro saiu satisfeito, todo lisonjeado.

Depois jantou em casa do cônego Dias e foram passear ambos pela estrada dos Marrazes. A tarde estava sossegada. Uma luz fresca, doce e esbatida, alargava-se por todo o campo; a erva já tinha tons amarelados, outonais, muito suaves; havia nos outeiros e no azul do ar um aspecto de repouso, de meiga tranquilidade; fumos esbranquiçados saíam dos casais; e sentiam-se os chocalhos melancólicos dos gados que recolhem. Amaro caminhava devagar, respirando largamente, contente, e dizia olhando em redor:

— Pois senhores, parece-me que me hei-de dar bem aqui.

— Há-de-se dar regaladamente, afirmou o cônego, sorvendo o seu rapé.

Eram oito horas quando recolheram para casa da S. Joaneira.

Todas as velhas amigas estavam já na sala do jantar. Ao pé do candeeiro de petróleo, Amélia costurava.

A sr.^a D. Maria da Assunção vestira-se, como nos domingos, de seda preta; o seu *chinó*, de um loiro avermelhado, estava coberto com as rendas de um *enfeite* negro; as mãos descarnadas, calçadas de mitenes de seda preta, solenemente poisadas no regaço, reluziam de anéis; do broche sobre o pescoço até ao cinto, um grosso grilhão de ouro caía com passadores lavrados. Estava direita, cerimoniosa, satisfeita, e quando sorria, arregalando os beiços, apareciam os seus enormes dentes esverdeados, cravados nas gengivas como cunhas. Era viúva, rica e tinha um catarro crónico.

— Ora aqui tem o sr. pároco novo, sr.^a D. Maria, disse-lhe a S. Joaneira.

77: Todos tinham rido muito. Tinha havido uma

78: saiu satisfeito, todo

79: Dias

80: estrada dos Marrazes. A tarde estava sossegada. Uma luz fresca, doce

80-1: campo; a erva já tinha tons amarelados, outonais, muito suaves; havia nos outeiros e

81: ar um aspecto de repouso,

82: casais;

83-4: Amaro caminhava devagar, respirando largamente, contente, e dizia olhando em redor:

85: aqui.

88: recolheram para casa

89: Todas as

92: preta; o seu *chinó*, de um loiro

93: rendas de um

93-4: mitenes de seda preta, solenemente poisadas

95: de ouro

95-9: lavrados. Estava direita, cerimoniosa, satisfeita, e quando sorria, arregalando os beiços, apareciam

os seus

100-1: viúva, rica e tinha um

102: — Ora aqui tem o sr.

Os senhores eclesiásticos da câmara riram com gozo. Houve uma grande cordialidade. Amaro saiu muito lisonjeado.

80 Depois jantou em casa do cônego Dias, e foram passear ambos pela estrada de Marrazes. Uma luz doce e esbatida alargava-se por todo o campo; havia nos outeiros, no azul do ar, um aspecto de repouso, de meiga tranquilidade; fumos esbranquiçados saíam dos casais, e sentiam-se os choalhos melancólicos dos gados que recolhem. Amaro parou junto da ponte, e disse, olhando em redor a paisagem suave:

85 — Pois senhores, parece-me que me hei-de dar bem aqui!

— Há-de-se dar regaladamente, afirmou o cônego, sorvendo o seu rapé.

Eram oito horas quando recolheram a casa da S. Joaneira.

90 As velhas amigas estavam já na sala de jantar. Ao pé do candeeiro de petróleo, Amélia costurava.

A sr.^a D. Maria da Assunção vestira-se, como nos domingos, de seda preta: o seu *chinó*, dum louro avermelhado, estava coberto com as rendas dum *enfeite* negro; as mãos descarnadas, calçadas de mitenes, solenemente pousadas no regaço, reluziam de anéis; do broche sobre o pescoço até ao cinto, um grosso grilhão de ouro caía com passadores lavrados. Conservava-se direita e cerimoniosa, com a cabeça um pouco de lado, os óculos de ouro assentes sobre o nariz acavalado: tinha no queixo um grande sinal cabeludo; e quando se falava de devoções ou de milagres dava um jeito ao pescoço, e abria um sorriso mudo que descobria os seus enormes dentes esverdeados, cravados nas gengivas como cunhas. Era viúva e rica, e sofria dum catarro crónico.

100 — Aqui tem o senhor pároco novo, D. Maria, disse-lhe a S. Joaneira.

Ela ergueu-se direita, e fez uma mesura com um movimento de quadris, comovida.

— Estas são as sr.^{as} Gansosos, há-de ter ouvido... disse a S. Joaneira ao pároco.

Amaro cumprimentou timidamente. Eram duas irmãs. Passavam por ter algum dinheiro, mas costumavam receber hóspedes. A mais velha, a sr.^a D. Joaquina Gansoso, era uma pessoa seca, com uma testa enorme, larga, abaulada, onde se apartavam no alto os bandós chatos de um cabelo preto; os olhos pequenos, vivos e encovados, o nariz arrebitado, a boca seca e espremida acumulavam-se quase juntos, num pequeno espaço, no fim do rosto. Embrulhada no seu xale, direita, com os braços cruzados, falava perpetuamente, com uma voz dominante e aguda, cheia de opiniões. Dizia mal dos homens e dava-se toda à Igreja.

A irmã, a sr.^a D. Ana, era extremamente surda. Nunca falava e com os dedos cruzados sobre o regaço, os olhos baixos, fazia girar tranquilamente os dois polegares. Magra, com o seu perpétuo vestido preto de riscas amarelas, um rolo de arminho ao pescoço, as feições acarneiradas, dormitava com o beijo descaído e só acentuava a sua presença de vez em quando por grandes suspiros agudos: dizia-se que tinha uma paixão funesta pelo recebedor do correio. Todos a lastimavam e admirava-se a sua habilidade em recortar papéis para caixas de doce.

Estava também a sr.^a D. Josefa, a irmã do cônego Dias. Chamavam-lhe a *castanha pilada*. Mirrada, engelhada, óssea, adunca, lívida, falava sempre com uma voz sibilante. Vivía num perpétuo estado de irritação maligna. Azedada, assanhada, com olhinhos que reluziam, contracções nervosas, saturada de fel — era temida. Era a *estação central* das intrigas de Leiria.

— Então passeou muito, sr. pároco? perguntou ela empertigando-se.

— Fomos quase até lá ao fim da estrada dos Marrazes, disse o cônego sentando-se pesadamente por trás da S. Joaneira.

104: ergueu-se direita, e

106: as sr.^{as}. / ouvido...

110-2: enorme, [...] Embrulhada

112-3: perpetuamente, com uma

115: falava

117: polegares. Magra,

118-9: pescoço, as feições acarneiradas, dormitava com o beijo descaído e

119: por grandes

121: lastimavam e

123-5: Dias. Chamavam-lhe a *castanha pilada*. Mirrada, engelhada, óssea, adunca, lívida, falava sempre com uma voz sibilante. Vivía

126-8: irritação maligna. Azedada, assanhada, com olhinhos que reluziam, contracções nervosas, saturada de fel — era temida. Era a

129-30: ela empertigando-se.

131: estrada dos

131-2: cônego sentando-se pesadamente por trás

105 Ela ergueu-se, fez uma mesura com um movimento de quadris, comovida.

— Estas são as senhoras Gansosos, há-de ter ouvido..., disse a S. Joaneira ao pároco.

110 Amaro cumprimentou timidamente. Eram duas irmãs. Passavam por ter algum dinheiro, mas costumavam receber hóspedes. A mais velha, a sr.^a D. Joaquina Gansoso, era uma pessoa seca, com uma testa enorme e larga, dois olhinhos vivos, o nariz arrebicado, a boca muito espremida. Embrulhada no seu xale, direita, com os braços cruzados, falava perpetuamente, numa voz dominante e aguda, cheia de opiniões. Dizia mal dos homens e dava-se toda à Igreja.

115 A irmã, a sr.^a D. Ana, era extremamente surda. Nunca falava, e com os dedos cruzados sobre o regaço, os olhos baixos, fazia girar tranquilamente os dois polegares. Nutrida, com o seu perpétuo vestido preto de riscas amarelas, um rolo de arminho ao pescoço, dormitava toda a noite, e só acentuava a sua presença de vez em quando por suspiros agudos: dizia-se que tinha uma paixão funesta pelo recebedor do correio. Todos a lastimavam, e admirava-se a sua habilidade em recortar papéis para caixas de doce.

125 Estava também a sr.^a D. Josefa, a irmã do cônego Dias. Tinha a alcunha de *castanha pilada*. Era uma criaturinha mirrada, de linhas aduncas, pele engelhada e cor de cidra, voz sibilante; vivia num perpétuo estado de irritação, os olhinhos sempre assanhados, contracções nervosas de birra, toda saturada de fel. Era temida. O maligno doutor Godinho chamava-lhe a *estação central* das intrigas de Leiria.

130 — Então passeou muito, senhor pároco? perguntou ela logo emperdigando-se.

— Fomos quase até lá ao fim da estrada de Marrazes, disse o cônego, sentando-se pesadamente por detrás da S. Joaneira.

106: as senhoras] as sr.^{as} / ouvido...] ouvido...

111: larga, dois] larga, duas

131: estrada de] estrada dos

— Não achou bonito, sr. pároco? disse a sr.^a D. Joaquina Gansoso.

— Muito bonito.

E então falaram das paisagens de Leiria, das boas vistas: a sr.^a D. Josefa gostava muito do passeio ao pé do rio, e até já ouvira dizer que nem em Lisboa havia coisa assim. A sr.^a D. Joaquina Gansoso preferia a Igreja da Encarnação, no alto.

— Desfrutava-se muito dali, disse ela pomposamente.

Amélia disse sorrindo:

— Eu por mim gosto daquele bocado ali ao pé da ponte, debaixo dos chorões. — E partindo com os dentes o fio da sua costura: — É tão triste! disse.

Amaro olhou para ela então, pela primeira vez. Tinha um vestido azul que lhe modelava a forma do seio; o seu pescoço branco e cheio, saía todo direito, todo firme, de um colarinho voltado; a luz tornava salientes os seus beijos vermelhos e frescos; com o respirar as suas narinas delgadas arfavam e um buçozinho punha no seu beijo uma sombra subtil e doce.

Houve um pequeno silêncio.

— Que será feito do sr. padre Brito? disse a sr.^a D. Joaquina Gansoso.

— Está talvez com a enxaqueca, pobre de Cristo! disse piedosamente a sr.^a D. Maria da Assunção.

Então um rapaz que estava junto do aparador disse, falando com uma voz um pouco tímida:

— Eu vi-o hoje a cavalo, ia para os lados da Barrosa.

— Homem! exclamou logo com voz amarga a irmã do cônego, a sr. D. Josefa Dias, — é milagre ter o sr. reparado!

— Porquê, minha senhora? disse ele erguendo-se e chegando-se um pouco ao grupo das velhas.

133: bonito, sr. pároco? disse

136: E então falaram das paisagens

137: rio, e

138: assim. A sr.

140: dali, disse ela pomposamente.

142: bocado ali

143: da sua

144: triste! disse.

146-9: azul [...] uma sombra

150-2: silêncio. // — Que será feito do sr. padre Brito? disse a sr.

154: Cristo! disse

156: Então um / disse, falando com uma voz um pouco tímida:

158: — Homem! exclamou logo com voz amarga

159: Dias, — é milagre ter o sr.

160: chegando-se um pouco

— Não achou bonito, senhor pároco? acudiu a sr.^a D. Joaquina Gansoso.

135 — Muito bonito.

Falaram das lindas paisagens de Leiria, das boas vistas: a sr.^a D. Josefa gostava muito do passeio ao pé do rio; até já ouvira dizer que nem em Lisboa havia coisa assim. D. Joaquina Gansoso preferia a Igreja da Encarnação, no alto.

140 — Desfruta-se muito dali.

Amélia disse sorrindo:

— Eu por mim gosto daquele bocado ao pé da ponte, debaixo dos chorões. — E partindo com os dentes o fio da costura: — É tão triste!

145 Amaro olhou para ela, então, pela primeira vez. Tinha um vestido azul muito justo ao seio bonito; o pescoço branco e cheio saía dum colarinho voltado; entre os beiços vermelhos e frescos o esmalte dos dentes brilhava; e pareceu ao pároco que um buçozinho lhe punha aos cantos da boca uma sombra subtil e doce.

150 Houve um pequeno silêncio — o cônego Dias com o beiço descaído ia já cerrando as pálpebras.

— Que será feito do senhor padre Brito? perguntou D. Joaquina Gansoso.

155 — Está talvez com a enxaqueca, pobre de Cristo! lembrou piedosamente a sr.^a D. Maria da Assunção.

Um rapaz que estava junto do aparador disse então:

— Eu vi-o hoje a cavalo, ia para os lados da Barrosa.

— Homem! disse logo com azedume a irmã do cônego, a sr.^a D. Josefa Dias, é milagre ter o senhor reparado!

160 — Porquê, minha senhora? disse ele erguendo-se e chegando-se ao grupo das velhas.

138: havia coisa] havia cousa

140: muito] muito,

150: silêncio —] silêncio, —

156: disse] disse,

158: logo com azedume] logo, com azedume,

160: erguendo-se] erguendo-se,

Era um moço alto, todo vestido de preto e sobre o rosto branco regular, um pouco fatigado, destacava bem um bigode pequeno e negro, caído aos cantos, que ele costumava mordicar com os dentes.

— Ainda ele o pergunta! exclamou a sr.^a D. Josefa Dias. O senhor, que nem lhe tira o chapéu!

— Eu?

— Disse-mo ele, afirmou ela com uma voz cortante. E acrescentou: — Ai, sr. pároco, bem pode chamar este senhor, o sr. João Eduardo, para o bom caminho. — E teve um risinho seco.

— Mas eu parece-me que não ando no mau caminho, disse ele rindo, com as mãos nos bolsos e a cada momento os seus olhos se voltavam para Amélia.

— É uma graça! disse a sr.^a D. Joaquina Gansoso. Olhe com o que o senhor disse hoje lá em casa, de tarde, da Santa da Arregaça, não há-de ganhar o Céu, não!

— Ora essa! gritou a irmã do cônego, a sr.^a D. Josefa Dias, voltando-se para João Eduardo, que estava por trás. — E viam-se, entre a sua touca preta e o vestido de lã escuro, as cordas do pescoço esgançado e seco. — Então o que tem o senhor a dizer da Santa? Acha talvez que é uma impostora?

— Credo, Jesus! disse a sr.^a D. Maria da Assunção, apertando as mãos contra o peito e fitando João Eduardo com espanto piedoso. — Pois ele havia de dizer isso? Credo!

— Não, o sr. João Eduardo, afirmou gravemente o cônego desdobrando o seu lenço vermelho, não era capaz de dizer uma dessas.

Amaro disse então com a sua voz vagarosa:

— Mas quem é a Santa da Arregaça?

162: Era um moço alto,

162-3: preto e sobre o rosto branco regular,

163-4: pequeno e negro,

167: — Eu?

168-9: acrescentou: — Ai, sr.

169: chamar este senhor, o sr. João Eduardo,

170: caminho. / risinho seco.

172: bolsos e

174: graça! disse / Olhe

176: Céu, não!

177-8: cônego, a sra. D. Josefa Dias, voltando-se para João Eduardo, que estava por trás. — E viam-se, entre a sua touca preta e o vestido de lã escuro, as cordas do pescoço esgançado e seco. — Então

180: Assunção, apertando as mãos contra o peito

181: com espanto piedoso. — Pois

182: isso? Credo!

183-4: cônego desdobrando

184: vermelho,

186-7: Amaro disse então com a sua voz vagarosa: // — Mas

Era alto, todo vestido de preto: sobre o rosto de pele branca, regular, um pouco fatigado, destacava bem um bigode pequeno muito negro, caído aos cantos, que ele costumava mordicar com os dentes.

165 — Ainda ele o pergunta! exclamou a sr.^a D. Josefa Dias. O senhor, que nem lhe tira o chapéu!

— Eu!?

— Disse-mo ele, afirmou ela com uma voz cortante. E acrescentou: Ai, senhor pároco, bem pode chamar o sr. João Eduardo para o bom
170 caminho! — E teve um risinho maligno.

— Mas eu parece-me que não ando no mau caminho, disse ele rindo, com as mãos nos bolsos. E a cada momento os seus olhos se voltavam para Amélia.

175 — É uma graça! exclamou a sr.^a D. Joaquina Gansoso. Olhe, com o que o senhor disse hoje lá em casa, de tarde, da Santa da Arregaça, não há-de ganhar o Céu!

— Ora essa! gritou a irmã do cônego voltando-se bruscamente para João Eduardo. Então o que tem o senhor a dizer da Santa? Acha talvez que é uma impostora?

180 — Credo, Jesus! disse a sr.^a D. Maria da Assunção apertando as mãos e fitando João Eduardo com um terror piedoso. Pois ele havia de dizer isso? Cruzes!

— Não, o sr. João Eduardo, afirmou gravemente o cônego, que espertara, desdobrando o seu lenço vermelho — não era capaz de dizer
185 uma dessas.

Amaro perguntou então:

— Quem é a Santa da Arregaça?

167: — Eu!?) — Eu?

170: caminho|] caminho.

177: cônego] cônego.

180: Assunção] Assunção.

181: Eduardo] Eduardo.

— Credo! Pois não tem ouvido falar? perguntou numa admiração a sr.^a D. Maria da Assunção.

— Oh! senhores! exclamava a sr.^a D. Josefa Dias com autoridade, pois diz que os jornais de Lisboa vêm cheios disso!

— É, com efeito, uma coisa bem extraordinária, ponderou com um tom profundo o cônego.

A S. Joaneira interrompeu a meia e tirando a luneta:

— Ai, não imagina, sr. pároco, é o milagre dos milagres!

— Se é! Se é! disseram.

Houve um silêncio.

— Mas então?... perguntou todo curioso o pároco.

— Olhe, sr. pároco, começou a contar a sr.^a D. Joaquina Gansoso endireitando-se no xale, falando com solenidade: — a Santa é uma mulher que aqui há numa freguesia perto, que está há vinte anos na cama...

— Vinte e cinco, advertiu-lhe baixo a sr.^a D. Maria da Assunção, tocando-lhe com o leque no braço.

— Vinte e cinco? Pois olha, ao sr. chantre ouvi eu dizer vinte.

— Vinte e cinco, vinte e cinco, afirmou a S. Joaneira e o cônego.

— Está entrevadinha de todo, sr. pároco! rompeu a irmã do cônego, com grandes gestos. Parece uma alminha de Deus! Os bracinhos são isto! — E mostrava o dedo mínimo. — Para a gente a ouvir é necessário pôr-lhe a orelha ao pé da boca!

— Pois se ela se sustenta da graça de Deus! disse lamentosamente a sr.^a D. Maria da Assunção. Coitadinha! Que até a gente lembrar-se! — E as suas palavras tinham uma piedade chorosa.

Houve entre as velhas um silêncio comovido. Ouvia-se dentro ferver a chaleira do chá.

— Olhe, sr. pároco, a coisa é esta, disse então João Eduardo sorrindo; o que os médicos dizem é que aquilo é uma doença nervosa.

Foi um clamor entre as velhas devotas; estavam escandalizadas; a sr.^a D. Maria da Assunção tinha-se persignado.

188: falar? perguntou numa

190-1: — Oh! senhores! exclamava a sra. D. Josefa Dias com autoridade, pois diz

192: — É, com efeito,

194: meia

200: solenidade: — a

202: baixo a sra.

204: ao sr.

205-7: S. Joaneira e o cônego. // — Está entrevadinha de todo, sr.

208: cônego, com grandes gestos.

212: lembrar-se! — E as suas palavras tinham uma piedade chorosa.

213-6: comovido. Ouvia-se dentro ferver a chaleira do chá. // — Olhe, sr. pároco, a coisa é esta, disse então João Eduardo sorrindo; o que os médicos dizem

218-9: Foi um clamor entre as velhas devotas; estavam escandalizadas; a sra. D. Maria da Assunção tinha-se persignado.

— Credo! Pois não tem ouvido falar, senhor pároco? exclamou numa admiração a sr.^a D. Maria da Assunção.

190 — Há-de ter ouvido, afirmava a sr.^a D. Josefa Dias com autoridade. Diz que os jornais de Lisboa vêm cheios disso!

— É com efeito uma coisa bem extraordinária, ponderou com um tom profundo o cônego.

A S. Joaneira interrompeu a meia, e tirando a luneta:

195 — Ai, não imagina, senhor pároco, é o milagre dos milagres!

— Se é! Se é! disseram.

Houve um recolhimento devoto.

— Mas então...? perguntou Amaro, todo curioso.

200 — Olhe, senhor pároco, começou a sr.^a D. Joaquina Gansoso endireitando-se no xale, falando com solenidade: a Santa é uma mulher que aqui há numa freguesia perto, que está há vinte anos na cama...

— Vinte e cinco, advertiu-lhe baixo D. Maria da Assunção, tocando-lhe com o leque no braço.

— Vinte e cinco? Pois olha, ao senhor chantre ouvi eu dizer vinte.

205 — Vinte e cinco, vinte e cinco, afirmou a S. Joaneira.

E o cônego apoiou-a, oscilando gravemente a cabeça.

— Está entevadinha de todo, senhor pároco! rompeu a irmã do cônego, ávida de falar. Parece uma alminha de Deus! Os bracinhos são isto! — E mostrava o dedo mínimo. — Para a gente a ouvir é necessário pôr-lhe a orelha ao pé da boca!

210 — Pois se ela se sustenta da graça de Deus! disse lamentosamente a sr.^a D. Maria da Assunção. Coitadinha! Que até a gente lembrar-se...

Houve entre as velhas um silêncio comovido. João Eduardo, que por trás das velhas, de pé, com as mãos nos bolsos, sorria mordicando o bigode, disse então:

215 — Olhe, senhor pároco, a coisa é o que os médicos dizem: é que aquilo é uma doença nervosa.

Aquela irreverência fez, entre as velhas devotas, um escândalo; a sr.^a D. Maria da Assunção persignou-se logo «à cautela».

188-9: exclamou numa admiração] exclamou, numa admiração.

192: É com efeito uma coisa] É, com efeito, uma coisa

198: então...?] então?...

212: lembrar-se...] lembrar-se!...

216: a coisa] a coisa

— Pelo amor de Deus! gritou a sr.^a D. Josefa Dias, o senhor diga isso diante de quem quiser, menos de mim.

— E de mim! sr. João Eduardo, disse D. Joaquina Gansoso, altivamente.

— Ora! Ora! Ora!... fazia absorta a sr.^a D. Maria.

— Olhe, também lho digo, exclamou a sr.^a D. Josefa Dias, o senhor é um homem sem religião! — E voltando-se para o lado de Amélia, com a voz acre, o corpo numa atitude hostil: — Olhe, filha minha é que eu lhe não dava! Saiba!

Amélia corou e João Eduardo, fazendo-se vermelho também, curvou-se sarcasticamente.

— Eu digo o que dizem os médicos. E de resto, olhe que não tenho pretensões a casar consigo, sr.^a D. Josefa! Saiba também!

Houveram algumas risadas.

— Arreda! Cruzes! gritou ela.

Estava colérica, rubra, tinha os beiços brancos.

— Mas que faz então essa Santa? perguntou o padre Amaro.

— Olhe, sr. pároco, disse a sr.^a D. Joaquina Gansoso, está sempre de cama, sabe rezas para tudo; pessoa por quem ela peça tem a graça do Senhor; é a gente apegar-se com ela e cura-se de toda a moléstia. E depois, quando comunga, começa a erguer-se, e fica com o corpo todo no ar, com os olhos erguidos para o céu, que até chega a fazer terror.

Mas neste momento uma voz disse à porta da sala:

— Ora viva a sociedade! Isto hoje está de truz!

Era um rapaz extremamente alto, amarelo, com as faces cavadas, uma grenha eriçada; um bigode arqueado e torcido acentuava-lhe a magreza do rosto; quando ria tinha uma sombra na boca, porque lhe faltavam quase todos os dentes de diante; os seus olhos encovados, de grandes olheiras, de uma ternura imbecil, fitavam sempre melancolicamente. Trazia uma guitarra na mão.

221-3: mim. // — E de mim! sr. João Eduardo, disse D. Joaquina Gansoso, altivamente. // — Ora! Ora! Ora!... fazia absorta a sr.^a D. Maria.

225-6: religião! — E

226: Amélia, com a voz acre, o corpo numa atitude hostil: — Olhe,

227: dava! Saiba!

228: corou e

229: sarcasticamente.

230-2: resto, olhe que não tenho pretensões a casar consigo, sr.^a D. Josefa! Saiba também!

233: Houveram algumas risadas.

234: ela. // Estava colérica, rubra, tinha os beiços brancos.

235: então essa

235-7: Amaro. // — Olhe, sr.

237: Gansoso,

245: grenha eriçada; um bigode arqueado e torcido acentuava-lhe a magreza do rosto; quando

246-7: diante; os

247-8: olheiras, de uma ternura imbecil, fitavam sempre melancolicamente. Trazia

220 — Pelo amor de Deus! gritou a sr.^a D. Josefa Dias, o senhor diga isso diante de quem quiser, menos de mim! É uma afronta!

— É que até pode cair um raio, dizia para os lados, baixo, a sr.^a D. Maria da Assunção, muito aterrada.

225 — Olhe, também lho digo, exclamou a sr.^a D. Josefa Dias, o senhor é um homem sem religião e sem respeito pelas coisas santas. — E voltando-se para o lado de Amélia, muito azeda: — Olhe, filha minha é que eu lhe não dava!

Amélia corou; e João Eduardo, fazendo-se vermelho também, curvou-se sarcasticamente:

230 — Eu digo o que dizem os médicos. E de resto, acredite que não tenho pretensões a casar com pessoa da sua família! Nem mesmo consigo, sr.^a D. Josefa!

O cónego deu uma risada muito pesada.

— Arreda! Cruzes! gritou ela, furiosa.

235 — Mas que faz então a Santa? perguntou o padre Amaro, para pacificar.

— Tudo, senhor pároco, disse a sr.^a D. Joaquina Gansoso: está sempre de cama, sabe rezas para tudo; pessoa por quem ela peça tem a graça do Senhor; é a gente apegar-se com ela e cura-se de toda a moléstia. 240 E depois, quando comunga, começa a erguer-se, e fica com o corpo todo no ar, com os olhos erguidos para o céu, que até chega a fazer terror.

Mas neste momento uma voz disse à porta da sala:

— Ora viva a sociedade! Isto hoje está de truz!

245 Era um rapaz extremamente alto, amarelo, com as faces cavadas, uma grenha riçada, um bigode à D. Quixote; quando ria tinha uma sombra na boca, porque lhe faltavam quase todos os dentes de diante; e nos seus olhos encovados, de grandes olheiras, errava um sentimentalismo piegas. Trazia uma guitarra na mão.

225: pelas coisas] pelas cousas

229: sarcasticamente:] sarcasticamente.

— Então como vai isso hoje? perguntaram-lhe.

— Mal, respondeu ele com a voz triste, sentando-se. Sempre as dores no peito, a tossezinha...

Por que não experimentava ele o óleo de fígados de bacalhau?

— Qual! disse ele desconsoladamente.

— Uma viagem à Madeira, isso é que era, isso é que era! disse a sr.^a D. Joaquina Gansoso.

Ele riu.

— Uma viagem à Madeira! Não está má! Um pobre amanuense de administração com dezoito vinténs por dia, mulher e quatro filhos!

— E como vai ela, a Joanita?

— Coitadita, lá vai! Tem saúde, graças a Deus! Gorda, forte, sempre com bom apetite. Os pequenos, os dois mais velhos, é que estão doentes; demais a mais agora a criada também caiu de cama. É o diacho! Paciência! Paciência! — E encolhia os ombros.

Mas voltando-se para a S. Joaneira, dando-lhe uma palmada no joelho:

— E como vai a nossa Madre-Abadessa?

Todos riram e a sr.^a D. Joaquina Gansoso contou ao pároco que aquele rapaz, o Artur Couceiro, era muito engraçado e tinha uma bela voz. Era a melhor da cidade para modinhas.

Mas a *Ruça* tinha entrado com o chá. Arrastavam-se as cadeiras.

— Cheguem-se, cheguem-se, dizia a S. Joaneira, enchendo as chávenas de alto, com grande ruído.

Artur começou logo a oferecer açúcar com o seu antigo gracejo:

— Se está azedo, deite-lhe mais sal!

As velhas sorriam a pequenos golos pelos pires; escolhiam cuidadosamente as torradas; sentia-se o mastigar humedecido e ruminado dos queixos.

249: perguntaram-lhe.

250: com a

252: Por que não experimentava ele o óleo

253: — Qual! disse

255: Gansoso.

256: riu.

257-8: má! Um

259-60: filhos! // — E

261: Gorda, forte,

262: velhos,

263: cama.

268: riram / Gansoso contou ao

271-2: Mas a *Ruça* tinha entrado com o chá. Arrastavam-se as cadeiras.

273-5: cheguem-se, dizia a S. Joaneira, enchendo as chávenas de alto, com grande ruído. // Artur começou logo a oferecer

276: está azedo, deite-lhe mais

277: pequenos golos pelos pires;

278: torradas; / mastigar humedecido e

278-81: queixos. // — Vai

— Então como vai isso hoje? perguntaram-lhe logo.

250 — Mal, respondeu ele com voz triste, sentando-se. Sempre as dores no peito, a tossezinha...

— Então não se dava bem com o óleo de fígados de bacalhau?

— Qual! fez ele desconsoladamente.

255 — Uma viagem à Madeira, isso é que era, isso é que era! disse a sr.^a D. Joaquina Gansoso com autoridade.

Ele riu, com uma jovialidade súbita:

— Uma viagem à Madeira! Não está má! A D. Joaquina Gansoso tem-nas boas! Um pobre amanuense de administração com dezoito vinténs por dia, mulher e quatro filhos... Para a Madeira!

260 — E como vai ela, a Joanita?

— Coitadita, lá vai! Tem saúde, graças a Deus! Gorda, sempre com bom apetite. Os pequenos, os dois mais velhos é que estão doentes; demais a mais agora a criada também caiu de cama! É o diacho! Paciência! Paciência! — E encolhia os ombros.

265 Mas voltando-se para a S. Joaneira, dando-lhe uma palmada no joelho:

— E como vai a nossa Madre-Abadessa?

270 Todos riram: e a sr.^a D. Joaquina Gansoso informou o pároco que aquele rapaz, o Artur Couceiro, era muito engraçado e tinha uma bela voz. Era a melhor da cidade para modinhas.

A *Ruça* tinha então entrado com o chá; a S. Joaneira, enchendo as chávenas de alto, dizia:

— Cheguem-se, cheguem-se, filhas, que este é do bom! É da loja do Sousa...

275 E Artur oferecia açúcar com o seu antigo gracejo:

— Se está azedinho é carregar-lhe no sal!

As velhas sorriam a pequenos goles pelos pires, escolhiam cuidadosamente as torradas, sentia-se o mastigar ruminado dos queixos; e por

255: Gansoso] Gansoso.

256: súbita:] súbita.

259: filhas...] filhas!

278: torradas,] torradas.

— Vai um docinho, sr. pároco? disse Amélia, apresentando-lhe o prato. São da Encarnação. Muito fresquinhos.

— Obrigado. — E como ela insistia: — Não, não!

— Aquele ali, disse ela, apontando, sorrindo, toda graciosa. É toicinho do céu.

— Ah! Se é do céu... disse ele todo risonho. E olhou para ela, tomando o bolo com a ponta dos dedos.

O sr. Artur, quando estava, costumava cantar depois do chá. Tinha-se aberto o velho piano; uma vela alumiaava o caderno de música, e Amélia corria os dedos sobre o teclado amarelo.

— Então que há-de ser? perguntou Artur.

Os pedidos cruzaram-se:

— *O guerrilheiro! O noivado do sepulcro! O descrido! O Nunca mais!*

O cónego Dias disse então rindo:

— Ó Couceiro, vá lá aquela do *Tio Cosme, meu brejeiro!*

As mulheres reprovaram:

— Credo! Por quem é, sr. cónego! Que lembrança!

E a sr.^a D. Joaquina Gransoso resumiu:

— Nada: uma coisa de sentimento para o sr. pároco fazer ideia.

— Isso, isso, disseram, uma coisa de sentimento, ó Artur, uma coisa de sentimento!

E então Artur, depois de ter conferenciado baixo com Amélia, trauteando o compasso, ergueu a sua voz arrastada, ligeiramente fanhosa, e cantou com grande ternura:

Adeus, meu anjo! Vou partir sem tí!

Era uma canção dos tempos românticos de 51, o *Adeus!* Dizia as supremas despedidas, nos bosques, quando o Outono empalidece e desfolha; cantava os homens solitários e precitos, que inspiram um amor funesto e erram desgrenhados à beira do mar; falava de sepulturas esquecidas em vales distantes e de brancas vírgens que choram sob as claridades do luar!

282-3: Encarnação. Muito fresquinhos. // — Obrigado. — E como ela insistia: — Não, não!

284: ali, disse ela, apontando, sorrindo, toda graciosa. É toicinho

287: Artur, quando estava, / chá. Tinha-se aberto o velho piano;

288-9: música, e Amélia corria

290: — Então que

293: disse então rindo:

296: é, sr.

298: o sr.

300: isso, disseram,

302-3: E então Artur, depois de ter conferenciado baixo com Amélia, trauteando o compasso, ergueu a sua voz arrastada, ligeiramente fanhosa, e cantou com grande ternura:

304: anjo! Vou

305-9: Dizia [...] do luar!

causa dos pingos da manteiga e das nódoas do chá estendiam prudente-
mente os lenços sobre o regaço.

— Vai um docinho, senhor pároco? disse Amélia, apresentando-lhe o prato. São da Encarnação, muito fresquinhos.

— Obrigado.

— Aquele ali. É toucinho do céu.

— Ah! Se é do céu... disse ele todo risonho. E olhou para ela, tomando o bolo com a ponta dos dedos.

O sr. Artur costumava cantar depois do chá. Sobre o piano uma vela alumiaava o caderno de música; e Amélia, logo que a *Ruça* levou a bandeja, acomodou-se, correu os dedos sobre o teclado amarelo.

— Então hoje que há-de ser? perguntou Artur.

Os pedidos cruzaram-se:

— *O guerrilheiro! O noivado do sepulcro! O descrido! O Nunca mais!*

O cónego Dias disse do seu canto, pesadamente:

— Ó Couceiro, vá lá aquela do *Tio Cosme, meu brejeiro!*

As mulheres reprovaram:

— Credo! Por quem é, senhor cónego! Que lembrança!

E a sr.^a D. Joaquina Gansoso resumiu:

— Nada: uma coisa de sentimento para o senhor pároco fazer ideia.

— Isso, isso! disseram: uma coisa de sentimento, ó Artur, uma coisa de sentimento!

Artur pigarreou, cuspiu; e dando subitamente à face uma expressão dolorosa, ergueu a voz, cantou lugubrememente:

Adeus, meu anjo! Eu vou partir sem ti!

305 Era uma canção dos tempos românticos de 51, o *Adeus!* Dizia uma suprema despedida, num bosque, por uma tarde pálida de Outono; depois, o homem solitário e precito, que inspirara um amor funesto, ia errar desganhado à beira do mar; havia uma sepultura esquecida num vale distante, brancas virgens vinham chorar à claridade do luar!

282: Encarnação.] Encarnação.

298: uma coisa] uma coisa

300: disseram: uma coisa] disseram; uma coisa / uma coisa] uma coisa

— Muito bonito, muito bonito! diziam.

Artur cantava convencido, o olhar vago; nos intervalos, durante o acompanhamento, sorria em redor; e na sua boca cheia de sombra viam-se os restos de dentes podres. O padre Amaro, ao pé da janela, via Amélia de lado e olhava-a instintivamente, todo enlevado naquela melodia sentimental e antiquada: o seu perfil dela fino, de encontro à luz, tinha uma linha luminosa; destacava harmoniosamente a curva do seu peito; e ele via as suas pálpebras de grandes pestanas, que do teclado para a música se erguiam e se abaixavam com um movimento doce. João Eduardo, ao pé dela, voltava-lhe as folhas da música.

Mas Artur, com grande sentimento, a mão sobre o peito, a outra erguida no ar, num gesto doloroso e veemente, soltou a última estrofe:

E um dia, enfim, deste viver fatal
Reposarei na escuridão da campa!

— Bravo! Bravo! exclamaram.

E o cónego Dias comentou baixo ao pároco:

— Ah! Para coisas de sentimento não há outro. — E bocejando enormemente: — Pois, menino, tenho tido toda a noite o jantar a conversar cá por dentro!

Mas chegara a hora do loto; cada um tomava os seus cartões; chegavam-se para a mesa com grande ruído de cadeiras; chocalhava-se o saco dos números.

— Olhe, aqui tem um lugar, sr. pároco, disse Amélia.

Era ao pé dela. Ele hesitou, mas tinham aberto espaço, e um pouco corado veio sentar-se ao pé de Amélia.

310: bonito! diziam.

311: cantava convencido, o olhar vago; nos

312: redor;

313-4: janela, via Amélia de lado e olhava-a instintivamente, todo

314-5: e antiquada: o seu perfil dela

316: ele via

318: Eduardo, ao pé

320: Artur, com grande sentimento, a mão

321: gesto doloroso

322: fatal

323: Reposarei

327: enormemente: — Pois, / noite o jantar

328: dentro!

329-31: loto; cada um tomava os seus cartões; chegavam-se para a mesa com grande ruído de cadeiras; chocalhava-se o saco

332: — Olhe, / lugar, sr.

333: Era ao pé dela. Ele hesitou,

333-4: e um pouco corado veio sentar-se ao pé de Amélia.

310 — Muito bonito, muito bonito! murmuravam.

Artur cantava enternecido, o olhar vago; mas nos intervalos, durante o acompanhamento, sorria em redor — e na sua boca cheia de sombra viam-se os restos de dentes podres. O padre Amaro, ao pé da janela, fumando, contemplava Amélia, enlevado naquela melodia sentimental e mórbida: o seu perfil fino, de encontro à luz, tinha uma linha luminosa; 315 destacava harmoniosamente a curva do seu peito; e ele seguia as suas pálpebras de grandes pestanas, que do teclado para a música se erguiam e se abaixavam com um movimento doce. João Eduardo, junto dela, voltava-lhe as folhas da música.

320 Mas Artur, com a mão sobre o peito, a outra erguida no ar, num gesto desolado e veemente, soltou a última estrofe:

E um dia, enfim, deste viver fatal,
Repousarei na escuridão da campa!

— Bravo! Bravo! exclamaram.

325 E o cônego Dias comentou baixo ao pároco:

— Ah! Para coisas de sentimento não há outro. — E bocejando enormemente: Pois menino, tenho tido toda a noite as lulas a conversar cá por dentro.

330 Mas chegara a hora do loto. Cada um escolhia os seus cartões habituais; e a sr.^a D. Josefa Dias, com o seu olho de avara a luzir, chocalhava já vivamente o grosso saco dos números.

— Aqui tem um lugar, senhor pároco, disse Amélia.

Era junto dela. Ele hesitou; mas tinham aberto espaço, e veio sentar-se um pouco corado, ajeitando timidamente a *volta*.

322: fatal,] fatal

326: Para coisas] Para cousas

327: Pois] Pois,

Fez-se logo um grande silêncio e, com a voz dormente, o cônego começou a tirar os números. A sr.^a D. Ana Gansoso, que não jogava, dormitava a um canto e com a boca entreaberta ressonava ligeiramente.

Com o *abat-jour*, as cabeças estavam todas na sombra; uma luz crua caía sobre o xale escuro que cobria a mesa, fazia destacar os cartões todos enegrecidos do uso e as mãos secas das velhas poisadas em atitudes aduncas, remexendo as marcas de vidro. Sobre o piano aberto a vela derretia-se com uma chama viva e avermelhada.

O cônego ia tirando os números com as pilhérias veneráveis da tradição do loto: 1, cabeça de porco! — 3, figura de entremez!

— Precisa-se o vinte e um, dizia uma voz.

— Ternei, rosnava outra.

E a irmã do cônego, sôfrega, dizia-lhe a cada momento:

— Chocalhe esses números, mano Plácido!

— E traga-me esse quarenta e sete ainda que seja de rastos, gritava Artur Couceiro, todo interessado no jogo.

Mas o cônego *quinou* e Amélia olhando em redor pela sala:

— Então não joga, sr. João Eduardo? disse ela. Onde está?

João Eduardo saiu da sombra da janela, por trás da cortina.

— Tome lá este cartão, ande, jogue.

— E receba as entradas já que está de pé, disse a S. Joaneira.

João Eduardo foi logo em roda com o pires de porcelana recebendo o dinheiro: no fim faltavam dez réis.

— Eu já dei, eu já dei! diziam todos.

João Eduardo vira que a irmã do cônego não tocara no seu cobre acastelado:

— Parece-me que a sr.^a D. Josefa não entrou.

335: silêncio e,

336-7: Gansoso, que não jogava, dormitava a um canto e com a boca entreaberta ressonava

338: *abat-jour*, as cabeças estavam todas na sombra; uma luz crua caía

339: cartões todos

340: velhas poisadas

342: chama viva e avermelhada.

343: cônego ia tirando

343-4: tradição do loto:

346: — Ternei, rosnava outra.

347: sôfrega, dizia-lhe a cada momento:

348-9: Plácido! // — E

349-50: rastos, gritava Artur Couceiro, todo interessado no jogo.

351: Mas o cônego *quinou* e

355: entradas

355-7: S. Joaneira. // João Eduardo foi logo

357: porcelana recebendo o dinheiro: no

359-60: dei! diziam todos. // João Eduardo vira que a irmã do cônego não

360-2: acastelado: // — Parece-me

335 Fez-se logo um grande silêncio; e, com a voz dormente, o cónego começou a tirar os números. A sr.^a D. Ana Gansoso dormitava ao seu canto, ressonando ligeiramente.

340 Com o *abat-jour* as cabeças estavam na penumbra; e a luz crua, caindo sobre o xale escuro que cobria a mesa, fazia destacar os cartões enegrecidos do uso e as mãos secas das velhas, pousadas em atitudes aduncas, remexendo as marcas de vidro. Sobre o piano aberto a vela derretia-se com uma chama alta e direita.

O cónego rosnava os números com as pilhérias veneráveis da tradição: 1, cabeça de porco! — 3, figura de entremez!

345 — Precisa-se o vinte e um, dizia uma voz.

— Ternei, murmurava outra com gozo.

E a irmã do cónego, sôfrega:

— Chocalhe esses números, mano Plácido! Vá!

350 — E traga-me esse quarenta e sete ainda que seja de rastos, dizia o Artur Couceiro, com a cabeça entre os punhos.

Enfim o cónego *quinou*. E Amélia olhando em redor pela sala:

— Então não joga, sr. João Eduardo? disse ela. Onde está?

João Eduardo saiu da sombra da janela, por trás da cortina.

— Tome lá este cartão, ande, jogue.

355 — E receba as entradas, já que está de pé, disse a S. Joaneira. Seja o senhor recebedor!

João Eduardo foi em roda com o pires de porcelana. No fim faltavam dez réis.

— Eu já dei, eu já dei! exclamavam todos, excitados.

360 Fora a irmã do cónego que não tocara no seu cobre acastelado. João Eduardo disse, curvando-se:

— Parece-me que a sr.^a D. Josefa não entrou.

346: outra] outra,

— Eu! gritou ela, já exaltada. Olha uma destas! Até fui a primeira! Credo! Duas moedas de cinco réis, até por sinal! Que tal está o homem!

— Ah! Sim, disse ele então sorrindo e pagando, bem, fui eu que me esqueci!

E a irmã do cónego dizia baixo à sua vizinha a sr.^a D. Maria da Assunção:

— Queria ver se escapava o melro! Bem diz o outro — quem não teme Deus, não teme a justiça!

— Só quem não está feliz é o sr. pároco, disseram.

Amaro sorriu-se. Tinha estado jogando um pouco distraído e fadado; às vezes mesmo esquecia-se de marcar e Amélia dizia-lhe, sorrindo:

— Olhe que não marcou, sr. pároco.

Como a mesa era pequena, a manga do vestido azul de Amélia roçava o braço do pároco: tinham já apostado dois ternos: ela tinha ganho; tinham rido muito. E depois faltou a ambos para *quinarem* o número trinta e seis.

Em roda tinham reparado.

— Ora vamos a ver se *quinam* ambos, disse a sr.^a D. Maria da Assunção, toda risonha para o pároco.

Mas o trinta e seis não saía; havia outras quadras nos cartões alheios; Amélia receava que *quinasse* a sr.^a D. Joaquina Gansoso, a quem faltava o número quarenta e oito. Amaro ria, involuntariamente interessado.

O cónego tirava os números vagarosamente.

— Vá! Vá! Ande com isso, sr. cónego, diziam-lhe.

Amélia, debruçada, com os olhos vivos, animados, corada, esperava.

— Dava tudo para que saísse o trinta e seis, disse ela.

363: — Eu! gritou ela, já exaltada.

364: réis, até

365: — Ah! Sim, disse ele então sorrindo e pagando, bem, fui

365-7: esqueci! // E

367: dizia baixo à sua vizinha a sra.

369: escapava o melro! Bem diz o outro — quem não teme Deus, não teme a justiça!

370: o sr. pároco, disseram.

371: Amaro sorriu-se. Tinha estado jogando um pouco distraído e

372: marcar e Amélia dizia-lhe, sorrindo:

373: marcou, sr. pároco.

374: Como a mesa era pequena, a manga do vestido azul de Amélia roçava o braço do pároco: tinham já apostado dois ternos: ela tinha ganho; tinham rido muito. E depois

376: roda tinham reparado.

378: Assunção, toda risonha para o pároco.

380-1: Gansoso, a quem faltava o número

383: números vagarosamente.

384: isso, sr. cónego,

385: debruçada, com os olhos vivos, animados, corada, esperava.

386: seis, disse ela.

— Eu!? gritou ela, furiosa. Olha uma destas! Até fui a primeira! Cre-
do! Duas moedas de cinco réis, por sinal! Que tal está o homem!

365 — Ah! Bem, disse ele então, fui eu que me esqueci! Cá ponho. —
E rosnou: Beata e ladra!

E a irmã do cónego dizia no entanto baixo à sr.^a D. Maria da
Assunção:

— Queria ver se escapava, o melro! Falta de temor a Deus!

370 — Só quem não está feliz é o senhor pároco, observaram.

Amaro sorriu. Estava distraído, e fatigado; às vezes mesmo esquecia-
-se de marcar, e Amélia dizia-lhe, tocando-lhe no cotovelo:

— Olhe que não marcou, senhor pároco!

375 Tinham já apostado dois ternos: ela ganhara; depois faltou a ambos
para *quinarem* o número trinta e seis.

Em roda repararam.

— Ora vamos a ver se *quinam* ambos, disse a sr.^a D. Maria da As-
sunção, envolvendo-os no mesmo olhar baboso.

380 Mas o trinta e seis não saía; havia outras quadras nos cartões alheios;
Amélia receava que *quinasse* a sr.^a D. Joaquina Gansoso, que se mexia
muito na cadeira, pedindo o quarenta e oito. Amaro ria, involuntariamente
interessado.

O cónego tirava os números com uma pachorra maliciosa.

— Vá! Vá! Ande com isso, senhor cónego! diziam-lhe.

385 Amélia, debruçada, os olhos vivos, murmurou:

— Dava tudo para que saísse o trinta e seis!

— Trinta e seis! gritou o cônego.

— *Quinámos!* disse ela, triunfante, rindo, muito vermelha, e tomando o cartão do pároco e o seu mostrava-os ambos, para conferirem, toda orgulhosa.

— Ora Deus os abençoe, disse o cônego, jovial, entornando-lhes diante o pires cheio de moedas de dez réis.

— Parece milagre! murmurou a sr.^a Maria da Assunção, piedosamente.

No entanto tinham dado onze horas. As velhas começaram a levantar-se. Amélia foi sentar-se ao piano, tocando ao de leve uma polka. João Eduardo aproximou-se dela e abaixando a voz:

— Muitos parabéns por ter *quinado* com o sr. pároco. Que entusiasmo! — E como ela ia responder, — Boa-noite! disse ele secamente, embrulhando-se no seu xale-manta.

Todos iam saindo. A *Ruça* alumiava. O murmúrio de vozes enchia as escadas e ao descer os *adeuses* repetiam-se. O sr. Artur harpejava na guitarra, cantarolando *O descrido*.

Amaro foi para o seu quarto, começou a rezar o *Breviário*; mas estava fatigado, vinham-lhe distrações; lembravam-lhe as figuras das velhas, os dentes podres de Artur, sobretudo o perfil de Amélia: achava-a toda atraente e boa rapariga. Sentado à beira da cama, com o *Breviário* aberto, fitando a luz, via o seu penteado, as suas mãos pequenas com os dedos um pouco trigueiros picados da agulha, o seu buçozinho gracioso. Sentia a cabeça pesada do jantar do cônego, do longo passeio e da monotonia do *quino*. Além disso tinha uma grande sede; o cônego fizera-o tomar quatro cálices de Porto. Quis beber, mas viu que não tinha água no quarto. A criada estava deitada decerto, porque não sentia rumor.

387: — Trinta e seis! gritou

388: — *Quinámos!* disse ela, triunfante, rindo, muito vermelha, e

389: mostrava-os ambos, para conferirem, toda orgulhosa.

392: milagre! murmurou

394: No entanto

394-5: horas. As velhas começaram a levantar-se. Amélia foi sentar-se

396: dela e abaixando

397: o sr.

398: responder,

399: xale-manta.

400-1: Todos iam saindo. A *Ruça* alumiava. O murmúrio de vozes enchia as escadas e ao descer os *adeuses* repetiam-se.

401: harpejava na

403-4: rezar o *Breviário*; mas estava fatigado, vinham-lhe distrações; lembravam-lhe

405: Amélia: achava-a toda atraente e boa rapariga. Sentado / *Breviário*

407-8: gracioso. Sentia

408: cônego, do longo passeio e

408-10: *quino*. Além disso tinha uma grande sede; o cônego fizera-o tomar quatro cálices de Porto. Quis beber, mas viu que

410-2: quarto. [...] Calçou

— Sim? Af o tem... Trinta e seis! disse o cónego.

— *Quinámos!* gritou ela, triunfante; e tomando o cartão do pároco e o seu mostrava-os, para conferirem, orgulhosa, muito corada.

390 — Ora Deus os abençoe, disse o cónego, jovial, entornando-lhes diante o pires cheio de moedas de dez réis.

— Parece milagre! considerou a sr.^a D. Maria da Assunção, piedosamente.

395 Mas tinham dado onze horas; e depois da *tumba* final as velhas começaram a agasalhar-se. Amélia sentou-se ao piano, tocando ao de leve uma polka. João Eduardo aproximou-se dela, e baixando a voz:

— Muitos parabéns por ter *quinado* com o senhor pároco. Que entusiasmo! — E como ela ia responder: — Boa-noite! disse ele secamente, embrulhando-se no seu xale-manta com despeito.

400 A *Ruça* alumiaava. As velhas, pela escada, empacotadas nos abafos, iam ganhando *adeusinhos*. O sr. Artur harpejava a guitarra, cantarolando *O descrido*.

405 Amaro foi para o seu quarto, começou a rezar no Breviário; mas distraía-se, lembravam-lhe as figuras das velhas, os dentes podres de Artur, sobretudo o perfil de Amélia. Sentado à beira da cama, com o Breviário aberto, fitando a luz, via o seu penteado, as suas mãos pequenas com os dedos um pouco trigueiros picados da agulha, o seu buçozinho gracioso...

410 Sentia a cabeça pesada do jantar do cónego e da monotonia do *quino*, com uma grande sede além disso das lulas e do vinhito do Porto. Quis beber, mas não tinha água no quarto. Lembrou-se então que na sala de

388: e] e,

403: rezar no] rezar o

Lembrou-se então que o cântaro da água estava a um canto na sala do jantar com uma canequinha azul vidrada. Calçou as chinelas, tomou o castiçal e subiu devagarinho. Havia luz na sala e ainda estava o reposteiro corrido: ergueu-o, mas estacou assombrado! Vira num relance Amélia, que tinha tirado o corpete do vestido e desfazia o atacador do colete: estava junto do candeeiro e as mangas curtas da camisa deixavam ver os seus braços brancos... Ela deu um pequeno grito e correu para o quarto.

Amaro ficou imóvel, com um suor à raiz dos cabelos.

Poderiam suspeitar uma ofensa! Seria expulso! Seria tido como um infame! Palavras indignadas iam sair decerto através do reposteiro da porta do quarto, que ainda se baloiçava agitado!

Mas a voz de Amélia, serena, perguntou de dentro:

— Que queria, sr. pároco?

— Vinha buscar água, disse ele com a voz trémula.

— Aquela *Ruça!* Aquela desleixada! Desculpe, sr. pároco, desculpe. Olhe aí ao pé da mesa, o cântaro. Achou?

— Achei! Achei!

E desceu devagar com o copo cheio: a mão tremia-lhe e pelas costas dos dedos escorria-lhe água.

Deitou-se sem rezar e quando adormeceu já cantavam os galos.

412: castiçal e

413: sala e ainda

413-4: ergueu-o, mas estacou assombrado! Vira num relance Amélia, que tinha tirado o corpete do vestido e desfazia

415-6: curtas da camisa

416: brancos... Ela

417: grito e

418: cabelos. // Poderiam

419: ofensa! Seria expulso! Seria tido como um infame! Palavras

420: se baloiçava

422: queria, sr.

423: água, disse ele com a voz trémula.

424: Desculpe, sr.

425: mesa, o cântaro.

427: E desceu

427-8: tremia-lhe e pelas costas dos dedos escorria-lhe água.

429-31: rezar e quando adormeceu já cantavam os galos.

jantar havia uma bilha de Estremoz com água fresca, muito boa, da nascente do Morenal. Calçou as chinelas, tomou o castiçal, subiu devagari-
nho. Havia luz na sala, estava o reposteiro corrido: ergueu-o e recuou com
um *ah!* Vira num relance Amélia, em saia branca, a desfazer o atacador
415 do colete: estava junto do candeeiro e as mangas curtas, o decote da
camisa deixavam ver os seus braços brancos, o seio delicioso. Ela deu um
pequeno grito, correu para o quarto.

Amaro ficou imóvel, com um suor à raiz dos cabelos. Poderiam sus-
peitar uma ofensa! Palavras indignadas iam sair decerto através do repos-
420 teiro do quarto, que ainda se balouçava agitado!

Mas a voz de Amélia, serena, perguntou de dentro:

— Que queria, senhor pároco?

— Vinha buscar água... balbuciou ele.

— Aquela *Ruça!* Aquela desleixada! Desculpe, senhor pároco, des-
425 culpe. Olhe aí ao pé da mesa, a bilha. Achou?

— Achei! Achei!

Desceu devagar com o copo cheio: a mão tremia-lhe, a água escor-
ria-lhe pelos dedos.

Deitou-se sem rezar. Alta noite Amélia sentiu por baixo passos ner-
430 vosos pisarem o soalho: era Amaro que, com o capote aos ombros e em
chinelas, fumava, excitado, pelo quarto.

423: água...] água.

V

Nessa noite Amélia, em cima, deitada, não dormia também. O quarto era pequeno; a mãe tinha a sua cama ao pé dela num colchão, sobre esteiras, no soalho. Em cima da cómoda, dentro de uma bacia, a lamparina extinguia-se, dava um mau cheiro de morrão de azeite; havia uma penumbra abafada e espessa; brancuras de saias caídas no chão destacavam; o espelho tinha um vago reflexo lívido; e o gato, que ficava no quarto às vezes, caminhava com as suas passadas moles e fofas, e na escuridão os seus olhos luziam com uma claridade fosfórica e esverdeada.

No entanto, na casa vizinha, uma criança chorava sem cessar e sentia-se a mãe embalar-lhe o berço, cantar-lhe baixo, arrastadamente:

Dorme, dorme, meu menino,
Que a tua mãe foi à fonte,

e nos intervalos do canto o ranger compassado do embalar do berço tinha uma grande tristeza. Amélia conhecia aquela cantiga. Quando tinha sete anos ouvia sua mãe cantá-la, nas longas noites de Inverno, ao outro filho, um irmãozinho que tivera, o João, e que morrera. E aquela recordação trouxe-lhe outras memórias! Tinha então vinte e cinco anos: quantas coisas tinham passado! E sem poder adormecer, deitada de costas, com as mãos cruzadas por detrás da cabeça, pôs-se a pensar nesses tempos passados!

- 1: Nessa noite Amélia, [...] Em cima da
2: extinguia-se, dava um
2-3: azeite; havia uma penumbra abafada e espessa; brancuras
3-5: destacavam; [...] fosfórica e esverdeada.
6: No entanto, na casa vizinha, / cessar e sentia-se
7: baixo, arrastadamente:
9-15: fonte, // e nos intervalos do canto o ranger compassado do embalar do berço tinha uma grande tristeza. Amélia conhecia aquela cantiga.
15-6: anos ouvia sua mãe cantá-la,
16: Inverno, [...] nesses tempos passados!

V

Ela, em cima, não dormia também. Sobre a cómoda, dentro de uma bacia, a lamparina extinguiu-se, com um mau cheiro de morrão de azeite; brancuras de saias caídas no chão destacavam; e os olhos do gato, que não sossegava, reluziam pela escuridão do quarto com uma claridade
5 fosfórica e verde.

Na casa vizinha uma criança chorava sem cessar. Amélia sentia a mãe embalar-lhe o berço, cantar-lhe baixo:

Dorme, dorme, meu menino,
Que a tua mãe foi à fonte!

10 Era a pobre Catarina engomadeira, que o tenente Sousa deixara com um filho no berço, e grávida de outro — para ir casar a Estremoz! Tão bonita era, tão loura — e mirrada agora, tão chupada!

Dorme, dorme, meu menino,
Que a tua mãe foi à fonte!

15 Como ela conhecia aquela cantiga! Quando tinha sete anos sua mãe dizia-a, nas longas noites de Inverno, ao irmãozinho que morrera!

6: vizinha] vizinha,
13: dorme.] dorme

Lembrava-se bem: moravam então noutra casa e a janela do seu quarto deitava para um quintal; um limoeiro chegava até ao peitoril e a mãe às vezes punha na sua ramagem luzidia os cueiros do Joãozinho a secarem ao sol. Não conhecera o pai. A mãe tinha-lhe dito que fora militar, morrera novo, e gabava-lhe a sua bela figura fardada com o uniforme de cavalaria. A S. Joaneira vivia então só com os dois filhos. Aos oito anos, Amélia foi para a mestra. Como se lembrava bem! A mestra era uma velhota roliça e branca, que fora tacho das freiras de Santa Joana de Aveiro; com os seus óculos redondos, junto à janela, empurrando a agulha, morria-se por descrever o convento, os seus terrores, as suas legendas e as suas pieguices; as perrices da escritã, sempre a escabichar os dentes furados; a madre rodeira, preguiçosa e pacata, com uma pronúncia minhota; a mestra de cantochão, admiradora de Bocage e que se dizia descendente dos Távoras; a história de uma freira que morrera de amor e cuja alma ainda em certas noites percorria os corredores, soltando gemidos dolorosos e clamando: — Augusto! Augusto!

Amélia ouvia aquelas histórias, encantada. Já então era afeiçoada às coisas da Igreja. A casa da mãe era toda frequentada por padres. O sr. chantre Carvalhosa, um homem velho e robusto, que soprava de asma ao subir a escada e tinha uma voz esganiçada e fanhosa, vinha todos os dias. Era o amigo da casa. Amélia chamava-lhe *padrinho*. Quando ela voltava da escola, à tarde, encontrava-o sempre, conversando com a mãe, com a sua vasta batina desabotoada, deixando ver o longo colete de veludo preto. Ele perguntava-lhe pelas lições, interrogava-a sobre o catecismo, a tabuada e os verbos.

Excelente homem! Parecia-lhe que o via ainda com a barba bem feita, a cara azulada, as suas grandes orelhas donde saíam cabelos grisalhos, o seu grosso nariz com pingos de rapé.

17: bem:

17-8: casa e a janela do seu quarto deitava para um quintal; um limoeiro chegava até ao peitoril e a mãe às vezes punha

19: luzidia

20-1: o pai. A mãe tinha-lhe dito que fora militar, morrera novo, e gabava-lhe a sua bela figura fardada com

21: cavalaria. A S. Joaneira vivia então só com os dois filhos. Aos oito anos, Amélia

24-5: morria-se por descrever o convento, os seus terrores, as suas legendas e as suas pieguices; as

28: Távoras; a história

29: amor

31-4: encantada. Já então era afeiçoada às coisas da Igreja. A casa da mãe era toda frequentada por padres.

O sr. chantre

35: voz esganiçada e

36: dias. Era o

37: da escola,

37-8: sempre, conversando com a mãe, com a sua vasta

39-40: preto. [...] com pingos de rapé.

Lembrava-se bem! Moravam então noutra casa, ao pé da estrada de Lisboa; à janela do seu quarto havia um limoeiro e a mãe punha, na sua ramagem luzidia, os cueiros do Joãozinho a secarem ao sol. Não conhe-
20 cera o papá. Fora militar, morrera novo; e a mãe ainda suspirava ao falar da sua bela figura com o uniforme de cavalaria. Aos oito anos ela foi para a mestra. Como se lembrava! A mestra era uma velhita roliça e branca, que fora tacho das freiras de Santa Joana de Aveiro; com os seus óculos redondos, junto à janela, empurrando a agulha, morria-se por contar
25 histórias do convento: as perrices da escritã, sempre a escabichar os dentes furados; a madre rodeira, preguiçosa e pacata, com uma pronúncia minhota; a mestra de cantochão, admiradora de Bocage e que se dizia descendente dos Távoras; e a legenda de uma freira que morrera de amor, e cuja alma ainda em certas noites percorria os corredores, soltan-
30 do gemidos dolorosos e clamando: — Augusto! Augusto!

Amélia ouvia aquelas histórias, encantada. Gostava então tanto de festas de igreja e da convivência dos santos, que desejava ser uma «freirinha, muito bonita, com um veuzinho muito branco». A mamã era
35 muito visitada por padres. O chantre Carvalhosa, um homem velho e robusto, que soprava de asma ao subir a escada e tinha uma voz fanhosa, vinha todos os dias, como amigo da casa. Amélia chamava-lhe *padrinho*. Quando ela voltava da mestra, à tarde, encontrava-o sempre a palestrar com a mãe, na sala, de batina desabotoada, deixando ver o longo colete de veludo preto com raminhos bordados a amarelo. O senhor chantre
40 perguntava-lhe pelas lições e fazia-a dizer a tabuada.

30: dolorosos] dolorosos.

À noite havia reuniões: vinha o padre Valente; o cônego Cruz; e um velhito calvo, de perfil aguçado e cortante, com óculos azuis, que fora frade franciscano e a quem chamavam Frei André! Vinham as amigas da mãe, que traziam as suas *meias*; e um capitão Couceiro, de caçadores, que tinha os dedos negros do cigarro e trazia sempre a sua viola. Mas às nove horas mandavam-na deitar; pela frincha do quarto ela via a luz, ouvia as vozes, as risadas; depois fazia-se um silêncio e o capitão, repicando a guitarra, cantava o *landum da Figueira*.

Sempre assim vivera entre padres. Mas alguns eram-lhe antipáticos: sobretudo o padre Valente; era extremamente gordo, com um barretinho de seda e umas mãos grossas, flácidas, moles, trigueiras, com pequenas unhas. Que repugnância quando ele lhe passava a mão pela cara, vagorosamente, com um contacto húmido e oleoso! Gostava de a ter entre os joelhos, torcendo-lhe devagarinho a orelha, e ela sentia o seu hálito impregnado de cigarro! O cônego Cruz era-lhe mais simpático, com a sua figura magra, o cabelo todo branco, a volta sempre asseada, as fívelas luzídias; entrava devagarinho, cumprimentando com a mão sobre o peito, e a sua voz suave era toda cheia de *ss*. Assim, vivera sempre num elemento eclesiástico. Tinham-lhe ensinado o catecismo, a doutrina; falavam-lhe sempre dos castigos do Céu; de tal sorte que Deus aparecia-lhe como um Ser que dá o sofrimento e a morte, e que é necessário abrandar rezando e jejuando, ouvindo novenas e amando os padres. Era por isso toda cuidadosa e se às vezes ao deitar lhe esquecia uma salve-rainha, fazia penitência no outro dia, porque temia que Deus lhe mandasse sezões ou a fizesse cair na escada.

Mas o seu melhor tempo foi quando começou a tomar lições de piano. A mãe tinha na sala de jantar, ao canto, um velho piano antigo, coberto com um pano verde. Abandonado, desafinado, inútil, servia de aparador. No entanto Amélia costumava cantarolar pela casa; tinha uma voz fina e fresca, e as amigas da mãe diziam-lhe:

42: perfil aguçado e cortante, com

43: chamavam Frei André!

43-4: mãe, que traziam

46: vozes, as risadas;

47: silêncio e o capitão, repicando

48: o *landum*

49: Sempre assim vivera entre

50-1: Valente; [...] Gostava

52-3: impregnado de cigarro! O cônego Cruz era-lhe mais simpático, com a sua figura magra, o cabelo

55-7: peito, e a sua voz suave era toda cheia de *ss*. Assim, vivera sempre num elemento eclesiástico.

Tinham-lhe ensinado o catecismo, a doutrina; falavam-lhe

58: um Ser que dá o / morte.

59: abrandar

59-60: novenas e amando os padres. Era por isso toda cuidadosa e se

63-4: de piano.

64: piano antigo.

65: verde. Abandonado, desafinado, inútil, servia de aparador. No entanto Amélia

66-7: casa; tinha uma voz fina e fresca, e as

À noite havia reuniões: vinha o padre Valente; o cónego Cruz; e um velhito calvo, de perfil de pássaro, com óculos azuis, que fora frade franciscano e a quem chamavam frei André. Vinham as amigas da mãe, com as suas *meias*; e um capitão Couceiro, de caçadores, que tinha os
45 dedos negros do cigarro e trazia sempre a sua viola. Mas às nove horas mandavam-na deitar; pela frincha do quarto ela via a luz, ouvia as vozes; depois fazia-se um silêncio, e o capitão, repenicando a guitarra, cantava o *lundum da Figueira*.

Foi assim crescendo entre padres. Mas alguns eram-lhe antipáticos: sobretudo o padre Valente, tão gordo, tão suado, com umas mãos papudas
50 e moles, de unhas pequenas! Gostava de a ter entre os joelhos, torcer-lhe devagarinho a orelha, e ela sentia o seu hálito impregnado de cebola e de cigarro. O seu amiguinho era o cónego Cruz, magro, com o cabelo todo branco, a volta sempre aseada, as fivelas luzidias; entrava devaga-
55 rinho, cumprimentando com a mão sobre o peito e uma voz suave cheia de ss. Já então sabia o catecismo e a doutrina: na mestra, em casa, por qualquer «bagatela» falavam-lhe sempre dos castigos do Céu; de tal sorte que Deus aparecia-lhe como um ser que só sabe dar o sofrimento e a morte e que é necessário abrandar, rezando e jejuando, ouvindo novenas,
60 amimando os padres. Por isso, se às vezes ao deitar lhe esquecia uma salve-rainha, fazia penitência no outro dia, porque temia que Deus lhe mandasse sezões ou a fizesse cair na escada.

Mas o seu melhor tempo foi quando começou a tomar lições de música. A mãe tinha na sala de jantar, ao canto, um velho piano, coberto
65 com um pano verde, tão desafinado, que servia de aparador! Amélia costumava cantarolar pela casa; a sua voz fina e fresca agradava ao senhor chantre, e as amigas da mãe diziam-lhe:

43: franciscano] franciscano, / frei André.] Frei André!

45: cigarro] cigarro,

55: peito] peito,

57: «bagatela»] «bagatela».

58: ser] Ser / morte] morte,

65: aparador!] aparador.

— Tu tens aí um piano, por que não mandas ensinar a rapariga? Sempre é uma prenda! Olha que lhe pode servir de muito!

O chantre tinha aprovado; conhecia um bom mestre, um antigo organista da Sé de Évora que tinha sido extremamente infeliz: uma filha única fugira-lhe com um alferes para Lisboa e não soubera mais dela. O velho caíra em grande tristeza e grande miséria, e por piedade tinham-lhe dado um emprego no cartório do convento da Encarnação. Amélia simpatizou com ele logo que viu aquela figura alta, seca e corcovada, com o cabelo comprido e branco, apertada numa sobrecasaca esverdeada, com uma antiga gravata de seda de fivela atrás e um pequeno e curto capote cor de vinho que lhe vinha à cintura, com um cabeção de veludilho velho. Chamavam-lhe o *Tio Cegonha*, pela sua alta estatura, a sua magreza e o seu ar melancólico e solitário. Amélia um dia tinha-lhe chamado *Tio Cegonha*; mas depois, caindo em si, ficou toda envergonhada.

O velho pôs-se a sorrir:

— Ai, chame, minha rica menina, chame. *Tio Cegonha*?... Ora que tem? Cegonha sou eu, e bem cegonha!

Era então no Inverno. Os dias eram cheios de grandes chuvas; a áspera estação oprimia os pobres. Viam-se naquele ano famílias esfomeadas indo à Câmara pedir pão. O *Tio Cegonha* vinha sempre ao meio-dia dar a lição; o seu guarda-chuva azul escorria, deixando um ribeiro na escada; trazia o capote todo molhado, tiritava; e quando se sentava escondia, na sua vergonha de velho, as botas encharcadas com a sola aberta. Queixava-se sobretudo do frio das mãos, que o impedia de dar a lição, de ferir com justeza o teclado; não o deixava escrever no cartório:

— Prendem-se-me as mãos, dizia ele tristemente.

Mas quando a S. Joaneira lhe pagou o primeiro mês das lições, logo no outro dia veio o velho todo contente, trazendo nas mãos umas grossas luvas de lã.

68: piano, por que

70: O chantre tinha aprovado; conhecia um bom mestre, um

71: Évora que tinha sido extremamente infeliz: uma filha única fugira-lhe

72-5: Lisboa e não soubera mais dela. O velho caíra em grande tristeza e grande miséria,

76-82: cartório [...] e solitário. Amélia

83: mas depois, caindo em si, ficou

86: menina, chame. / Ora

88-9: Inverno. Os dias eram cheios de grandes chuvas; a

91: azul escorria, deixando

91-2: escada; trazia o capote todo molhado, tiritava;

94: impedia de dar a lição, de / teclado; não

95: cartório:

96: — Prendem-se-me as mãos, dizia ele

97-8: lições, logo no outro dia veio o velho todo contente, trazendo nas mãos umas

— Tu tens aí um piano, porque não mandas ensinar a rapariga? Sempre é uma prenda! Olha que lhe pode servir de muito!

70 O chantre conhecia um bom mestre, antigo organista da Sé de Évora, extremamente infeliz: a filha única, muito linda, fugira-lhe com um alferes para Lisboa; e, passados dois anos, o Silvestre da Praça, que ia muito à capital, vira-a descer a Rua do Norte, de *garibaldi* escarlate e alvaiade num olho, com um marinheiro inglês. O velho caíra em
75 grande melancolia e grande miséria; e por piedade tinham-lhe dado um emprego no cartório da câmara eclesiástica. Era uma figura triste de romance picaresco. Muito magro, alto como um pinheiro, deixava crescer até aos ombros os seus cabelos brancos e finos; os olhos, cansados, lagrimejavam-lhe sempre; mas o seu sorriso resignado e bom enternecia:
80 e parecia muito transido, no seu capote cor de vinho que só lhe chegava à cintura e que tinha uma gola de astracã. Chamavam-lhe o *Tio Cegonha* pela sua alta magreza e o seu ar solitário. Amélia um dia tinha-lhe chamado *Tio Cegonha*; mas mordeu logo o beijo, toda envergonhada.

85 O velho pôs-se a sorrir:

— Ai, chame, minha rica menina, chame! *Tio Cegonha*?... Ora, que tem? *Cegonha* sou eu, e bem *cegonha*!

Era então no Inverno. As grandes chuvas com os sudoestes não cessavam; a áspera estação oprimia os pobres. Viam-se naquele ano famílias esfomeadas indo à Câmara pedir pão. O *Tio Cegonha* vinha sempre
90 ao meio-dia dar a lição; o seu guarda-chuva azul deixava um ribeiro na escada; tiritava; e quando se sentava escondia, na sua vergonha de velho, as botas encharcadas com a sola aberta. Queixava-se sobretudo do frio das mãos, que o impedia de ferir com justeza o teclado e não o deixava
95 escrever no cartório.

— Prendem-se-me os dedos... dizia tristemente.

Mas quando a S. Joancira lhe pagou o primeiro mês das lições, o velho apareceu muito contente, com umas grossas luvas de lã.

72: passados dois] passados dois

82: *Cegonha*] *Cegonha*,

86: chame!] chame. / Ora,] Ora

94: teclado] teclado,

96: dedos...] dedos,

— Ah, *Tio Cegonha*, como vem quentinho, disse-lhe Amélia!

— Foi o seu dinheiro, minha rica menina. Agora ando a juntar para umas meias de lã, Deus a abençoe, minha menina, Deus a abençoe!

E tinham-se-lhe arrasado os olhos de lágrimas. Porque já fazia a Amélia confidências: contava-lhe as suas necessidades, as saudades da filha e as suas glórias na Sé de Évora, quando diante do sr. arcebispo, todo vistoso na sua sobrepeliz escarlate, acompanhava o *Lausperene*.

Amélia não se esqueceu das meias de lã do *Tio Cegonha*. Pediu ao chantre que lhe desse umas meias de lã.

— Ora essa! Para quê? Para ti? disse ele com o seu riso grosso.

— Para mim, sim senhor.

— Deixe falar, sr. chantre, disse a S. Joaneira. Olha a ideia!

— Não deixe falar, não! Dê, sim?!

E lançando-lhe os braços ao pescoço, começou a roçar-lhe o seu rostinho pela barba.

— Ah, sereia! dizia o chantre, rindo: que esperanças! Há-de ser o diabo!... Pois sim, aí tens. — E deu-lhe dois pintos para umas meias de lã.

E no dia seguinte tinha-os ela embrulhado num papel, que dizia por fora em letras garrafais: *Ao meu rico amigo Tio Cegonha, a sua discípula*.

Um dia tinha-o visto mais amarelo, mais chupado:

— Ó *Tio Cegonha*, disse ela de repente, quanto lhe dão lá no cartório?

O velho sorriu-se:

— Ora, minha rica menina... Que me hão-de dar? Uma bagatela. Quatro vinténs por dia. Mas às vezes dão-me assim alguma coisa... Hortaliças, couves, frutas...

— E chegam-lhe quatro vinténs?

— Ora! Como hão-de chegar!

99: quentinho, disse-lhe Amélia!

101: lá,

102-3: lágrimas. Porque já fazia a Amélia confidências:

104: filha e

105: do sr. arcebispo, todo

111: falar, sr. chantre,

112: sim?!

113: E lançando-lhe / pescoço, começou a roçar-lhe o seu rostinho pela barba.

116: E

118: Um dia tinha-o visto

119: disse ela

121: menina... Que me

122: Mas às vezes dão-me assim alguma coisa... Hortaliças, couves, frutas...

123: chegam-lhe

— Ah, *Tio Cegonha*, como vem quentinho! disse-lhe Amélia.

100 — Foi o seu dinheiro, minha rica menina. Agora ando a juntar para umas meias de lã. Deus a abençoe, minha menina, Deus a abençoe!

E tinham-se-lhe arrasado os olhos de lágrimas. Amélia tornara-se a «sua rica amiguinha». Já lhe fazia confidências: contava-lhe as suas necessidades, as saudades da filha, as suas glórias na Sé de Évora, quando
105 diante do senhor arcebispo, vistoso na sua sobrepeliz escarlate, acompanhava o *Lausperene*.

Amélia não se esqueceu das meias de lã do *Tio Cegonha*. Pediu ao chantre que lhe desse umas meias de lã.

— Ora essa! Para quê? Para ti? disse ele com o seu riso grosso.

110 — Para mim, sim senhor.

— Deixe falar, senhor chantre! disse a S. Joaneira. Olha a ideia!

— Não deixe falar, não! Dê, sim?

Lançou-lhe os braços ao pescoço, fez-lhe olhinhos doces.

115 — Ah, sereia! dizia o chantre rindo: que esperanças! Há-de ser o diabo!... Pois sim, af tens. — E deu-lhe dois pintos para umas meias de lã.

No dia seguinte tinha-os ela embrulhados num papel, que dizia por fora em letras garrafais: *Ao meu rico amigo Tio Cegonha, a sua discípula*.

Uma manhã, depois, viu-o mais amarelo, mais chupado:

— Ó *Tio Cegonha*, disse de repente, quanto lhe dão lá no cartório?

120 O velho sorriu-se:

— Ora, minha rica menina, quanto me hão-de dar? Uma bagatela. Quatro vinténs por dia. Mas o sr. Neto faz-me algum bem...

— E chegam-lhe, quatro vinténs?

— Ora! Como hão-de chegar!

110: sim] sim,

111: chantre!] chantre,

112: sim?] sim?!

114: chantre] chantre,

121: menina, quanto] menina, que

123: chegam-lhe.] chegam-lhe

Mas sentiram-se os passos da mãe e Amélia retomando com toda a gravidade a atitude da lição, começou a solfejar alto, com um ar profundo de atenção e de zelo.

E desde esse dia Amélia tanto pediu, tanto choramingou, que levou a mãe a dar de almoçar e de jantar ao *Tio Cegonha* nos dias de lição. Assim se estabeleceu entre ela e o velho uma grande intimidade. E o pobre *Tio Cegonha*, saindo da concentração do isolamento, estava todo retemperado com aquela amizade inesperada, em que ele se estabelecia como num conchego tépido. Encontrava nela o elemento feminino que amam os velhos, com as suas carícias, as suavidades da voz, as delicadezas de enfermeira; achava nela a única admiradora da sua música; encontrava-a sempre atenta às histórias do seu tempo, às recordações da velha Sé de Évora que ele amava tanto e que lhe faziam dizer sempre a propósito de procissões, ou de festas de igreja:

— Para isso Évora! Em Évora é que é!

No entanto Amélia applicava-se ao piano: era a coisa boa e delicada da sua vida: já tocava uma contradança e antigas árias de velhos compositores; a sr.^a D. Maria da Assunção estranhava o mestre por não lhe ensinar o *Trovador*.

— Coisa mais linda! dizia ela.

O *Tio Cegonha* só conhecia a música clássica, as velhas árias ingénuas e doces de Lully, os motivos de minuets, os motetos floridos e piedosos dos doces tempos freiráticos. Sabia dizer também no piano, com grande recolhimento, as músicas religiosas. Amélia gostava de as aprender. Uma manhã o *Tio Cegonha*, quando veio dar a sua lição, encontrou Amélia toda amarela e encolhida. Tinha estado doente na véspera. O dia estava nublado, um vento frio soprava. O velho queria ir-se embora.

125: Mas

125-6: mãe e Amélia retomando com toda a gravidade a atitude da

126: profundo de atenção e de zelo.

127: dia Amélia tanto pediu, tanto choramingou, que

130-1: saindo da concentração do isolamento, estava todo retemperado com aquela amizade inesperada, em que ele se estabelecia como num

132: as suas carícias, as suavidades da

133: música; encontrava-a

135: tanto e que lhe faziam dizer sempre a propósito de procissões,

138: No entanto Amélia applicava-se ao

139: tocava uma contradança

140: estranhava o mestre por não lhe ensinar

142: dizia ela.

143: O / clássica, as velhas

144: Lully, os / os motetos

145-6: freiráticos. Sabia dizer também no piano, com grande recolhimento, as músicas religiosas. Amélia gostava de as aprender. Uma

146-8: *Cegonha*, quando veio dar a sua lição, encontrou Amélia toda amarela e encolhida. Tinha estado doente na véspera. O dia estava nublado, um vento frio soprava. O

125 Sentiram-se os passos da mãe; e Amélia, retomando gravemente a atitude de lição, começou a solfejar alto, com um ar profundo.

E desde esse dia tanto pediu, tanto exclamou, que levou a mãe a dar de almoçar e de jantar ao *Tio Cegonha* nos dias de lição. Assim se estabeleceu entre ela e o velho uma grande intimidade. E o pobre *Tio Cegonha*, saindo do seu frio isolamento, acolhia-se àquela amizade inesperada, como a um conchego tépido. Encontrava nela o elemento feminino que amam os velhos, com as carfias, as suavidades de voz, as delicadezas de enfermeira; achava nela a única admiradora da sua música; e via-a sempre atenta às histórias do seu tempo, às recordações da velha Sé de
130 Évora que ele amava tanto, e que lhe fazia dizer, quando se falava de procissões ou de festas de igreja:

— Para isso Évora! Em Évora é que é!

Amélia aplicava-se muito ao piano: era a coisa boa e delicada da sua vida: já tocava contradanças e antigas árias de velhos compositores; a sr.^a D: Maria da Assunção estranhava que o mestre lhe não ensinasse
140 o *Trovador*.

— Coisa mais linda! dizia.

Mas o *Tio Cegonha* só conhecia a música clássica, árias ingénuas e doces de Lully, motivos de minuetes, motetes floridos e piedosos dos
145 doces tempos freiráticos.

Uma manhã o *Tio Cegonha* encontrou Amélia muito amarela e triste. Desde a véspera queixava-se de «mal-estar». Era um dia nublado, muito frio. O velho queria ir-se embora.

135: dizer.] dizer

138: a coisa] a coisa

142: — Coisa] — Coisa

— Não, não, *Tio Cegonha*, disse ela, toque alguma coisa para eu me entreter.

Então ele tirou o seu capote, sentou-se e tocou uma melodia muito simples, mas extremamente triste.

— Que lindo! Que lindo! dizia Amélia, de pé junto ao piano.

E quando o velho deu as últimas notas:

— O que é? perguntou ela.

E então o *Tio Cegonha* contou-lhe que era uma *meditação* feita por um frade seu amigo.

— Coitado, disse ele, teve bem o seu tormento!

Amélia quis saber a história e sentando-se no mocho do piano, toda embrulhada no seu xale:

— Diga lá, *Tio Cegonha*, diga lá! — E batia-lhe docemente com a mão no joelho.

O *Tio Cegonha* contou-lhe então, que aquele homem tivera em novo uma grande paixão por uma freira; ela morrera no convento desse amor infeliz e ele de dor e de saudade fizera-se frade franciscano: ia muitas vezes visitá-lo quando ele era organista em Évora.

— Parece que o estou ainda a ver...

— Era bonito?

— Se era! Um rapaz na flor da vida, rico... Um dia veio ter comigo ao órgão: — Olha o que eu fiz, disse-me ele. — Era um papel de música. Abria em ré menor. E pôs-se a tocar, a tocar... Ai, minha rica menina, que música!

E o velho, comovido, pondo-se ao piano, repetiu as notas plangentes da *meditação* em ré menor.

Amélia, durante todo o dia, esteve pensando naquela história, que tinha posto nos seus nervos doentes uma grande excitação. Deitou-se incomodada. De noite veio-lhe uma grande febre, tomou-a um sonho

151: Então ele / sentou-se e / melodia muito

152: extremamente triste.

156: E então / era uma *meditação*

158: disse ele,

159: quis saber a história e

159-60: piano, toda embrulhada

161: — Diga lá, *Tio Cegonha*, diga lá! — E batia-lhe docemente com a mão no joelho.

162: O *Tio Cegonha* contou-lhe então, que aquele homem tivera

163: convento desse amor infeliz e ele

164: saudade / franciscano: ia muitas vezes visitá-lo quando ele era organista em Évora.

165: estou ainda

168: órgão: — Olha / fiz, disse-me ele. — Era

169: menor. E

170-1: música! // E o velho, comovido, pondo-se ao piano, repetiu

171-2: da *meditação*

173: Amélia, durante todo o dia, esteve pensando naquela história, que tinha posto nos seus nervos doentes uma grande excitação. Deitou-se incomodada. De

174: febre, tomou-a um sonho espesso e vivo, em

— Não, não, *Tio Cegonha*, disse ela, toque alguma coisa para eu me
150 entreter.

Ele tirou o seu capote, sentou-se, tocou uma melodia simples, mas
extremamente melancólica.

— Que lindo! Que lindo! dizia Amélia, de pé junto ao piano.

E quando o velho deu as últimas notas:

155 — O que é? perguntou ela.

O *Tio Cegonha* contou-lhe que era o começo de uma *Meditação* feita
por um frade seu amigo.

— Coitado, disse, teve bem o seu tormento!

160 Amélia quis logo saber a história; e sentando-se no mocho do pia-
no, embrulhando-se no seu xale:

— Diga, *Tio Cegonha*, diga!

Era um homem que tivera em novo uma grande paixão por uma
freira; ela morreria no convento daquele amor infeliz; e ele, de dor e de
saúde, fizera-se frade franciscano...

165 — Parece que o estou a ver...

— Era bonito?

— Se era! Um rapaz na flor da vida, rico... Um dia veio ter comigo
ao órgão: «Olha o que eu fiz», disse-me ele. Era um papel de música.
Abria em ré menor. Pôs-se a tocar, a tocar... Ai, minha rica menina, que
170 música! Mas não me lembra o resto!

E o velho, comovido, repetiu no piano as notas plangentes da *Me-
ditação* em ré menor.

Amélia todo o dia pensou naquela história. De noite veio-lhe uma
grande febre, com sonhos espessos, em que dominava a figura do frade

149: alguma coisa] alguma cousa

173: Amélia todo o dia] Amélia, todo o dia,

espesso e vivo, em que dominava a figura do frade franciscano destacando na sombra do órgão da Sé de Évora. Via os seus olhos profundos, luminosos, a sua face encovada. Tinha sido uma paixão que assim o arrastara para a amargura do convento! E parecia-lhe ver a freira pálida, nos seus hábitos brancos, encostada às grades negras do mosteiro, sacudida pelos prantos do amor! Depois, no longo claustro, a ala dos frades franciscanos caminhava para o escuro coro: ele ia no fim de todos, vagaroso, com o capuz sobre o rosto, arrastando as sandálias, enquanto um grande sino, no ar nublado, tocava o dobre dos finados. Depois viu-o triste na cela, à luz da lâmpada suspensa de um varão de ferro, escrevendo miudamente num papel de música. Depois o sonho alargava-se: era um vasto céu negro, onde duas almas enlaçadas e amantes, com hábitos de convento e um ruído inefável de beijos insaciáveis, giravam, volteavam, levadas por um vento incessante; mas desvaneciam-se como névoas e na vasta escuridão ela via aparecer um grande coração escarlate, em carne viva, de uma cor afogueada, todo trespassado de espadas, — e as gotas de sangue que caíam dele enchiam o céu com uma vasta chuva!

Ao outro dia a febre acalmou. O dr. Gregório tranquilizou a S. Joaneira com uma simples palavra:

— Nada de sustos, minha rica senhora: são os quinze anos da rapariga. Não-de-lhe vir amanhã as vertigens e os enjoos. Depois acabou-se.

A S. Joaneira tinha compreendido.

— Esta rapariga tem o sangue vivo e há-de ter as paixões fortes! disse o velho prático, sorrindo e sorvendo a sua pitada.

Ao outro dia, com efeito, estava quase boa; mas sempre aquela alucinação sonhada lhe ficou na memória, como uma bóia nas vacilações da água.

175: franciscano destacando

175-6: profundos, luminosos, a sua face encovada. Tinha sido uma paixão que assim o arrastara para a amargura do convento! E parecia-lhe ver a

179: o escuro coro: / todos, vagaroso, com

181: finados. Depois viu-o triste na cela, à luz da lâmpada suspensa de um varão de ferro, escrevendo miudamente num papel de música. Depois o sonho alargava-se: era

183: giravam, volteavam,

184: vento incessante; / névoas

185-6: coração escarlate, em carne viva, de uma cor afogueada, todo trespassado de espadas, — e

186-7: céu com uma vasta chuva!

188: O dr. Gregório

190: senhora:

191-3: enjoos. Depois acabou-se. // A S. Joaneira tinha compreendido.

194-5: fortes! disse

195: pitada. // Ao outro dia, com efeito, estava quase boa; mas sempre aquela alucinação sonhada lhe ficou na memória, como uma bóia nas vacilações da água.

175 franciscano, na sombra do órgão da Sé de Évora. Via os seus olhos profundos reluzirem numa face encovada: e, longe, a freira pálida, nos seus hábitos brancos, encostada às grades negras do mosteiro, sacudida pelos prantos do amor! Depois, no longo claustro, a ala dos frades franciscanos caminhava para o coro: ele ia no fim de todos, curvado, com o capuz
180 sobre o rosto, arrastando as sandálias, enquanto um grande sino, no ar nublado, tocava o dobre dos finados. Então o sonho mudava: era um vasto céu negro, onde duas almas enlaçadas e amantes, com hábitos de convento e um ruído inefável de beijos insaciáveis, giravam, levadas por um vento místico; mas desvaneciam-se como névoas, e na vasta escuridão
185 ela via aparecer um grande coração em carne viva, todo trespassado de espadas — e as gotas de sangue que caíam dele enchiam o céu duma chuva escarlate.

Ao outro dia a febre acalmou. O doutor Gouveia tranquilizou a S. Joaneira com uma simples palavra:

190 — Nada de sustos, minha rica senhora, são os quinze anos da rapariga. Não-de-lhe vir amanhã as vertigens e os enjoos... Depois acabou-se. Temo-la mulher.

A S. Joaneira compreendeu.

— Esta rapariga tem o sangue vivo e há-de ter as paixões fortes!
195 acrescentou o velho prático, sorrindo e sorvendo a sua pitada.

Por esse tempo o chantre morreu de repente de uma apoplexia. Foi uma consternação inesperada. Durante dois dias a S. Joaneira, esgadelhada, em saias brancas, chorou, gritou pelos quartos. A sr.^a D. Maria da Assunção, as sr.^{as} Gansosos vieram acalmar, amansar a sua dor com palavras triviais, e a sr.^a D. Josefa Dias resumiu as consolações de todos dizendo:

— Deixa, filha, que te não há-de faltar quem te ampare!

Era então no começo de Setembro e a sr.^a D. Maria da Assunção, que tinha uma casa na praia da Vieira, quis levar a S. Joaneira e Amélia para a estação dos banhos, para ela espalhar, nos bons ares saudáveis e em lugar diferente, aquela dor acumulada.

— É uma esmola que me fazes, dissera a S. Joaneira. Sempre me lembra que era ali que ele punha o guarda-chuva, ali que ele se sentava a ver-me costurar!

— Está bom, está bom, deixa-te disso. Come e bebe, toma os teus banhos e o que lá vai, lá vai. Olha que ele tinha bem os seus sessenta.

— Ah! minha rica, a gente é pela amizade que lhes ganha.

Amélia tinha então quinze anos, mas era alta e tinha já um grande relevo de formas. Foi uma bela aventura para ela a estação na Vieira. A presença do mar deu-lhe uma sensação infável. Não se fartava de estar sentada na areia olhando a monótona cadência da água. Os dias então estavam serenos, cheios de sol, o mar manso. A areia polida reluzia batida da luz a perder de vista.

Como se lembrava bem! Logo pela manhã estava a pé: era à hora do banho: as barracas de lona estavam alinhadas ao comprido da praia; as senhoras, sentadas em pequenas cadeirinhas de pau, embrulhadas nas capas, com as sombrinhas abertas, olhavam o mar; os homens, de sapa-

196-8: o chantre morreu de repente de uma apoplexia. Foi uma consternação inesperada. Durante dois dias a S. Joaneira, esgadelhada,

199: chorou, gritou pelos quartos. A sr.

200: dor com palavras triviais, e

201: de todos

203: Setembro e

204: Vieira, quis

205: saudáveis e

206: dor acumulada.

208: guarda-chuva.

211: banhos

212: — Ah! minha rica, / ganha.

213-4: era alta e tinha já um grande relevo de formas. Foi uma bela aventura

214: Vieira. A presença do mar deu-lhe uma sensação infável. Não

215-8: areia olhando a monótona cadência da água. Os dias então estavam serenos, cheios de sol, o mar manso. A areia polida reluzia batida da luz a perder de vista.

219: pé: era à

220: lona estavam alinhadas

221: em pequenas cadeirinhas de pau, embrulhadas nas capas, com as

Por esse tempo o senhor chantre, uma manhã, depois do seu almoço de açorda, caiu de repente morto com uma apoplexia. Que consternação inesperada para a S. Joaneira! Durante dois dias, esguedelhada, em saias brancas, chorou, gemeu pelos quartos. D. Maria da Assunção, as
200 sr.^{as} Gansosos vieram acalmar, amansar a sua dor; e a sr.^a D. Josefa Dias resumiu as consolações de todas, dizendo:

— Deixa, filha, que te não há-de faltar quem te ampare!

Era então no começo de Setembro; a sr.^a D. Maria da Assunção, que tinha uma casa na praia da Vieira, propôs levar a S. Joaneira e Amélia
205 para a estação dos banhos, para ela espalhar, nos bons ares saudáveis, em lugar diferente, aquela dor.

— É uma esmola que me fazes, dissera a S. Joaneira. Sempre me lembra que era ali que ele punha o guarda-chuva... Ali que ele se sentava a ver-me costurar!

210 — Está bom, está bom, deixa-te disso. Come e bebe, toma os teus banhos, e o que lá vai lá vai. Olha que ele tinha bem os seus sessenta.

— Ah, minha rica! A gente é pela amizade que lhes ganha!

Amélia tinha então quinze anos, mas era já alta e de bonitas formas. Foi uma alegria para ela a estação na Vieira! Nunca vira o mar; e não
215 se fartava de estar sentada na areia, fascinada pela vasta água azul, muito mansa, cheia de sol; às vezes no horizonte passava um fumo delgado de paquete; a monótona e gemente cadência da vaga adormentava-a; e em redor o areal faiscava, a perder de vista, sob o céu azul-ferrete.

220 Como se lembrava bem! Logo pela manhã estava a pé. Era a hora do banho: as barracas de lona alinhavam-se ao comprido da praia; as senhoras, sentadas em cadeirinhas de pau, de sombrinhas abertas, olha-

198: Durante dois] Durante dois

208: guarda-chuva...] guarda-chuva.

tos brancos, estendidos em esteiras, chupavam o cigarro. E o banho! Que alegria! Ela saía da barraca com o seu vestido de lã azul, com a toalha no braço, tiritando um pouco de susto e de frio; tinha-se persignado às escondidas e toda trémula, dando a mão ao banheiro, com passinhos assustados, escorregando na areia, entrava na água, devagar, rompendo a custo a maresia esverdeada que fervia em redor. A onda vinha toda espumante; ela mergulhava e ficava aos saltos, toda sufocada, toda nervosa, cuspiendo a água salgada. E quando saía do mar! Como vinha satisfeita! Arfava, com a toalha pela cabeça, arrastando-se para a barraca, com o vestido todo pesado e encharcado, vermelha, risonha, cheia de reacção, e em redor as vozes amigas perguntavam:

— Então que tal, que tal? Mais fresquinha, hem?

Depois, de tarde, eram os passeios à beira-mar, apanhando conchas: o recolher das redes; a sardinha toda viva ainda, fervendo aos milheiros, luzidia sobre a areia molhada; e as longas perspectivas dos ocasos inflamados, ricamente doirados, sobre a vastidão do mar triste que escurece e geme!

D. Maria da Assunção tinha sido visitada logo ao chegar por um rapaz, filho do sr. Brito de Alcobaça, que era seu parente. Chamava-se Agostinho e era estudante de Direito na Universidade. Era um rapaz baixo, de bigode castanho, uma pequenina pêra, o cabelo comprido deitado para trás e luneta. O sr. Agostinho recitava versos, sabia tocar guitarra, contava anedotas de caloiros, fazia *partidas*, descrevia valentias e era famoso na Vieira, entre os outros homens, por saber conversar com senhoras.

222: mar;

223-5: cigarro. E o banho! Que alegria! Ela saía da

226: de lã azul, com / tiritando um pouco

227: frio;

227-8: trémula, dando a mão ao banheiro, com passinhos assustados, escorregando

228: água, devagar,

229-30: vinha toda espumante; ela mergulhava e ficava aos saltos, toda sufocada, toda nervosa,

230-1: salgada. E

231: mar!

232-3: barraca, com o vestido todo pesado e encharcado, vermelha,

233: reacção, e em redor as

236: beira-mar, apanhando conchas;

237: redes; a / viva ainda, fervendo

238-9: e as longas perspectivas dos ocasos inflamados, ricamente doirados,

239: triste

240: visitada / chegar

241: Alcobaça, que era

241-2: Agostinho e era estudante de

242-3: um rapaz baixo,

243: castanho, uma pequenina pêra, o

244: trás e luneta. O sr. Agostinho

245: *partidas*, descrevia valentias e / os outros homens, por

246: senhoras.

vam o mar, falando; os homens, de sapatos brancos, estendidos em esteiras, chupavam o cigarro, riscavam emblemas na areia; enquanto o poeta Carlos Alcoforado, muito fatal, muito olhado, passeava só, soturno, junto da vaga, seguido do seu Terra-Nova. Ela saía então da barraca com o seu vestido de flanela azul, a toalha no braço, tiritando de susto e de frio: tinha-se persignado às escondidas e toda trémula, agarrada à mão do banheiro, escorregando na areia, entrava na água, rompendo a custo a maresia esverdeada que fervia em redor. A onda vinha espumando, ela mergulhava, e ficava aos saltos, sufocada e nervosa, cuspidando a água salgada. Mas, quando saía do mar, como vinha satisfeita! Arfava, com a toalha pela cabeça, arrastando-se para a barraca, mal podendo com o peso do vestido encharcado, risonha, cheia de reacção; e em redor vozes amigas perguntavam:

— Então que tal, que tal? Mais fresquinha, hem?

Depois, de tarde, eram os passeios à beira-mar, a apanhar conchinhas; o recolher das redes, onde a sardinha toda viva ferve aos milheiros, luzidia sobre a areia molhada; e que longas perspectivas de ocasos ricamente dourados, sobre a vastidão do mar triste, que escurece e geme!

D. Maria da Assunção tinha sido visitada, logo ao chegar, por um rapaz, filho do sr. Brito de Alcobaça, seu parente. Chamava-se Agostinho, ia frequentar o quinto ano de Direito na Universidade. Era um moço delgado, de bigode castanho, pêra, cabelo comprido deitado para trás, e luneta: recitava versos, sabia tocar guitarra, contava anedotas de caloiros, fazia *partidas*, e era famoso na Vieira, entre os homens, «por saber conversar com senhoras».

— O Agostinho, patife! diziam. — É chalaça a esta, chalaça àquela. Lá para sociedade não há outro!

Logo desde os primeiros dias Amélia reparou que os olhos do sr. Agostinho Brito se fitavam constantemente nela, com intenção sentimental. Amélia corava um pouco, fazia trejeitos na cadeira e terminava por olhar para ele. Agostinho torcia a pêra radioso. Um dia em casa da sr.^a D. Maria da Assunção tinham-lhe pedido para recitar.

— Oh, minhas senhoras, isto aqui não é forja de ferreiro, tinha ele dito.

— Ora vá! Não se faça rogado, disseram, insistindo.

— Bem, bem, por isso não nos havemos de zangar.

— *A judia*, Brito, disse o recebedor de Alcobaga.

— Qual *Judia*, disse ele, há-de ser mas há-de ser a *Morena*. — E olhou para Amélia. — Foi uma poesia que fiz ontem.

— Valeu, valeu, disseram todos.

— E eu acompanho, disse um sargento do 6 de caçadores, tomando a guitarra.

Fez-se um silêncio. O sr. Agostinho ergueu-se e com voz grave, deitando o cabelo para trás, ficando a luneta e fitando Amélia:

— À *Morena* de Leiria! disse.

Nascestes nos verdes campos
Onde Leiria é famosa,
Tens a frescura da rosa,
E o teu nome sabe a mel...

— Perdão, disse o recebedor, a sr.^a D. Juliana não está boa.

Era a filha do escrivão de direito de Alcobaga: tinha-se feito muito pálida e, lentamente, desmaiava na cadeira com os braços pendentes, o rosto caído sobre o peito. Cercaram-na, borrifaram-na de água, levaram-

247: diziam. — É

250: nela, com intenção sentimental.

251-3: corava um pouco, fazia trejeitos na cadeira e terminava por olhar para ele. Agostinho torcia a pêra radioso. Um

253: Assunção tinham-lhe pedido

255-6: ferreiro, tinha ele dito.

259: Brito, disse

260: *A judia*. / *Morena*. —

262: valeu, disseram todos.

263: — E eu acompanho,

264: tomando a

265: silêncio. O sr. Agostinho ergueu-se e com voz grave, deitando

265-6: trás, ficando a luneta e

272: — Perdão, disse

273: Alcobaga: / pálida

274: cadeira

274-5: pendentes, o rosto caído sobre o peito. Cercaram-na, borrifaram-na

— O Agostinho, patife! diziam. É chalaça a esta, chalaça àquela. Lá para sociedade não há outro!

250 Logo desde os primeiros dias Amélia reparou que os olhos do sr. Agostinho Brito se fitavam constantemente nela, «pra namoro». Amélia corava muito, sentia o seio alargar-se-lhe dentro do vestido; e admirava-o, achava-o muito «dengueiro».

Um dia em casa da sr.^a D. Maria da Assunção pediram a Agostinho para recitar.

255 — Oh, minhas senhoras, isto aqui não é forja de ferreiro! exclamou ele, jovial.

— Ora vá! Não se faça rogado, disseram, insistindo.

— Bem, bem, por isso não nos havemos de zangar.

— A *Judia*, Brito, lembrou o recebedor de Alcobaça.

260 — Qual *Judia!* disse ele, há-de ser mas há-de ser a *Morena!* — E olhou para Amélia. — Foi uma poesia que fiz ontem.

— Valeu, valeu!

— E cá o rapaz acompanha, disse um sargento do 6 de caçadores, tomando logo a guitarra.

265 Fez-se um silêncio: o sr. Agostinho deitou o cabelo para trás, fincou a luneta, apoiou as duas mãos às costas numa cadeira, e fitando Amélia:

— À *Morena* de Leiria! disse.

Nascestes nos verdes campos
Onde Leiria é famosa,
Tens a frescura da rosa,
E o teu nome sabe a mel...

270

— Perdão! exclamou o recebedor, a sr.^a D. Juliana não está boa...

275 Era a filha do escrivão de direito de Alcobaça; tinha-se feito muito pálida, e, lentamente, desmaiava na cadeira, com os braços pendentes, o queixo sobre o peito. Borrifaram-na de água, levaram-na para o quarto de Amélia; quando

-na para o quarto de Amélia; quando lhe desapertaram o vestido e lhe deram água de Colónia a respirar, saiu do esvaimento, olhou em redor, começaram a tremer-lhe os braços¹ e rompeu a chorar. Fora, os homens, em grupo, comentavam:

— Foi o calor, diziam.

— O calor que ela tinha sei eu, disse o sargento de caçadores.

O sr. Agostinho, calado, torcia o bigode com aspecto contrariado. Por fim todos se despediram e algumas senhoras foram a casa acompanhar a sr.^a D. Juliana. A sr.^a D. Maria da Assunção e a S. Joaneira, embrulhadas nos seus xales, também foram. A noite estava escura, cheia de vento. Um criado levava um lampião e todos caminhavam na areia calados.

— Tudo isto é teu proveito, deixa lá, disse a sr.^a D. Maria da Assunção baixo à S. Joaneira, demorando-se um pouco atrás do grupo.

— Meu?!

— Teu. Pois tu não percebeste? Esta Juliana, em Alcobaça, era namoro do Agostinho. Mas o rapaz aqui anda pelo beicho pela Amélia. A Juliana percebeu; viu-o recitar aqueles versos, olhar para ela, zás!

— Ora essa... disse a S. Joaneira.

— Deixa lá, o Agostinho tem um par de mil cruzados que lhe deixam as tias, que morrem por ele. É um partidão!

Ao outro dia, à hora do banho, a S. Joaneira vestia-se na sua barraca e Amélia, só, sentada na areia, esperava.

— Olá! Sozinha? disse uma voz por detrás dela.

Amélia voltou-se sobressaltada. Era o sr. Agostinho. E ela, calada, começou a riscar a areia com a sua sombrinha. O sr. Agostinho passou

¹ No original: braços.

276-7: deram água de Colónia a respirar, saiu do esvaimento, olhou

278: homens,

280: eu, disse

281: Agostinho, calado, torcia o bigode com aspecto contrariado. Por fim todos se despediram e algumas

282: Juliana. A sra.

283: S. Joaneira, embrulhadas nos seus xales, também foram. A noite estava escura, cheia de vento. Um

284: lampião / areia

285: proveito, deixa lá.

286: atrás do grupo.

287: — Meu?!

288: percebeste? Esta

290: percebeu;

291: essa...

293: tias, que morrem por ele.

294-5: barraca e Amélia, só, sentada na areia, esperava.

296: detrás dela.

297: Amélia voltou-se sobressaltada. Era o sr. Agostinho. E ela, calada, / a sua

298-9: Agostinho passou o pé pela areia para a alisar e escreveu — Amélia. Ela quis

lhe desapertaram o vestido e lhe deram vinagre a respirar, ergueu-se sobre o cotovelo, olhou em redor, começaram a tremer-lhe os beiços e rompeu a chorar. Fora, os homens em grupo, comentavam:

— Foi o calor, diziam.

280 — O calor que ela tinha sei eu... rosnou o sargento de caçadores.

O sr. Agostinho torcia o bigode, contrariado. Algumas senhoras foram a casa acompanhar a sr.^a D. Juliana. D. Maria da Assunção e a S. Joaneira, atabafadas nos seus xales, iam também. Havia vento, um criado levava um lampião, e todos caminhavam na areia, calados.

285 — Tudo isto é teu proveito, disse a sr.^a D. Maria da Assunção baixo à S. Joaneira, demorando-se um pouco atrás.

— Meu!?

290 — Teu. Pois tu não percebeste? A Juliana, em Alcobaça, era namoro do Agostinho. Mas o rapaz aqui anda pelo beiço pela Amélia. A Juliana percebeu, viu-o recitar aqueles versos, olhar para ela, zás!

— Ora essa!... disse a S. Joaneira.

— Deixa lá, o Agostinho tem um par de mil cruzados que lhe deixam as tias. É um partidão!

295 Ao outro dia, à hora do banho, a S. Joaneira vestia-se na sua barraca, e Amélia, sentada na areia, esperava, pasmada para o mar.

— Olá! Sozinha? disse uma voz por detrás.

Era Agostinho. Amélia, calada, começou a riscar a areia com a sombrinha. O sr. Agostinho suspirou, alisou outro pedaço de areia com o

277: beiços] beiços.

280: eu...] eu.

o pé pela areia para a alisar e escreveu — Amélia. Ela quis apagar com a mão.

— Então! disse ele. — E debruçando-se para ela: — É o nome da Morena, bem vê. *O seu nome sabe a mel!*

Ela sorriu:

— Ande, que fez ontem desmaiar aquela pobre Juliana, disse.

— Ora! Importa-me a mim bem com ela! Estou farto daquele estafermo. Então que quer? Eu sou assim. Tanto digo que me não importo com ela, como digo que há uma pessoa por quem daria tudo... Eu sei...

— Quem é? É a sr.^a D. Bernarda?

Era uma velha hedionda, viúva de um coronel.

— É, disse ele rindo. É justamente por quem eu ando apaixonado é pela D. Bernarda.

— Ah! O senhor anda apaixonado! disse ela devagar, com os olhos baixos, riscando sempre a areia.

— Diga-me uma coisa, está a mangar comigo? disse Agostinho puxando uma pequena cadeira e sentando-se ao pé dela.

Amélia pôs-se de pé.

— Não quer que eu me sente ao pé de si? perguntou ele.

— Eu é que estava cansada de estar sentada.

Calaram-se um momento.

— Já tomou banho? disse ela.

— Já, disse Agostinho chupando o cigarro.

— Estava frio hoje?

— Estava.

As palavras de Brito eram secas e enfatiadas.

— Zangou-se? disse ela, aproximando-se dele, sorrindo, com a sua voz doce.

Agostinho ergueu os olhos e vendo o rosto de Amélia fresco, apetitoso, envolvido na manta branca de lã, disse com grande veemência:

300: ele. — E debruçando-se para ela:

301: *mel!*

303: — Ande.

304-5: estafermo.

305: Eu sou

306: quem daria

310: apaixonado

313: riscando sempre

314: comigo? disse

315: uma pequena cadeira e sentando-se ao pé

317: ele.

321: — Já, disse Agostinho chupando o cigarro.

324: de Brito eram secas e enfatiadas.

325-6: ela, aproximando-se dele, sorrindo, com a sua voz doce.

327-8: olhos e vendo o rosto de Amélia fresco, apetitoso, envolvido na manta branca de lã, disse com grande

pé, escreveu — AMÉLIA. Ela, muito vermelha, quis apagar com a mão.

300 — Então! disse ele. E debruçando-se, baixo: — É o nome da *Morena*, bem vê. *O seu nome sabe a mel!*...

Ela sorriu:

— Ande que fez ontem desmaiar aquela pobre Juliana, disse.

305 — Ora! Importa-me a mim bem com ela! Estou farto daquele estafermo! Então que quer? Eu cá sou assim. Tanto digo que me não importo com ela, como digo que há uma pessoa por quem dava tudo... Eu sei...

— Quem é? É a sr.^a D. Bernarda?

Era uma velha hedionda, viúva de um coronel.

310 — É, disse ele rindo. É justamente por quem eu ando apaixonado, é pela D. Bernarda.

— Ah! O senhor anda apaixonado! disse ela devagar, com os olhos baixos, riscando a areia.

315 — Diga-me uma coisa, está a mangar comigo? exclamou Agostinho puxando uma cadeirinha, sentando-se junto dela.

Amélia pôs-se de pé.

— Não quer que eu me sente ao pé de si? perguntou ele ofendido.

— Eu é que estava cansada de estar sentada.

Calaram-se um momento.

320 — Já tomou banho? disse ela.

— Já.

— Estava frio hoje?

— Estava.

As palavras de Agostinho eram agora muito secas.

325 — Zangou-se? disse ela docemente, pondo-lhe de leve a mão no ombro.

Agostinho ergueu os olhos, e vendo o bonito rosto trigueiro, todo risonho, exclamou com veemência:

314: uma coisa,] uma cousa.

314-5: Agostinho] Agostinho,

317: ele] ele,

327: risonho,] risinho, —

— Estou mesmo doido por si!

— Chut!... disse ela.

A mãe de Amélia, levantando o pano da barraca, saía embrulhada na capa, com o lenço amarrado na cabeça.

Agostinho ergueu-se e a S. Joaneira adiantou-se.

— Então vem mais fresquinha? perguntou ele, tomando um ar risonho.

— Estava por aqui? disse a S. Joaneira aconchegando a capa.

— Vim dar uma vista de olhos. E agora toca ao almocinho, hem? disse Agostinho.

— Se é servido, disse ela.

E as duas afastaram-se em direcção a casa.

Desde então Agostinho seguia sempre Amélia, de manhã no banho, de tarde à beira-mar. Apanhava-lhe conchas, búzios e tinha-lhe feito outros versos — *O sonho*. — Uma estrofe era significativa:

Senti-te contra o meu peito
Tremor, palpitar, ceder...

Ela guardara-os com grande comoção e repetia-os de noite, aconchegando-se à roupa da cama e suspirando.

No entanto Outubro findava. As férias tinham acabado: Agostinho devia voltar a Coimbra. Uma noite o alegre rancho da sr.^a D. Maria da Assunção e das amigas tinham ido dar pela praia um passeio ao luar. À volta, porém, erguera-se vento, nuvens pesadas e escuras corriam melancolicamente, o céu nublou-se, escureceu, caíram gotas de água. Estavam então ao pé de um pequeno pinheiral escuro e cerrado, abrigaram-se ali um momento. Agostinho tinha tomado Amélia pelo braço, e, rindo, tinha-a levado para longe dos outros, na escuridão; e ali, enquanto ela se encolhia contra um tronco de pinheiro:

331-2: saía embrulhada na capa, com o

333-4: Agostinho ergueu-se e a S. Joaneira adiantou-se. // — Então vem mais fresquinha? perguntou ele, tomando um ar risonho.

335: aqui? disse a S. Joaneira aconchegando a capa.

336: hem? disse Agostinho.

337-9: servido, disse ela. // E as duas afastaram-se em direcção a casa. // Desde então Agostinho

340: beira-mar. Apanhava-lhe conchas, búzios e

340-1: versos — *O sonho*. — Uma estrofe era significativa:

344-5: Ela guardara-os com grande comoção e repetia-os de noite, aconchegando-se à roupa da cama e suspirando.

346: No entanto Outubro findava. As férias tinham acabado: Agostinho devia voltar a Coimbra. Uma

347: amigas tinham ido dar pela praia

348-9: pesadas e escuras corriam melancolicamente, o céu nublou-se, escureceu, caíram

349: então ao pé de

349-53: pinheiral [...] um tronco de pinheiro:

— Estou mesmo doido por si!

330 — Chut!... disse ela.

A mãe de Amélia, levantando o pano da barraca, saía, muito abafada, de lenço amarrado na cabeça.

— Mais fresquinha, hem? perguntou logo Agostinho, tirando o chapéu de palha.

335 — Estava por aqui?

— Vim dar uma vista de olhos. E agora toca ao almocinho, hem?

— Se é servido... disse a S. Joaneira.

Agostinho, muito galante, ofereceu o braço à mamã.

340 E desde então seguia sempre Amélia, de manhã no banho, de tarde à beira-mar; apanhava-lhe conchas; e tinha-lhe feito outros versos — o *Sonho*. Uma estrofe era violenta:

Senti-te contra o meu peito

Tremer, palpitar, ceder...

345 Ela murmurava-os com grande comoção, de noite, suspirando, abraçando o travesseiro.

Outubro findava, as férias tinham acabado. Uma noite o alegre rancho da sr.^a D. Maria da Assunção e das amigas fora dar um passeio ao luar. À volta, porém, erguera-se vento, nuvens pesadas empastaram o céu, caíram gotas de água. Estavam então junto a um pequeno pinheiral, e as senhoras, aos gritinhos, quiseram abrigar-se. Agostinho, com Amélia pelo
350 braço, rindo alto, foi penetrando longe dos outros na espessura; e então, sob o monótono e gemente rumor das ramas, disse-lhe baixo, cerrando os dentes:

329: mesmo doido] mesmo doudo

340-1: o *Sonho*] *O sonho*

— Estou doido por si! disse-lhe ele.

— Creio lá nisso, respondeu ela baixinho.

Mas Agostinho tomando um tom grave:

— Sabe? Talvez eu tenha de me ir amanhã embora.

— Vai-se? disse ela.

— Talvez; não sei ainda.

— Vai-se... murmurou Amélia.

Ficaram calados.

Ele tomou-lhe a mão, ela deixou, passivamente.

— Escreva-me, disse Agostinho.

— E a mim escreve-me? disse ela.

Agostinho lançou-lhe o braço à cinta e atraindo-a fortemente, encheu-a de beijos pelo rosto, pelos ombros, pelo cabelo.

— Deixe-me! Deixe-me! dizia ela sufocada.

E desprendendo-se deitou a correr para junto da mãe.

Ao outro dia, com efeito, o sr. Agostinho partiu. Vieram as primeiras chuvas e dentro em pouco Amélia, a mãe, a sr.^a D. Maria da Assunção voltaram também para Leiria.

Passaram dois meses, e um dia, em casa da S. Joaneira, a sr.^a D. Maria da Assunção deu parte que Agostinho Brito, segundo lhe escreviam de Alcobaça, tinha o casamento justo com a menina do Vimeiro.

— Cáspite! tinha dito a sr.^a D. Joaquina Gansoso, apanha nada menos que os seus trinta contos! Olha o meco!

E mesmo ali diante de todos Amélia desatou a chorar.

Amélia amava Agostinho: achava-o bonito, admirava-o recitando à guitarra, conversando, e não podia esquecer aqueles beijos de noite no pinheiral cerrado; relia os versos que lhe fizera, recordava as suas palavras, revivia aqueles meses radiosos da Vieira, e as lágrimas voltavam com uma amargura veemente.

354: por si! disse-lhe ele.

355: nisso, respondeu ela baixinho.

356: Agostinho tomando um

357: — Sabe?

358: — Vai-se? disse ela.

359-62: ainda. // — Vai-se... murmurou Amélia. // Ficaram calados. // Ele tomou-lhe a mão, ela deixou, passivamente. // — Escreva-me, disse Agostinho.

364-5: Agostinho lançou-lhe o braço à cinta e atraindo-a fortemente, encheu-a de beijos pelo rosto, pelos ombros, pelo cabelo.

366-71: sufocada. // E desprendendo-se deitou a correr para junto da mãe.

373: chuvas e dentro em pouco Amélia,

374: voltaram também

375-6: Passaram dois meses, e

376: S. Joaneira, a sra.

377: que Agostinho

379: — Cáspite! tinha dito a sra.

381: E mesmo ali diante / Amélia desatou

382: Amélia amava Agostinho: achava-o bonito, admirava-o recitando à guitarra, conversando, e

383: cerrado; [...] Decidiu que

383-4: alegria. Veio-lhe a lembrança daquele frade de que lhe falara o Tio Cezarinho.

— Estou doido por ti, filha!

355 — Creio lá nisso! murmurou ela.

Mas Agostinho, tomando subitamente um tom grave:

— Sabes? Talvez eu tenha de me ir amanhã embora.

— Vai-se?

— Talvez; não sei ainda. Além de amanhã é a matrícula.

360 — Vai-se... suspirou Amélia.

Ele então tomou-lhe a mão, apertou-lha com furor:

— Escreve-me! disse.

— E a mim escreve-me? disse ela.

365 Agostinho agarrou-a pelos ombros e machucou-lhe a boca de beijos vorazes.

— Deixe-me! Deixe-me! dizia ela sufocada.

De repente teve um gemido doce como um arrulho de ave, e abandonava-se — quando a voz aguda de D. Joaquina Gansoso gritou:

— Há uma aberta. É andar! É andar!

370 E Amélia, desprendendo-se, atarantada, correu a agachar-se sob o guarda-chuva da mamã.

Ao outro dia, com efeito, o sr. Agostinho partiu. Vieram as primeiras chuvas, e dentro em pouco também Amélia, a mãe, a sr.^a D. Maria da Assunção voltaram para Leiria.

375 Passou o Inverno.

É um dia, em casa da S. Joaneira, D. Maria da Assunção deu parte que o Agostinho Brito, segundo lhe escreviam de Alcobaça, tinha o casamento justo com a menina do Vimeiro.

380 — Cáspite! exclamou D. Joaquina Gansoso, apanha nada menos que os seus trinta contos! Olha o meco!

E diante de todos Amélia rompeu a chorar.

Amava Agostinho; e não podia esquecer aqueles beijos de noite no pinheiral cerrado. Pareceu-lhe então que não tornaria a ter alegria! Ainda

354: — Estou doido] — Estou doido

364: ombros] ombros,

367: repente] repente.

Começou então a exagerar com grande sensibilidade a sua desgraça. Decidiu que não tornaria a ter alegria. Veio-lhe a lembrança daquele frade de que lhe falara o *Tio Cegonha*, que por amor se escondera na desolação de um convento. Começou a pensar em ser freira, a comparar-se àquele monge namorado. Deu-se a uma grande devoção: lia todo o dia livros de rezas, encheu as paredes do quarto de litografias coloridas de santos; passava longas horas na igreja, acumulando salve-rainhas, suplicando à Senhora da Encarnação que lhe valesse na sua tristeza. Ouvia todos os dias missa, comungava todas as semanas.

Lentamente, porém, com o tempo, a lembrança de Agostinho tinha-se desvanecido; já nem se recordava com nitidez da sua fisionomia. Mas no seu espírito vazio a devoção tinha-se estabelecido, tornara-se a ocupação, o fim da sua vida. Foi por esse tempo que o cônego Dias e sua irmã, a sr.^a D. Josefa Dias, começaram a frequentar a casa da S. Joaneira. Dentro em pouco o cônego tornou-se habitual. Vinha jantar regularmente duas vezes por semana. Depois do almoço era certo com a sua cadelinha e tomava para si as antigas horas do chantre.

— Tenho-lhe muita amizade, faz-me muito bem, dizia a S. Joaneira. Mas o sr. chantre, não há dia nenhum que me não lembre dele.

A irmã do cônego, que vivia exclusivamente para a Igreja, tornara-se a amiga íntima da S. Joaneira; tinham organizado ambas a *Associação das Servas da Senhora da Piedade*. A sr.^a D. Maria da Assunção e as Gansosos pertenciam também.

A casa da S. Joaneira tornara-se então um centro eclesiástico. Parte dos cônegos, o novo chantre, frequentavam-na. Havia imagens de santos na sala do jantar e na cozinha. As criadas eram examinadas em doutrina antes de serem aceitas. Ali faziam-se as reputações. Se se dizia de uma mulher, de um homem: *não é temente a Deus*, todas aquelas beatas se

385: na desolação de um convento.

385-8: freira, a comparar-se àquele monge namorado. Deu-se a uma grande devoção: lia

388: rezas,

390: salve-rainhas, suplicando à Senhora da Encarnação que lhe valesse na sua tristeza. Ouvia

391: missa, comungava

391-3: semanas. [...] da sua vida. Foi

395: tornou-se habitual. Vinha jantar regularmente duas vezes por semana. Depois

396: cadelinha e tomava para si as antigas horas do chantre.

398: o sr. chantre, / dele.

399: cônego, que vivia exclusivamente para a Igreja, tornara-se a amiga íntima da S. Joaneira; tinham organizado ambas a

400-4: Assunção e as Gansosos pertenciam também. // A casa da S. Joaneira tornara-se então um centro eclesiástico. Parte

404-5: chantre, frequentavam-na.

405: sala do

405-6: criadas eram

407: Ali faziam-se as reputações. / de uma mulher, de um homem:

408: Deus, todas aquelas beatas se julgavam no direito de os

lembrada daquele moço da história do *Tio Cegonha*, que por amor se es-
385 condera na solidão de um convento, começou a pensar em ser freira: deu-
se a uma forte devoção, manifestação exagerada das tendências que des-
de pequenina as convivências de padres tinham lentamente criado na sua
natureza sensível; lia todo o dia livros de rezas; encheu as paredes do
390 quarto de litografias coloridas de santos; passava longas horas na igreja,
acumulando salve-rainhas à Senhora da Encarnação. Ouvia todos os dias
missa, quis comungar todas as semanas — e as amigas da mãe achavam-
na «um modelo, de dar virtude a incrédulos!»

Foi por esse tempo que o cônego Dias e sua irmã, a sr.^a D. Josefa
Dias, começaram a frequentar a casa da S. Joaneira. Dentro em pouco o
395 cônego tornou-se o «amigo da família». Depois do almoço era certo com
a sua cadelinha, como outrora o chantre com o seu guarda-chuva.

— Tenho-lhe muita amizade, faz-me muito bem, dizia a S. Joaneira.
Mas o senhor chantre não há dia nenhum que me não lembre dele!

A irmã do cônego tinha então organizado com a S. Joaneira a
400 *Associação das Servas da Senhora da Piedade*. A sr.^a D. Maria da As-
sunção, as Gansosos «filiaram-se»; e a casa da S. Joaneira tornou-se um
centro eclesiástico. Foi esse o momento melhor da vida da S. Joaneira;
«a Sé», como dizia com tédio o Carlos da Botica, «era agora na Rua da
Misericórdia». Parte dos cônegos, o novo chantre vinham todas as sextas-
405 -feiras. Havia imagens de santos na sala de jantar e na cozinha. As cria-
das, por escrúpulo, eram examinadas em doutrina antes de serem aceitas.
Ali muito tempo fizeram-se as reputações: se se dizia de um homem —
não é temente a Deus, havia o dever de o desacreditar santamente. As

398: chantre] chantre,

407: homem —] homem:

julgavam no direito de os desacreditar santamente. As nomeações de sineiros, coveiros, serventes de sacristia, faziam-se ali por intrigas subtis e palavras piedosas. Tinham tomado um certo vestuário entre o preto e o roxo e toda a casa cheirava a cera e a incenso.

A S. Joaneira, mesmo, monopolizara o comércio das hóstias.

Assim passaram anos. Com esta educação a devoção de Amélia afirmava-se; tinha, porém, tomado um carácter mais exterior. Amélia tinha então vinte anos: era forte, de um sangue vivo e activo; tinha um temperamento voluptuoso e impressionável. Tornara-se alegre; nos seus beiços rubros e cheios havia sempre uma risada pronta; os livros piedosos faziam-na bocejar; as longas rezas, a devoção solitária, interior, humilde fatigavam-na. Começou a amar na religião e na Igreja o aparato, a solenidade, a festa; as belas missas cantadas ao órgão, as capas recamadas de ouro reluzindo entre os tocheiros doirados, o altar-mor na glória das flores cheirosas, o roçar das correntes dos incensadores de prata, os uníssonos que rompem briosamente no coro na alegria das aleluias. Era esse o seu luxo, a sua voluptuosidade, a sua ópera. Além disso a Sé aparecia-lhe pela convivência e intimidade de tantos padres como uma casa sua. Sentia-se bem ali. Nos domingos de missa gostava de se vestir, de se enfeitar, de se perfumar de água de Colónia e de se ir aninhar sobre o tapete do altar-mor, sorrindo ao padre Brito ou ao cônego Saldanha. Mas não lhe agradavam menos as melancolias do culto: a triste devoção da Quaresma, os lutos da Paixão, o desolado e saudoso toque de finados excitavam-lhe a sensibilidade nervosa, davam-lhe uma romanesca tristeza; em certos dias enevoados punha-se pela casa a cantar a velha melodia do *Santíssimo* ou o toque da *Agonia*. E sentia-se feliz em estar triste, ter uma indefinida saudade, em que havia alguma coisa de amoroso. Mas o que mais a revolia era o culto triunfante, sonoro, cantado, reluzente de bordados, todo palpitante de luzes. O que lamentava era que a Sé fosse construída numa ampla estrutura de pedra de um estilo frio e claustral: queria uma igreja pequenina, doirada, tapetada, forrada de papel, iluminada a gás, com cortinas de seda. E uma coisa que a desgostava era que os padres ordinariamente fossem feios, porque para a beleza harmónica da religião os belos paramentos deviam reluzir sobre esbeltas figuras pálidas.

409: sacristia, faziam-se ali

411: roxo e

411-2: incenso. // A S. Joaneira,

413-21: anos. [...] festa; as

422: de ouro / tocheiros doirados,

424-6: no coro [...] Nos domingos

426-7: vestir, de se enfeitar, de se perfumar de água de Colónia e

428-34: Saldanha. [...] construída numa ampla

434: pedra de um estilo frio e claustral:

435: pequenina, doirada,

436-7: gás, [...] figuras pálidas.

nomeações de sineiros, coveiros, serventes de sacristia arranjavam-se ali
410 por intrigas subtis e palavras piedosas. Tinham tomado um certo vestuário entre o preto e o roxo; toda a casa cheirava a cera e a incenso; e a S. Joaneira, mesmo, monopolizara o comércio das hóstias.

Assim passaram anos. Pouco a pouco, porém, o grupo devoto dispersou-se: a ligação do cônego Dias e da S. Joaneira, muito comentada,
415 afastou os padres do cabido; o novo chantre morrera de apoplexia também — como era de tradição naquela diocese, fatal aos chantres; e já não eram divertidos os *quinos* das sextas-feiras. Amélia mudara muito; crescera: fizera-se uma bela moça de vinte e dois anos, de olhar aveludado, beijos muito frescos — e achava a sua paixão pelo Agostinho uma «ton-
420 tice de criança». A sua devoção subsistia, mas alterada: o que amava agora na religião e na Igreja era o aparato, a festa — as belas missas cantadas ao órgão, as capas recamadas de ouro, reluzindo entre os tocheiros, o altar-mor na glória das flores cheirosas, o roçar das correntes dos incensadores de prata, os uníssonos que rompem briosamente no coro das
425 aleluias. Tomava a Sé como a sua Ópera: Deus era o seu luxo. Nos domingos de missa gostava de se vestir, de se perfumar com água-de-colônia, de se ir aninhar sobre o tapete do altar-mor, sorrindo ao padre Brito ou ao cônego Saldanha. — Mas em certos dias, como dizia a mãe, «murchava»: voltavam então os abatimentos de outrora, que a amarelavam,
430 lhe punham duas rugas velhas ao canto dos lábios: tinha nessas ocasiões horas duma vaga saudade parva e mórbida, em que só a consolava cantar pela casa o *Santíssimo* ou as notas lúgubres do toque da *Agonia*. Com a alegria voltava-lhe o gosto do culto alegre — e lamentava então que a Sé fosse uma ampla estrutura de pedra dum estilo frio e jesuítico: queria
435 uma igreja pequenina, muito dourada, tapetada, forrada de papel, iluminada a gás; e padres bonitos oficiando a um altar ornado como uma *étagère*.

418: e dois] e deus

433: alegre —] alegre, —

Foi por esse tempo que ela conheceu João Eduardo, no dia da procissão de *Corpus Christi*. Era em casa do tabelião Nunes Ferral, onde o sr. João Eduardo era escrevente. Amélia, a mãe, a sr.^a D. Josefa Dias tinham ido ver dali a procissão. João Eduardo estava lá, correctamente vestido de preto, sério e calado. Havia muito que Amélia o conhecia, mas naquela tarde reparou na sua fisionomia simpática, na brancura da sua pele, na gravidade com que ajoelhava, na frescura dos seus dentes.

À noite o tabelião deu um chá. A filha mais velha sentou-se ao piano e tocou com um brio estridente uma mazurca francesa. João Eduardo aproximou-se de Amélia:

— Ai, eu não danço! disse ela com ar seco.

João Eduardo não dançou também e foi encostar-se a uma ombreira com a mão na abertura do colete e com os olhos fitos em Amélia. Amélia via-o, sorria, desviava o rosto, mas estava contente. Por fim ao pé dela houve uma cadeira vazia. João Eduardo veio sentar-se. Ela fez-lhe o lugar acomodando o vestido. O escrevente embaraçado torcia o bigode com uma das mãos no bolso. Por fim Amélia voltando-se para ele:

— Então o senhor não dança também?

— E a sr.^a D. Amélia? disse ele baixo.

Ela inclinou-se para trás e batendo nas pregas do vestido:

— Ai! Eu estou velha para estes divertimentos, sou uma pessoa séria.

— Nunca se ri? perguntou ele, querendo pôr na voz uma intenção fina.

— Às vezes rio quando há de quê, disse ela olhando para ele.

— De mim, por exemplo.

— De si?! Ora essa! Está a caçoar comigo? Por que me hei-de eu rir do senhor? Boa!... Então o senhor que tem que faça rir? — E agitava o seu leque de seda preta.

438: Foi por esse tempo que ela conheceu

439: *Christi*. Era / onde o sr. João Eduardo

440-2: ver dali a procissão. João Eduardo estava lá, correctamente vestido de preto, sério e calado.

443: conhecia.

443-4: tarde reparou na sua fisionomia simpática, na brancura da sua pele, na

444-5: ajoelhava, na frescura dos seus dentes.

446-8: noite o tabelião deu um chá. A filha mais velha sentou-se ao piano e tocou com um

451: danço! disse ela com

452: também e

453: colete e com

453-4: Amélia. Amélia via-o, sorria, desviava

454-7: contente. [...] Por fim

460: trás e

462: ele, querendo pôr

463: ela olhando para ele.

465: si?! / comigo? Por que

Fizera vinte e três anos quando conheceu João Eduardo, no dia da procissão de *Corpus Christi*, em casa do tabelião Nunes Ferral, onde ele
 440 era escrevente. Amélia, a mãe, a sr.^a D. Josefa Dias tinham ido ver a procissão da bela varanda do tabelião, guarnecida de colchas de damasco amarelo. João Eduardo estava lá, modesto, sério, todo vestido de preto. Havia muito que Amélia o conhecia; mas naquela tarde, reparando na brancura da sua pele e na gravidade com que ajoelhava, pareceu-lhe
 445 «muito bom rapaz».

À noite, depois do chá, o gordalhufo Nunes, de colete branco, foi pela sala exclamando, entusiasmado, com a sua voz de grilo: — É tirar pares, é tirar pares! — enquanto a filha mais velha ao piano tocava com brio estridente uma mazurca francesa. João Eduardo aproximou-se de
 450 Amélia:

— Ai, eu não danço!... disse ela logo com ar seco.

João Eduardo não dançou também, foi encostar-se a uma ombreira com a mão na abertura do colete, os olhos fitos em Amélia. Ela percebia, desviava o rosto, mas estava contente; e quando João Eduardo, ven-
 455 do uma cadeira vazia, veio sentar-se ao pé dela, Amélia fez-lhe logo lugar acomodando os folhos de seda, agradada. O escrevente, embaraçado, torcia o bigode com a mão trémula. Por fim Amélia voltando-se para ele:

— Então o senhor não dança também?

— E a sr.^a D. Amélia? disse ele baixo.

460 Ela inclinou-se para trás, e batendo nas pregas do vestido:

— Ai! Eu estou velha para estes divertimentos, sou uma pessoa séria.

— Nunca se ri? perguntou ele, pondo na voz uma intenção fina.

— Às vezes rio quando há de quê, disse ela olhando-o de lado.

— De mim, por exemplo.

465 — De si!? Ora essa! Está a caçoar comigo? Porque me hei-de eu rir do senhor? Boa!... Então o senhor que tem que faça rir? — E agitava o seu leque de seda preta.

451: danço!...] danço!

465: si??] si??

Ele calou-se procurando as ideias, as delicadezas.

— Então sério, sério, não dança?

— Já lhe disse que não. Ai, que é tão perguntador, disse ela rindo.

— É porque me interesso por si.

— Ora, deixe lá! disse ela fazendo um indolente gesto de negativa.

— Palavra!

Mas a sr.^a D. Josefa Dias aproximou-se a falar com Amélia. João Eduardo levantou-se.

À saída Amélia estava no corredor com as outras pondo os agasalhos. João Eduardo de chapéu na mão aproximou-se dela:

— Cubra-se bem, não apanhe frio.

— Então continua a interessar-se por mim? disse ela apertando em redor do pescoço as pontas da sua manta de lã.

— O mais possível, creia.

Duas semanas depois veio a Leiria uma companhia ambulante de *zarzuella*¹. Falava-se muito da contralto a Gamacho. Na segunda noite representavam *Marina*. A sr.^a D. Maria da Assunção tinha alugado um camarote, levou a S. Joaneira e Amélia — que duas noites antes estivera costurando, com uma pressa comovida, um vestido de cassa todo florido de laços de seda azul. João Eduardo não se fartou nessa noite de a olhar, de a desejar — enquanto a Gamacho, empastada de pó-de-arroz, sob a sua mantilha valenciana, vibrando com uma graça decrépita o seu leque de lentejoilas, garganteava com uma voz aguda. À saída veio cumprimentá-la, ofereceu-lhe o braço até à Rua da Misericórdia; a S. Joaneira, a sr.^a D. Maria da Assunção vinham atrás com o tabelião Nunes.

— Então gostou da Gamacho, sr. João Eduardo?

— A falar-lhe a verdade nem sequer reparei nela, respondeu ele com uma intenção.

¹ *zarzuella*: conforme o original.

468: calou-se

470: perguntador, disse ela rindo.

474-5: Dias aproximou-se a falar com Amélia. João Eduardo levantou-se.

476-7: saída Amélia estava no corredor com as outras pondo os agasalhos. João Eduardo de chapéu na mão aproximou-se dela:

478: frio.

483: contralto a Gamacho. Na segunda noite representavam *Marina*. A

484: tinha alugado

486-7: Eduardo não se fartou nessa noite de a olhar, de a desejar — enquanto

487: pó-de-arroz.

488-90: o seu leque de lentejoilas, garganteava com uma voz aguda. À

490: cumprimentá-la, ofereceu-lhe

491: Misericórdia; / Assunção vinham

494: nela, respondeu ele com uma intenção.

Ele calou-se, procurando as ideias, as delicadezas.

— Então sério, sério, não dança?

470 — Já lhe disse que não. Ai, que é tão perguntador!

— É porque me interessa por si.

— Ora, deixe lá! disse ela fazendo um indolente gesto de negativa.

— Palavra!

475 Mas a sr.^a D. Josefa Dias, que os vigiava, aproximou-se, de testa muito franzida — e João Eduardo levantou-se, intimidado.

À saída, quando Amélia no corredor punha os seus agasalhos, João Eduardo veio dizer-lhe, de chapéu na mão:

— Cubra-se bem, não apanhe frio!

480 — Então continua a interessar-se por mim? disse ela apertando em redor do pescoço as pontas da sua manta de lã.

— O mais possível, creia.

485 Duas semanas depois veio a Leiria uma companhia ambulante de *zarzuela*. Falava-se muito da contralto, a Gamacho. A sr.^a D. Maria da Assunção tinha um camarote, levou a S. Joaneira e Amélia — que duas noites antes estivera costurando, com uma pressa comovida, um vestido de cassa todo florido de laços de seda azul. João Eduardo na plateia — enquanto a Gamacho, empastada de pó-de-arroz sob a sua mantilha valenciana, vibrando com uma graça decrépita o leque de lentejoulas, garganteava malaguenhas agudas — não se fartou de contemplar, de desejar Amélia. À saída veio cumprimentá-la, oferecer-lhe o braço até à Rua da Misericórdia: a S. Joaneira, a sr.^a D. Maria da Assunção seguiam atrás com o tabelião Nunes.

490 — Então gostou da Gamacho, sr. João Eduardo?

— A falar-lhe a verdade nem sequer reparei nela.

475: franzida —] franzida.

— Então que fez?

— Olhei para si, respondeu ele resolutamente.

E então tinha-lhe dito a sua paixão, os seus pensamentos sempre poisados nela, o seu desejo de a ver todos os dias de perto e certas esperanças.

Ela interrompeu, a voz tremia-lhe um pouco:

— Onde vem a mamã? — E parada, olhava para trás.

— Deixe lá a mamã.

E João Eduardo, falando-lhe baixo, todo inclinado para ela, tinha-lhe tomado a mão com uma pressão terna, sentimental. Amélia estava nervosa da música, da noite de teatro; o ar estava quente, no céu negro havia uma vasta cintilação de estrelas, o calor do Verão punha no seu sangue uma agitação apaixonada. Abandonou a mão passivamente, e quando João Eduardo lhe perguntou baixinho:

— Não me detesta, não é verdade?

— Bem ao contrário, respondeu ela baixo, e apertou a mão de João Eduardo, pesando sobre o ombro dele com um lânguido sentimento.

Mas dias depois, quando conheceu mais João Eduardo, quando pôde falar livremente com ele, reconheceu que lhe não tinha amor. Ao pé dele sentia pouco. Estimava-o, achava-o simpático, *bom rapaz*, poderia ser um bom marido; mas sentia dentro em si como um grande sono do coração.

No entanto o escrevente ia a casa da S. Joaneira quase todas as noites. A S. Joaneira estimava-o pela sua seriedade, pelo seu amor ao trabalho, pela sua honradez. Mas Amélia começava a mostrar-se reservada. Esperava-o à janela pela manhã quando ele passava, sorria-lhe, bordara-lhe uma carteira, olhava para ele muitas vezes durante a noite, escrevera-lhe dois bilhetes curtos; mas tudo friamente, sem exaltação, para o não descontentar, para ter uma ocupação, um pequeno interesse amoroso.

497: E então tinha-lhe dito a sua paixão, os seus pensamentos sempre poisados nela, o seu desejo de a ver todos os dias de perto e certas esperanças. // Ela interrompeu, a voz tremia-lhe um pouco:

498: mamã? — E parada, olhava para trás.

499-503: mamã. // E João Eduardo, falando-lhe baixo, todo inclinado para ela, tinha-lhe tomado a mão com uma pressão terna, sentimental. Amélia

503-10: música, [...] Mas dias depois,

511-2: reconheceu que lhe não tinha amor. Ao pé dele sentia pouco. Estimava-o,

512: *bom rapaz*.

513-4: si como um grande sono do coração. // No entanto o escrevente ia a casa da S. Joaneira quase

515: estimava-o pela sua seriedade, pelo seu amor ao trabalho, pela

516: Amélia começava a mostrar-se reservada. Esperava-o

517-9: passava, [...] um pequeno interesse

- 495 — Então que fez?
— Olhei para si, respondeu ele resolutamente.
Ela parou imediatamente, disse com a voz um pouco alterada:
— Onde vem a mamã?
— Deixe lá a mamã!
- 500 E João Eduardo, então, falando-lhe junto do rosto, disse-lhe «a sua grande paixão». Tomou-lhe a mão, repetia todo perturbado:
— Gosto tanto de si! Gosto tanto de si!
Amélia estava nervosa da música do teatro; a noite quente de Ve-
rão, com a sua vasta cintilação de estrelas, tornava-a toda lânguida. Aban-
505 donou a mão, suspirou baixinho.
— Gosta de mim, não é verdade? perguntou ele.
— Sim, respondeu ela — e apertou os dedos de João Eduardo, com paixão.
- Mas, como ela pensou, «fora decerto um fogacho» — porque, dias
510 depois, quando conheceu mais João Eduardo, quando pôde falar livremente com ele, reconheceu que «não tinha nenhuma inclinação pelo rapaz». Estimava-o, achava-o simpático, bom moço; poderia ser um bom marido; mas sentia dentro em si o coração adormecido.
- O escrevente porém começou a ir à Rua da Misericórdia quase todas
515 as noites. A S. Joaneira estimava-o pelo seu «propósito» e pela sua honradez. Mas Amélia ia-se mostrando «fria»: esperava-o à janela pela manhã quando ele passava para o cartório, fazia-lhe olhos doces à noite, — mas só para o não descontentar, para ter na sua existência desocupada um interessezinho amoroso.

503: música| música.

507: ela —| ela.

João Eduardo falou à mãe em casamento:

— Como a Amélia quiser, eu por mim...

Amélia tinha respondido:

— Mais tarde, por ora não me parece... — e outras palavras hesitantes.

Por último decidiu-se tacitamente que aquela situação se definiria quando ele obtivesse o lugar de amanuense do Governo Civil.

Tal fora o passado de Amélia. Durante a noite estas recordações vieram-lhe por fragmentos como pedaços de nuvens que o vento invisível vai trazendo, formando e desmanchando. Adormeceu tarde, já os galos cantavam. Quando acordou o sol ia alto: e espreguiçava-se um pouco fatigada, quando ouviu dizer a *Ruça* fora na sala do jantar:

— É o sr. pároco que vai sair com o sr. coadjutor, vão à Sé.

Ela ergueu-se de um salto, e em camisa, com os pés nus, veio junto da janela, ergueu uma pontinha da cortina de cassa e ficou a olhar. A manhã estava clara, cheia de sol; o padre Amaro ia pela rua conversando com o coadjutor e a sua capa de lustrina enfunava-se com o vento.

520: Eduardo falou

521-2: mim... // Amélia tinha respondido:

523-4: parece... — e outras palavras hesitantes. // Por último decidiu-se tacitamente que aquela situação se definiria quando ele

525-8: Civil. // Tal fora o passado de Amélia. Durante a noite estas recordações vieram-lhe por fragmentos

529: vento invisível vai trazendo, formando e

529-30: tarde, já os galos cantavam. Quando acordou o

530: espreguiçava-se um pouco fatigada, / *Ruça* fora na sala do

532: o sr. / o sr. coadjutor,

533: Ela ergueu-se de um salto, e em camisa, com os pés nus, veio junto da janela, ergueu

534-5: cassa e ficou a olhar. A manhã estava clara, cheia de sol; o padre Amaro ia pela rua

535-6: o coadjutor e a sua capa de lustrina enfunava-se com o vento.

520 João Eduardo um dia falou à mãe em casamento:

— Como a Amélia quiser, eu por mim... disse a S. Joaneira.

E Amélia, consultada, respondeu ambiguamente:

— Mais tarde, por ora não me parece, veremos.

525 Enfim acordou-se tacitamente em esperar, até que ele obtivesse o lugar de amanuense do Governo Civil, rasgadamente prometido pelo doutor Godinho — o temido doutor Godinho!

530 Assim vivera Amélia até à chegada de Amaro: e, durante a noite, estas recordações vinham-lhe por fragmentos, como pedaços de nuvens que o vento vai trazendo e desmanchando. Adormeceu tarde, acordou já o sol ia alto: e espreguiçava-se, quando ouviu dizer a *Ruça* na sala de jantar:

— É o senhor pároco que vai sair com o senhor cónego; vão à Sé.

535 Amélia saltou da cama, correu à janela em camisa, ergueu uma pontinha da cortina de cassa, olhou. A manhã resplandecia: e o padre Amaro pelo meio da rua conversando com o cónego, assoava-se ao seu lenço branco, muito airoso na sua batina de pano fino.

VI

A S. Joaneira logo desde os primeiros dias começou a envolver suavemente o pároco em comodidades. Amaro sentia-se feliz: a S. Joaneira era toda atenciosa, cheia de condescendências; tinha com ele um modo maternal, tomava um grande cuidado na sua roupa branca, perguntava-lhe as comidas de que gostava, trazia-lhe sempre o quarto todo asseado. Amélia mostrava-se risonha, alegre, quase familiar. Os dias iam assim passando para Amaro, fáceis, sem cuidados, com boa mesa, colchões macios e a convivência meiga de mulheres. Não estava de há muito habituado àqueles confortos. Depois das longas tristezas da casa do tio da Estrela, dos desconsoles do seminário e do áspero Inverno na serra, num casebre desamparado — aquela vida em Leiria consolava-o, dilatava-o: era como um homem que depois de uma negra noite de jornada, nos escorregadios trilhos da serra, sob os espessos chuveiros, se encontra em casa, seco e abrigado, num bom chambre estofado, os pés na consolação das chinelas, vendo o alegre lume estalar, a sopa cheirosa fumegar, toda a sua felicidade sorrir em redor.

Levantava-se cedo para dizer a missa na Sé: ia bem embrulhado no seu grande capote, com as mãos numas luvas de casimira, meias de lã por baixo das botas de alto cano vermelho. As manhãs estavam frias; àquela hora a igreja estava quase deserta. Só algumas devotas, com o mantéu escuro pela cabeça, se encolhiam ao pé dos altares envernizados de branco.

- 1: A S. Joaneira logo
- 1-2: dias [...] tomava
- 3-6: branca, perguntava-lhe as comidas de que gostava, trazia-lhe sempre o quarto todo asseado. Amélia mostrava-se risonha, alegre, quase familiar. Os
- 7: fáceis, sem cuidados,
- 8-11: mulheres. Não estava de há muito habituado àqueles confortos. Depois
- 12-3: na serra, num casebre desamparado — aquela
- 13-5: Leiria [...] em redor.
- 16: Levantava-se cedo para dizer a missa na Sé: ia
- 17: com as mãos numas
- 18: frias; àquela hora a igreja estava quase deserta. Só
- 19-20: cabeça, se encolhiam ao pé dos altares envernizados

VI

Logo desde os primeiros dias, envolvido suavemente em comodidades, Amaro sentiu-se feliz. A S. Joaneira, muito maternal, tomava um grande cuidado na sua roupa branca, preparava-lhe petiscos, e o «quarto do senhor pároco andava que nem um brinco!» Amélia tinha com ele uma familiaridade picante de parenta bonita: «Tinham calhado um com o outro», como dissera, encantada, D. Maria da Assunção. Os dias iam assim passando para Amaro, fáceis, com boa mesa, colchões macios e a convivência meiga de mulheres. A estação ia tão linda que até as tília floresceram no jardim do Paço: «Quase milagre!» disse-se: o senhor chantre, contemplando-as todas as manhãs da janela do seu quarto, em robe-de-chambre, citava versos das *Éclogas*. E depois das longas tristezas da casa do tio da Estrela, dos desconsoles do seminário e do áspero Inverno na Gralheira — aquela vida em Leiria era para Amaro como uma casa seca e abrigada onde o alegre lume estala e a sopa cheirosa fumeja, depois
15 duma noite de jornada na serra, sob trovões e chuveiros.

Ia cedo dizer a missa à Sé, bem embrulhado no seu grande capote, com luvas de casimira, meias de lã por baixo das botas de alto cano vermelho. As manhãs estavam frias: e àquela hora só algumas devotas, com o mantéu escuro pela cabeça, rezavam aqui e além, ao pé dum altar envernizado de branco.
20

8: linda] linda,

8-9: floresceram] floresceram,

9: o senhor chantre.] o sr. chantre

10: manhãs] manhãs,

14: abrigada] abrigada,

Amaro entrava na sacristia, revestia-se depressa passeando, batendo com os pés no lajedo, conversando com o sacristão. Estava sempre um pouco apressado porque não ceava, e àquela hora, em jejum, com a frescura cortante do ar, já sentia apetite.

Depois, com o cálice na mão, entrava na igreja; e tendo dobrado o joelho rapidamente diante do Santíssimo Sacramento, subia ao altar, onde as duas velas de cera esmoreciam com uma claridade pálida na larga luz da manhã, juntava as mãos, todo curvado, murmurava:

— *Introibo ad altarem Dei.*

— *Ad Deum qui laetificat juventutem meam*, resmungava, num latim silabado, o sacristão.

E a missa começava.

Amaro já a não celebrava, como nos primeiros tempos, com uma devoção quase enternecida. «Estava habituado», como ele dizia. Murmurava as santas leituras do missal monotonamente, com uma recitação maquinal. Por trás o sacristão, durante as leituras da Epístola e dos santos Evangelhos, com os braços cruzados, passava vagarosamente a mão pela sua espessa barba bem rapada, olhando de revés para as devotas. Largas réstias de sol caíam das janelas laterais. Um vago aroma de junquinhos secos adocicava o ar.

Amaro, depois de recitar rapidamente o Ofertório, limpava o cálice com o purificador; o sacristão, apressando-se, ia buscar as galhetas, a da água e a do vinho, que apresentava todo curvado — e Amaro sentia o cheiro do óleo rançoso que lhe vinha do cabelo. Era naquela parte da missa que, por um antigo hábito de comoção mística, Amaro tinha um recolhimento mais sentido: mas quantas vezes sorria, quando ao voltar-se para clamar o largo — *Orate, fratres!* — exortação universal à oração, via apenas na vasta igreja algumas velhas encostadas aos pilares de pedra, com o aspecto idiota, a boca babosa e as mãos apertadas contra o peito, donde pendiam grandes rosários negros! Mas então o sacristão ia ajoelhar-se por trás dele, sustentando ligeiramente com uma das mãos a

21-2: Amaro entrava [...] já sentia apetite.

23: mão, entrava na

25: subia ao altar,

26-7: mãos, todo curvado, murmurava:

30-1: sacristão. // E a missa começava. // Amaro já a não celebrava, como

32-5: devoção quase enternecida. «Estava habituado», como ele dizia. Murmurava as santas leituras do missal monotonamente, com uma recitação maquinal. Por

35: sacristão, durante as leituras da Epístola e dos santos Evangelhos, com

37-8: para as devotas. Largas

41: sacristão, apressando-se, ia

42: galhetas, a da água e a do vinho, que apresentava todo

43: lhe vinha do cabelo. Era naquela parte da missa que,

44: de comoção

44-6: recolhimento [...] algumas velhas

47-8: babosa e as mãos apertadas

48: negros! Mas

Entrava logo na sacristia, revestia-se depressa batendo os pés no lajedo, enquanto o sacristão, pachorrento, contava «as novidades do dia».

Depois, com o cálice na mão, de olhos baixos, passava à igreja; e tendo dobrado o joelho rapidamente diante do Santíssimo Sacramento, subia devagar ao altar onde as duas velas de cera esmoreciam com uma claridade pálida na larga luz da manhã, juntava as mãos, murmurava, curvado:

— *Introibo ad altare Dei.*

— *Ad Deum qui laetificat juventutem meam,* resmungava, num latim silabado, o sacristão.

Amaro já não celebrava a missa como nos primeiros tempos, com uma devoção enternecida. «Estava agora habituado», dizia. E como não ceava, e àquela hora, em jejum, com a frescura cortante do ar, já sentia apetite, engrolava depressa, monotonamente, as santas leituras da Epístola e dos Evangelhos. Por trás o sacristão, com os braços cruzados, passava vagarosamente a mão pela sua espessa barba bem rapada, olhando de revés para a Casimira França, mulher do carpinteiro da Sé, muito devota, que ele «trazia de olho» desde a Páscoa. Largas réstias de sol caíam das janelas laterais. Um vago aroma de junquinhos secos adocicava o ar.

Amaro, depois de recitar rapidamente o Ofertório, limpava o cálice com o purificador; o sacristão, um pouco vergado dos rins, ia buscar as galhetas, apresentava-as, curvado — e Amaro sentia o cheiro do óleo rançoso que lhe reluzia no cabelo. Naquela parte da missa, por um antigo hábito de emoção mística, Amaro tinha um recolhimento sentido: com os braços abertos, voltava-se para a igreja, clamava, com largueza, a exortação universal à oração — *Orate, fratres!* E as velhas encostadas aos pilares de pedra, com o aspecto idiota, a boca babosa, apertavam mais as mãos contra o peito, donde pendiam grandes rosários negros. Então o sacristão ia ajoelhar-se por trás dele, sustentando ligeiramente com uma

21: batendo os] batendo com os

48: negros.] negros!

capa, tendo na outra a sineta preparada. E tendo consagrado o vinho, Amaro levantava a hóstia — *Hoc est enim corpus meum!* — elevando alto os braços para o Cristo agonizante torcido sobre a sua cruz de pau-preto; a campainha tocava lentamente; as mãos batiam concavamente nos peitos; e no silêncio sentiam-se os carros de bois rolando, com solavancos, sobre o largo lajeado da Sé, à volta do mercado.

— *Ite, missa est!* dizia Amaro enfim, já apressado, desejoso de terminar.

— *Deo gratias!* respondia o sacristão com a voz contente, com o alívio da obrigação finda.

E quando, depois de ter beijado o altar, Amaro vinha do alto dos degraus dar a bênção, era já pensando na boa alegria do almoço, na clara sala do jantar da S. Joaneira. Àquela hora já Amélia o esperava com o cabelo caído sobre o penteador, a pele fresca e em toda a sua pessoa um cheiro de bom sabão e de roupas lavadas.

Pelo meio do dia ordinariamente Amaro subia à sala do jantar onde a S. Joaneira e Amélia costuravam. Estava aborrecido em baixo, vinha um bocado para o cavaco, dizia ele. A S. Joaneira numa cadeira pequena, ao pé da janela, com os seus vestidos de chita espalhados ao redor aonde o gato dormia aninhado, cosia com uma luneta na ponta do nariz. Amélia, junto da mesa, trabalhava com o cesto da costura ao pé.

Amaro sentava-se num pequeno mocho. Era para ele uma hora de contentamento. Amélia com a cabeça inclinada sobre a costura, mostrava a sua risca fina, nítida, rosada, um pouco afogada na abundância do cabelo; os seus brincos grandes de oiro, em forma de pingos de cera, oscilavam, faziam tremer e crescer sobre a finura da pele uma pequenina sombra; as olheiras finas cor de *bistre* esbatiam-se delicadamente sobre

50: capa, tendo / sineta preparada. E tendo consagrado o vinho, Amaro

52: Cristo agonizante torcido sobre

53: tocava lentamente;

56: enfim, já apressado, desejoso de terminar.

57: sacristão com a voz contente, com

60: na boa alegria

61: S. Joaneira. Àquela

62-3: penteador, a pele fresca e em toda a sua pessoa um cheiro de bom sabão e de roupas lavadas.

64: sala do

65: costuravam. Estava

66: cavaco, / S. Joaneira

67-8: com os seus vestidos de chita espalhados ao redor aonde o gato dormia aninhado, cosia com uma

69: ao pé. // Amaro sentava-se num pequeno mocho. Era para ele uma hora de contentamento. Amélia com a cabeça inclinada sobre a costura,

70: nítida, rosada,

71: seus brincos grandes de oiro,

72: finura da pele

73: olheiras finas

50 das mãos a capa, erguendo na outra a sineta. Amaro consagrava o vinho, levantava a hóstia — *Hoc est enim corpus meum!* — elevando alto os braços para o Cristo cheio de chagas roxas sobre a sua cruz de pau-preto; a campainha tocava devagar; as mãos batiam concavamente nos peitos; e no silêncio sentiam-se os carros de bois rolando, com solavancos, 55 sobre o largo lajeado da Sé, à volta do mercado.

— *Ite, missa est!* dizia Amaro enfim.

— *Deo gratias!* respondia o sacristão respirando alto, com o alívio da obrigação finda.

60 É quando, depois de ter beijado o altar, Amaro vinha do alto dos degraus dar a bênção, era já pensando na alegria do almoço, na clara sala de jantar da S. Joaneira e nas boas torradas. Àquela hora já Amélia o esperava com o cabelo caído sobre o penteador, tendo na pele fresca um bom cheiro de sabão de amêndoas.

65 Pelo meio do dia ordinariamente Amaro subia à sala de jantar onde a S. Joaneira e Amélia costuravam. «Estava aborrecido em baixo, vinha um bocado para o cavaco», dizia. A S. Joaneira, numa cadeira pequena, ao pé da janela, com o gato aninhado na roda do vestido de merino, cosia de luneta na ponta do nariz. Amélia, junto da mesa, trabalhava com o cesto da costura ao lado: a cabeça inclinada sobre o trabalho 70 mostrava a sua risca fina, nítida, um pouco afogada na abundância do cabelo; os seus grandes brincos de ouro, em forma de pingos de cera, oscilavam, faziam tremer e crescer sobre a finura do pescoço uma pequenina sombra; as olheiras leves cor de *bistre* esbatiam-se delicada-

60-1: sala de] sala do

61: S. Joaneira] S. Joaneira.

66: S. Joaneira.] S. Joaneira

a pele de um trigueiro polido, que um sangue forte aviventava; e o seu peito cheio respirava devagar! Às vezes suspendia a agulha ou cravando-a na fazenda espreguiçava-se devagarinho, sorria, como cansada. Então Amaro dizia-lhe, gracejando:

— Ah! Preguiçosa... Preguiçosa...

Ela ria; começavam a conversar. A S. Joaneira sabia as coisas interessantes do dia: o major despedira a criada ou havia quem oferecesse dez moedas pelo porco do Carlos do correio. De vez em quando a *Ruça* vinha ao armário buscar um prato ou uma colher: então falava-se do preço dos géneros, do que havia para o jantar. A S. Joaneira tirava as lunetas, traçava a perna, o que erguia um pouco as saias e mostrava o pé calçado numa chinela de ouro, e punha-se a dizer os pratos:

— Hoje temos grão-de-bico. Não sei se o sr. pároco gostará, foi para variar.

Mas Amaro gostava de tudo e mesmo em certas comidas descobria afinidade de gostos com Amélia.

Às vezes, animando-se, o padre bulia-lhe no cesto da costura. Um dia encontrara uma carta: riram muito; ele perguntou-lhe pelo *derricho*, ela respondeu picando vivamente o pesponto:

— Ai, a mim ninguém me quer, sr. pároco.

— Não é tanto assim, disse ele... — Mas suspendeu-se, tossiu, fez-se todo sério.

Amélia em certas ocasiões estava familiar; até lhe pediu um dia para sustentar nas mãos uma meadinha de retrós que ela queria dobar.

— Deixe falar, sr. pároco! disse a S. Joaneira repreensivamente. Isto, em se lhe dando confiança!

74: trigueiro polido.

75-6: devagar! Às vezes suspendia a agulha ou cravando-a na fazenda

76: sorria, como

76-7: Amaro dizia-lhe, gracejando:

78-9: — Ah! Preguiçosa... Preguiçosa... // Ela ria; começavam a conversar.

80: criada ou

84: perna, o que erguia um pouco as saias e mostrava o / ouro, e

86: o sr.

87: variar.

88: tudo e

90: Às vezes, animando-se, o padre

91: carta: riram muito; ele / *derricho*, ela respondeu

93: — Ai, / quer, sr. pároco.

94-5: assim, disse ele... — Mas suspendeu-se, tossiu, fez-se todo sério.

96-7: Amélia em certas ocasiões estava familiar; até lhe pediu um dia para

97: ela queria

98-9: falar, sr. pároco! disse a S. Joaneira repreensivamente. Isto,

99: confiança!

mente sobre a pele de um trigueiro mimoso, que um sangue forte avi-
 75 ventava; e o seu peito cheio respirava devagar. Às vezes, cravando a agu-
 lha na fazenda, espreguiçava-se devagarinho, sorria, cansada. Então Amaro
 gracejava:

— Ah preguiçosa, preguiçosa! Olha que mulher de casa!

Ela ria; conversavam. A S. Joaneira sabia as coisas interessantes do
 80 dia: o major despedira a criada; ou havia quem oferecesse dez moedas
 pelo porco do Carlos do correio. De vez em quando a *Ruça* vinha ao
 armário buscar um prato ou uma colher: então falava-se do preço dos
 gêneros, do que havia para o jantar. A S. Joaneira tirava as lunetas, tra-
 çava a perna e, balouçando o pé calçado numa chinela de ourelo, punha-
 85 -se a dizer os pratos:

— Hoje temos grão-de-bico. Não sei se o senhor pároco gostará, foi
 para variar...

Mas Amaro gostava de tudo; e mesmo em certas comidas descobria
 afinidade de gostos com Amélia.

90 Depois, animando-se, bulia-lhe no cesto da costura. Um dia encon-
 trara uma carta; perguntou-lhe pelo *derriço*; ela respondeu, picando viva-
 mente o pesponto:

— Ai! A mim ninguém me quer, senhor pároco...

— Não é tanto assim, acudiu ele. — Mas suspendeu-se, muito verme-
 95 lho, afectando tossir.

Amélia às vezes fazia-se muito familiar; um dia mesmo pediu-lhe
 para sustentar nas mãos uma meadinha de retrós que ela ia dobar.

— Deixe falar, senhor pároco! — exclamou a S. Joaneira. Ora a
 tolice! Isto, em se lhe dando confiança!...

75: devagar. Às vezes,] devagar! Às vezes

78: — Ah! — Ah!

79: as coisas] as cousas

84: perna e,] perna, e

87: variar...] variar.

93: — Ai!] — Ai,

96: mesmo] mesmo,

Mas Amaro tinha-se prontificado, rindo, todo contente. Eram para ele momentos superiormente doces. Noutra ocasião ela tinha o gato no colo e Amaro, todo chegado, corria-lhe a mão pela espinha; o gato, eletrizado pelo contacto, arqueava-se, arredondava-se, rosnando.

— Gostas? dizia ela ao gato, um pouco corada, com os olhos baixos.

E a voz amorosa e profunda de Amaro dizia:

— Bichaninho gato! Bichaninho gato!

A S. Joaneira muitas vezes erguia-se para dar o xarope à idiota, que tossia, ou conchegar-lhe a roupa. Eles ficavam sós; mas não falavam; e então para encher o silêncio Amélia cantarolava baixo o *Adeus!* ou *O descrente*. Amaro acendia o seu cigarro e escutava.

— É tão bonito isso, dizia ele.

Amélia cantava mais acentuadamente, cosendo depressa; e a espaços, erguendo o busto, mirava o alinhavado ou o pesponto, correndo-lhe por cima para o assentar a sua unha polida e larga.

Amaro achava aquelas unhas admiráveis, porque tudo o que era *ela* ou vinha *dela* lhe parecia perfeito: gostava da cor dos seu vestidos, do seu andar, do seu modo, da delicadeza da sua voz, e olhava sempre com uma sensação terna para as saias brancas que ela punha a secar à janela do seu quarto, enfiadas numa cana. Nunca estivera assim na intimidade de uma mulher. Quando a porta da sala do jantar, que dava para o quarto dela, estava entreaberta, Amaro olhava para dentro cheio de ambição, como para a revelação de um paraíso. Um saiote pendurado, uma meia estendida, uma liga que ficara sobre o baú, todas estas coisas femininas lhe apareciam como maravilhas, como as minuciosidades deliciosas de uma vida superior. Não se saciava de a ver falar, rir, sentar-se com a sua estatura firme, andar, arrastando as saias engomadas que batiam as ombreiras das portas estreitas. Diante dela, ao pé dela, quando a via, não

100: Amaro tinha-se prontificado,

100-6: contente. [...] rosnando.

107-8: olhos baixos.

109: voz amorosa e profunda de Amaro dizia:

111: A S. Joaneira muitas vezes

111-4: o xarope à idiota, que tossia, ou conchegar-lhe a roupa. Eles ficavam sós; mas não falavam; e então para encher o silêncio Amélia

114: *Adeus!* ou *O descrente*.

115: cigarro e escutava.

116: isso, dizia ele.

118-9: pesponto, correndo-lhe por cima

119: assentar

122-3: andar, do seu modo, da delicadeza da sua voz, e olhava sempre com uma sensação terna para

124-6: intimidade de uma mulher. [...] Um saiote

127-9: baú, todas estas coisas femininas lhe apareciam como maravilhas, como as minuciosidades deliciosas de uma vida superior. Não

129-30: rir, sentar-se com a sua estatura firme, andar, arrastando as saias engomadas

130-2: estreitas. Diante dela, ao pé dela, quando a via, não lhe lembrava que ele era — o padre Amaro, pároco da Sé: o sacerdócio, Deus, a Igreja, o pecado

100 Mas Amaro prontificou-se, rindo, todo contente: — ele estava ali para o que quisessem, até para dobadura! Era mandarem, era mandarem! E as duas mulheres riam, dum riso cálido, enlevadas naquelas maneiras do senhor pároco, «que até tocavam o coração!» Às vezes Amélia pousava a costura e tomava o gato no colo; Amaro chegava-se, corria a
105 mão pela espinha do *Maltês* que se arredondava, fazendo um *ron-ron* de gozo.

— Gostas? dizia ela ao gato, um pouco corada, com os olhos muito ternos.

E a voz de Amaro murmurava, perturbada:

110 — Bichaninho gato! Bichaninho gato!

Depois a S. Joaneira erguia-se para dar o remédio à idiota ou ir palrar à cozinha. Eles ficavam sós; não falavam, mas os seus olhos tinham um longo diálogo mudo, que os ia penetrando da mesma languidez dormente. Então Amélia cantarolava baixo o *Adeus!* ou *O descrente:*

115 Amaro acendia o seu cigarro, e escutava bamboleando a perna.

— É tão bonito isso! dizia.

Amélia cantava mais acentuadamente, cosendo depressa; e a espaços, erguendo o busto, mirava o alinhavado ou o pesponto, passando-lhe por cima, para o assentar, a sua unha polida e larga.

120 Amaro achava aquelas unhas admiráveis, porque tudo que era *ela* ou vinha *dela* lhe parecia perfeito: gostava da cor dos seus vestidos, do seu andar, do modo de passar os dedos pelos cabelos, e olhava até com ternura para as saias brancas que ela punha a secar à janela do seu quarto, enfiadas numa cana. Nunca estivera assim na intimidade duma mulher.

125 Quando percebia a porta do quarto dela entreaberta, ia resvalar para dentro olhares gulosos, como para perspectivas dum paraíso: um saiote pendurado, uma meia estendida, uma liga que ficara sobre o baú, eram como revelações da sua nudez, que lhe faziam cerrar os dentes, todo pálido. E não se saciava de a ver falar, rir, andar com as saias muito engomadas que batiam as ombreiras das portas estreitas. Ao pé dela, muito
130

101: até para] até pra

101-2: mandarem!] mandarem!...

114: [*O descrente: provavelmente por O descrido*]

115: escutava] escutava,

lhe lembrava que ele era — o padre Amaro, pároco da Sé; o sacerdócio, Deus, a Igreja, o pecado ficavam em baixo, longe, distantes; ele via-os do alto do seu enlevo, como de um monte se vêem as casas desaparecer e esbater-se no nevoeiro dos vales.

Com efeito, logo desde os primeiros dias que conhecera Amélia, sentira no fundo da sua natureza alguma coisa a palpitar, a querer fugir para ela; instintivamente, a cada momento, lhe vinha ao pensamento a sua figura direita, a pesada massa do seu cabelo, o seu pescoço branco e polido como o marfim. Mas eram sensações vagas que estavam no fundo do seu pensamento como uma semente enterrada: mal se atrevia a falá-las baixo consigo mesmo. Julgava-as impuras, inimigas, absurdas. Ele era padre, ela ia casar! Tudo os separava: a educação, a lei, a moral, Deus, o egoísmo! Mas ao mesmo tempo a sua existência sedentária e farta, as noites molemente dormidas, a convivência com Amélia, davam-lhe um certo quebranto do corpo, amoroso, quase imoral. Vinham-lhe indefinidas preguiças, ficava largos espaços abstracto, perseguindo certas ideias, certas imagens ardentes; espreguiçava-se voluptuosamente; pensava na doçura infinita de lhe dar um beijo, um só, na lisa brancura do seu pescoço, ao pé da orelha ou na covinha do queixo! Depois revoltava-se contra estes desfalecimentos lânguidos, retomava o domínio do seu pensamento, impunha-se uma serenidade superficial:

— Que diabo, dizia ele, é necessário ter juízo!

Abria quase contente o seu *Breviário*; mas a voz de Amélia falava em cima, o *tic-tic* das suas botinas batia o soalho... Adeus! A devoção caía como uma vela a que falta o vento; as boas resoluções sãs e fortes fugiam cobardemente — e as tentações voltavam em bando a estabelecer-se no seu cérebro, frementes, arrulhando, roçando-se umas às outras, como um bando de pombas que recolhe ao pombal. Ficava todo subjogado, sofria! Era então que lamentava a sua liberdade perdida! Como desejaria não ver Amélia, estar longe de Leiria, numa aldeia solitária, num vale, entre gente pacífica, com uma criada velha cheia de provér-

132: longe, distantes; ele via-os do

133: como de um / desaparecer e esbater-se

134-8: vales. [...] seu *Breviário*;

140-1: resoluções sãs e fortes fugiam cobardemente — e as tentações voltavam em bando a estabelecer-se no

142: umas às outras,

143: que recolhe

143-4: sofria! Era então que lamentava a

144: perdida! / não ver Amélia,

145: solitária, num vale, entre

fraco, muito langoroso, não lhe lembrava que era padre: o Sacerdócio, Deus, a Sé, o Pecado ficavam em baixo, longe; via-os muito esbatidos do alto do seu enlevo, como dum monte se vêem as casas desaparecer no nevoeiro dos vales; e só pensava então na doçura infinita de lhe dar
135 um beijo na brancura do pescoço, ou mordicar-lhe a orelhinha.

Às vezes revoltava-se contra estes desfalecimentos, batia o pé:

— Que diabo, é necessário ter juízo! É necessário ser homem!

Descia, ia folhear o seu Breviário; mas a voz de Amélia falava em cima, o *tic-tic* das suas botinas batia o soalho... Adeus! A devoção caía
140 como uma vela a que falta o vento; as boas resoluções fugiam, e lá voltavam as tentações em bando a apoderar-se do seu cérebro, frementes, ar-
rulhando, roçando-se umas pelas outras como um bando de pombas que recolhem ao pombal. Ficava todo subjugado, sofria. E lamentava então a
145 sua liberdade perdida: como desejaria não a ver, estar longe de Leiria, numa aldeia solitária, entre gente pacífica, com uma criada velha cheia

131: padre:] padre;

133: como dum] como de um

143: pombal.] pombal!

bios e de economia, com uma horta onde as alfaces verdejam e os galos cacarejam ao sol! Mas Amélia aparecia-lhe! — E o encanto recomeçava!

A hora do jantar sobretudo era a mais penetrante, a sua hora perigosa e feliz, a melhor do dia. A S. Joaneira trinchava, enquanto Amaro, conversando, comia azeitonas cuspidando os caroços na palma da mão, enfileirando-os sobre a toalha. A *Ruça*, doente, cheia de tosse, servia mal; e então voltavam as grandes lamentações da S. Joaneira sobre a falta de criadas. Amélia às vezes erguia-se para ir buscar alguma coisa ao aparador. Amaro queria levantar-se também, apressado, atencioso.

— Deixe-se estar, deixe-se estar, sr. pároco! dizia Amélia. — E para o fazer ficar sentado punha-lhe a mão no ombro e os seus olhos encontravam-se.

Amaro comia bem; e com as pernas estendidas, o prato cheio, o copo meio de vinho com as bordas embaciadas do contacto dos beijos, sentia-se satisfeito, superiormente feliz: sorria, tinha um bom calor no corpo, bebia; e depois do segundo copo da Bairrada começava a sentir uma vaga ternura, a ter certas audácias. Às vezes Amélia ensopava o miolo de pão no molho do guisado e a mãe dizia-lhe sempre:

— Embirro que faças isso diante do sr. pároco.

E ele então rindo:

— Pois olhe, também eu gosto.

E molhavam ambos e sem saber porquê davam grandes risadas. Mas o crepúsculo crescia e a *Ruça* trazia o candeeiro. À luz, o brilho dos copos, das loiças alegrava; Amaro, expansivo, dizia gracinhas: chamava à S. Joaneira *mamã*; Amélia sorria, olhava para o padre, trincando com a ponta dos dentes cascas de tangerina. Daí a pouco vinha o café

146: economia, com uma horta onde as

147-8: Amélia aparecia-lhe! — E o encanto recomeçava!

149: jantar sobretudo era a mais penetrante, a sua

150-1: Amaro, conversando, comia azeitonas cuspidando os caroços na

151: mão, enfileirando-os

152: *Ruça*, doente, cheia de tosse, servia mal; e então voltavam as grandes lamentações da S. Joaneira sobre a falta de criadas. Amélia

153: buscar alguma coisa ao

154: levantar-se também, apressado,

155-6: estar, sr. pároco! dizia Amélia. — E para o fazer ficar sentado punha-lhe

156: ombro e

157-8: Amaro [...] e depois

159-63: Bairrada começava a sentir uma vaga ternura, a ter certas audácias. Às vezes Amélia ensopava o miolo

163: guisado e

165: do sr.

167-8: gosto. // E molhavam ambos e sem saber porquê

169-70: crescia e a *Ruça* trazia o candeeiro. À luz, o brilho dos copos, das loiças alegrava; Amaro, expansivo, dizia gracinhas: chamava

171: sorria, olhava para o padre, trincando

172: café e o padre Amaro ainda ficava por

de provérbios e de economia, e passear pela sua horta quando as alfaces verdejam e os galos cacarejam ao sol! Mas Amélia, de cima, chamava-o — e o encanto recomeçava, mais penetrante.

150 A hora do jantar, sobretudo, era a sua hora perigosa e feliz, a melhor do dia. A S. Joaneira trinchava, enquanto Amaro conversava cuspidando os caroços das azeitonas na palma da mão e enfileirando-os sobre a toalha. A *Ruça*, cada dia mais hética, servia mal, sempre a tossir: Amélia às vezes erguia-se para ir buscar uma faca, um prato ao aparador. Amaro queria levantar-se logo, atencioso.

155 — Deixe-se estar, deixe-se estar, senhor pároco! dizia ela. E punha-lhe a mão no ombro, e os seus olhos encontravam-se.

Amaro, com as pernas estendidas e o guardanapo sobre o estômago, sentia-se regalado, gozava muito no bom calor da sala; depois do segundo copo da Bairrada tornava-se expansivo, tinha gracinhas; às vezes
160 mesmo, com um brilho terno no olho, tocava fugitivamente o pé de Amélia debaixo da mesa; ou, fazendo um ar sentido, dizia «que muito lhe pesava não ter uma irmãzinha assim!»

Amélia gostava de ensopar o miolo de pão no molho do guisado; a mãe dizia-lhe sempre:

165 — Embirro que faças isso diante do senhor pároco.

E ele então rindo:

— Pois olhe, também eu gosto. Simpatia! Magnetismo!

E molhavam ambos o pão, e sem razão davam grandes risadas. Mas o crepúsculo crescia, a *Ruça* trazia o candeeiro. O brilho dos copos e das
170 louças alegrava Amaro, enternecia-o mais; chamava à S. Joaneira *mamã*; Amélia sorria, de olhos baixos, trincando com a ponta dos dentes cascas de tangerina. Daí a pouco vinha o café; e o padre Amaro ficava muito

148: [Em 1889 este espaço encontra-se, certamente por erro de composição, a seguir à l. 162: seguimos a lição de 1880]

149: jantar, sobretudo.] jantar sobretudo

157: Amaro.] Amaro / estendidas e o] estendidas, o

161: ou.] ou

162: assim[>] assim.

e o padre Amaro ainda ficava por muito tempo partindo nozes com as costas da faca, fumando, quebrando a cinza do cigarro na borda do pires.

Àquela hora aparecia o cônego Dias; sentiam-no subir pesadamente e gritar logo da escada:

— Licença para dois!

Era ele e a cadela, a *Trigueira*.

— Ora Nosso Senhor nos dê muito boas-noites! dizia assomando à porta.

— Vai uma gotinha de café, sr. cônego? perguntava a S. Joaneira.

Ele sentava-se, exalava um profundo *uf!* e batendo no ombro do pároco, olhando para a S. Joaneira:

— Então como vai cá o seu menino?

Gracejavam, riam, vinham as histórias do dia. A essa hora já tinha chegado o correio: o cônego trazia no bolso o *Diário Popular*. Amélia interessava-se pelo romance; o cônego lia à S. Joaneira as correspondências amorosas que vêm nos anúncios.

— Ora vejam que pouca-vergonha!... dizia ela.

Amaro então falava dos escândalos de Lisboa, contava anedotas, citava nomes de fidalgas: queria impor-se à admiração de Amélia. Ela escutava com os cotovelos sobre a mesa, roendo vagarosamente a ponta do palito.

Depois do jantar a S. Joaneira e Amélia costumavam ir ao quarto da idiota entrevada. Amaro também ia às vezes. A velha definhada, mirrada, com uma touca de rendas, a cabeça toda trémula, os olhos fixos, côncavos e chorosos, fazendo debaixo da roupa uma saliência quase imperceptível, branca como os lençóis — cuspinhava a cada momento na escarradeira.

— É o sr. pároco, tia Gertrudes, gritava-lhe Amélia ao ouvido. — Vem ver como está.

173: faca, fumando, quebrando

175: aparecia o

176: pesadamente e gritar logo

181: — Vai uma gotinha de café, sr. cônego? perguntava a

183-4: sentava-se, exalava um profundo *uf!* e

186: Gracejavam, riam, / dia. A essa hora já tinha chegado o correio: o cônego trazia

187: *Popular*,

187-8: romance; o cônego lia à S. Joaneira as correspondências amorosas que vêm

189: ela.

190-2: falava dos escândalos de Lisboa, contava anedotas, citava nomes de fidalgas: queria impor-se à admiração de Amélia. Ela escutava com

194-7: jantar [...] fazendo

197-8: imperceptível, branca como os lençóis — cuspinhava a cada momento na escarradeira.

199: o sr. / Gertrudes, / ouvido. —

tempo partindo nozes com as costas da faca e quebrando a cinza do cigarro na borda do pires.

175 Àquela hora aparecia sempre o cônego Dias; sentiam-no subir pesadamente, dizendo da escada:

— Licença para dois!

Era ele e a cadela, a *Trigueira*.

180 — Ora Nosso Senhor nos dê muito boas-noites! dizia assomando à porta.

— Vai a gotinha de café, senhor cônego? perguntava logo a S. Joaneira.

Ele sentava-se, exalando um profundo *uf!* — Vá lá a gotinha do café! E batendo no ombro do pároco, olhando para a S. Joaneira:

185 — Então como vai cá o seu menino?

Riam; vinham as histórias do dia. O cônego costumava trazer no bolso o *Diário Popular*; Amélia interessava-se pelo romance, a S. Joaneira pelas correspondências amorosas nos anúncios.

— Ora vejam que pouca-vergonha!... dizia ela, deliciando-se.

190 Amaro então falava de Lisboa, de escândalos que lhe contara a tia, dos fidalgos que conhecera «em casa do senhor conde de Ribamar». Amélia, enlevada, escutava-o com os cotovelos sobre a mesa, roendo vagarosamente a ponta do palito.

195 Depois do jantar iam visitar a entrevada. A lamparina esmorecia à cabeceira da cama: e a pobre velha, com uma medonha touca de rendas negras que tornava mais lívida a sua carinha engelhada como uma maçã reineta, fazendo debaixo da roupa uma saliência quase imperceptível, fixava em todos, com susto, os seus olhinhos côncavos e chorosos.

200 — É o senhor pároco, tia Gertrudes! gritava-lhe Amélia ao ouvido. Vem ver como está.

173: faca] faco,

177: para dois!] para dois!

A velha afirmava-se, fazia um esforço, gemia e a sua voz saía afogada e rouca:

— Ah! É o menino?

— É o menino, é, diziam rindo.

E a velha ficava a murmurar toda espantada:

— É o menino, é o menino!

— Pobre de Cristo! dizia Amaro. Pobre de Cristo! Deus lhe dê uma boa morte!

E voltavam para a sala do jantar, onde o cónego Dias fumava todo estirado na sua cadeira — uma velha poltrona de chita verde.

— Ora vá um bocadinho de música, pequena, dizia ele.

Amélia ia sentar-se ao piano.

— Ó filha, toca o *Adeus!* recomendava a S. Joaneira começando a sua meia.

E Amélia, ferindo o teclado:

Ai! Adeus! Acabaram-se os dias
Que ditoso vivi a teu lado...

A sua voz arrastava-se com uma lenta melancolia e Amaro sentia-se perder numa ternura insondável!

E quando descia para o seu quarto, à noite, ia sempre todo exaltado das sensações que lhe dava a presença de Amélia. Punha-se a ler. O chantre emprestara-lhe então um livro místico, *Cânticos a Jesus*. Era a tradução de um livro francês, saído da sociedade das *Escravas de Jesus*. Sentava-se à beira da cama e lia com o cotovelo sobre o travesseiro. Era um livro beato, de propaganda, escrito com uma exaltação artificial e equívoca, em que o amor divino se exprimia na linguagem da paixão humana: «Oh! Vem amado do meu coração, corpo adorável, minha alma impaciente quer-te! Amo-te de toda a minha alma! Abrasa-me! Queima-me! Vem! Esmaga-me! Possui-me.» E um amor impaciente, ora piegas pela

201: velha afirmava-se, fazia um esforço, gemia e a sua voz saía afogada e rouca:

202: menino?

204: murmurar toda

208: sala do jantar,

208-9: Dias fumava todo estirado na sua cadeira — uma velha

209-10: verde.

211: pequena, dizia ele.

218-9: com uma lenta melancolia e Amaro sentia-se perder numa ternura insondável!

220: E quando

220-2: ia sempre [...] sociedade

222-5: *Jesus*. [...] «Oh! Vem

226-7: Amo-te de toda a minha alma! Abrasa-me!

227: Possui-me.»

227-9: amor [...] grego,

A velha fazia um esforço, e com uma voz gemida:

— Ah! É o menino!

— É o menino, é, diziam rindo.

E a velha ficava a murmurar, espantada:

205 — É o menino, é o menino!

— Pobre de Cristo! dizia Amaro. Pobre de Cristo! Deus lhe dê uma boa morte!

E voltavam para a sala de jantar onde o cónego Dias, todo enterrado na velha poltrona de chita verde, com as mãos cruzadas sobre o ventre, dizia logo:

210

— Ora vá um bocadinho de música, pequena!

Amélia ia sentar-se ao piano.

— Ó filha, toca o *Adeus!* recomendava a S. Joaneira começando a sua meia.

215

E Amélia, ferindo o teclado:

Ai! Adeus! Acabaram-se os dias

Que ditoso vivi a teu lado...

A sua voz arrastava-se com melancolia; e Amaro, soprando o fumo do cigarro, sentia-se todo enleado num sentimentalismo agradável.

220

Quando descia para o seu quarto, à noite, ia sempre exaltado. Punha-se então a ler os *Cânticos a Jesus*, tradução do francês publicada pela sociedade das *Escravas de Jesus*. É uma obracinha beata, escrita com um lirismo equívoco, quase torpe — que dá à oração a linguagem da luxúria: Jesus é invocado, reclamado com as sofreguidões balbuciantes duma concupiscência alucinada: «Oh! Vem, amado do meu coração, corpo adorável, minha alma impaciente quer-te! Amo-te com paixão e desespero! Abrasa-me! Queima-me! Vem! Esmaga-me! Possui-me!» E um amor

225

208: sala de jantar] sala do jantar.

218: Amaro,] Amaro

219: cigarro,] cigarro

intenção, ora imoral pelo ardor, desenrolava-se assim em largos períodos inflamados e sonoros. As palavras *amor, gozo, delícia, delírio, êxtase*, voltavam a cada momento. Um desejo ansioso, sôfrego, rugia, gemia, arrastava-se por todos os capítulos, cheios de exclamações carnisais: *Vem! Quero-te!* E depois de monólogos frenéticos como as cóleras amorosas de uma mulher histérica, vinham então, com uma imbecilidade de sacristia, pequenas notas beatas ensinando a boa prática dos jejuns e orações para as dores de parto! Um bispo aprovara aquele livrinho, bem impresso; as educandas lêem-no no convento; meninas, que têm o corar fácil, guardam-no no seu cesto de costura. Este volume, beato e excitante, cheio das eloquências da sensualidade e dos requintes da devoção, encadernava-se em marroquim e dá-se às confessadas!

O padre Amaro lia sofregamente, com os olhos fixos. Pouco habituado às leituras místicas, a exaltação do livro apoderava-se dele, a sua atenção mordida as páginas. Repetia alto: *Amo-te! Amo-te!* Esquecia-se que toda aquela paixão vai a Jesus e relia as palavras pondo-lhe o nome de Amélia! E eram aquelas as expressões que ele lhe queria dizer! Era com aquele amor que ele a queria amar! Adormecia cansado; sonhos incoerentes sacudiam-no, revolviam-no. Acordava abraçado ao travesseiro, dizendo-lhe ternuras desordenadas, dando-lhe todos os beijos da sua paixão. E por cima do seu quarto era o quarto de Amélia! Tentação sempre presente! Sentia-lhe às vezes ranger o leito de madeira! Todas as visões do amor o assaltavam: via-a na brancura da sua camisa de dormir! Via-a desfazendo as tranças ou curvada desapertando as ligas! E sentia-se miserável, tinha vontade de chorar.

Os piores momentos para Amaro era quando João Eduardo vinha passar as noites. A S. Joaneira e Amélia costuravam junto à mesa. O escrevente sentava-se ao pé, embrulhado no seu xale-manta, falando

- 230-1: *êxtase*, voltavam [...] E
 231-3: frenéticos [...] dos jejuns
 233-4: bispo aprovara aquele livrinho,
 234-6: convento; [...] devoção,
 236-7: confessadas!
 238-53: O padre Amaro [...] vontade de chorar.
 254-5: Amaro era quando
 255-66: noites, [...] do vento e da chuva.

divino, ora grotesco pela intenção, ora obsceno pela materialidade, geme, ruge, declama assim em cem páginas inflamadas onde as palavras *gozo*, *delícia*, *delírio*, *êxtase*, voltam a cada momento, com uma persistência histórica. E depois de monólogos frenéticos donde se exala um bafo de cio místico, vêm então imbecilidades de sacristia, notazinhas beatas resolvendo casos difíceis de jejuns, e orações para as dores de parto! Um bispo aprovou aquele livrinho bem impresso; as educandas lêem-no no convento. É beato e excitante; tem as eloquências do erotismo, todas as pieguices da devoção; encaderna-se em marroquim e dá-se às confessadas: é a cantárida canónica!

Amaro lia até tarde, um pouco perturbado por aqueles períodos sonoros, tímidos de desejo; e no silêncio, por vezes, sentia em cima ranger o leito de Amélia: o livro escorregava-lhe das mãos, encostava a cabeça às costas da poltrona, cerrava os olhos, e parecia-lhe vê-la em colete diante do toucador desfazendo as tranças; ou, curvada, desapertando as ligas, e o decote da sua camisa entreaberta descobria os dois seios muito brancos. Erguia-se, cerrando os dentes, com uma decisão brutal de a possuir.

Começara então a recomendar-lhe a leitura dos *Cânticos a Jesus*.
— Verá, é muito bonito, de muita devoção! disse ele, deixando-lhe o livrinho uma noite no cesto da costura.

Ao outro dia, ao almoço, Amélia estava pálida, com as olheiras até ao meio da face. Queixou-se de insónia, de palpitações.

— E então, gostou dos *Cânticos*?

— Muito. Orações lindas! respondeu.

Durante todo esse dia não ergueu os olhos para Amaro. Parecia triste — e sem razão, às vezes, o rosto abrasava-se-lhe de sangue.

Os piores momentos para Amaro eram as segundas e quartas-feiras, quando João Eduardo vinha passar as noites «em família». Até às nove horas o pároco não saía do quarto; e quando subia para o chá desespe-

236: confessadas:] confessadas;

239: desejo:] desejo,

241: olhos:] olhos

243: os dois] os dois

baixo e pondo sempre nas suas palavras alguma coisa das suas esperanças. A sua conversação recaía invariavelmente sobre o encanto das crianças, a intimidade da família, a alegria de uma casinha pequena.

— Esteirada, já se sabe... Dá muito conchego, dizia ele sorrindo.

— E dá, respondia Amélia.

— Umhas esteiras que há no Alentejo, de cores vivas...

— É verdade, dizia Amélia, é muito bonito.

E o escrevente tinha o aspecto feliz e honesto. As noites eram então asperamente batidas do vento e da chuva.

— Olha quem andar agora no mar! dizia a S. Joaneira.

— E os pobres, coitadinhos! Com este frio... acrescentava João Eduardo.

E mostrava a sua piedade pelos que sofrem, pelos que mendigam na estrada, pelos que batem à porta dos hospitais.

— Muita miséria vai por esse mundo!

Amélia erguia os olhos para ele, ou poisando-os no seu trabalho, silenciosa, cosia devagar.

Amélia, quando o escrevente estava, não tinha a mesma familiaridade alegre com o pároco; estava mais calada, mais recolhida; e a intimidade entre ela e João Eduardo parecia então crescer. Ele sorria-lhe, ela abaixava os olhos, havia longos silêncios simpáticos.

Amaro sentia-se naquela família pacífica como um estranho, um isolado, um solitário.

Ia nessas noites para o quarto infeliz, irritado: quase detestava Amélia; achava-a feia e *casmurra*. A intimidade com o escrevente parecia-lhe escandalosa. Uma noite surpreendera-se a dizer alto: «Que casem e que os leve o diabo!» Outra vezes, porém, raciocinava com serenidade a sua situação. Via então os factos na crua realidade. Ela era honesta, amada por um rapaz trabalhador e simpático; seria feliz por certo naquele casamento, teria filhos, os contentamentos purificantes da família, a tranquila posse do dever. Para que havia de pensar nela, deixar-se

267-79: agora [...] quase

279-93: achava-a [...] estúpido e teimoso!

rava-se de ver o escrevente embrulhado no seu xale-manta, sentado junto de Amélia.

260 — Ai o que estes dois têm para aí palrado, senhor pároco! dizia a S. Joaneira.

Amaro tinha um sorriso lívido, partindo devagar a sua torrada, com os olhos fitos na chávena.

265 Amélia, na presença de João Eduardo, agora, não tinha com o pároco a mesma familiaridade alegre, mal levantava os olhos da costura; o escrevente calado chupava o cigarro; e havia grandes silêncios em que se sentia o vento uivar, encanado na rua.

— Olha quem andar agora nas águas do mar! dizia a S. Joaneira fazendo devagar a sua meia.

— Safa!... acrescentava João Eduardo.

270 As suas palavras, os seus modos irritavam o padre Amaro: detestava-o pela sua pouca devoção, pelo seu bonito bigode preto. E diante dele sentia-se mais enleado no seu acanhamento de padre.

— Toca alguma coisa, filha, dizia a S. Joaneira.

275 — Estou tão cansada! respondia Amélia apoiando-se nas costas da cadeira, com um suspirozinho de fadiga.

A S. Joaneira, então, que não gostava de «ver gente mona», propunha uma *bisca de três*; e o padre Amaro, tomando o seu candeeiro de latão, descia para o quarto, muito infeliz.

280 Nessas noites quase detestava Amélia; achava-a *casmurra*. A intimidade do escrevente na casa parecia-lhe escandalosa: decidia mesmo falar à S. Joaneira, dizer-lhe «que aquele namoro de portas a dentro não podia ser agradável a Deus». Depois, mais razoável, resolvia esquecê-la, pensava em sair da casa, da paróquia. Representava-se então Amélia com a sua coroa de flores de laranjeira, e João Eduardo, muito vermelho, de casaca, voltando da Sé, casados... Via a cama de noivado com os seus lençóis de renda... E todas as provas, as certezas do amor dela pelo «idiota do escrevente» cravavam-se-lhe no peito como punhais...

— Pois que casem, e que os leve o diabo!...

259: estes dois] estes dois

267: S. Joaneira] S. Joaneira,

273: alguma coisa.] alguma coisa,

274: Amélia] Amélia,

277: Amaro.] Amaro

283: pensava] pensava mesmo

afundar naquele sentimento estéril? Resolvia então esquecê-la, lembrava-lhe mesmo sair daquela casa, da paróquia até. Mas no dia seguinte via Amélia só, risonha, fresca e desejável, e ficava de novo domado, vencido, sem força sob a paixão daquele encanto. A sua fraca razão acobardava-se diante do seu violento amor. Assim, nas antigas estampas dos livros de cavalaria, se vê um pobre pagem débil e sensível agarrado pelos vastos pulsos de um gigante estúpido e teimoso!

Um dia Amaro, porém, teve um caso inesperado.

Jantara cedo em casa da sr.^a D. Maria da Assunção, tinha ido passear depois pela estrada dos Marrazes, e na volta, ao fim da tarde, encontrou ao entrar em casa a porta da rua escancarada; ao pé do capacho, no patamar, estavam os chinelos de ourelo da *Ruça*.

— Naturalmente, pensou Amaro, a rapariga foi à fonte e esqueceu-se de fechar a porta.

A escada estava já escura e havia em toda a casa um grande silêncio crepuscular. Amélia tinha ido passar aquela tarde com a sr.^a D. Joaquina Gansoso, numa fazenda ao pé da Piedade. Amaro lembrou-se que talvez a S. Joaneira tivesse saído também e veio-lhe um receio: a porta estava aberta, podia alguém ter entrado, ter roubado as roupas e os vestidos! Subiu à sala de entrada: ninguém. Como as ruas estavam ainda molhadas da chuva da manhã, trazia galochas de borracha; os seus passos eram imperceptíveis. Subiu à sala do jantar. A porta do quarto de S. Joaneira estava aberta e o reposteiro de chita de ramagens corrido. Amaro, intrigado já, entreabriu-o; mas deixou-o imediatamente cair, surpreendido, sufocado, todo envergonhado! O quarto estava na penumbra, mas vira a S. Joaneira em pé, em saia branca, um tanto curvada, com as mãos atrás das costas, enfiando pelas ilhós o atacador do colete! E ao pé da S. Joaneira, na intimidade do desalinho, um homem grosso em mangas de camisa; era o cônego Dias! Amaro desceu, cosido com o corrimão, comprimindo o ruído dos passos. Já na escada ainda ouviu a voz do cônego dizer:

— Quem anda aí?

294-5: Amaro, porém, teve um caso inesperado. // Jantara cedo em casa da sra. D. Maria da Assunção, tinha ido passear depois pela estrada dos Marrazes, e na volta,

295-6: encontrou

296: casa / rua escancarada; ao pé do

298: — Naturalmente, pensou Amaro, a rapariga foi

300: A escada estava já escura e havia em toda a casa um grande silêncio crepuscular. Amélia tinha ido passar aquela

301-3: Piedade. [...] estavam ainda

304: trazia galochas

304-16: passos [...] que fora seu

Odiava-a então. Fechava violentamente a porta à chave como para
290 impedir que lhe penetrasse no quarto o rumor da sua voz ou o *frou-frou*
das suas saias. Mas daí a pouco, como todas as noites, escutava com o
coração aos saltos, imóvel e ansioso, os ruídos que ela fazia em cima ao
despir-se, palrando ainda com a mãe.

Um dia Amaro jantara em casa da sr.^a D. Maria da Assunção; fora
295 depois passear pela estrada de Marrazes, e à volta, ao fim da tarde, en-
controu, ao entrar em casa, a porta da rua aberta; sobre o capacho, no
patamar, estavam os chinelos de ourolo da *Ruça*.

— Tonta de rapariga! pensou Amaro, foi à fonte e esqueceu-se de
fechar a porta.

300 Lembrou-se que Amélia tinha ido passar a tarde com a sr.^a
D. Joaquina Gansoso, numa fazenda ao pé da Piedade, e que a S. Joaneira
falara em ir à irmã do cónego. Fechou devagar a cancela, subiu à cozinha
a acender o seu candeeiro; como as ruas estavam molhadas da chuva da
manhã, trazia ainda galochas de borracha; os seus passos não faziam
305 rumor no soalho; ao passar diante da sala de jantar sentiu no quarto da
S. Joaneira, através do reposteiro de chita, uma tosse grossa; surpreendido,
afastou subtilmente um lado do reposteiro, e pela porta entreaberta esprei-
tou. — Oh Deus de Misericórdia! A S. Joaneira, em saia branca, atacava
o colete; e, sentado à beira da cama, em mangas de camisa, o cónego
310 Dias resfolegava grosso!

295: estrada de] estrada dos

298: fonte] fonte.

Não respondeu e quando se achou na rua fechou brandamente a porta e caminhou ao acaso, tomando para o lado da Sé. O céu começava a enevoar-se, um crepúsculo triste e chuvoso descia.

Amaro estava assombrado.

— Quem diria, pensava ele!

Nunca suspeitara aquela intimidade do cônego na casa da S. Joaneira! A S. Joaneira, ela, toda pachorrenta, com as gordas roscas do seu pescoço!... E o cônego, que fora seu mestre de Moral! E era um cônego respeitado pelo cabido! E era um velho, sem os ímpetos do sangue novo, já na paz que lhe deveriam ter dado a idade, as dignidades eclesiásticas! Que faria ele então, novo, forte, sentindo um sangue abundante impacientar-se no fundo das suas veias, reclamar, urgir!... E o seu desejo, o amor por Amélia, aparecia-lhe menos excepcional, quase natural. Como em todos os mais padres, actuavam nele as forças iniludíveis da natureza! Por que não seria como outros, que sobem em dignidades, entram nos cabidos, regem os seminários, dirigem as consciências, envolvidos em Deus como numa absolvição permanente — e têm no entanto, numa rua afastada, uma mulher pacata e gorda, em casa de quem vão repousar das suas atitudes devotas e da austeridade do ofício, fumando cigarros de estanco e beijando uma face rechonchuda? Por que não?

Compreendia agora tudo e vinham-lhe então outras inesperadas reflexões: que gente era aquela, a S. Joaneira e a filha, que viviam assim sustentadas pela sensualidade pachorrenta de um velho cônego? A S. Joaneira fora decerto bonita, bem feita, desejável — outrora! Por quantos braços teria passado até chegar, pelos declives da idade, àqueles amores senis e mal pagos? Como teria sido educada Amélia?... Aquelas duas mulheres decerto não eram honestas. Recebiam hóspedes, viviam da concubinação. Amélia ia sozinha à igreja, às compras. O seu temperamento parecia exaltado. Talvez já tivesse tido um amante! Resumia então, filiava certas recordações: um dia em que ela lhe estivera mos-

316: era um cônego respeitado pelo cabido! E era

317-8: idade, as

318-22: Que faria [...] que sobem

323-4: consciências,

324: permanente —

325: entanto, numa rua afastada,

325-6: vão repousar das suas

327-8: e beijando uma face rechonchuda? Por que não? // Compreendia agora tudo e vinham-lhe então outras

inesperadas

329: pela sensualidade pachorrenta

332: pagos? Como teria sido educada Amélia?... Aquelas duas mulheres decerto

333: honestas,

334-5: compras. O seu temperamento parecia exaltado. Talvez

335: amante! Resumia então,

Amaro desceu, colado ao corrimão, fechou muito devagarinho a porta, e foi ao acaso para os lados da Sé. O céu enevoara-se, leves gotas de chuva caíam.

— E esta! E esta! dizia ele assombrado.

315 Nunca suspeitara um tal escândalo! A S. Joaneira, a pachorrenta S. Joaneira! O cônego, seu mestre de Moral! E era um velho, sem os ímpetos do sangue novo, já na paz que lhe deveriam ter dado a idade, a nutrição, as dignidades eclesiásticas! Que faria então um homem novo e forte, que sente uma vida abundante no fundo das suas veias reclamar e
320 arder!... Era, pois, verdade o que se cochichava no seminário, o que lhe dizia o velho padre Sequeira, cinquenta anos pároco da Gralheira: — «Todos são do mesmo barro!» Todos são do mesmo barro, — sobem em dignidades, entram nos cabidos, regem os seminários, dirigem as consciências envoltos em Deus como numa absolvição permanente, e têm no
325 entanto, numa viela, uma mulher pacata e gorda, em casa de quem vão repousar das atitudes devotas e da austeridade do ofício, fumando cigarros de estanco e palpando uns braços rechonchudos!

Vinham-lhe então outras reflexões: que gente era aquela, a S. Joaneira e a filha, que viviam assim sustentadas pela lubricidade tardia de um velho
330 cônego? A S. Joaneira fora decerto bonita, bem feita, desejável — outra! Por quantos braços teria passado até chegar, pelos declives da idade, àqueles amores senis e mal pagos? As duas mulherinhas, que diabo, não eram honestas! Recebiam hóspedes, viviam da concubinação. Amélia ia sozinha à igreja, às compras, à fazenda; e com aqueles olhos tão negros,
335 talvez já tivesse tido um amante! — Resumia, filiava certas recordações:

314: ele] ele.

trando na janela da cozinha um vaso de rainúnculos, achavam-se sós, e ela, toda corada, pusera-lhe a mão sobre o braço e os seus olhos reluziam e pediam; outra ocasião ela roçara-lhe com o pé... Vinham-lhe então certas esperanças e caminhava depressa, sob o impulso da agitação interior. Os seus pés chapinhavam as poças lamacentas; a noite caíra quase, com uma chuva fina e melancólica. Amaro não a sentia; estava cheio de uma só ideia, deliciosa, que o fazia tremer: ser o amante de Amélia, como o cônego era o amante da mãe! Parecia-lhe fácil: imaginava já a boa vida satisfeita que passaria; ela desceria, de noite, ao seu quarto, pé ante pé, apanhando as suas saias brancas, com um xale sobre os ombros nus... Com quantas devoções, humilhações ele amaria aquela fresca rapariga!

Entrou em casa cheio destas imaginações. A chuva fina continuava a cair. Amélia voltara e havia já luz na sala do jantar. Subiu.

— Ih! Como vem frio! disse-lhe Amélia, sentindo, ao apertar-lhe a mão, a humidade da névoa chuvosa.

Estava sentada à mesa, costurando, com um xale-manta pelos ombros. João Eduardo, ao pé, jogava a bisca com a S. Joaneira.

Amaro sentou-se um pouco embaraçado; a presença do escrevente chamava-o à realidade, e todas as esperanças que tinha criado e levantado caíam grotescamente, de repente, como um castelo de cartas, — vendo-a ali ao pé do noivo, curvada sobre uma costura honesta, com o seu escuro vestido afogado, sob o largo candeeiro de família!

E tudo em redor também aparecia a Amaro recatado e honrado: as paredes com o seu papel de ramagens verdes; o armário com a sua loiça luzidia da Vista Alegre; o simpático e bojudado pote de água; o velho

336: dia em

337: rainúnculos, achavam-se sós, e ela, toda

338: o braço

338-9: roçara-lhe [...] Amaro

340: sentia; estava cheio de uma só ideia, deliciosa, que

341: amante de Amélia,

341-2: mãe! Parecia-lhe fácil: imaginava

342-4: vida satisfeita que passaria; ela desceria, de noite, ao

345-50: nus... Com quantas devoções, [...] e havia

350: sala do

352: — Ih! / Amélia,

353: névoa chuvosa.

354: Estava sentada à mesa, costurando, com / ombros.

356-60: escrevente chamava-o à realidade, e todas as esperanças que tinha criado e levantado caíam grotescamente, de repente, como um castelo de cartas, — vendo-a ali ao

361: afogado, sob o largo

362: redor também aparecia a Amaro recatado e honrado: as

363: verdes; o armário com a sua loiça

364: Alegre; / água;

um dia que ela lhe estivera mostrando na janela da cozinha um vaso de
 rainúnculos, tinham ficado sós, e ela, muito corada, pusera-lhe a mão sobre
 o ombro e os seus olhos reluziam e pediam; outra ocasião ela roçara-
 -lhe o peito pelo braço! A noite caíra, com uma chuva fina. Amaro não
 340 a sentia, caminhando depressa, cheio de uma só ideia deliciosa que o fazia
 tremer: ser o amante da rapariga, como o cónego era o amante da mãe!
 Imaginava já a boa vida escandalosa e regalada; enquanto em cima a
 grossa S. Joaneira beijocasse o seu cónego cheio de dificuldades asmáti-
 cas, — Amélia desceria ao seu quarto, pé ante pé, apanhando as saias
 345 brancas, com um xale sobre os ombros nus... Com que frenesi a espera-
 ria! E já não sentia por ela o mesmo amor sentimental, quase doloroso:
 agora a ideia muito magana dos dois padres e as duas concubinas, de
 panelinha, dava àquele homem amarrado pelos votos uma satisfação de-
 pravada! Ia aos pulinhos pela rua. — Que pechincha de casa!

350 A chuva caía, grossa. Quando entrou havia já luz na sala de jantar.
 Subiu.

— Ih, como vem frio! disse-lhe Amélia sentindo, ao apertar-lhe
 a mão, a humidade da névoa.

Sentada à mesa, costurava com um xale-manta pelos ombros: João
 355 Eduardo, ao pé, jogava a bisca com a S. Joaneira.

Amaro sentou-se um pouco embaraçado; a presença do escrevente
 dera-lhe de repente, sem saber porquê, o duro choque duma realidade an-
 tipática: e todas as esperanças, que lhe tinham vindo a dançar uma sara-
 banda na imaginação, encolhiam-se uma a uma, murchavam — vendo ali
 360 Amélia ao pé do noivo, curvada sobre uma costura honesta, com o seu
 escuro vestido afogado, junto do candeeiro de família!

E tudo em redor lhe aparecia como mais recatado, as paredes com
 o seu papel de ramagens verdes, o armário cheio de louça luzidia da Vista
 Alegre, o simpático e bojudado pote de água, o velho piano mal firme nos

340: depressa.] depressa
 343: asmáticas, —] asmáticas —
 347: dos dois] dos dous
 352: Ih.] Ih! / Amélia] Amélia,
 363: cheio de] cheio da

piano mal firme nos seus três pés torneados, solene, sob a sua colcha de cetim desbotado; o paliteiro, tão querido de todos — um Cupido rechonchudo com um guarda-chuva aberto eriçado de palitos; e aquela tranquila bisca jogada com os dichotes clássicos; tudo era decente, sedentário, caturra e suave!

Como ele se enganara! Pensar que Amélia poderia ter as condescendências de concubina — ela que estava ali, toda armada dos recatos da esposa! Não, era decerto uma rapariga honrada; ignorava seguramente as velhas libertinagens da mãe...

— Então não diz nada, sr. pároco? disse a S. Joaneira. — E voltando-se para João Eduardo: — Trunfo, faz favor, seu cabeça no ar. O escrevente ria-se.

— É o senhor a jogar, dizia-lhe a S. Joaneira a cada momento.

João Eduardo distraía-se, esquecia-se de *comprar cartas*, a S. Joaneira ralhava:

— Ah! menino! menino! dizia ela com a sua voz preguiçosa, que lhe puxo as orelhas!

Amélia cosia com a cabeça baixa. Tinha um pequeno casabeque preto com botões de vidro. A sua expressão era honesta, toda reflectida.

O escrevente começou a falar de uma casa que queria alugar, a conversa caiu sobre arranjos domésticos. Amaro sentiu-se enfasiado.

— Traz-me a luz, gritou ele à *Ruça*.

365: torneados, solene, sob a sua colcha de cetim desbotado; o paliteiro,

366: palitos;

367-76: clássicos; [...] E voltando-se para

378: escrevente ria-se.

380: João Eduardo distraía-se, esquecia-se de *comprar cartas*, a S. Joaneira ralhava:

381: — Ah! menino! menino!

381-2: voz preguiçosa, que lhe puxo as

383: Amélia cosia / baixa.

384-96: vidro. A sua expressão era honesta, toda reflectida. // O escrevente começou a

397: alugar, / domésticos. Amaro sentiu-se enfasiado.

398: — Traz-me a luz, gritou ele

365 seus três pés torneados; o paliteiro tão querido de todos — um Cupido rechonchudo com um guarda-chuva aberto eriçado de palitos, e aquela tranquila bisca jogada com os dichotes clássicos. Tudo tão decente!

Afirmava-se então nas grossas roscas do pescoço da S. Joaneira, como para descobrir nelas as marcas das beijocas do cónego: Ah! Tu, não
370 há dúvida, és «uma barregã de clérigo». Mas Amélia! Com aquelas longas pestanas descidas, o beijo tão fresco!... Ignorava decerto as libertinagens da mãe; ou, experiente, estava bem resolvida a estabelecer-se solidamente na segurança dum amor legal! — E Amaro, da sombra, examinava-a longamente como para se certificar, na placidez do seu rosto, da virgindade do seu passado.

— Cansadinho, senhor pároco, hem? disse a S. Joaneira. E para João Eduardo: — Trunfo, faz favor, seu cabeça no ar?

O escrevente, namorado, distraía-se.

— É o senhor a jogar, dizia-lhe a S. Joaneira a cada momento.

380 Depois ele esquecia-se de *comprar cartas*.

— Ah menino, menino! dizia ela com a sua voz pachorrenta, que lhe puxo essas orelhas!

Amélia ia cosendo com a cabeça baixa: tinha um pequeno casabeque preto com botões de vidro, que lhe disfarçava a forma do seio.

385 E Amaro irritava-se daqueles olhos fixos na costura, daquele casaco amplo escondendo a beleza que mais apetecia nela! E nada a esperar! Nada dela lhe pertenceria, nem a luz daquelas pupilas, nem a brancura daqueles peitos! Queria casar — e guardava *tudo* para o outro, o idiota, que sorria baboso, jogando paus! Odiou-o então, dum ódio complicado de
390 inveja ao seu bigode negro e ao seu direito de amar...

— Está incomodado, senhor pároco? perguntou Amélia, vendo-o mexer-se bruscamente na cadeira.

— Não, disse ele secamente.

395 — Ah! fez ela com um leve suspiro, picando rapidamente o pesponto.

O escrevente, baralhando as cartas, começara a falar de uma casa que queria alugar; a conversa caiu sobre arranjos domésticos.

— Traze-me luz! gritou Amaro à *Ruça*.

372: ou,] ou

377: ar?] ar.

381: — Ah menino.] — Ah! menino!

394: ela] ela,

E desceu para o seu quarto. Ia desesperado. Pôs a vela sobre a cômoda; o espelho estava defronte e a sua imagem aparecia-lhe: reparou, sentiu-se feio, insignificante, ridículo com a sua cara rapada, o cabelo curto, a volta hirta como uma coleira, e por trás a coroa devia fazer uma mancha branca hedionda. Comparou-se instintivamente com o escrevente: o outro tinha um bigode, o seu cabelo todo, como a sua liberdade; era um homem! — É inútil, pensou ele. Para que havia de viver nas impaciências da paixão, cheio do desejo daquela mulher até às profundidades do seu ser? Ela ia casar, estabelecer-se. O outro era um homem, um esposo; ele era um padre, um ser fora da natureza. O outro podia dar-lhe o destino bom e sério, o conforto, a doce expansão da maternidade; ele só poderia dar-lhe os terrores do pecado, as sensibilidades criminosas. Ela simpatizava talvez com ele, apesar de padre; mas antes de tudo, acima de tudo, o que queria era casar-se. Nada mais natural. Via-se pobre, bonita, só: queria apoiar-se numa situação legítima, confortável e duradoira.

E Amaro sentia-se desgraçado. Irritava-o aquela criatura simples, com o seu vestido afogado, familiar com ele, sim, quase carinhosa às vezes, era certo — mas séria, casta, insensível, sem perceber que ao pé dela, sob uma negra batina, uma paixão a espreitava, a seguia, tremia e

399: E / quarto. Ia

400: defrome

400-1: imagem aparecia-lhe: reparou, sentiu-se feio, insignificante, ridículo

401: rapada, o cabelo curto, a

402: coroa devia fazer uma mancha branca hedionda.

402-3: o escrevente: o outro tinha

403-6: cabelo todo, [...] Ela

407: tudo, o que queria era casar-se.

408: natural.

408-12: só: [...] sem perceber que

413: paixão a espreitava.

413-4: impaciência. Quase a preferiria ver, toda

Desceu para o seu quarto, desesperado. Pôs a vela sobre a cómoda; o espelho estava defronte, e a sua imagem apareceu-lhe; sentiu-se feio, ridículo com a sua cara rapada, a volta hirta como uma coleira, e por trás a coroa hedionda. Comparou-se instintivamente com o outro que tinha um bigode, o seu cabelo todo, a sua liberdade! Para que hei-de eu estar a ralar-me? pensou. O outro era um marido; podia dar-lhe o seu nome, uma casa, a maternidade; ele só poderia dar-lhe sensações criminosas, depois os terrores do pecado! Ela simpatizava talvez com ele, apesar de padre; mas antes de tudo, acima de tudo, queria casar; nada mais natural! Via-se pobre, bonita, só: cobiçava uma situação legítima e duradoura, o respeito das vizinhas, a consideração dos lojistas, todos os proveitos da honra!

Odiou-a então, e o seu vestido afogado, e a sua honestidade! A estúpida, que não percebia que ao pé dela, sob uma negra batina, uma paixão devota a espreitava, a seguia, tremia e morria de impaciência!

morria de impaciência. Quase a preferiria ver, toda livre, com vestidos garridos, uma cuia impudente, os olhos libertinos, traçando a perna e fitando os homens — uma fêmea fácil como uma porta aberta... Mas recaiu em si, envergonhou-se destas ideias desregradas:

— Sim senhor, bonito! murmurava ele passeando pela saleta. A que eu cheguei! Não estou a desejar que a rapariga fosse uma desavergonhada!... Aqui está o que é ser padre, bom Deus! Não podemos pensar nas mulheres decentes, temos logicamente que reclamar prostitutas! Bonita religião! Bonito dogma! Podem limpar as mãos à parede!

Abafava. Abriu a janela; a chuva cessara, grandes nuvens soltas corriam e nos espaços azuis a Lua dava uma claridade fria. O piar das corujas na Misericórdia cortava o silêncio.

— Que bonita vida! pensou ele fechando a janela. E há-de ser sempre assim, só como um cão!

415: impudente, os olhos libertinos, traçando / homens —

416-7: aberta... [...] Não estou

417-9: desavergonhada!... Aqui está o que é ser padre, bom Deus! Não podemos pensar nas

419: temos logicamente

419-20: prostitutas! Bonita religião! Bonito dogma! Podem limpar as mãos à parede!

421-2: janela; a chuva cessara, grandes nuvens soltas corriam e nos espaços azuis a Lua dava uma claridade fria. O piar

422-46: cortava o silêncio. // — Que bonita vida! pensou ele fechando a janela. E há-de ser sempre assim, só como um cão!

415 Desejou que ela fosse como a mãe, — ou pior, toda livre, com vestidos garridos, uma cuia impudente, traçando a perna e fitando os homens, uma fêmea fácil como uma porta aberta...

— Boa! Estou a desejar que a rapariga fosse uma desavergonhada! — pensou, recaindo em si um pouco envergonhado. Está claro: não podemos pensar em mulheres decentes, temos que reclamar prostitutas! Bonito dogma!

420 Abafava. Abriu a janela. O céu estava tenebroso; a chuva cessara; o piar das corujas na Misericórdia cortava só o silêncio.

425 Entermeceu-se, então, com aquela escuridão, aquela mudez de vila adormecida. E sentiu subir outra vez, das profundidades do seu ser, o amor que sentira ao princípio por ela, muito puro, dum sentimentalismo devoto: via a sua linda cabeça, duma beleza transfigurada e luminosa, destacar da negrura espessa do ar; e toda a sua alma foi para ela num desfalecimento de adoração, como no culto a Maria e na Saudação Angélica; pediu-lhe perdão ansiosamente de a ter ofendido; disse-lhe alto: És uma santa! Perdoa! — Foi um momento muito doce, de renunciamento carnal...

430 E, espantado quase daquelas delicadezas de sensibilidade que descobria subitamente em si, pôs-se a pensar com saudade — que se fosse um homem livre seria um marido tão bom! Amorável, dedicado, dengueiro, sempre de joelhos, todo de adorações! Como amaria o *seu* filho, muito pequerruchinho, a puxar-lhe as barbas! À ideia daquelas felicidades inacessíveis, os olhos arrasaram-se-lhe de lágrimas. Amaldiçoou, num desespero, «a pega da marquesa que o fizera padre», e o bispo que o confirmara!

440 — Perderam-me! Perderam-me! dizia, um pouco desvairado.

Sentiu então os passos de João Eduardo que descia, e o rumor das saias de Amélia. Correu a espreitar pela fechadura, cravando os dentes no beijo, de ciúme. A cancela bateu, Amélia subiu cantarolando baixo. — Mas a sensação de amor místico que o penetrara um momento, olhando a noite, passara; e deitou-se, com um desejo furioso dela e dos seus beijos.

428: Maria| Maria,

432: E.| E

VII

Dias depois o padre Amaro e o cónego Dias tinham ido jantar com o abade de C. — Era um velho nédio e jovial, que vivia há trinta anos naquela freguesia e passava por ser o melhor cozinheiro da diocese. Todo o clero das vizinhanças conhecia a sua cabidela de caça. O abade fazia anos, havia outros convites. Tinham ido também o padre Natário e o padre Brito: o padre Natário era um homem magrito, seco, escuro, chupado, com uns olhos luzidios, inquietos, cheios de irritabilidade. Chamavam-lhe o *Furão*. Era extremamente esperto e questionador, passava por um intrigante astuto; diziam dele geralmente: *É uma língua de víbora*. Vivia com duas sobrinhas órfãs, dizia-se extremoso por elas, gabava-lhes sempre a virtude e costumava chamar-lhes as *duas rosas do seu canteiro*. O padre Brito era o padre mais estúpido e mais forte da diocese. Era um toiro: tinha uma enorme cabeça, coberta de um cabelo preto e lanígero, que lhe descia quase até às sobranceiras; a cara cheia, trigueira, quase azulada pela navalha de barba; beiços grossos, risadas bestiais; tinha o aspecto, os modos, a forte vida de um robusto beirão, que sabe manejar o cajado, emborcar um almude de vinho, pegar alegremente à rabiça do arado, servir de trolha nos arranjos de um alpendre, e nas sextas quentes de Junho atirar brutalmente as raparigas para cima das

2: abade de C. / velho nédio e jovial, que

4-5: sua cabidela de caça.

5: outros convites. Tinham ido também o

8-10: Era extremamente esperto e questionador, passava por um intrigante astuto; diziam dele geralmente:

10: víbora.

10-1: órfãs, dizia-se

11: virtude

13: diocese. [...] tinha

14: que sabe manejar o cajado, emborcar

15: vinho, pegar / arado, servir

16: Junho atirar

VII

Dias depois o padre Amaro e o cónego Dias tinham ido jantar com o abade da Cortegaça. — Era um velho jovial, muito caridoso, que vivia há trinta anos naquela freguesia e passava por ser o melhor cozinheiro da diocese. Todo o clero das vizinhanças conhecia a sua famosa *cabidela de caça*. O abade fazia anos, havia outros convidados — o padre Natário e o padre Brito: o padre Natário era uma criaturinha biliosa, seca, com dois olhos encovados, muito malignos, a pele picada das bexigas e extremamente irritável. Chamavam-lhe o *Furão*. Era esperto e questionador; tinha fama de ser grande latinista, e ter uma lógica de ferro; e dizia-se dele: *É uma língua de víbora!* Vivia com duas sobrinhas órfãs, declarava-se extremoso por elas, gabava-lhes sempre a virtude, e costumava chamar-lhes as *duas rosas do seu canteiro*. O padre Brito era o padre mais estúpido e mais forte da diocese; tinha o aspecto, os modos, a forte vida de um robusto beirão que maneja bem o cajado, emborca um almude de vinho, pega alegremente à rabiça do arado, serve de trolha nos arranjos de um alpendre, e nas sestas quentes de Junho atira brutalmente

6: com dois] com dous

10: víbora/] víbora.

medas de milho. O sr. chantre, sempre exacto nas suas comparações mitológicas, chamava-lhe — o *leão de Nemeia*.

Quando iam sentar-se à mesa chegou o último convidado, o beato Libaninho. Entrou todo azafamado, saracoteando-se, bulindo sempre com a sua cabecinha calva e deprimida, tossindo o seu pigarro crónico:

— Ai, filhos! Desculpem-me, começou ele logo, demorei-me mais um bocadinho. Passei pela Igreja de Nossa Senhora da Ermida, estava o padre Nunes a dizer uma missa de intenção. Ai, filhos! Papei-a logo, venho mesmo consoladinho.

Mas a Gertrudes, a velha e possante ama do abade, entrou com a vasta terrina do caldo de galinha e o Libaninho, saltitando em redor dela, começou os seus gracejos:

— Ai, Gertrudinhas, quem tu fazias feliz, bem eu sei!

A velha aldeã ria com um grande riso bondoso, que lhe sacudia a massa do seio.

— Olha que arranjo que me aparece agora pela tarde... dizia ela.

— Ora filha! As mulheres querem-se como as peras, maduras e de sete cotovelos. Então é que é chupá-las!

Todos riram e sentaram-se alegremente à mesa.

O jantar fora quase todo cozinhado pelo abade e logo desde a sopa as exclamações começaram:

— Sim senhor, famoso! Disto nem no Céu! Bela coisa!

Mas quando veio o capão recheado houve uma aclamação. O excelente abade estava rubro de glória. Era um padre bondoso e simples, que tinha uma paixão absoluta — a cozinha. Lera todos os cozinheiros completos, sabia todas as receitas, vivia em cima do lume absorvido nas caçarolas; acontecia-lhe, nos sermões do domingo, distrair-se e dar aos fiéis, ajoelhados pela igreja para receber a palavra de Deus, conselhos

17-8: O sr. chantre, sempre exacto

18-23: *Nemeia*. // Quando

23-4: chegou [...] pigarro crónico:

25: Desculpem-me, começou ele logo,

28: consoladinho.

29: Mas / entrou com

30: galinha / em redor

32: Gertrudinhas, / feliz,

33: com um grande

35: — Olha que arranjo que / tarde... dizia ela.

36: — Ora filha!

38: Todos riram e sentaram-se alegremente

39: fora quase / abade e logo desde a

41: — Sim

42-7: Mas quando veio o capão recheado houve uma aclamação. O excelente abade estava [...] para receber

48: guisado e

as raparigas para cima das medas de milho. O senhor chantre, sempre correcto nas suas comparações mitológicas, chamava-lhe — o *leão de Nemeia*.

A sua cabeça era enorme, de cabelo lanígero que lhe descia até às
20 sobranças: a pele curtida tinha um tom azulado, do esforço da navalha de barba; e, nas suas risadas bestiais, mostrava dentinhos muito miúdos e muito brancos do uso da broa.

Quando iam sentar-se à mesa chegou o Libaninho todo azafamado, gingando muito, com a calva suada, exclamando logo em tons agudos:
25 — Ai, filhos! Desculpem-me, demorei-me mais um bocadinho. Passei pela Igreja de Nossa Senhora da Ermida, estava o padre Nunes a dizer uma missa de intenção. Ai, filhos! Papei-a logo, venho mesmo consoladinho!

A Gertrudes, a velha e possante ama do abade, entrou então com a
30 vasta terrina do caldo de galinha; e o Libaninho, saltitando em roda dela, começou os seus gracejos:

— Ai, Gertrudinhas! Quem tu fazias feliz bem eu sei!

A velha aldeã ria com o seu espesso riso bondoso, que lhe sacudia a massa do seio.

35 — Olhe que arranjo me aparece agora pela tarde!...

— Ai, filha! As mulheres querem-se como as peras, maduras e de sete cotovelos. Então é que é chupá-las!

Os padres gargalharam; e, alegremente, acomodaram-se à mesa.

O jantar fora todo cozinhado pelo abade: logo à sopa as exclamações
40 começaram:

— Sim, senhor, famoso! Disto nem no Céu! Bela coisa!

O excelente abade estava escarlate de satisfação. Era, como dizia o senhor chantre, «um divino artista»! Lera todos os *Cozinheiros completos*, sabia inúmeras receitas: era inventivo — e, como ele afirmava dando
45 marteladinhas no crânio, «tinha-lhe saído muito petisco daquela cachimónia!» Vivia tão absorvido pela sua «arte» que lhe acontecia, nos sermões de domingo, dar aos fiéis ajoelhados para receberem a palavra de Deus, conselhos sobre o bacalhau guisado ou sobre os condimentos do

30: em roda] em redor

32: Gertrudinhas!] Gertrudinhas, / feliz] feliz.

33: ria] ria.

35: — Olhe] — Olha

41: Bela coisa!] Bela cousa!

44: receitas:] receitas;

47: sermões de] sermões do

sobre o bacalhau guisado e sobre os condimentos do sarrabulho. Era feliz e tinha uma só ambição — ter um dia a jantar o bispo!

— Oh! sr. pároco, dizia ele a Amaro, por quem é! Mais um bocadinho de cabidela, faça favor. Essas codeazinhas de pão ensopadas no molho! Isso! Isso! Que tal, hem? — E com um aspecto modesto: — Não é lá por dizer, mas a cabidela hoje saiu-me boa!

Estava, com efeito, excelente e todos se serviram com abundância. Sentiam-se numa hora alegre e feliz; tinham tirado as capas e só com as batinas, as voltas um pouco alargadas, comiam devagar, falando pouco. O aspecto da mesa alegrava com a sua loiça lustrosa, as bojudas canecas azuis com vinho da Bairrada, os pires de pimentões de um verde acre, o fresco prato de azeitonas molhadas, e aos dois lados as duas boas peças — o capão com as suas redondezas de um loiro tostado e a perna de vitela, já partida, deixando ver as fatias brancas e tenras.

As janelas da sala, largas, de peitoril, abriam para o quintal; viam-se as árvores um pouco despidas ainda e o vasto ar azul, frio, cheio de um sol alegre. Dois largos pés de camélias vermelhas cresciam ao pé da janela. Sentia-se o chiar de uma nora e ao longe as lavadeiras que batiam a roupa. A sala era alta, caiada, com um antigo tecto de carvalho escuro; sobre uma cómoda, entre grossos *in-fólios*, uma peanha doirada sustentava um Cristo de marfim, torcendo o seu corpo tosco cheio de chagas de vermelhão. Aos lados, os simpáticos santos da cristandade expunham-se nas suas atitudes legendárias sob redomas de vidro: o bom gigante S. Cristóvão atravessando o rio com o divino pequerrucho que sorri e faz saltar o mundo sobre a sua mãozinha como uma péla; o doce pastor S. Joãozinho coberto com uma pele de ovelha e guardando os seus rebanhos, não com um cajado, mas com uma cruz; o bom porteiro S. Pedro, tendo na sua mão de barro as duas santas chaves que servem

49-51: sarrabulho. Era feliz e tinha uma só ambição — ter

52: — Oh! sr. pároco,

53: favor.

56-7: Estava, com efeito, excelente e todos se serviram com abundância. Sentiam-se numa hora alegre e feliz; tinham tirado as capas e

57: voltas um pouco

58-60: pouco. O aspecto da mesa alegrava com a sua loiça lustrosa, as bojudas

61: Bairrada, os

61-3: pimentões [...] fatias brancas e tenras.

64: As janelas [...] Dois

65-71: vermelhas [...] o bom

72: sorri

74: ovelha

sarrabulho. E ali vivia feliz, com a sua velha Gertrudes, de muito bom paladar também, com o seu quintal de ricos legumes, sentindo uma só ambição na vida — ter um dia a jantar o bispo!

— Oh, senhor pároco! dizia ele a Amaro, por quem é! Mais um bocadinho de cabidela, faça favor! Essas codeazinhas de pão ensopadas no molho! Isso! Isso! Que tal, hem? — E com um aspecto modesto: — Não é lá por dizer, mas a cabidela hoje saiu-me boa!

Estava com efeito, como disse o cónego Dias, de tentar Santo António no deserto! Todos tinham tirado as capas, e, só com as batinas, as voltas alargadas, comiam devagar, falando pouco. Como no dia seguinte era a festa da Senhora da Alegria, os sinos na capela, ao lado, repicavam; e o bom sol do meio-dia dava tons muito alegres à louça, às bojudas canecas azuis com vinho da Bairrada, aos pires de pimentões escarlates, às frescas malgas de azeitonas pretas — enquanto o bom abade, de olho arregalado, mordendo o beijo, ia cortando com cuidado nacos brancos do peito do capão recheado.

As janelas abriam para o quintal. Viam-se dois largos pés de camélias vermelhas crescendo junto ao peitoril, e para além das copas das macieiras um pedaço muito vivo de céu azul-ferrete. Uma nora chiava ao longe, lavadeiras batiam a roupa.

Sobre a cómoda, entre *in-fólios*, na sua peanha um Cristo perfilava tristemente contra a parede o seu corpo amarelo, coberto de chagas escarlates: e, aos lados, simpáticos santos sob redomas de vidro, lembravam legendas mais doces de religião amável: o bom gigante S. Cristóvão atravessando o rio com o divino pequerrucho que sorri, e faz saltar o mundo sobre a sua mãozinha como uma péla; o doce pastor S. Joãozinho coberto com uma pele de ovelha, e guardando os seus rebanhos, não com um cajado, mas com uma cruz; o bom porteiro S. Pedro, tendo na sua mão de barro as duas santas chaves que servem nas fechaduras do

52: — Oh,] — Oh

53: favor!] favor.

56: [Santo António: conforme 1889]

64: Viam-se dois] Viam-se dous

70: santos] santos,

nas fechaduras do Céu! E tantos outros! Nas paredes, amáveis litografias de santas dolorosas sorriam, oravam, abençoavam, empastadas de coloridos cruéis. Toda aquela sala era simples, devota e patriarcal. O *tlin-tlin* dos copos, o ruído das facas animava-a de uma alegria desusada. O velho gato miava em redor da mesa, todo arqueado e cheio de mimo. E Libaninho dizia pilhérias! Todos riam; mas as gargalhadas da Gertrudes atroavam.

— Gertrudinhas, flor do caniço, dizia ele revirando os olhos, passa-me as bages¹. Não me olhes assim, magana, que me fazes revolver os intestinos.

— O diabo é o homem! dizia a velha. Olha para o que lhe deu! Falasse-me aqui há trinta anos, seu perdido!

— Ai, filha, nem me digas isso, que sinto coisas pela espinha acima!

Todos os padres se engasgavam de riso: aqueles equívocos sensuais pareciam-lhes deliciosos. Já se iam excitando, bebiam bem: o padre Brito desabotoara a batina, deixando ver a sua grossa camisola de lã da Covilhã, onde a marca da fábrica, feita de linha azul, era uma cruz sobre um coração.

Mas um pobre veio pôr-se à porta a choramingar os seus padre-nossos; e enquanto Gertrudes lhe metia no alforge metade de uma broa, os padres começaram a falar da pobreza das freguesias.

— Muita pobreza por aqui, muita pobreza! dizia o bom abade. Ó Dias, mais um bocadinho de vitela.

— Muita pobreza, mas muita preguiça, considerou duramente o padre Natário. — E citava factos que vira nas fazendas. — Súcia de mariolas! resumia ele.

— Deixe lá, padre Natário, deixe lá! dizia o abade. Olhe que há pobreza deveras. Por aqui há famílias — homem, mulher e cinco filhos que dormem no chão como porcos e não comem senão ervas.

¹ bages: conforme o original.

77-81: Céu! [...] O *tlin-tlin*

81-3: facas [...] gargalhadas da Gertrudes atroavam.

84: caniço, dizia ele revirando os olhos, passa-me as bages.

85: intestinos.

86: Olha para o

88: filha, nem

90-1: Todos os padres se engasgavam de riso: aqueles equívocos sensuais pareciam-lhes deliciosos. Já se iam excitando, bebiam bem: o padre

94: Mas um pobre veio pôr-se à porta a choramingar os seus

95-6: metade de uma broa, os padres começaram a falar da pobreza das

98: mais um bocadinho de vitela.

100-2: Natário. — E citava factos que vira nas fazendas. — Súcia de mariolas! resumia ele.

103: lá! dizia

104: famílias — / filhos

Céu! Nas paredes, em litografias de coloridos cruéis, o patriarca S. José apoiava-se ao seu cajado onde florescem lírios brancos; o cavalo empinado do bravo S. Jorge pisava o ventre dum dragão surpreendido; e o bom Santo António, à beira dum regato, sorria, falando a um tubarão. O *tlim-tlim* dos copos, o ruído das facas animavam a velha sala de tecto de carvalho defumado, duma alegria desusada. E Libaninho devorava, dizendo pilhérias:

— Gertrudinhas, flor do caniço, passa-me as vagens. Não me olhes assim, magana, que me fazes revolver os intestinos!

— O diabo é o homem! dizia a velha. Olha prò que lhe deu! Falasse-me aqui há trinta anos, seu perdido!

— Ai, filha! exclamava revirando os olhos, nem me digas isso que sinto coisas pela espinha acima!

Os padres engasgavam-se de riso. Já duas canecas de vinho estavam vazias: e o padre Brito desabotoara a batina, deixando ver a sua grossa camisola de lã da Covilhã, onde a marca da fábrica, feita de linha azul, era uma cruz sobre um coração.

Um pobre então viera à porta rosnar lamentosamente padre-nossos; e enquanto Gertrudes lhe metia no alforge metade duma broa, os padres falaram dos bandos de mendigos que agora percorriam as freguesias.

— Muita pobreza por aqui, muita pobreza! dizia o bom abade. Ó Dias, mais este bocadinho da asa!

— Muita pobreza, mas muita preguiça, considerou duramente o padre Natário. — Em muitas fazendas sabia ele que havia falta de jornaleiros, e viam-se marmanjos, rijos como pinheiros, a choramingar padre-nossos pelas portas. — Súcia de mariolas! resumiu.

— Deixe lá, padre Natário, deixe lá! disse o abade. Olhe que há pobreza deveras. Por aqui há famílias, homem, mulher e cinco filhos, que dormem no chão como porcos e não comem senão ervas.

81: sala] sala,

83: pilhérias:] pilhérias.

84: as vagens.] as bagas.

85: intestinos!] intestinos.

86: Olha prò] Olha pra o

89: sinto coisas] sinto cousas

102: mariolas!] mariolas,

— Então que diabo querias tu que eles comessem? exclamou o cônego Dias lambendo os dedos depois de ter esburgado uma asa de capão. Querias que comessem peru? Cada um como quem é!

Mas o padre Natário insistia em que a causa da miséria era ainda a imoralidade. Todos concordavam.

— Ah! Lá isso não falemos! disse o abade. — E contou que naquele momento havia na freguesia mais de doze raparigas solteiras grávidas. — Pois senhores, acrescentou, se as chamo, se as repreendo, põem-se-me a fungar de riso!

— Lá nos meus sítios, disse o padre Brito, quando foi pela apanha da azeitona, como há falta de braços, vieram as *malta*s trabalhar. Pois agora o verás! Foi um desaforo! — E descrevia os costumes da *malta*, trabalhadores errantes, homens e mulheres, que andam oferecendo os braços pelas fazendas, vivem na promiscuidade e morrem na miséria. — Era um escândalo! acrescentava o Brito. Era necessário andar sempre com o cajado em cima deles!

E cada um citava exemplos, anedotas, misérias.

107: esburgado uma asa de

109-22: Mas o padre Natário insistia em que a causa da miséria era ainda a imoralidade. Todos concordavam.

123-4: falemos! disse o abade. — E contou que naquele momento havia na

125: grávidas. — Pois senhores, acrescentou,

129: verás! Foi um desaforo! — E descrevia os costumes da *malta*,

131: miséria. — Era um escândalo! acrescentava o Brito. Era

132: sempre com o

133-6: E cada um citava exemplos, anedotas, misérias. // O cônego Dias costava que na freguesia de Santa Catarina as

— Então que diabo querias tu que eles comessem? exclamou o cónego Dias lambendo os dedos depois de ter esburgado a asa do capão. Querias que comessem peru? Cada um como quem é!

110 O bom abade puxou, repoltreando-se, o guardanapo para o estômago, e disse com afecto:

— A pobreza agrada a Deus Nosso Senhor.

— Ai, filhos! acudiu o Libaninho num tom choroso, se houvesse só pobrezinhos isto era o Reininho dos Céus!

O padre Amaro considerou com gravidade:

115 — É bom que haja quem tenha cabedais para legados pios, edificações de capelas...

— A propriedade devia estar na mão da Igreja, interrompeu Natário com autoridade.

O cónego Dias arrotou com estrondo e acrescentou:

120 — Para o esplendor do culto e propagação da fé.

Mas a grande causa da miséria, dizia Natário com uma voz pedante, era a grande imoralidade.

125 — Ah! Lá isso não falemos! exclamou o abade com desgosto. Neste momento há só aqui na freguesia mais de doze raparigas solteiras grávidas! Pois senhores, se as chamo, se as repreendo, põem-se-me a fun-
gar de riso!

130 — Lá nos meus sítios, disse o padre Brito, quando foi pela apanha da azeitona, como há falta de braços, vieram as *maltas* trabalhar. Pois agora o verás! Que desaforo! — Contou a história das *maltas*, trabalhadores errantes, homens e mulheres, que andam oferecendo os braços pelas fazendas, vivem na promiscuidade e morrem na miséria. — Era necessário andar sempre de cajado em cima deles!

135 — Ai! disse o Libaninho para os lados apertando as mãos na cabeça. Ai, o pecado que vai pelo mundo! Até se me estão a eriçar os cabelos!

112: — Ai.] — Ai

117: Natário] Natário,

131: promiscuidade] promiscuidade,

134: Ai.] Ai!

O cónego Dias contava que na freguesia de Santa Catarina as mulheres casadas tinham perdido todo o escrúpulo:

— Piores que as cabras, dizia ele bebendo amplamente.

E o padre Brito falou de um caso na freguesia de Amor: raparigas de dezasseis e dezoito anos, que costumavam reunir-se num palheiro — o palheiro do Silvério — e passavam lá a noite...

— Com um bando de marmanjos, acrescentou ele rindo muito.

Então o padre Natário, que tinha os olhos já luzídios, a língua solta, disse impudentemente, repoltreando-se na cadeira, espaçando as palavras:

— Eu não sei o que se passa lá na tua freguesia, Brito; mas se há alguma coisa o exemplo vem de alto. — E anediando o queixo: — A mim têm-me dito que tu e a mulher do regedor...

— É mentira! disse Brito rubro.

— Muito bem, amigo Brito, muito bem! disseram em redor, cumprimentando-o.

— É mentira! gritou o Brito.

— E aqui para nós, meus ricos, disse o cónego Dias baixando a voz, com uma malícia confidencial, sempre lhes digo que é uma mulher de mão-cheia!

— É mentira! clamou o Brito resfolgando. — E falando de um jacto: — Quem anda a espalhar isso é o morgado da Cumeada, porque o regedor não votou com ele na eleição... Mas tão certo como eu estar aqui, quebro-lhe os ossos! — Tinha os olhos injectados e estendendo sobre a mesa o seu enorme punho: — Quebro-lhe os ossos!

— O caso não é para tanto, homem, disse Natário.

— Quebro-lhe os ossos! — E resfolgava. — Quebro-lhe os ossos!

Mas então, recordando a eleição do morgado da Cumeada, começaram a falar das eleições e dos seus episódios. Todos ali, a não ser o padre

137: escrúpulo:

138-9: que as cabras, dizia ele bebendo amplamente.

141: anos,

142-3: noite... // — Com um bando de marmanjos, acrescentou ele rindo muito.

144: que tinha os olhos já

145: disse impudentemente, repoltreando-se na cadeira, espaçando

147: alto. — E anediando o queixo: — A

149-52: mentira! [...] gritou o Brito.

154: voz, com uma malícia

156: Brito resfolgando. — E

159: injectados e estendendo sobre a mesa o seu enorme

161: homem, disse

162-4: ossos! — E resfolgava. — Quebro-lhe os ossos!

165-6: Mas então, recordando a eleição do morgado da Cumeada, começaram a falar das

Mas a freguesia de Santa Catarina era a pior! As mulheres casadas tinham perdido todo o escrúpulo.

— Piores que cabras, dizia o padre Natário alargando a fivela do colete.

140 E o padre Brito falou de um caso na freguesia de Amor: raparigas de dezasseis e dezoito anos que costumavam reunir-se num palheiro — o palheiro do Silvério — e passavam lá a noite com um bando de marmanjos!

Então o padre Natário, que já tinha os olhos luzidios, a língua solta, 145 disse, repoltreando-se na cadeira e espaçando as palavras:

— Eu não sei o que se passa lá na tua freguesia, Brito; mas se há alguma coisa o exemplo vem de alto... A mim têm-me dito que tu e a mulher do regedor...

— É mentira! exclamou o Brito fazendo-se todo escarlate.

150 — Oh, Brito! Oh, Brito! disseram em redor, repreendendo-o com bondade.

— É mentira! berrou ele.

— E aqui para nós, meus ricos, disse o cônego Dias baixando a voz, com o olhinho aceso numa malícia confidencial, sempre lhes digo 155 que é uma mulher de mão-cheia!

— É mentira! clamou o Brito. E falando de um jacto: — Quem anda a espalhar isso é o morgado da Cumeada, porque o regedor não votou com ele na eleição... Mas tão certo como eu estar aqui, quebro-lhe os ossos! — Tinha os olhos injectados, brandia o punho: — Quebro-lhe os 160 ossos!

— O caso não é para tanto, homem, considerou Natário.

— Quebro-lhe os ossos! Não lhe deixo um inteiro!

— Ai, sossega, leãozinho! disse o Libaninho com ternura. Não te percas, filhinho!

165 Mas recordando a influência do morgado da Cumeada, que era então oposição e que levava duzentos votos à urna, os padres falaram de elei-

142: noite] noite,

145: disse.] disse / cadeira] cadeira,

147: alguma coisa] alguma cousa

149: Brito] Brito,

150: — Oh, Brito! Oh.] — Oh Brito, oh

Amaro, tinham trabalhado em eleições, tinham intrigado, tinham forçado votos. Vieram as anedotas, as recordações. Cada um contou as suas façanhas.

O padre Natário na última eleição tinha arranjado oitenta votos.

— Cáspite! disseram.

— Imaginam vocês como? Com um milagre!

— Com um milagre! repetiram espantados.

— Sim, senhores.

E Natário contou que se tinha entendido com um missionário e que na véspera da eleição se tinham recebido na freguesia algumas cartas vindas do Céu e assinadas pela Virgem Maria, pedindo, com promessas de salvação e ameaças do Inferno, votos para o seu candidato!

— É boa! É de mão-cheia! disseram todos.

Só Amaro ficara muito surpreendido.

— Homem! disse o abade com uma grande ingenuidade, disso é que eu cá precisava. Eu então tenho de andar aí a estafar-me de porta em porta. — E sorrindo bondosamente: — Com o que se faz ainda alguma coisa é com o relaxe da cômgrua!

— E com a confissão, disse o padre Natário com autoridade; com a confissão é que é!

O padre Amaro, que tinha estado calado, disse gravemente:

— Mas enfim a confissão é uma coisa muito séria, e servir assim para eleições...

Então o padre Natário, que o vinho exaltava, deixou sair uma palavra espontânea:

— Pois o senhor toma a confissão a sério?

Houve uma grande surpresa.

— Se tomo a confissão a sério? gritou o padre Amaro recuando a cadeira.

167-9: Amaro, [...] Cada um contou as

170: votos.

173: milagre!

175: E Natário contou que se tinha / missionário e que

175-6: eleição se tinham recebido na freguesia algumas

178-9: para o seu candidato! // — É boa! É de

180: Amaro ficara muito

181: com uma grande

183: alguma coisa

185-6: Natário com autoridade; com a confissão é que é!

187: que tinha estado

188: é uma coisa muito séria.

190-1: Então o padre Natário, que o vinho exaltava, deixou sair uma palavra espontânea:

194: sério?

195: cadeira.

ções e dos seus episódios. Todos ali, a não ser o padre Amaro, sabiam, como disse Natário, «cozinhar um deputadozinho». Vieram anedotas; cada um celebrou as suas façanhas.

170 O padre Natário na última eleição tinha arranjado oitenta votos!

— Cáspite! disseram.

— Imaginam vocês como? Com um milagre!

— Com um milagre!? repetiram espantados.

— Sim, senhores.

175 Tinha-se entendido com um missionário, e na véspera da eleição receberam-se na freguesia cartas vindas do Céu e assinadas pela Virgem Maria, pedindo, com promessas de salvação e ameaças do Inferno, votos para o candidato do Governo. De chupeta, hem?

— De mão-cheia! disseram todos.

180 Só Amaro parecia surpreendido.

— Homem! disse o abade com ingenuidade, disso é que eu cá precisava. Eu então tenho de andar aí a estafar-me de porta em porta.

— E sorrindo bondosamente: — Com o que se faz ainda alguma coisita é com o relaxe da cõngrua!

185 — E com a confissão, disse o padre Natário. A coisa então vai pelas mulheres, mas vai segura! Da confissão tira-se grande partido.

O padre Amaro, que estivera calado, disse gravemente:

— Mas enfim a confissão é um acto muito sério, e servir assim para eleições...

190 O padre Natário, que tinha duas rosetas escarlates na face e gestos excitados, soltou uma palavra imprudente:

— Pois o senhor toma a confissão a sério?

Houve uma grande surpresa.

195 — Se tomo a confissão a sério!? gritou o padre Amaro recuando a cadeira, com os olhos arregalados.

173: milagre!?) milagre!

183: alguma coisita] alguma cousita

185: A coisa] A cousa

190: Natário,] Natário

194: sério!?) sério?

— Ora essa! disseram.

O padre Natário queria explicar, atenuar:

— Mas escutem, criaturas de Deus! Eu não quero dizer que a confissão seja uma brincadeira. O que eu quero dizer é que é um meio como outro qualquer. — E como arrastado por uma lógica interior: — O que eu digo é que a absolvição é uma arma.

— Uma arma! exclamaram.

O abade protestava. O cónego citava textos. O Libaninho tinha-se benzido. E na exaltação iam bebendo, sem discernimento.

— Então talvez me queiram dizer, gritou Natário irritado, que qualquer de nós, pelo facto de ser padre, porque o bispo lhe impôs três vezes as mãos, e porque lhe disse o *accipe*, tem missão directa de Deus, é Deus mesmo para absolver?!

— Decerto! exclamaram, decerto!

E o cónego Dias disse meneando uma garfada de bages¹:

— *Quorum remiseric peccata, remittuntur eis*. É a fórmula. A fórmula é tudo, menino...

— A confissão é a essência mesma do sacerdócio, argumentava o padre Amaro, com gestos escolares, fulminando Natário. — Leia Santo Inácio! Leia S. Tomás!

— Anda-me com ele, gritava o Libaninho, pulando na cadeira, apoiando Amaro. — Anda-me com ele, amigo pároco!

— Oh! Senhores! gritou Natário exasperado com a contradição, o que eu quero é que me respondam a isto: — E voltando-se para Amaro: — O senhor, por exemplo, que acaba de almoçar, que comeu o seu pão torrado, que tomou o seu café, que fumou o seu cigarro e que

¹ bages: conforme o original.

196-7: essa! disseram. // O padre Natário queria

198: — Mas escutem,

199: brincadeira. O

200-2: meio como outro qualquer. — E como arrastado por uma lógica interior: — O que eu digo é que a absolvição é uma arma.

204-8: protestava. O cónego citava textos. O Libaninho tinha-se benzido. E na exaltação iam bebendo, sem discernimento.

209: gritou Natário irritado,

210: mãos,

211: Deus, é

214: disse / de bages:

217: sacerdócio, argumentava

218: Natário. — Leia

220: ele, / Libaninho,

221-3: pároco! // — Oh! Senhores! gritou Natário exasperado

224: isto: —

226: torrado, que / café, que / cigarro

— Ora essa! exclamaram. Oh, Natário! Oh, menino!

O padre Natário exaltado queria explicar, atenuar:

— Escutem, criaturas de Deus! Eu não quero dizer que a confissão seja uma brincadeira! Irra! Eu não sou pedreiro-livre! O que eu quero dizer é que é um meio de persuasão, de saber o que se passa, de dirigir o rebanho para aqui ou para ali... E quando é para o serviço de Deus, é uma arma. Af está o que é — a absolvição é uma arma!

— Uma arma! exclamaram.

O abade protestava, dizendo:

205 — Oh, Natário! Oh, filho! Isso não!

O Libaninho tinha-se benzido; e, dizia, «tinha já um tal terror que até lhe tremiam as pernas!»

Natário irritou-se:

210 — Então talvez me queiram dizer, gritou, que qualquer de nós, pelo facto de ser padre, porque o bispo lhe impôs três vezes as mãos e porque lhe disse o *accipe*, tem missão directa de Deus, — é Deus mesmo para absolver?!

— Decerto! exclamaram, decerto!

E o cónego Dias disse, meneando uma garfada de vagens:

215 — *Quorum remiseris peccata, remittuntur eis*. É a fórmula. A fórmula é tudo, menino...

— A confissão é a essência mesma do sacerdócio, soltou o padre Amaro com gestos escolares, fulminando Natário. Leia Santo Inácio! Leia S. Tomás!

220 — Anda-me com ele! gritava o Libaninho pulando na cadeira, apoiando Amaro. — Anda-me com ele, amigo pároco! Salta-me no cachaço do ímpio!

225 — Oh, senhores! berrou Natário furioso com a contradição, o que eu quero é que me respondam a isto. E voltando-se para Amaro: — O senhor, por exemplo, que acaba de almoçar, que comeu o seu pão torrado, tomou o seu café, fumou o seu cigarro, e que depois se

196: Oh, Natário! Oh.] Oh Natário! Oh

199: pedreiro-livre!] pedreiro-livre.

205: — Oh, Natário! Oh, filho!] — Oh Natário, oh filho,

210: mãos] mãos,

214: disse.] disse / de vagens:] de vages:

depois se vai sentar no confessionário, às vezes preocupado com negócios de família ou com faltas de dinheiro, às vezes com dores de cabeça, às vezes com dores de barriga, imagina o senhor que está ali como um Deus para absolver?

O argumento tinha surpreendido.

O cônego Dias, poisando o talher, ergueu os braços e com uma solenidade cômica exclamou:

— *Hereticus est!* É hereje!

— *Hereticus est!* Também eu digo, exclamou o padre Amaro.

Mas neste momento Gertrudes entrou com a larga travessa do arroz-doce.

— Não falemos nessas coisas, não falemos nessas coisas, disse prudentemente o abade. Vamos ao arrozinho. Gertrudes dá cá a garrafinha do Porto!

Todos estavam cheios de uma grande animação. A travessa do arroz-doce foi gulosamente festejada. O abade servia o vinho do Porto enchendo os copos devagar, com as precauções clássicas:

— Mil oitocentos e quinze! dizia ele. Disto não se bebe todos os dias.

Para o saborear, depois de o fazer reluzir à luz na transparência dos copos, repoltreavam-se nas velhas cadeiras de coiro e começaram as *saúdes!* A primeira foi ao abade.

A excitação crescia; os rostos avermelhados diziam a enfartação dos estômagos; as palavras abundantes, as risadas espessas tinham já a exageração do vinho.

— A Sua Santidade Pio IX! gritou o Libaninho brandindo o cálice. — Ao mártir!

228: dinheiro, às vezes / cabeça, às vezes

230: argumento tinha surpreendido.

231: Dias, poisando / braços

234: digo, exclamou

235: Mas neste momento Gertrudes entrou

236-7: disse prudentemente

237: Gertrudes

239-47: Todos estavam cheios de uma grande animação. A travessa do arroz-doce foi gulosamente festejada. O abade servia

247: Porto enchendo

249: dizia ele.

252: de coiro e

253-4: abade. [...] exageração do vinho.

255: gritou o

256: cálice. —

vai sentar no confessional, às vezes preocupado com negócios de família ou com faltas de dinheiro, ou com dores de cabeça ou com dores de barriga, imagina o senhor que está ali como um Deus para absolver?

230 O argumento surpreendeu.

O cónego Dias, pousando o talher, ergueu os braços, e com uma solenidade cómica exclamou:

— *Hereticus est!* É herege!

— *Hereticus est!* Também eu digo, rosnou o padre Amaro.

235 Mas a Gertrudes entrava com a larga travessa do arroz-doce.

— Não falemos nessas coisas, não falemos nessas coisas, disse logo prudentemente o abade. Vamos ao arrozinho. Gertrudes, dá cá a garrafinha do Porto!

240 Natário, debruçado sobre a mesa, ainda arremessava argumentos a Amaro:

— Absolver é exercer a graça. A graça só é atributo de Deus: em nenhum autor encontra que a graça seja transmissível. Logo...

— Ponho duas objecções... gritou Amaro com o dedo em riste, em atitude de polémica.

245 — Oh, filhos! Oh, filhos! acudiu o bom abade aflito. Deixem a sabatina, que até nem lhes sabe o arrozinho!

Serviu o vinho do Porto, para os acalmar, enchendo os copos devagar, com as precauções clássicas:

250 — Mil oitocentos e quinze! dizia. Disto não se bebe todos os dias.

Para o saborear, depois de o fazer reluzir à luz na transparência dos copos, repoltreavam-se nas velhas cadeiras de couro; começaram as *sauí-des!* A primeira foi ao abade, que murmurava: — Muita honra... Muita honra... Tinha os olhos chorosos de satisfação.

255 — A Sua Santidade Pio IX! gritou então o Libaninho brandindo o cálice. Ao mártir!

236: nessas coisas,] nessas cousas, / nessas coisas,] nessas cousas,

243: Amaro] Amaro,

245: — Oh, filhos! Oh, filhos!] — Oh filhos, oh filhos,

246: sabatina,] sabatina!

Todos beberam compungidos. E Libaninho entoou em voz de falsete o hino de Pio IX.

A sobremesa alargava-se; Natário citava Virgílio, molhando as castanhas em vinho; Amaro, todo deitado para trás na cadeira, as mãos nos bolsos, olhava maquinalmente as árvores do jardim; e o padre Brito, todo rubro, queria convencer os republicanos a *marmeleiro*.

— Viva o marmeleiro do padre Brito! gritou entusiasmado o Libaninho.

Natário tinha então começado uma resenha dos santos:

— A canonização é uma coisa excelente, dizia ele, lava tudo!

Saiam-lhe palavras ímpias, tinha dichotes *voltairianos*, falava de santos que tinham sido escandalosos, outros que pela sua profissão deviam ter conhecido, praticado, amado o vício.

— Santo Inácio foi militar, afirmava ele.

— Militar? gritou o Libaninho. — E erguendo-se e correndo a Natário, lançando-lhe um braço ao pescoço, com uma ternura pueril e avinhada: — Militar? E que era ele? Que era ele, o meu devoto Santo Inácio?

Natário repeliu-o:

— Deixa-me, homem. Era sargento de caçadores.

Houve uma enorme risada.

O Libaninho tinha ficado extático.

— Sargento de caçadores! dizia ele erguendo as mãos num ímpeto beato. Meu rico Santo Inácio! Bendito e louvado seja ele por toda a eternidade.

257: beberam compungidos. E

258-61: Pio IX. // A sobremesa alargava-se; Natário citava

262: vinho;

263-5: jardim; e o padre Brito, todo

269-73: Natário tinha então [...] falava de santos

274: escandalosos,

275-6: vício. // — Santo Inácio foi militar, afirmava ele.

277: — Militar? / erguendo-se e

278: pescoço,

279: Militar?

282: homem.

284: Libaninho tinha ficado

285: dizia ele

287: eternidade.

Todos beberam comovidos. Libaninho entoou em voz de falsete o hino de Pio IX: o abade, prudente, fê-lo calar por causa do hortelão que no quintal aparava o buxo.

260 A sobremesa foi longa, muito saboreada. Natário tomara-se terno, falava das suas sobrinhas, «as suas duas rosas», e citava Virgílio, molhando as castanhas em vinho. Amaro, todo deitado para trás na cadeira, as mãos nos bolsos, olhava maquinalmente as árvores do jardim, pensando vagamente em Amélia, nas suas formas: suspirou mesmo com um desejo
265 dela — enquanto o padre Brito, rubro, queria convencer os republicanos a *marmeleiro*.

— Viva o marmeleiro do padre Brito! gritou entusiasmado o Libaninho.

Mas Natário começara a discutir com o cônego história eclesiástica: e, muito questionador, voltou aos seus argumentos vagos sobre a doutrina da Graça: afirmava que um assassino, um parricida poderia ser cano-
270 nizado — se se tivesse revelado o estado de Graça! Divagava, com frases de escola em que se lhe pegava a língua. Citou santos que tinham sido escandalosos; outros que pela sua profissão deviam ter conhecido,
275 praticado, amado o vício. Exclamou com as mãos na cinta:

— Santo Inácio foi militar!

— Militar!? gritou o Libaninho. — E erguendo-se correndo a Natário, lançando-lhe um braço ao pescoço com uma ternura pueril e
280 avinhada: — Militar!? E que era ele? Que era ele, o meu devoto Santo Inácio?

Natário repeliu-o:

— Deixa-me, homem! Era sargento de caçadores.

Houve uma enorme risada.

O Libaninho ficara extático.

285 — Sargento de caçadores! dizia erguendo as mãos num ímpeto beato. Meu rico Santo Inácio! Bendito e louvado seja ele por toda a eternidade!

264: formas:] formas;

265: dela —] dela. —

277: — Militar!]? Militar?

278: pescoço] pescoço.

279: Militar!]? Militar?

282: homem!] homem.

E daí a pouco levantaram-se para o café. Eram três horas. Todos cambaleavam um pouco, vermelhos, exaltados, arrotando formidavelmente; só Amaro estava na posse de si mesmo. Sentia-se bem, satisfeito, com tendências ternas, uma necessidade de vida e de acção, — mas com a cabeça lúcida e as pernas firmes.

Tinha-se combinado um passeio à fazenda do abade, que era ao fim da aldeia. Saíram alegremente e meteram pelo atalho da Barroca, um caminho estreito de carros. O dia estava extremamente fino e claro, ao sol havia uma temperatura dilatadora. O solo estava seco. A vereda seguia entre valados, ericados de silvas; para além as terras lisas estendiam-se cobertas de restolho; a espaços as oliveiras destacavam com grande nitidez, na sua folhagem fina e fria; para o horizonte arredondavam-se colinas cobertas de rama verde-negra dos pinheiros. Havia um grande silêncio recolhido; só às vezes, ao longe, num caminho, um carro chiava. E naquela serenidade, naquela paz da paisagem e da luz, os padres iam caminhando devagar, troçoando, chacoateando, numa grande jovialidade.

O cónego Dias e o abade, de braço dado, faziam confidências, riam como dois caturras. O Brito ia pelo braço de Amaro. O Libaninho atrás, só, cantarolava:

Passarinho trigueiro
Salta cá fora...

E adiante de todos ia o padre Natário: levava a capa no braço, um pouco descaída, arrastando pelo chão; o seu corpo parecia mais magro e mais deprimido; tinha a batina desabotoada por trás e pela abertura via-se o forro sujo do colete; as suas pernas escanifradas, com as meias pretas de lã todas enrugadas, caminhavam depressa, aos bordos, oscilando.

288-90: E daí a pouco levantaram-se para o café. Eram três horas. Todos

290-7: pouco, [...] e meteram pelo

298: estava extremamente fino e claro, ao sol havia uma temperatura dilatadora. O solo estava seco. A / valados,

300: destacavam

301: fina e fria; / cobertas de

302: pinheiros. / silêncio recolhido;

303: serenidade, naquela paz da

304-5: troçoando, chacoateando, numa grande jovialidade.

306-14: dado, faziam confidências, riam como dois caturras. O Brito ia pelo braço de Amaro. O Libaninho atrás, só, cantarolava: // Passarinho trigueiro

316: E adiante

316-7: braço, um pouco descaída, arrastando pelo chão; o seu corpo parecia mais magro e mais deprimido; tinha

317-8: trás e pela abertura via-se o forro sujo do colete; as

318-9: lã todas enrugadas, caminhavam depressa, aos bordos, oscilando.

E então o abade propôs que fossem tomar café para debaixo da parreira.

290 Eram três horas. Ao erguer-se todos cambaleavam um pouco, arrotando formidavelmente, com risadas espessas; só Amaro tinha a cabeça lúcida, as pernas firmes — e sentia-se muito terno.

— Pois agora, colegas, disse o abade sorvendo o último gole de café, o que está a calhar é um passeio à fazenda.

295 — Para esmoer, rosnou o cônego erguendo-se com dificuldade. Vamos lá à fazenda do abade!

Foram pelo atalho da Barroca, um caminho estreito de carros. O dia estava muito azul, dum sol tépido. A vereda seguia entre valados erçados de silvas; para além as terras lisas estendiam-se cobertas de restolho; a espaços as oliveiras destacavam, com grande nitidez, na sua folhagem fina; para o horizonte arredondavam-se colinas cobertas da rama verde-negra dos pinheiros; havia um grande silêncio; só às vezes, ao longe, num caminho, um carro chiava. E naquela serenidade da paisagem e da luz, os padres iam caminhando devagar, tropeçando um pouco, de olho aceso, estômago enfartado, chacoteando e achando a vida boa.

300 O cônego Dias e o abade, de braço dado, caturravam. O Brito, ao lado de Amaro, jurava que havia de beber o sangue ao morgado da Cumeada.

— Prudência, colega Brito, prudência, dizia Amaro chupando o cigarro.

E o Brito, com passadas de carretão, rosnava:

— Hei-de comer-lhe os fígados!

O Libaninho atrás, só, cantarolava em falsete:

— Passarinho trigueiro,

315 Salta cá fora...

Adiante de todos ia o padre Natário: levava a capa no braço, arrastando pelo chão; a batina desabotoada por trás deixava ver o forro imundo do colete; e as suas pernas escanifradas, com as meias pretas de lã cheias de passagens, faziam bordos que o atiravam contra o silvado.

295: — Para] — Pra

300: destacavam.] destacavam

309: Amaro] Amaro,

312: fígados!] fígados.

314: — Passarinho] Passarinho

E no entanto Brito, com grandes bafos de vinho, dizia a Amaro:
— Eu só me contentava em agarrar num cajado e correr tudo!
Tudo! — E gesticulava com um gesto imenso que abrangia o mundo!

Tem as asas quebradas,
Não pode agora...

cantava em falsete o Libaninho...

Mas pararam de repente. Natário adiante tinha começado a gritar com voz colérica:

— Seu burro, você não vê? Sua besta!

Era à volta do atalho. Natário tinha tropeçado com um velho, alto, curvado, que conduzia uma ovelha. Ia caindo e estava exasperado.

— Queira Vossa Senhoria perdoar, dizia humildemente o homem.

— Sua besta! dizia Natário com os olhos chamejantes. Que o ra-cho!

O homem balbuciava, tinha tirado o chapéu; viam-se os seus cabelos brancos; parecia ser um antigo criado de lavoiira envelhecido no trabalho: era talvez avô — e curvado, vermelho de vergonha, encolhia-se com as sebes para deixar passar no estreito caminho os senhores padres joviais e excitados do vinho!

Amaro não os acompanhou até à fazenda. Ao fim da aldeia, no cruzeiro, tomou pelo caminho de Sobros, que vai para Leiria.

Dali à cidade é quase meia légua. Mas o dia estava extremamente lindo; o sol fraco, invernãl; a terra seca. Amaro sentia-se numa disposição feliz. Caminhava depressa, com a capa traçada, cantarolando baixo.

Ao pé da Cortegaça o caminho de Sobros começa a alargar-se e há um muro grande de quinta coberto de musgos, todo eriçado no alto de luzidios fundos de garrafas. Quando Amaro ia a passar diante do portão

320: vinho, dizia a Amaro:

322-3: mundo! // Tem

325: cantava em falsete o Libaninho...

326-7: repente. Natário adiante tinha começado a gritar com voz colérica:

329: atalho. Natário tinha tropeçado com um velho, alto, curvado,

330-1: ovelha. Ia caindo e estava exasperado.

333: besta! dizia

336: de lavoiira

336-7: trabalho:

338: caminho os

339: excitados do vinho!

340: não os acompanhou

341: Sobros, que vai

342-5: Dali à cidade [...] cantarolando baixo.

346-7: o caminho de Sobros começa a alargar-se e há um muro grande de

347: musgos, todo

348: Amaro ia a passar diante do

320 E no entanto Brito, com grandes bafos de vinho, roncava:
— Eu só me contentava em agarrar num cajado e correr tudo!
Tudo! — E gesticulava com um gesto imenso que abrangia o mundo.

— Tem as asas quebradas,
Não pode agora...

325 gania atrás o Libaninho.

Mas pararam de repente: Natário adiante gritava com uma voz furiosa:

— Seu burro, você não vê? Sua besta!

330 Era à volta do atalho. Tropeçara com um velho que conduzia uma ovelha; ia caindo; e ameaçava-o com o punho fechado numa raiva avinhada.

— Queira Vossa Senhoria perdoar, dizia humildemente o homem.

— Sua besta! berrava Natário com os olhos chamejantes. Que o racho!

335 O homem balbuciava, tinha tirado o chapéu; viam-se os seus cabelos brancos; parecia ser um antigo criado de lavoura envelhecido no trabalho; era talvez avô — e curvado, vermelho de vergonha, encolhia-se com as sebes para deixar passar no estreito caminho de carros os senhores padres joviais e excitados da vinhaça!

340 Amaro não os quis acompanhar até à fazenda. Ao fim da aldeia, no cruzeiro, tomou pelo caminho de Sobros, voltou para Leiria.

— Olhe que é uma légua à cidade, dizia o abade. Eu mandolhe aparelhar a égua, colega.

345 — Qual história, abade, a perminha é rija! — E, traçando alegremente a capa, partiu cantarolando o *Adeus!*

Ao pé da Cortegaça o atalho de Sobros alarga-se, ao comprido dum muro de quinta coberto de musgos e eriçado no alto de luzidios fundos de garrafas. Quando Amaro chegou próximo ao portão de carros, baixo

322: mundo.] mundo!

323: — Tem] Tem

326-7: furiosa:] furiosa.

344: E.] E

345: capa.] capa

de carros, baixo e pintado de vermelho, parou todo surpreendido. Sentada num dos largos poiais de pedra que há ao pé do portão, estava Amélia. Ao lado uma rapariga, com o chapéu preto desabado, curvada, acamava couves dentro de uma canastra.

— Olá, por aqui! disse Amaro sorrindo.

Ela fez-se um pouco vermelha:

— É verdade. Vim à quinta com a D. Maria da Assunção.

Ficaram calados um momento.

— Então esta é que é a quinta da D. Maria?

E Amaro adiantou-se para o portão, olhando.

Uma rua larga de velhos sobreiros, cheia de frescura e de uma sombra tranquila, estendia-se nobremente até à casa que se entrevia no fundo, branquejando ao sol.

— É. A nossa fazenda fica do outro lado, mas entra-se também por aqui. Vá, Joana, avia-te!

A rapariga pôs a canastra à cabeça, deu as boas-tardes e meteu pelo caminho de Sobros.

Amélia e Amaro ficaram sós.

— Sim, senhor! Sim, senhor! É uma boa propriedade, considerava o pároco.

— Venha ver a nossa fazenda, disse Amélia. É uma migalhinha de terra. Vai-se por aqui mesmo. Vamos ter lá baixo com a D. Maria.

— Valeu. Está a calhar, disse Amaro.

E foram subindo a rua dos sobreiros, calados. O chão estava cheio de folhas secas e entre os troncos, soberbos e espaçados, moitas de hortênsias pendiam, definhadas, abatidas, amareladas dos chuviros; ao fundo uma casa baixa, velha, de um andar só, assentava pesadamente. Ao longo da parede grandes abóboras amadureciam ao sol e no telhado, todo

349-55: vermelho, [...] Ela

356: — É verdade. Vim

356-8: Assunção. // Ficaram calados um momento.

360: Amaro adiantou-se para o portão, olhando.

361-2: sobreiros, cheia de frescura e de uma sombra tranquila, estendia-se nobremente até

365: boas-tardes e

366-7: Sobros. // Amélia e Amaro ficaram sós. // — Sim, senhor! Sim, senhor! É uma boa propriedade,

369: fazenda,

370: terra. Vai-se

370-1: mesmo. Vamos

371-2: D. Maria. // — Valeu. Está a calhar, disse Amaro.

373: E

374: secas e entre os troncos, soberbos e espaçados,

374-5: pendiam, definhadas, abatidas,

375: fundo uma

377: sol / negro dos tempos chuvosos.

e pintado de vermelho, encontrou no meio do caminho, parada, uma
350 grande vaca malhada; Amaro divertido espicaçou-a com o guarda-chuva;
a vaca trotou balouçando a papeira — e Amaro ao voltar-se viu Amélia,
ao portão, que saudava, dizendo toda risonha:

— Então está-me a espantar o gado, senhor pároco?

— É a menina! Que milagre é este?

355 Ela fez-se um pouco vermelha:

— Vim à quinta com a D. Maria da Assunção. Vim dar uma vista
de olhos à fazenda.

Ao pé de Amélia uma rapariga acamava couves numa canastra.

— Então esta é que é a quinta da D. Maria?

360 E Amaro deu um passo para dentro do portão.

Uma rua larga de velhos sobreiros, dando uma sombra doce, esten-
dia-se até à casa que se entrevia no fundo, branquejando ao sol.

— É. A nossa fazenda fica do outro lado, mas entra-se também por
aqui. Vá, Joana, avia-te!

365 A rapariga pôs a canastra à cabeça, deu as boas-tardes, meteu pelo
caminho de Sobros, batendo muito os quadris.

— Sim, senhor! Sim, senhor! Parece uma boa propriedade... consi-
derava o pároco.

370 — Venha ver a nossa fazenda! disse Amélia. É uma migalhinha
de terra, mas para fazer uma ideia. Vai-se por aqui mesmo... Olhe, va-
mos ter lá baixo com a D. Maria, quer?

— Valeu. Vamos lá à D. Maria, disse Amaro.

375 Foram subindo a rua dos sobreiros, calados. O chão estava cheio de
folhas secas, e, entre os troncos espaçados, moitas de hortênsias pendiam
abatidas, amareladas dos chuweiros; ao fundo a casa baixa, velha, de um
andar só, assentava pesadamente. Ao longo da parede grandes abóboras
amadureciam ao sol, e no telhado, todo negro do Inverno, esvoaçavam

367: propriedade...] propriedade.

370: mas para] mas pra

negro dos tempos chuvosos, esvoaçavam pombos. Por trás o laranjal formava uma massa de folhagens de um verde metálico; uma nora chiava monotonamente.

Um rapazito pequeno, todo sujo, com umas velhas calças largas que lhe escondiam os pés, roía, sentado nos degraus da porta, a sua côdea de broa.

— Para onde anda a senhora, João? perguntou-lhe Amélia.

— Está lá para baixo, para o olival, disse o rapaz com a sua vozinha arrastada.

Mas o olival era longe, no fundo da quinta. Como tinha chovido havia grandes lamas, não se podia ir lá sem tamancos.

— Vai-se a gente sujar toda, disse Amélia. — E tomando uma resolução: — É o mesmo, deixá-la lá. Vamos nós por aqui, sr. pároco.

Tinha aberto uma porta verde; desceram uns degraus de pedra desconjuntados e entraram por uma pequena rua encostada a um muro, coberta com uma larga parreira. Junto do muro cresciam rosas de todo o ano; do outro lado, por entre os pilares de pedra que sustentavam a latada e os pés torcidos das cepas, via-se, batido de luz, com tons amarelados, um grande campo de erva. Ao fundo do campo os tectos baixos do curral coberto de colmo destacavam em escuro, e desse lado um fumozinho leve, branco, perdia-se no fino azul do ar.

Amélia tinha arrancado uma rosa e caminhava devagar, explicando a quinta: — Ali semeava-se cevada, acolá os pessegueiros não tinham pegado, além o cebolinho estava muito bonito.

— Ah! A D. Maria da Assunção traz isto muito bem tratado!

Amaro ouvia-a falar, sorrindo. O sol batia-lhe nas costas através dos ramos secos da vide. Sentia uma vaga ternura; a voz dela surpreendia-o como se a ouvisse pela primeira vez, tão doce, tão extensa, tão metálica, tão rica! Para saltar umas lamas ela tinha apanhado o vestido: ele vira uma brancura de meia. E aquilo fizera-o tremer como se fosse um começo da sua nudez.

378-9: folhagens de um verde metálico.

380: rapazito pequeno, todo sujo, com umas velhas calças largas que lhe escondiam os pés, roía, sentado nos degraus da porta, a sua côdea de broa.

381: onde anda / João? perguntou-lhe

382: — Está lá para baixo, para o

383: Mas / quinta. Como tinha chovido havia grandes

385-6: Amélia. — E tomando uma resolução: — É o mesmo, deixá-la lá. Vamos nós por aqui, sr. pároco.

387-8: Tinha aberto uma porta verde; desceram uns degraus

388-9: desconjuntados e entraram por uma pequena rua encostada a um muro, coberta com

392: erva. Ao fundo do campo os

393: destacavam em

394: leve, branco, perdia-se no fino azul do ar.

395-6: Amélia [...] muito bonito.

398-400: falar, [...] Para

401: lamas ela

401-2: vestido: ele vira uma brancura de meia. E aquilo fizera-o tremer como se fosse um

pombos. Por trás o laranjal formava uma massa de folhagens verde-escuras; uma nora chiava monotonamente.

380 Um rapazito passou com um balde de lavagem.

— Para onde foi a senhora, João? perguntou Amélia.

— Foi prò olival, disse o rapaz com a sua vozinha arrastada.

O olival era longe, no fundo da quinta: havia ainda grandes lamas, não se podia ir lá sem tamancos.

385 — Vai-se a gente sujar toda, disse Amélia. Deixar lá a D. Maria, hem? Vamos nós ver a quinta... Por aqui, senhor pároco...

Estavam defronte dum velho muro onde cresciam clematites. Amélia abriu uma porta verde; e por três degraus de pedra desconjuntados desceram a uma rua toldada por uma larga parreira. Junto do muro cres-
390 ciam rosas de todo o ano; do outro lado, por entre os pilares de pedra que sustentavam a latada e os pés torcidos das cepas, via-se, batido de luz, com tons amarelados, um grande campo de erva; os tectos baixos do curral coberto de colmo destacavam ao longe em escuro, e desse lado um fumozinho leve e branco perdia-se no ar muito azul.

395 Amélia a cada momento parava, explicava a quinta: — Ali ia semear-se cevada; além havia de ver o cebolinho, estava muito bonito...

— Ah! A D. Maria da Assunção traz isto muito bem tratado!

Amaro ouvia-a falar, com a cabeça baixa, olhando-a de lado; a sua voz naquele silêncio dos campos parecia-lhe mais rica, mais doce; o gran-
400 de ar dava-lhe uma cor mais picante às faces; o seu olhar rebrilhava. Para saltar umas lamas tinha apanhado o vestido; e a brancura da meia, que ele entreviu, perturbou-o como um começo da sua nudez.

381: — Para] — Pra

382: — Foi prò] — Foi pra o

387: muro] muro,

Ao fim da parreira alargava-se um campo de sementeira. De um lado havia um alto valado, coberto de silvas, de uma vegetação espinhosa, numa grande extensão.

— Aqui está, sr. pároco. Para lá deste valado é a nossa fazenda. Entra-se aqui adiante por uma cancela. Mas veja lá se está cansado. Que o sr. parece-me que não é grande caminhador.

E ria-se; estava contente, o grande ar alegrava-a, fazia-a expansiva, acessível. Falava na *sua fazenda* com uma vaidade, satisfeita de se mostrar entendida de lavoira, de ser proprietária.

— Vamos lá ver, vamos lá ver, dizia Amaro.

Mas a cancela por onde se entrava para a fazenda estava fechada pelo outro lado! Era uma alta cancela de grades estreitas, entre duas ombreiras de madeira, enterradas no chão, encravadas na espessura do silvado.

— Ora esta! exclamou ela toda desconsolada. — E através da grade, curvando-se, gritava para o lado do campo, arrastando a voz: — António! António!

Ninguém respondeu.

— Anda lá para o fundo da quinta. — E abalava a cancela, toda impaciente. — Que seca! É o mesmo, acrescentou rindo. Se o sr. pároco não tem dúvida aqui adiante pode-se passar. Há uma abertura no valado: chamam-lhe o *salto da cabra*. Pode a gente saltar para o outro lado.

E contava então que costumava saltar por ali quando era criança. Iam caminhando rente do silvado, ela adiante, chapinhando a lama, toda alegre; Amaro seguia, calado, vendo-a andar, com a sua figura forte, a cinta toda quebradiça, os ombros cheios e a espessa massa do seu cabelo, que tinha à luz tons luzidios. Ela ia falando, muito risonha:

— Quando eu era pequena, nunca passava pela cancela, nunca! Saltava sempre por ali. Que trambolhões! Quando o chão estava resvaladiço com a chuva, isso então!... Era um vivo demónio, eu, aqui onde

403-7: Ao fim da [...] Para lá deste valado é

407-8: Entra-se aqui adiante por uma cancela. Mas

408: cansado. Que o sr.

409-13: caminhador. // E ria-se; estava contente, o grande ar alegrava-a, fazia-a expansiva, acessível. Falava

413-4: uma vaidade, satisfeita de se mostrar entendida de lavoira.

415-20: — Vamos lá ver, [...] gritava para

420-1: arrastando a

423-4: quinta. — E abalava a cancela, toda impaciente. — Que seca! — É o mesmo, acrescentou rindo.

Se o sr. pároco não tem dúvida aqui

425: valado:

428: cancela, nunca!

429: ali. Que trambolhões!

430: chuva, isso então!... / demónio, eu,

430-1: dizer, sr.

Ao fundo da parreira atravessaram um campo ao comprido dum regueiro. Amélia riu muito do pároco, que tinha medo de sapos. Ele então
 405 exagrou os seus sustos. Ó menina Amélia, haveria víboras? E roçava-se por ela, afastando-se das ervas altas.

— Vê aquele valado? Pois para o lado de lá é a nossa fazenda. Entra-se pela cancela, vê? Mas veja lá se está cansado! Que o senhor parece-me que não é grande caminhador... Ai, um sapo!

410 Amaro deu um pulinho, tocou-lhe o ombro. Ela empurrou-o docemente, e com um riso cáldo:

— Seu medroso! Seu medroso!

Estava toda contente, toda viva. Falava na *sua fazenda* com uma vaidadezinha satisfeita de entender da lavoura, de ser proprietária.

415 — A cancela está fechada, parece, disse Amaro.

— Está? fez ela. — Apanhou as saias, deu uma carreirinha. Estava fechada! Que pena! E abalava, impaciente, as grades estreitas, entre as duas fortes ombreiras de madeira encravadas na espessura do silvado.

— Foi o caseiro que levou a chave!

420 Agachou-se, gritou para o lado do campo, arrastando muito tempo a voz: — António! António!

Ninguém respondeu.

— Anda lá para o fundo da quinta! disse ela. Que seca! Se o senhor pároco quisesse, aqui adiante pode-se passar. Há uma abertura no
 425 valado, chamam-lhe o *salto da cabra*. Pode a gente saltar para o outro lado.

E caminhando rente ao silvado, chapinhando a lama, toda alegre:

— Quando eu era pequena nunca passava pela cancela, saltava sempre por ali. E cada trambolhão quando o chão estava resvaladiço com a
 430 chuva! Era um vivo demónio, aqui onde me vê! Ninguém há-de dizer,

409: Ai, Ai

414: vaidadezinha] vaidadezinha,

415: parece,] parece —

423: lá para] lá pra

425: saltar para] saltar pra

428: pequena] pequena, / cancela,] cancela!

429: trambolhão] trambolhão,

me vê! Ninguém há-de dizer, sr. pároco, hem? Ai! Vou-me a fazer velha! — E voltando-se para ele com um riso onde luzia o esmalte dos dentes: — Não é verdade, sr. pároco? Estou-me a fazer velha!

Ele sorria, embaraçado. Custava-lhe a falar. E o grande azul, a temperatura tépida davam-lhe uma moleza, tinha vontade de se espreguiçar.

— Ora aqui está o *salto da cabra*, disse Amélia parando.

Era, com efeito, uma abertura no valado. Via-se dali parte da fazenda da S. Joaneira: a terra plana estendia-se até um campo cercado de oliveiras; a erva fina estava toda estrelada de pequenos malmequeres brancos; uma vaca preta com grandes malhas pastava; para além eram os olivais e viam-se os tectos escuros e aguçados dos casais.

— E agora? perguntou Amaro.

— Agora salta-se, disse ela rindo.

Mas como o solo, do outro lado, era muito mais baixo, era necessário dar um salto firme, porque a terra estava enlameada e toda escorregadia.

Amaro traçou a capa, saltou primeiro: com o impulso, porém, escorregou, ia caindo nas ervas húmidas. Amélia ria de cima com uma grande alegria.

— Estou com medo! dizia ela, querendo saltar. Estou com medo! — E tinha risinhos finos, modozinhos assustados.

Amaro via-a de baixo, rodeada de silvas, com o seu pé pequeno grosseiramente calçado, o queixo redondo e liso, o pescoço lácteo e cheio.

— Ih! Que medrosa, disse ele de baixo, rindo.

432: ele com um riso / verdade, sr. pároco?

433: velha!

434-6: sorria, embaraçado. Custava-lhe a falar. E o grande azul, a temperatura tépida davam-lhe uma moleza, tinha vontade de se espreguiçar.

437: — Ora

438-9: Era, com efeito, uma abertura no valado. Via-se dali parte da

439-40: S. Joaneira: a terra plana estendia-se até um campo cercado de oliveiras; a erva fina estava toda

441-3: preta com grandes malhas pastava; para além eram os olivais e viam-se os tectos escuros e aguçados dos casais.

445: — Agora salta-se,

446-64: Mas como o solo, [...] veio cair-lhe

senhor pároco, hem? Ai! Vou-me a fazer velha! — E voltando-se para ele, com um risinho onde luzia o esmalte dos dentes: — Não é verdade? Estou-me a fazer velha, hem?

435 Ele sorria. Custava-lhe falar. O sol, batendo-lhe nas costas, depois do vinho do abade, amolecia-o; e a figura dela, os seus ombros, os seus encontros davam-lhe um desejo contínuo e intenso.

— Aqui está o *salto da cabra*, disse Amélia parando.

440 Era uma abertura estreita no valado: a terra do outro lado, mais baixa, estava toda lamacenta. Via-se dali a fazenda da S. Joaneira: o campo plano estendia-se até um olival, com a erva fina muito estrelada de pequenos malmequeres brancos; uma vaca preta, de grandes malhas, pastava; e para além viam-se tectos aguçados de casais onde voavam revoadas de pardais.

— E agora? perguntou Amaro.

445 — Agora saltar, disse ela rindo.

— Cá vai! exclamou ele.

Traçou a capa, saltou; mas escorregou nas ervas húmidas — e imediatamente Amélia, debruçando-se, rindo muito, com grandes acenos de mãos:

450 — E agora adeus, senhor pároco, que eu vou ter com a D. Maria. Aí fica preso na fazenda. Para cima não pode o senhor pular, pela cancela não pode o senhor passar! É o senhor pároco que está preso...

— Ó menina Amélia! Ó menina Amélia!

Ela cantarolava-lhe, escarnecendo:

455 Fico sozinha à varanda,
Que o meu bem está na prisão!

Aquelas maneirinhas excitavam o padre — e com os braços erguidos, a voz cálida:

— Salte, salte!

442: aguçados de] aguçados dos

447: saltou;] saltou: / húmidas —] húmidas, —

451: fazenda. Para] fazenda. Pra

— Ah! Sim! gritou ela apanhando os vestidos...

E com um gesto decidido saltou. Amaro tinha aberto os braços para a amparar, ela veio cair-lhe sobre o peito com um pequeno grito. Amaro escorregou e ao firmar-se apertou-a a si estreitamente; e estonteado, esquecido, perdido, deu-lhe um beijo rápido, ao de leve, quase ao pé da boca.

Amélia desprendeu-se rapidamente e ficou diante dele, calada, toda escarlate, compondo na cabeça e em roda do pescoço as pregas da manta. Amaro tremia, ia a dizer:

— Perdoe-me!

Mas Amélia começou a andar depressa, quase correndo, com um ruído seco de saias engomadas, ao longo do valado. Amaro seguia-a, aterrado, maquinalmente, sem pensar.

Chegaram assim outra vez à cancela, que tinha a chave por dentro. Ela abriu-a rapidamente, empurrou-a, atravessou quase a correr o campo de sementeira e tornaram a entrar, calados, na rua coberta com a larga parreira seca. Ao pé da casa estava um criado da quinta com a enxada ao ombro.

— Ó António, disse ela, ensine o portão ao sr. pároco. Avie-se!

Amaro ia falar-lhe, humilhar-se; mas veio-lhe uma timidez e foi seguindo o criado devagar.

Amélia, sem erguer os vestidos, através das terras húmidas, deitou a correr para o fundo da quinta, para o sítio do olival.

A sr.^a D. Maria da Assunção ainda lá estava, sentada numa pedra, seguindo o trabalho de um bando de mulheres, que, com grandes varas, batiam a ramagem das oliveiras.

— Que é isso, tonta? Donde vens tu a correr, rapariga? Credo! Que doída!

— Vim a correr, disse ela, vermelha, ofegante.

Sentou-se no chão, ao pé da velha, com as mãos caídas no regaço. Respirava fortemente, com os beiços entreabertos, os olhos todos vivos, húmidos. Tinha uma só ideia, uma só sensação:

464-6: um pequeno grito. [...] ao pé da boca.

467-8: desprendeu-se rapidamente e ficou diante dele, calada, toda escarlate, compondo

468-77: pescoço [...] enxada ao ombro.

478: disse ela,

478-80: ao sr. pároco. [...] húmidas, deitou a correr

480-1: quinta, para o sítio

482-3: pedra, seguindo o trabalho de um bando de mulheres, que,

484: batiam a

485: Credo!

487: ela, vermelha, ofegante.

488: Sentou-se no chão, ao pé da velha, com

489: regaço. Respirava fortemente, com

489-90: olhos todos vivos, húmidos. Tinha uma só ideia, uma

491: mim! pensava ela. // E sentia um alvoroço e um encanto inesperado.

460 Ela então fez voz de mimo:
— Ai, tenho medinho! Tenho medinho...
— Salte, menina!
— Lá vai! gritou ela bruscamente.

465 Saltou, foi cair-lhe sobre o peito com um gritinho. Amaro resvalou, firmou-se — e, sentindo entre os braços o corpo dela, apertou-a brutalmente e beijou-a com furor no pescoço.

Amélia desprendeuse, ficou diante dele, sufocada, com a face em brasa, compondo na cabeça e em roda do pescoço, com as mãos trémulas, as pregas da manta de lã. Amaro disse-lhe:

470 — Ameliazinha!

Mas ela de repente apanhou os vestidos, correu ao comprido do valado. Amaro, com grandes passadas, seguiu-a atarantado. Quando chegou à cancela, Amélia falava ao caseiro, que aparecia com a chave.

475 Atravessaram o campo junto ao regueiro, depois a rua coberta com a parreira. Amélia adiante palrava com o caseiro; e atrás Amaro, de cabeça baixa, seguia muito murcho. Ao pé da casa Amélia parou, fazendo-se vermelha, compondo sempre a manta em redor do pescoço:

— Ó António, disse, ensine o portão ao senhor pároco. Muito boas-tardes, senhor pároco.

480 E através das terras húmidas correu para o fundo da quinta, para os lados do olival.

A sr.^a D. Maria da Assunção ainda lá estava, sentada numa pedra, tagarelando com o tio Patrício; um bando de mulheres, com grandes varas, batiam em redor a ramagem das oliveiras.

485 — Que é isso, tonta? Donde vens tu a correr, rapariga? Credo, que doída!

— Vim a correr, disse ela toda vermelha, sufocada.

490 Sentou-se ao pé da velha; e ficou imóvel, com as mãos caídas no regaço, respirando fortemente, os beiços entreabertos, os olhos fixos numa abstracção. Todo o seu ser se abismava numa só sensação:

— Gosta de mim! Gosta de mim!

465: firmou-se — e,] firmou-se; — e

476: casa] casa,

478: pároco. Muito] pároco. Muitas

485-6: Credo, que doída!] Credo! Que doída!

— Gosta de mim! Gosta de mim! pensava ela.
E sentia um alvoroço e um encanto inesperado.

Logo desde os primeiros dias depois de Amaro chegar, quando o via, quando o cumprimentava pela manhã, quando lhe ouvia a voz, Amélia sentia-se contente, parecia-lhe a vida alegre. Achava-o simpático, atraente, bem feito, com um lindo olhar. Via-o sempre um pouco triste. Porquê? Não conhecia o seu passado e começou a supor que ele se fizera padre por um grande desgosto de amor. Idealizava-o um pouco, então; supunha-lhe uma natureza terna, prendendo-se facilmente:

— Deve ser meigo, imaginava ela.

Pensara logo em o escolher para confessor: as suas palavras deviam ser persuasivas e doces. Como seria bom estar ajoelhada aos pés dele, no confessional, falando-lhe baixo, vendo de perto os seus grandes olhos tristes, sentindo a sua voz tranquila falar do Paraíso, da glória, dos anjos, de todas as coisas amorosas, finas e cheias do Céu! Muitas vezes reparara-lhe na brancura dos dentes. Achava que a batina lhe ficava bem. Era tão airoso, com uma cinta tão bem feita! Quando Amaro saía, ia ao quarto dele, compunha-lhe a travesseirinha, alisava o cabelo com o seu pente. Palpitava quando o ouvia tocar a campainha. Se Amaro jantava fora com o cônego Dias, ela estava impertinente, ralhava com a *Ruça* e às vezes dizia um pouco mal do pároco. Quando ele falava de alguma nova confessada, tinha um despeito, amuava. A sua antiga devoção renascia, cheia de um fervor estranho. Ia mais à igreja, ajoelhava mais tempo na exposição do Santíssimo. Mas na sua maneira de rezar, de praticar, havia um vago sentimentalismo. Sentia, sem compreender bem, um certo amor físico pelos altares, pelos santos, pelos paramentos. Tinha vagamente vontade de abraçar, com pequeninos beijos demorados, a igreja, o órgão, o missal, todo o Céu! Tinha um desejo de se encostar à cruz,

492-7: Logo desde [...] Via-o sempre um

497-8: passado e começou a supor que

499: um grande desgosto de amor. Idealizava-o um pouco, então;

499-501: natureza terna, [...] Como

502: confessional, falando-lhe baixo, vendo / seus grandes olhos tristes,

503: voz tranquila

503-5: do Paraíso, [...] Quando

505-7: dele, compunha-lhe a travesseirinha, alisava o cabelo com o seu pente. Palpitava quando

507-8: campainha. Se

508-9: Dias, ela estava impertinente,

509-10: *Ruça* e às vezes dizia um pouco mal do pároco.

511: confessada, tinha um despeito, amuava.

512-3: fervor estranho. [...] vontade de abraçar,

513-5: demorados, [...] Lia

Estava há muito enamorada do padre Amaro — e às vezes, só, no seu quarto, desesperava-se por imaginar que ele não percebia nos seus olhos a confissão do seu amor! Desde os primeiros dias, apenas o ouvia pela
495 manhã pedir de baixo o almoço, sentia uma alegria penetrar todo o seu ser sem razão, punha-se a cantarolar com uma volubilidade de pássaro. Depois via-o um pouco triste. Porquê? Não conhecia o seu passado; e, lembrada do frade de Évora, pensou que ele se fizera padre por um desgosto de amor. Idealizou-o então: supunha-lhe uma natureza muito
500 terna, parecia-lhe que da sua pessoa airosa e pálida se desprendia uma fascinação. Desejou tê-lo por confessor: como seria bom estar ajoelhada aos pés dele, no confessionário, vendo de perto os seus olhos negros, sentindo a sua voz suave falar do Paraíso! Gostava muito da frescura da sua boca; fazia-se pálida à ideia de o poder abraçar na sua longa batina
505 preta! Quando Amaro saía, ia ao quarto dele, beijava a travesseirinha, guardava os cabelos curtos que tinham ficado nos dentes do pente. As faces abrasavam-se-lhe quando o ouvia tocar a campainha.

Se Amaro jantava fora com o cónego Dias estava todo o dia imper-
tinentemente, ralhava com a *Ruça*, às vezes mesmo dizia mal dele, «que era
510 casmurro, que era tão novo que nem inspirava respeito». Quando ele falava de alguma nova confessada, amuava, com um ciúme pueril. A sua antiga devoção renascia, cheia de um fervor sentimental: sentia um vago amor físico pela Igreja; desejaria abraçar, com pequeninos beijos demorados, o altar, o órgão, o missal, os santos, o Céu, porque não os distin-

497: e,] e

508: Dias] Dias,

512: cheia de um] cheia dum

como ao corpo de um homem amado. Lia o seu livro de missa com uma indefinida voluptuosidade que a fazia espreguiçar. Entrava na religião como numa paixão! — E de repente naquela tarde ele tinha-lhe dado um beijo!

A tarde caía quando D. Maria e Amélia voltaram para a cidade. Grandes cores inflamadas coloriam o céu no poente; no alto o azul era baço; erguia-se um vento frio; já tocava a Ave-Marias. Amélia começou a rezar baixo, e ao passar pela Sé a igreja pareceu-lhe alta, nobre, profunda como um túmulo, mas gloriosa como o Céu. Nunca a igreja lhe aparecera assim tão bela, de tão misteriosa impressão. Era ali que ele celebrava, baptizava, casava, encomendava os mortos. Ele era um padre, um homem de Deus. Dele caía a penitência e a absolvição; as suas palavras davam o Paraíso; da sua jurisdição vinha a santidade. E era tão novo, tão interessante, tão meigo! Os seus olhos eram tão bonitos!

No adro lajeado da igreja alguns cónegos passeavam, conversando. A botica defronte já tinha luz; os vidros e os bocais reluziam; e por detrás da balança e das altas redomas, a figura do farmacêutico Carlos movia-se majestosamente.

516-20: de missa [...] dado um beijo!

521-38: cidade. [...] tão bonitos!

539: lajeado da igreja alguns

540: luz; os vidros e os / balança e das altas redomas,

541: Carlos movia-se

515 guia bem de Amaro, e pareciam-lhe dependências da sua pessoa. Lia o seu livro de missa pensando nele como no seu Deus particular. E Amaro não sabia, quando passeava agitado pelo quarto, que ela em cima o escutava, regulando as palpitações do seu coração pelas passadas dele, abraçando o travesseiro, toda desfalecida de desejos, dando beijos no ar, onde
520 se lhe representavam os lábios do pároco!

A tarde caía quando D. Maria e Amélia voltaram para a cidade. Amélia adiante, calada, chibatava a sua burrinha, enquanto D. Maria da Assunção vinha falando com o moço da quinta, que segurava a arreata. Ao passar junto à Sé tocou a Ave-Marias. E Amélia, rezando, não podia
525 destacar os olhos das cantarias da igreja tão grandiosamente erguidas, decerto para que ele ali celebrasse! Lembravam-lhe então domingos em que o vira, ao repicar dos sinos, dar a bênção dos degraus do altar-mor; e todos se curvavam, mesmo as senhoras do morgado Carreiro, mesmo a senhora baronesa de Via-Clara e a mulher do governador civil, tão orgulhosa, com o seu nariz de cavalete! Dobravam-se sob os seus dedos er-
530 guidos, e achavam decerto também bonitos os seus olhos negros! E era ele que a tinha apertado nos braços, ao pé do valado! Sentia ainda no pescoço a pressão cálida dos seus beijos: uma paixão flamejou como uma chama por todo o seu ser: largou a arreata da burrinha, apertou as mãos
535 contra o peito, e cerrando os olhos, lançando toda a sua alma numa devoção:

— Ó Nossa Senhora das Dores, minha madrinha, faz que ele goste de mim!

No adro lajeado cónegos passeavam, conversando. A botica defronte
540 já tinha luz, os bocais reluziam; e por detrás da balança a figura do farmacêutico Carlos, com o seu boné bordado a missanga, movia-se majestosamente.

519: ar.] ar

527: altar-mor:] altar-mor:

529: Via-Clara] Via-Clara.

529-30: civil, tão orgulhosa.] civil tão orgulhosa

530: seus dedos] seus dois dedos

534: [Em 1889: do burrinho]

537: — Ó] — Oh.

540: balança] balança.

VIII

O padre Amaro voltou para casa numa grande agitação. Fechou-se no seu quarto e logo que a noite escureceu foi a casa do cónego Dias. Sentia-se numa situação difícil. A sua primeira ideia foi sair imediatamente da casa da S. Joaneira. Não podia continuar ali, na mesma familiaridade, tendo mostrado claramente a Amélia o seu amor, o seu erro, a sua esperança.

Ela não parecera muito escandalizada; tinha ficado apenas calada e espantada; mas fora talvez o respeito eclesiástico que a contivera, ou talvez a delicadeza para com o hóspede, a atenção para com o amigo do cónego. Mas poderia contar ao escrevente, saber-se aquilo na cidade; e via-se já apontado ao dedo, escarnecido, repreendido pelo chantre, talvez suspenso!

Depois, se persistisse em vê-la na intimidade, entregue às sugestões da paixão, poderia vir outro momento, uma tentação mais viva... Ela não tinha, certamente, indiferença por ele. Mas era quase noiva, quase esposa; não abandonaria a segurança daquele destino pelas incertezas de um sentimento equívoco!

1-4: O padre Amaro [...] S. Joaneira.

5-8: familiaridade, [...] a delicadeza

9-16: Mas poderia [...] Depois,

16-29: intimidade, [...] esmorecia

VIII

O padre Amaro voltara para casa aterrado.

— E agora? E agora? dizia ele encostado ao canto da janela, sentindo o coração encolhido.

Devia sair imediatamente da casa da S. Joaneira! Não podia continuar ali, na mesma familiaridade, depois de ter tido «aquele atrevimento com a pequena».

Que ela não ficara muito indignada — apenas atordoada; contivera-a talvez o respeito eclesiástico, a delicadeza para com o hóspede, a atenção para com o amigo do cônego. Mas podia contar à mãe, ao escrevente... Que escândalo! E via já o senhor chantre, traçando a perna e fitando-o, — que era a sua atitude de repreensão — dizer-lhe com pompa: — «São esses desregramentos que desonram o sacerdócio. Não se comportaria de outro modo um sátiro no monte Olimpo!» — Poderiam desterrá-lo outra vez para alguma freguesia da serra!... Que diria a senhora condessa de Ribamar?

E depois, se persistisse em vê-la na intimidade, ter constantemente presentes aqueles olhos negros, o sorriso cálido que lhe fazia uma covinha no queixo, a curva daquele peito — a sua paixão, crescendo surdamente, irritada a toda a hora, recalçada para dentro, torná-lo-ia doido, «podia fazer alguma asneira!»

Decidiu-se então a ir falar ao cônego Dias: a sua natureza fraca necessitava sempre receber forças duma razão, duma experiência alheia: costumava consultar ordinariamente o cônego que, pelo hábito da disci-

2: ele] ele.

10-1: fitando-o, —] fitando-o —

19: recalçada para] recalçada pra

19-20: torná-lo-ia doido,] torná-lo-ia doido.

Revolvia estes pensamentos no caminho para casa do cônego; queria-se abrir com ele, aconselhar-se, pedir que lhe arranjasse uma casa e uma criada, receber forças, ser chamado à razão por uma voz velha e prudente.

O cônego estava só na sala do jantar. Sobre a mesa um candeeiro esmorecia com um morrão avermelhado. Os tições da braseira, cobertos de uma pulverização de cinza, revermelhavam vagamente. A sala tinha uma penumbra sonolenta.

O cônego, sentado numa cadeira de braços, com o capote pelos ombros, os pés embrulhados num cobertor, aconchegado, amolentado no tépido calor do lume, com o *Breviário* sobre os joelhos, dormitava. E na dobra do cobertor, a *Trigueira* estirada ressonava.

Aos passos de Amaro o cônego mexeu-se e, com um bocejo, espreguiçou-se:

— Então! Ia adormecendo, hem!

— É cedo, disse o padre Amaro. Ainda não tocou a recolher.

— Ah! É você, disse o cônego bocejando mais. Cheguei tarde de casa do abade, depois tomei chá, veio o quebranto... Então o que é feito?

— Vim por aqui... começou o padre Amaro. — E calou-se.

— Pois o abade deu-nos um rico jantar. A cabidela estava de mão-cheia! Eu carreguei-me um bocado, acrescentou o cônego rufando com os dedos na capa do *Breviário*.

Houve um silêncio. Os bocejos do cônego escancaravam-se. Amaro decidiu-se e sentando-se ao pé dele, começando a remexer o brasido:

— Sabe você, padre-mestre? Ando triste... — E depois de um momento: — Esta cabecinha não regula...

la para dizer: — Aconteceu-me um caso! — Mas reteve-se:

— Não estou bem! Não vai bem isto!

30: cobertos de uma

31: vagamente. A sala tinha uma penumbra sonolenta. // O cônego.

33: cobertor, aconchegado, amolentado no tépido / *Breviário*

34: dormitava. E

34-5: estirada ressonava.

36-8: cônego mexeu-se e, com um bocejo, espreguiçou-se: // — Então! Ia

39-41: recolher. // — Ah! É você, disse o cônego bocejando mais. Cheguei

42: abade, depois tomei chá, / Então o

44: aqui... começou o padre Amaro. — E calou-se.

46: bocado, acrescentou

47: *Breviário*.

48: Houve um silêncio. Os bocejos do cônego escancaravam-se. Amaro decidiu-se e sentando-se ao pé dele, começando a remexer o

49-50: padre-mestre? Ando triste... — E depois de um momento: — Esta cabecinha não regula... // la para dizer: — Aconteceu-me

50-2: reteve-se: // — Não estou bem! Não vai bem isto! // — Você, com efeito,

25 plina eclesiástica, ele julgava mais inteligente por ser seu superior na hierarquia; e não perdera, desde o seminário, a sua dependência de discípulo. Depois, se quisesse arranjar uma casa e uma criada para ir viver só, necessitava o auxílio do cônego, que conhecia Leiria como se a tivesse edificado.

30 Encontrou-o na sala de jantar. O candeeiro de azeite esmorecia com um morrão avermelhado. Os tições da braseira, cobertos duma pulverização de cinza, revermelhavam vagamente. E o cônego, sentado numa cadeira de braços, com o capote pelos ombros, os pés embrulhados num cobertor, amodorrado no calor do lume, com o Breviário sobre os joelhos, dormitava. Na dobra do cobertor, a *Trigueira* estirada dormitava
35 como ele.

Aos passos de Amaro o cônego abriu muito devagar os olhos, rosnou:

— Ia adormecendo, hem!

40 — É cedo, disse o padre Amaro. Ainda não tocou a recolher. Então que preguiça é essa?

— Ah! É você? disse o cônego com um enorme bocejo. Cheguei tarde de casa do abade, tomei uma gota de chá, veio o quebranto... Então que é feito?

— Vim por aqui.

45 — Pois o abade deu-nos um rico jantar. A cabidela estava de mão-cheia! Eu carreguei-me um bocado, disse o cônego rufando com os dedos na capa do Breviário.

Amaro, sentado ao pé dele, remexia devagar o brasido:

50 — Sabe você, padre-mestre? disse ele de repente. Ia acrescentar: — Aconteceu-me um caso! — Mas reteve-se, murmurou: — Estou hoje esquisito; tenho andado ultimamente fora dos eixos...

26: Depois.] Depois

29: sala de] sala do

40: essa?] essa!

— Você, com efeito, anda amarelo, disse o cónego aconchegando-se no capote. Purgue-se, homem!

Amaro esteve um momento calado, olhando o lume.

— Sabe? Estou com ideia de mudar de casa.

O cónego endireitou-se:

— Mudar de casa! Ora essa! Porquê?

O padre Amaro começou a falar baixo:

— Você percebe... Tenho estado a pensar... É assim esquisito estar em casa de duas mulheres, com uma rapariga...

— Ora, histórias! Você é hóspede. Deixe-se disso, homem!

— Não, não, padre-mestre, eu cá me entendo...

E suspirou. Amaro desejava que o cónego interrogasse, atraísse as confidências.

— Então só hoje é que pensa nisso, criatura?!

— É verdade, tenho estado a pensar hoje nisto. Tenho minhas razões.

Ia a dizer: — Fiz uma tolice, — mas acanhou-se, hesitou.

O cónego olhou para ele um momento:

— Homem! Seja franco!

— Sou.

— Você acha aquilo caro?

— Não! disse o outro, com uma negação impaciente.

— Bem, então é outra coisa...

— É. Você que quer? — E com um sorriso, em voz mais baixa, pensando que o cónego compreendera: — A gente também gosta do que é bom...

— Bem, bem, disse o cónego rindo, percebe. Você, como eu sou amigo da casa, quer-me dizer por bons modos que tem nojo de tudo aquilo!

52-3: cónego aconchegando-se no capote. Purgue-se,

54: calado, olhando

56: cónego endireitou-se:

58: Amaro começou a falar

59: pensar...

61-3: histórias! Você é hóspede. Deixe-se disso, homem! // — Não,

64: suspirou, Amaro / cónego interrogasse, atraísse as

66: nisso, criatura?!

68: razões. // Ia / acanhou-se, hesitou.

70: — Homem!

73: outro,

75-6: E com um sorriso, em voz mais baixa, pensando que o cónego compreendera: — A

— Você com efeito anda amarelo, disse o cónego, considerando-o.
Purgue-se, homem!

Amaro esteve um momento calado, a olhar o lume.

55 — Sabe? Estou com ideia de mudar de casa.

O cónego ergueu a cabeça, arregalou os olhinhos sonolentos:

— Mudar de casa! Ora essa! Porquê?

O padre Amaro chegou a cadeira para ele, e falando baixo:

60 — Você percebe... Tenho estado a pensar, é assim esquisito estar em casa de duas mulheres, com uma rapariga...

— Ora, histórias! Que me vem você contar? Você é hóspede... Deixe-se disso, homem! É como quem está na hospedaria.

— Não, não, padre-mestre, eu cá me entendo...

65 E suspirou; desejava que o cónego o interrogasse, facilitasse as confidências.

— Então só hoje é que pensa nisso, Amaro?!

— É verdade, tenho estado a pensar hoje nisto. Tenho minhas razões. — Ia a dizer: — Fiz uma tolice, — mas acanhou-se.

O cónego olhou para ele um momento:

70 — Homem, seja franco!

— Sou.

— Você acha aquilo caro?

— Não! disse o outro com uma negação impaciente.

— Bem, então é outra coisa...

75 — É. Você que quer? — E num tom magano, com que julgou agradar ao cónego: — A gente também gosta do que é bom...

— Bem, bem, disse o cónego rindo, percebo. Você, como eu sou amigo da casa, quer-me dizer por bons modos que tem nojo de tudo aquilo!

52: — Você com efeito] — Você, com efeito,

70: — Homem,] — Homem!

73: outro] outro,

74: outra coisa...] outra coisa...

— Tolice! disse Amaro, erguendo-se, irritado daquela falta de perspicácia.

— Oh! homem! dizia o cônego abrindo os braços numa surpresa: Você quer sair da casa? Por alguma coisa é! Ora a mim parece-me que melhor...

— É verdade, é verdade, dizia Amaro espertando maquinalmente o morrão do candeeiro. Mas estou com esta ferrada. Veja você se me arranja alguma coisa, uma casita barata com alguma mobília...

O cônego tinha ficado calado.

— Eu sei lá, homem! Isso é o diabo... — E depois de um momento: — Enfim, veremos! Veremos!

Mas a irmã do cônego entrou e Amaro saiu sem se ter revelado.

O cônego ficou ainda ao pé do lume, ruminando. Não tinha insistido com Amaro, porque aquela resolução de deixar a casa da S. Joaneira convinha-lhe. Ele dava, havia anos, uma mesada à S. Joaneira; mas desde que lhe arranjava, como hóspede, o padre Amaro, diminuía-lhe a mesada. Tinha mesmo feito com ela essa combinação. Poucos dias depois, porém, já estava arrependido. A S. Joaneira, quando estava só, dormia no primeiro andar; o cônego podia entrar livremente, ficar, se quisesse, até mais tarde, sossegado, saboreando os lentos carinhos da sua *velhota*. Amélia, com o seu quarto em cima, era alheia a estas frequências sentimentais. Mas quando veio o padre Amaro, a S. Joaneira cedera-lhe o

80: Amaro, erguendo-se, irritado daquela falta de perspicácia.

81: — Oh! homem! dizia / braços numa surpresa:

82: alguma coisa

83-4: Amaro espertando maquinalmente o morrão do candeeiro. Mas

84: ferrada.

84-5: arranja alguma coisa, uma

85-97: mobília... [...] sem se ter revelado.

98-9: ruminando. Não tinha insistido com Amaro, porque aquela resolução de deixar

99-105: S. Joaneira [...] Mas quando

105-9: S. Joaneira [...] namorado; era

80 — Tolice! disse Amaro erguendo-se, irritado de tanta obtusidade.

— Oh, homem! exclamou o cónego abrindo os braços. Você quer sair da casa? Por alguma é! Ora a mim parece-me que melhor...

— É verdade, é verdade, dizia Amaro que dava agora grandes pas-
sadas pela sala. Mas estou com esta ferrada! Veja você se me arranja
85 uma casita barata com alguma mobília... Você entende melhor dessas
coisas...

O cónego ficou calado, muito enterrado na poltrona, coçando deva-
gar o queixo.

— Uma casita barata... rosnou por fim. Eu verei, eu verei...
90 Talvez.

— Você compreende, acudiu vivamente Amaro, chegando-se ao
cónego. A casa da S. Joaneira...

Mas a porta rangeu, D. Josefa Dias entrou: e depois de conversarem
sobre o jantar do abade, o catarro da pobre D. Maria da Assunção, a
95 doença de fígado que ia minando o engraçado cónego Sanches — Amaro
saiu, quase contente agora de se não «ter desabotoado com o padre-
-mestre».

O cónego ficou ainda ao pé do lume, ruminando. Aquela resolução
de Amaro de deixar a casa da S. Joaneira era bem-vinda; quando ele o
100 trouxera de hóspede para a Rua da Misericórdia, combinara com a
S. Joaneira diminuir-lhe a mesada que havia anos lhe dava, regularmente,
no dia 30. Mas arrependeu-se logo; a S. Joaneira, se não tinha hóspede,
dormia só no primeiro andar: o cónego podia então saborear livremente
os carinhos da sua velhota, — e Amélia, na sua alcova, em cima, era alheia
105 a este «conchegozinho». Quando veio o padre Amaro, a S. Joaneira ce-
deu-lhe o quarto e dormia numa cama de ferro ao pé da filha: e o cónego
então reconheceu, como ele disse, desconsolado — «que aquele arranjo
tinha estragado tudo». Para gozar as doçuras da sesta com a sua S. Joaneira

81: — Oh.] — Oh

85-6: dessas coisas...] dessas cousas...

89: barata...] barata,

99: bem-vinda:] bem-vinda:

102: logo:] logo:

106: quarto] quarto,

108: S. Joaneira] S. Joaneira,

quarto dela e dormia em cima no quarto da filha. O cônego principiou então a ter dificuldades e a monótona pontualidade do seu amor começou a encher-se de embaraços. Precisava de esperar, de espreitar, de estar à escuta como um colegial namorado; era necessário que Amélia jantasse fora de casa, que a *Ruça* estivesse na fonte, toda a sorte de combinações importunas. E ele, cônego tranquilo, na egoísta velhice, via-se obrigado a ter nos seus prazeres regulares recatos romanescos. Ora se Amaro saísse, a S. Joaneira voltava para o seu antigo quarto! Estava independente! Vinham as antigas comodidades, as tranquilas sextas! É verdade que tinha de dar a antiga mesada! Daria a mesada!

— Que diabo! Ao menos está um homem à sua vontade, resumiu ele erguendo-se.

109: fora de casa.

109-12: fonte, toda a sorte de combinações importunas. E ele, cônego tranquilo, na egoísta velhice, via-se obrigado a ter

112-3: regulares recatos romanescos. Ora

114: S. Joaneira voltava para o seu antigo quarto! Estava independente! Vinham

115: sextas!

116: antiga mesada!

118-46: ele erguendo-se. // E daí a dois dias foi

era necessário que Amélia jantasse fora, que a *Ruça* estivesse na fonte,
 110 outras combinações importunas; e ele, cónego do cabido, na egoísta ve-
 lhice, quando precisava ter recato com a sua saúde, via-se obrigado a
 esperar, a espreitar, a ter nos seus prazeres regulares e higiénicos as di-
 ficuldades dum colegial que ama a senhora professora. Ora se Amaro
 sáísse, a S. Joaneira descia ao seu quarto, no primeiro andar; vinham as
 115 antigas comodidades, as tranquilas sextas. É verdade que tinha de dar a
 antiga mesada... Daria a mesada!

— Que diabo! Ao menos está um homem à sua vontade, resumiu
 ele.

— Que está para aí o mano a falar só? perguntou a sr.^a D. Josefa
 120 despertando do quebranto em que ia caindo, ao pé do lume.

— Estava cá a malucar como hei-de castigar a carne na Quaresma... —
 disse o cónego com um riso grosso.

A essa hora a *Ruça* chamava o padre Amaro para o chá: e ele
 subia devagar, com o coração pequenino, receando encontrar a S. Joaneira
 125 muito carrancuda, já informada do insulto. Achou só Amélia — que
 tendo-lhe sentido os passos na escada tomara rapidamente a costura e, com
 a cabeça muito baixa, dava grandes agulhadas, vermelha como o lenço que
 abainhava para o cónego.

— Muito boa-noite, menina Amélia.

130 — Muito boa-noite, senhor pároco.

Amélia costumava sempre ter um *olé!* ou um *ora viva!* muito
 amável; aquela secura aterrou-o; disse-lhe logo muito perturbado:

— Menina Amélia, eu peço-lhe que me perdoe... Foi um atrevi-
 135 mento... Eu nem soube o que fiz... Mas acredite... Estou resolvido a sair
 daqui. Até já pedi ao senhor cónego Dias que me arranjasse casa...

Falava com o rosto baixo — e não via Amélia erguer os olhos para
 ele, surpreendida e toda desconsolada.

110: importunas;] importunas;

119: Josefa] Josefa,

121: Quaresma... —] Quaresma —

126: costura] costura.

E daí a dois dias foi a casa de Amaro, pela manhã, antes de ir ao coro. O pároco fazia a barba à janela:

— Então, padre-mestre? disse ele voltando-se todo ensaboado.

— Parece-me que se arranja tudo. — E sentando-se pesadamente: — Há uma casita lá para os meus lados, que é um achado. Era do major Nunes que vai mudado para o 5.

— Tem mobília? perguntou Amaro, de pé diante dele, em mangas de camisa, dando o fio à navalha.

— Tem mobília, tem loiças, tem roupas. Tem tudo.

— Então...

— Então é entrar e começar a gozar.

Àquela hora Amélia levantava-se. Sentiam-se por cima as suas botinas e um sacudir de saias.

Amaro esteve um momento calado, escutando:

— Obrigado, padre-mestre, obrigado, disse ele por fim, com a voz comovida.

E logo em seguida foram ver a casa. Era na Rua das Soisas. Era de um andar, já velha; a madeira estava carunchosa, alguns vidros quebrados, os tectos enegrecidos; tinha pouca luz, nenhum sol; uma mobília pobre perfilava-se junto das paredes caídas. Algumas litografias desbotadas pendiam lugubrememente de grandes pregos negros. Sobre um poial da janela alguém deixara uma velha peúga suja.

Amaro acertou a casa. Logo no dia seguinte o cônego ajustou-lhe uma criada, a sr.^a Maria Vicência, pessoa triste, cheia de tosse, beata,

148: — Então, padre-mestre? disse ele voltando-se todo ensaboado.

149-50: arranja tudo. — E sentando-se pesadamente: — Há

151: Nunes

151-4: o 5. // — Tem mobília? perguntou Amaro, de pé diante dele, em mangas de camisa, dando o fio à navalha.

155: tem loiças, tem roupas. Tem

157-63: gozar. [...] Algumas

164-6: negros. Sobre

166: janela alguém deixara uma velha peúga suja.

167: casa. Logo no dia seguinte o

168-75: pessoa [...] engomava

Neste momento a S. Joaneira entrou, e logo da porta, abrindo os braços:

140 — Viva! Então já sei, já sei! Disse-me o senhor padre Natário: grande jantar! Conte lá, conte lá!

Amaro teve de dizer os pratos, as pilhérias do Libaninho, a discussão teológica; depois falaram da fazenda: e Amaro desceu, sem se ter atrevido a dizer à S. Joaneira que ia deixar a casa, — o que era, coitada,
145 para a pobre mulher, uma perda de seis tostões por dia!

Na manhã seguinte o cônego foi a casa de Amaro, pela manhã, antes de ir ao coro. O pároco fazia a barba à janela:

— Olá, padre-mestre! Que há de novo?

— Parece-me que se arranja a coisa! E foi por acaso, esta manhã...
150 Há uma casita lá para os meus lados, que é um achado. Era do major Nunes, que vai mudado para o 5.

Aquela precipitação desagradou a Amaro: perguntou, dando desconsoladamente o fio à navalha:

— Tem mobília?

155 — Tem mobília, tem louças, tem roupas, tem tudo.

— Então...

— Então é entrar e começar a gozar. E aqui para nós, Amaro, você tem razão. Estive a pensar no caso... É melhor para você viver só. De modo que vista-se, e vamos ver a casita.

160 Amaro, calado, rapava a cara com desespero.

A casa era na Rua das Sosas, dum andar, muito velha, com a madeira carunchosa: a mobília, como disse o cônego, «podia passar a veteranos»; algumas litografias desbotadas pendiam lugubrememente de grandes pregos negros; e o imundo major Nunes deixara os vidros quebrados,
165 os soalhos todos escarrados, as paredes riscadas de fósforos, e até sobre um poial da janela duas peúgas quase negras.

Amaro aceitou a casa. E nessa mesma manhã o cônego ajustou-lhe uma criada, a sr.^a Maria Vicência, pessoa muito devota, alta e magra como

145: mulher.] mulher

149: a coisa] a coisa!

151: Nunes.] Nunes

157: aqui para] aqui pra

158: melhor para] melhor pra

161: [dum: conforme 1889]

amarela, toda propensa a sezões. Diziam que cozinhava bem e era fiel. Era irmã de uma mulher muito popular em Leiria, a tia Dionísia. A tia Dionísia era uma criatura gorda, baixa, reboluda, que fora bonita e representara no teatro de curiosos: engomava para fora, encarregava-se de empenhar objectos, entendia de partos, protegia certos arranjos e sabia toda a história amorosa do distrito. Todos conheciam a Dionísia, com o seu xale traçado, o pesado seio tremendo dentro de um chambre sujo, o seu andar azafamado e discreto, o seu tom melífluo com um sorriso a que faltavam os dois dentes da frente.

Ao entrar, nesse dia, em casa pelas duas horas, Amaro encontrou na escada Amélia que descia:

— Esteja descansada, disse-lhe ele baixo, está tudo arranjado, vou-me hoje embora.

Ela não respondeu, fez-se toda vermelha.

Desde o beijo, ao pé do valado, na quinta, não tinham tornado a estar sós. Apenas se tinham visto ao jantar diante da S. Joaneira: Amélia tinha tido uma atitude séria, um pouco reservada e silenciosa: somente às vezes, de repente, fazia-se toda corada e nos seus olhos vivos e acesos, nos beiços secos, havia uma vaga febre.

— Que tens tu, rapariga? tinha-lhe dito a mãe. Estás uma mona!

— Não me sinto bem do estômago, respondera ela.

Enfim, ao outro dia, Amaro começou a emalar a roupa no baú. Sentia uma opressão, uma saudade, um grande desalento. Olhava em redor, via o quarto, a sua cama fofa, a mesa com a sua toalha branca, a larga cadeira forrada de chita, onde ele lia o *Breviário*, ouvindo, por cima, cantarolar Amélia.

176-9: entendia de partos, protegia certos arranjos e sabia

179-80: distrito. Todos conheciam a Dionísia, com o seu xale traçado,

181-97: dentro de um [...] quarto, a sua cama

198: chita, / *Breviário*.

um pinheiro, antiga cozinheira do doutor Godinho. E (como considerou o cônego Dias) era a própria irmã da famosa Dionísia!

A Dionísia fora outrora a *Dama das Camélias*, a Ninon de Lenclos, a Manon de Leiria: gozara a honra de ser concubina de dois governadores civis e do terrível morgado da Sertejeira; e as paixões frenéticas que inspirara tinham sido para quase todas as mães de família de Leiria causa de lágrimas e de fanicos. Agora engomava para fora, encarregava-se de empenhar objectos, entendia muito de partos, protegia «o rico aduteriozinho» segundo a singular expressão do velho D. Luís da Barrosa cognominado o *Infame*, fornecia lavradeirinhas aos senhores empregados públicos, sabia toda a história amorosa do distrito. E via-se sempre na rua a Dionísia com o seu xale de xadrez traçado, o pesado seio tremendo dentro dum chambre sujo, o passinho discreto e os antigos sorrisos — mas a que faltavam já os dois dentes de diante.

O cônego logo nessa tarde deu parte à S. Joaneira da resolução de Amaro. Foi um grande espanto para a excelente senhora! Queixou-se, com amargura, da ingratidão do senhor pároco.

O cônego tossiu grosso e disse:

— Escute, senhora. Fui eu que arranjei a coisa. E eu lhe digo porquê: é que este arranjo de quarto em cima, etc., está-me a arrasar a saúde.

Deu outras razões de prudência higiénica e acrescentou, passando-lhe com bondade os dedos pelo pescoço:

— E o que é perder a conveniência, não se aflija a senhora! Eu darei prà panela como dantes; e como a colheita foi boa porei mais meia moeda para os arrebiques da pequena. Ora venha de lá uma beijoca, Augustinha, sua brejeira! E ouça, hoje como-lhe cá as sopas.

Amaro no entanto em baixo ia emalando a sua roupa. Mas a cada momento parava, dava um *ai* triste, ficava a olhar em redor o quarto, a cama fofa, a mesa com a sua toalha branca, a larga cadeira forrada de chita onde ele lia o Breviário, ouvindo, por cima, cantarolar Amélia.

172: de dois] de dous

180: Dionísia] Dionísia,

181: discreto] discreto,

182: os dois] os dous

186: grosso] grosso,

187: a coisa.] a coisa.

189: higiénica e acrescentou.] higiénica, e acrescentou

193: moeda para] moeda pra

194: brejeira!] brejeira.

— Nunca mais! pensava ele. Nunca mais!

Não voltariam as boas manhãs passadas ao pé dela vendo-a costurar e respirar! Não voltariam as alegres sobremesas, que se prolongavam à luz do candeeiro, e comendo castanhas, conversando baixo, bem aconchegados na sala quente, sentiam a fria chuva cair das goteiras! Tudo tinha acabado! Tornaria, como dantes, a viver só, a falar só! E sentado, com a cabeça entre as mãos, perdia-se numa tristeza insondável.

A S. Joaneira veio ter com ele ao quarto. — Já sabia pelo cónego que Amaro se ia embora: estava toda desconsolada; mas, enfim, não queria insistir. Bem sabia que a gente na sua casa sempre está melhor. — E fazia-lhe grandes recomendações sobre a lavadeira, e que viesse passar as noites, e que mandasse buscar o que quisesse, loiças, lençóis...

— Veja lá, não lhe esqueça alguma coisa, sr. pároco!

— Muito obrigado, minha senhora, muitíssimo obrigado.

A S. Joaneira estava, com efeito, afectada; não sabia nada: o cónego dissera-lhe que Amaro resolvera viver só e a pobre mulher lamentava-se de perder o hóspede e o amigo.

199: pensava ele.

200: Não voltariam / dela vendo-a costurar e respirar! Não voltariam

201-3: candeeiro, [...] tristeza insondável.

204-17: A S. Joaneira [...] Bem sabia

217-8: casa sempre está melhor. — E fazia-lhe grandes

218: lavadeira, e que viesse passar as noites, e que

219: quisesse, loiças,

220: — Veja lá, / coisa, sr.

221: senhora, muitíssimo obrigado.

222-5: A S. Joaneira [...] e o amigo.

— Nunca mais! pensava. Nunca mais!

200 Adeus as boas manhãs passadas ao pé dela, vendo-a costurar! Adeus as alegres sobremesas, que se prolongavam à luz do candeeiro! Adeus os chás, ao pé da braseira, quando o vento uivava fora e cantavam as frias goteiras! Tudo tinha acabado!

A S. Joaneira e o cônego apareceram então à porta do quarto.
205 O cônego resplandecia; e a S. Joaneira disse, muito magoada:

— Já sei, já sei, seu ingrato!

— É verdade, minha senhora, fez Amaro encolhendo os ombros tristemente. Mas há razões... Eu sinto...

210 — Olhe, senhor pároco, disse a S. Joaneira, não se ofenda com o que lhe vou dizer, mas eu já lhe queria como filho... — E levou o lenço aos olhos.

— Tolices! exclamou o cônego. Pois então ele não pode vir aqui em amizade, passar as noites para o cavaco, tomar o seu café?... O homem não vai para o Brasil, senhora!

215 — Pois sim, pois sim, dizia a pobre senhora desconsolada, mas sempre era tê-lo de portas adentro!

Enfim, ela bem sabia que a gente na sua casa está muito melhor... Fez-lhe então grandes recomendações sobre a lavadeira, que mandasse buscar o que quisesse, louças, lençóis...

220 — E veja lá não lhe esqueça alguma coisa, senhor pároco!

— Muito obrigado, minha senhora, muito obrigado...

E, continuando a arrumar a sua roupa, o pároco desesperava-se agora contra a resolução que tomara. A pequena evidentemente não tinha aberto bico! Para que sairia então daquela casa tão barata, tão confortá-
225 vel, tão amiga? E odiava o cônego pelo seu zelo tão precipitado.

212: — Tolices!] — Tolices.

213: noites para] noites pra

214: vai para] vai pra

220: lá] lá, / alguma coisa,] alguma coisa,

221: obrigado...] obrigado.

222: E,] E

O jantar foi triste. Amélia, calada e pálida, os beiços brancos, queixava-se de uma dor de cabeça. À sobremesa o cônego apareceu com um rapaz para levar o baú. Amaro quis dizer adeus à idiota, mas depois de um forte acesso de tosse, a velha dormia com um sono fraco, cortado de gemidos.

— Deixá-la sossegada, disse Amaro. — E apertando a mão à S. Joaneira: — Muito obrigado por tudo, minha senhora, muito obrigado.

Amaro calou-se, sentia subirem-lhe as lágrimas.

A S. Joaneira tinha levado aos olhos a ponta do seu avental branco.

— Oh! senhora, disse o cônego rindo-se, o homem não vai para as Índias!

— A gente é pela amizade que lhes ganha, choramingou a S. Joaneira.

Amaro tentou sorrir, gracejar. Amélia estava toda branca, tremiam-lhe os beiços.

226-43: Amélia, [...] Amaro quis

243: idiota, mas depois de um

244: dormia com um sono fraco, cortado de gemidos.

245: Amaro. — E

246-7: senhora, muito obrigado. // Amaro calou-se, sentia subirem-lhe as lágrimas.

249: — Oh! senhora,

249-50: rindo-se, o homem não vai para as

251: ganha,

253: tentou sorrir, gracejar. Amélia estava toda branca, tremiam-lhe os beiços.

O jantar foi triste. Amélia, decerto para explicar a sua palidez, queixava-se de dores na cabeça. Ao café o cónego quis a sua «dose de música»; e Amélia, ou maquinalmente ou com intenção, disse a canção querida:

230 Ai! Adeus! Acabaram-se os dias
 Que ditoso vivi a teu lado!
 Soa a hora, o momento fadado,
 É forçoso deixar-te e partir!

Então, àquela chorosa melodia repassada das tristezas da separação,
 235 Amaro sentiu-se tão perturbado que teve de se erguer bruscamente, ir encostar o rosto à vidraça, esconder as duas lágrimas que irreprimivelmente lhe saltavam das pálpebras. Os dedos de Amélia embrulhavam-se também no teclado; até a mesma S. Joaneira disse:

— Oh filha, toca outra coisa, credo!

240 Mas o cónego erguendo-se pesadamente:

— Pois senhores, vão sendo horas. Vamos lá, Amaro. Eu vou consigo até à Rua das Sosas...

Amaro então quis dizer adeus à idiota; mas, depois dum forte acesso de tosse, a velha dormia, muito fraca.

245 — Deixá-la sossegada, disse Amaro. E apertando a mão à S. Joaneira: — Muito obrigado por tudo, minha senhora, acredite...

Calou-se, com um soluço na garganta.

A S. Joaneira tinha levado aos olhos a ponta do seu avental branco.

— Oh, senhora! disse o cónego rindo-se, já há bocado lhe disse,
 250 o homem não vai práns Índias!

— A gente é pela amizade que lhes ganha... choramingou a S. Joaneira.

Amaro tentou gracejar. Amélia, muito branca, mordida o beicinho.

240: cónego] cónego.

241: — Pois] — Pois, / Amaro.] Amaro!

243: mas.] mas

250: vai práns] vai pra as

251: ganha..] ganha.

Enfim Amaro desceu, saiu, com os olhos arrasados de lágrimas. E quando, nessa noite, se viu só na sua casa nova, sentiu um tédio de tudo, uma inteira indiferença da vida.

— Que existência! pensava ele.

Olhava em redor; via a cama de ferro pequena, dura, com uma coberta vermelha e curta; por baixo apareciam as chinelas de ouro; um pequeno espelho luzia sobre a mesa; e como ainda não tinha lavatório, a bacia e o jarro, com um bocadinho de sabonete, estavam sobre o poial da janela.

Havia muito que ali se não acendera luz e sentia-se uma grande sensação de frio. A Vicência, na cozinha, escaldava a loiça nova. A rua fora estava negra, caía uma chuva triste; um sino tocava lugubrememente às nove horas. Então Amaro sentiu-se cair numa saudade, numa infelicidade ilimitada, como se estivesse só, perdido na nocturna vastidão do mar.

E seria assim sempre! Porque estava resolvido a não voltar a casa da S. Joaneira. Já que a não podia amar e possuir, não a veria — arrancá-la-ia da sua ideia, como uma coisa bela, mas venenosa e inútil. E já que a não tinha a ela, tão linda, tão bem feita, tão cheia de graça na sua voz e de força nos seus olhos — não teria outras. Por ela poderia descer do altar, trair Deus e ir alegremente ao encontro do Inferno. Mas por outras... Não! Já que não podia viver, morrer daquela paixão — então dar-se-ia todo, voz, força, ideia, amor à sua religião e ao seu culto! Fechar-se-ia todo em Deus, no serviço da paróquia, na consolação dos que pecam e na leitura dos livros piedosos. A sensibilidade em que andava vibrando o seu ser, retirá-la-ia daquela mulher e dá-la-ia à Igreja.

E começou a arranjar os seus livros de oração, a sua roupa branca, fazendo planos.

254-8: desceu, saiu, com os olhos arrasados de lágrimas. // E quando, nessa

258-64: só [...] luzia

264: mesa; e como ainda não tinha

266-90: janela. [...] O que pensaria

255 Enfim Amaro desceu: e o João Ruço que na sua chegada a Leiria
lhe trouxera o baú para a Rua da Misericórdia, muito bêbado, cantaro-
lando o *Bendito*, — levava-lho agora para a Rua das Sousas, bêbado
também, mas trauteando o *Rei-chegou*.

Quando Amaro, nessa noite, se viu só naquela casa tristonha, sentiu
260 uma melancolia tão pungente e um tédio tão negro da vida, que, com a
sua natureza lassa, teve vontade de se encolher a um canto e ficar ali a
morrer!

Parava no meio do quarto, punha-se a olhar em redor: a cama era
de ferro, pequena, com um colchão duro e uma coberta vermelha; o
265 espelho com o aço gasto luzia sobre a mesa; como não havia lavatório,
a bacia e o jarro, com um bocadinho de sabonete, estavam sobre o poial
da janela; tudo ali cheirava a mofo; e fora, na rua negra, caía sem ces-
sar a chuva triste. Que existência! E seria sempre assim!...

Desesperou-se então contra Amélia: acusou-a, com o punho fecha-
do, das comodidades que perdera, da falta de mobília, da despesa que ia
270 ter, da solidão que o regelava! Se fosse mulher de coração devia ter vindo
ao seu quarto e dizer-lhe: «Senhor padre Amaro, para que sai de casa?
Eu não estou zangada!» Porque enfim quem irritara o seu desejo? Ela,
com as suas maneirinhas ternas, os seus olhinhos adocicados! Mas não,
deixara-o emalar a roupa, descer a escada, sem uma palavra amiga, indo
275 tocar com estrondo a valsa do *Beijo!*

Jurou então não voltar a casa da S. Joaneira. E, a grandes passadas
pelo quarto, pensava no que havia de fazer para humilhar Amélia. O quê?
Desprezá-la como uma cadela! Ganhar influência na sociedade devota de
Leiria, ser muito do senhor chantre; afastar da Rua da Misericórdia o
280 cônego e as Gansosos; intrigar com as senhoras da boa roda para que se
afastassem dela, com secura, no altar-mor, à missa do domingo; dar a
entender que a mãe era uma prostituta... Enterrá-la! Cobri-la de lama! E
na Sé, ao sair da missa, regalar-se de a ver passar encolhida no seu
mantelete preto, escorraçada de todos, enquanto ele, à porta, de pro-

271: quarto e dizer-lhe: «Senhor] quarto, dizer-lhe: — Senhor

272: zangada!-) zangada! —

277: pensava] pensava —

Estudaria, leria os teólogos, seria austero, tornar-se-ia ambicioso! Que alegrias, que amplos orgulhos encontraria — no trabalho, na ciência, mais tarde nas dignidades! O que pensaria ela quando o visse um dia bispo, pálido e interessante na sua mitra toda doirada, passando, seguido dos incensadores, entre um povo ajoelhado e penitente, sob os roucos cantos do órgão! E ela o que seria então? Uma magra criatura, murcha, embrulhada num xale barato. E ele, o escolhido de agora, o noivo, o esposo? Seria um pobre amanuense mal pago, com uma quinzena roçada, os dedos queimados do cigarro, curvado sobre o seu papel almaço, inútil e imperceptível na terra, adulando alto e invejando baixo! E ele, ele bispo, na vasta escadaria hierárquica que sobe até ao Céu — estaria já muito para cima dos homens, perto de Cristo, na zona da luz que faz a face de Deus-Padre!

Perdia-se nestas exaltações: a melancolia, a saudade, a paixão tinham-lhe dado uma elevação de espírito e de pensamento, um grande idealismo! Pensava com eloquência, com talento. — Mas o ruído seco da loiça que a Vicência lavava vinha subitamente desconsolá-lo; o candeeiro dava má luz, as paredes do quarto, caiadas e rachadas, tinham a fisionomia mendiga.

E estava só. Que faria ela àquela hora? pensava. Eram dez horas: — Costurava, decerto, na sala do jantar: talvez estivesse o escrevente: ela sorria-lhe, roçava-lhe talvez com o pé, no escuro, debaixo da mesa. E recordava o seu pé, o bocadinho da meia que vira quando ela saltava as lamas na quinta e outras belezas das suas formas. Os seus braços sobretudo! Vira-os nus e brancos, mimosos, redondos! Como seria infável, sublime, beijá-los devagarinho, devagarinho, desde o pulso até ao ombro! Oh! Amava-a! Amava-a! — Deitou-se sobre a cama de bruços e rompeu a chorar!

290: bispo, pálido

291: toda doirada,

291-2: incensadores, entre

293: órgão! / criatura,

294-5: barato. E ele, o escolhido de agora, o noivo, o

297: almaço, inútil e

298: ele, ele / Céu —

299: homens, perto de Cristo, na zona da

299-303: Deus-Padre! [...] Que faria

303: pensava. Eram dez horas: — Costurava,

303-4: sala do jantar: talvez estivesse o escrevente: ela sorria-lhe, roçava-lhe

305: mesa. E recordava

306-51: na quinta [...] rompeu a chorar!

285 pósito, conversaria com a mulher do senhor governador civil e seria galante com a baronesa de Via-Clara!... Depois pregaria um grande sermão, na Quaresma, e ela ouviria dizer, na Arcada, nas lojas: «Grande homem, o padre Amaro!» Tornar-se-ia ambicioso, intrigaria e, protegido pela senhora condessa de Ribamar, subiria nas dignidades eclesiásticas: e
 290 o que pensaria ela quando o visse um dia bispo de Leiria, pálido e interessante na sua mitra toda dourada, passando, seguido dos incensadores, ao longo da nave da Sé, entre um povo ajoelhado e penitente, sob os roucos cantos do órgão? E ela o que seria então? Uma magra criatura murcha, embrulhada num xale barato! E o sr. João Eduardo, o escolhido de agora, o esposo? Seria um pobre amanuense mal pago, com uma
 295 quinzena roçada, os dedos queimados do cigarro, curvado sobre o seu papel almaço, imperceptível na terra, adulando alto e invejando baixo! E ele, bispo, na vasta escadaria hierárquica que sobe até ao Céu, estaria já muito para cima dos homens, na zona de luz que faz a face de Deus-Padre! — E seria par do reino, e os padres da sua diocese tremeriam de
 300 o ver franzir a testa!

Na igreja, ao lado, bateram devagar dez horas.

Que faria ela àquela hora? pensava. Costurava decerto, na sala de jantar: estava o escrevente: jogavam a bisca, riam — ela roçava-lhe talvez
 305 com o pé, no escuro, debaixo da mesa! Recordou o seu pé, o bocadinho da meia que vira quando ela saltava as lamas na quinta; e essa curiosidade inflamada subia pela curva da perna até ao seio, percorrendo belezas que suspeitava... O que ele gostava daquela maldita! E era impossível obtê-la! E todo o homem feio e estúpido podia ir à Rua da Misericórdia pedi-
 310 -la à mãe, vir à Sé dizer-lhe: «Senhor pároco, case-me com esta mulher», e beijar, sob a protecção da Igreja e do Estado, aqueles braços e aquele peito! Ele não. Era padre! Fora aquela infernal pega da marquesa de Alegros!...

288: intrigaria] intrigaria.

303: sala de] sala do

306: quinta:] quinta.

309: Misericórdia] Misericórdia.

Abominava então todo o mundo secular — por lhe ter perdido para
315 sempre os privilégios: e, como o sacerdócio o excluía da participação nos
prazeres humanos e sociais, refugiava-se, em compensação, na ideia da su-
perioridade espiritual que ele lhe dava sobre os homens. Aquele miserá-
vel escrevente podia casar e possuir a rapariga — mas que era ele em
comparação dum pároco a quem Deus conferira o poder supremo de
320 distribuir o Céu e o Inferno?... — E repastava-se deste sentimento, enchen-
do o espírito de orgulhos sacerdotais. Mas vinha-lhe bem depressa a
desconsoladora ideia que esse domínio só era válido na região abstracta
das almas; nunca o poderia manifestar, por actos triunfantes, em plena
sociedade. Era um Deus dentro da Sé — mas, apenas saía para o largo,
325 era apenas um plebeu obscuro. Um mundo irreligioso reduzira toda a
acção sacerdotal a uma mesquinha influência sobre almas de beatas... E
era isto que lamentava, esta diminuição social da Igreja, esta mutilação
do poder eclesiástico, limitado ao espiritual, sem direito sobre o corpo, a
vida e a riqueza dos homens... O que lhe faltava era a autoridade dos
330 tempos em que a Igreja era a nação e o pároco dono temporal do reba-
nho. Que lhe importava, no seu caso, o direito místico de abrir ou fe-
char as portas do Céu? O que ele queria era o velho direito de abrir ou

315: e,] e

324: mas,] mas

fechar a porta das masmorras! Necessitava que os escreventes e as Amélias tremessem da sombra da sua batina... Desejaria ser um sacerdote da antiga Igreja, gozar das vantagens que dá a denúncia e dos terrores que inspira o carrasco, e ali naquela vila, sob a jurisdição da sua Sé, fazer estremecer, à ideia de castigos torturantes, aqueles que aspirassem a realizar felicidades — que lhe eram a ele interditas: e pensando em João Eduardo e em Amélia, lamentava não poder acender as fogueiras da Inquisição! — Assim aquele inofensivo moço tinha durante horas, sob a excitação colérica duma paixão contrariada, ambições grandiosas de tirania católica: — porque todo o padre, o mais boçal, tem um momento em que é penetrado pelo espírito da Igreja ou nos seus lances de renunciamiento místico ou nas suas ambições de dominação universal: todo o subdiácono se julga uma hora capaz de ser santo ou de ser Papa: não há seminarista que não tenha, durante um instante, aspirado com ternura à caverna no deserto em que S. Jerónimo, olhando o céu estrelado, sentia descer-lhe sobre o peito a Graça como um abundante rio de leite: e o abade pançudo que à tardinha, à varanda, palita o dente furado saboreando o seu café com um ar paterno, traz dentro em si os indistintos restos dum Torquemada.

338: interditas:] interditas;